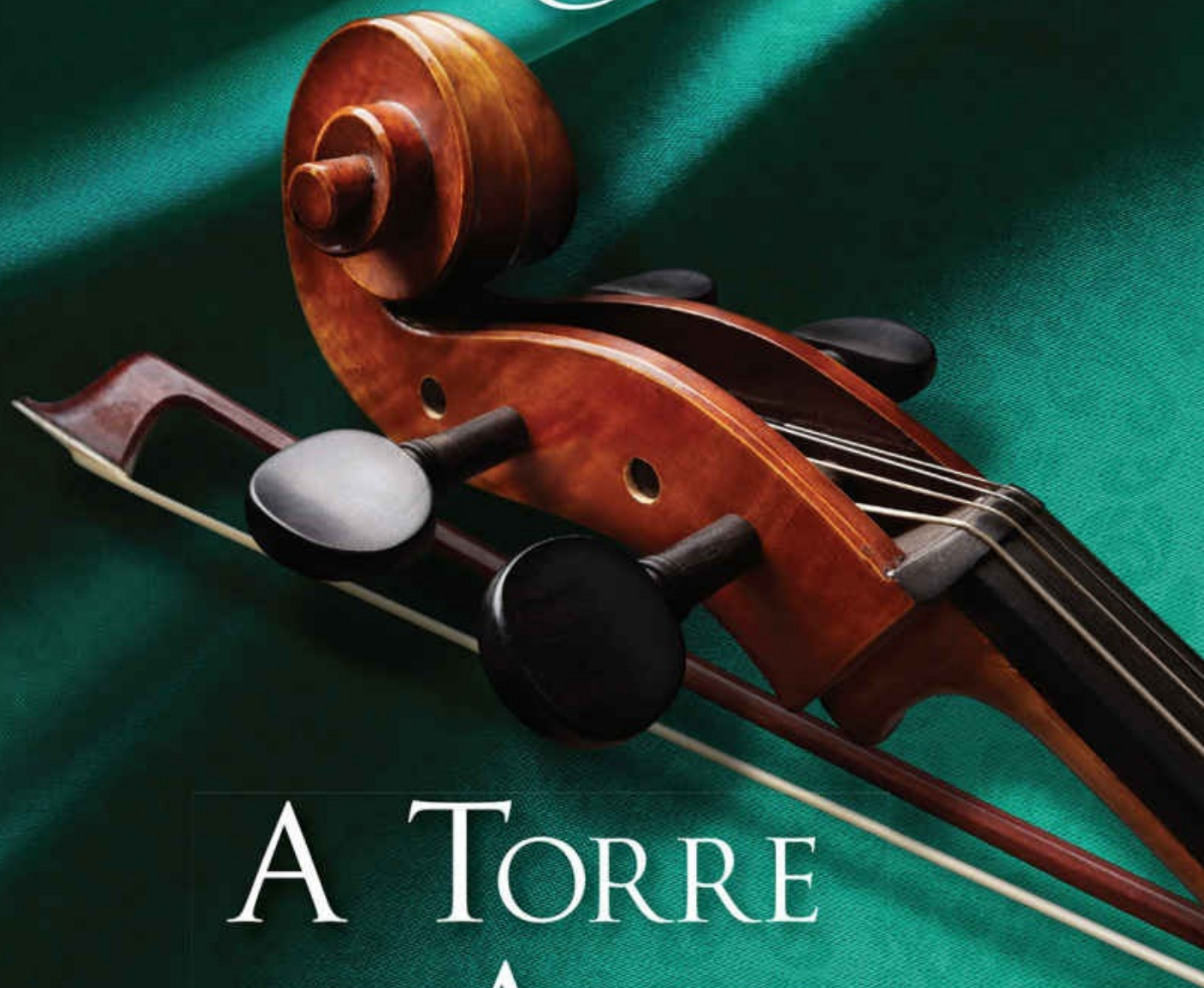


“Eloisa James é extraordinária.” – Lisa Kleypas

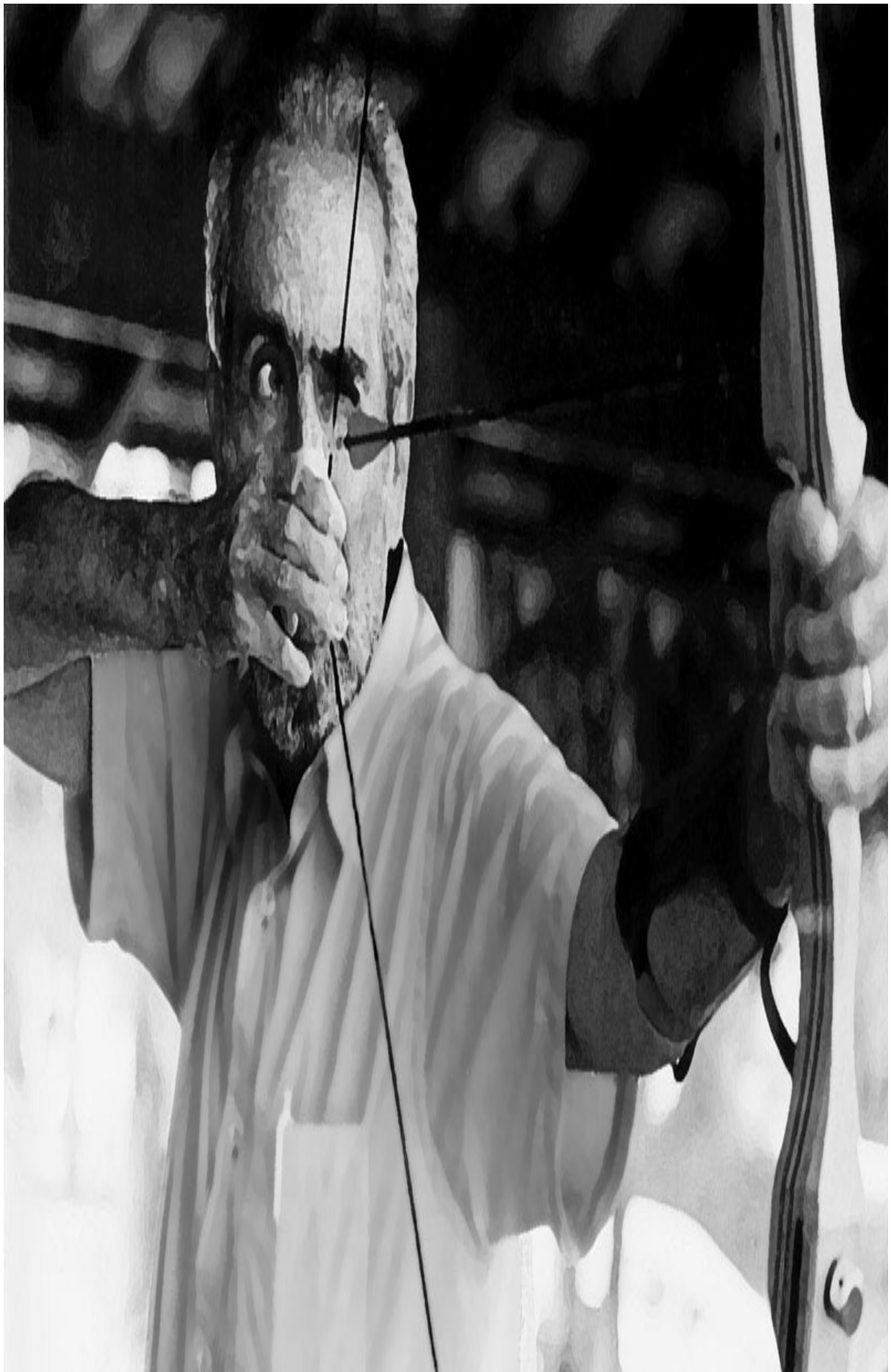
Eloisa James



A TORRE DO AMOR



A TORRE
DO AMOR



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Eloisa James



A TORRE
DO AMOR



Título original: *Once Upon a Tower*

Copyright © 2013 por Eloisa James
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia Almeida

preparo de originais: Flávia Midori

revisão: Juliana Souza e Mariana Rimoli

diagramação: Carolina Araújo | Ilustrarte Design

capa: DuatDesign

imagens de capa: Brian A. Jackson/Shutterstock (violino);
g_tech/Shutterstock (arco)

foto da autora: © Bryan Derball

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29t

James, Eloisa

A torre do amor [recurso eletrônico]/ Eloisa James; tradução de Livia Almeida. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (Contos de fadas; 4)

Tradução de: Once upon a tower

Formato: ePub

SBD

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-886-1987 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia. II. Título.
III. Série.

18-51859

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Apenas ele tem a chave para seu coração

Então ele a viu. Sua noiva... Sua futura esposa. Edie.



Ao atravessar o aposento, com os olhos grudados na sua prometida, o kilt roçou-lhe as pernas, lembrando a ele que outras partes de seu corpo enrijeciam enquanto caminhava. Era uma surpresa erótica que nunca havia experimentado até então, algo que nunca sonhara ser possível.

Como se estivesse consciente de que Gowan a observava, Edie se virou e seus olhares se cruzaram.

Como ele podia ter acreditado que ela era casta, tranquila, submissa? Os olhos dela brilhavam, a boca estremecia, exalando sensualidade. Era como se ele estivesse encontrando uma completa desconhecida.

O desejo o consumia. A boca de Edie se abriu ligeiramente e ele percebeu que também fora reconhecido.

Pensara nela como se fosse um gole de água pura. No entanto, naquele momento, encarando-a, ela era um rio turbulento, vívido e perigoso. Ela mudaria a vida dele.

Ela o mudaria por inteiro.

*Este livro é dedicado a
um grupo muito
especial, excêntrico e
hilário de mulheres
conhecidas como As
Duquesas.
A risada delas
iluminou minha vida.
Muito obrigada,
Vossas Graças!*

Capítulo 1



*2 de maio de 1824
Curzon Street, 20, Londres
Residência do conde de Gilchrist*

Sempre que possível, Gowan Stoughton de Craigievar, duque de Kinross, chefe do clã dos MacAulays, evitava ambientes lotados de ingleses. Eles só sabiam fazer mexericos e tinham mais cera no ouvido do que miolos na cabeça, como o pai teria dito.

Embora Shakespeare tivesse dito algo do tipo antes.

No entanto, lá estava ele, prestes a entrar em um salão de baile no coração de Londres, em vez de lançar o anzol em algum riacho das Terras Altas, como preferiria. Era um fato desagradável, mas inevitável da vida – ou, pelo menos, da vida dele: a pesca de uma esposa prevalecera sobre a pesca de salmão.

No momento em que seu nome foi anunciado, um grupo de moças virou em sua direção, cada rosto exibindo dentes reluzentes. Para Gowan, todas pareciam constipadas, embora aqueles sorrisos provavelmente fossem uma reação automática ao seu título. Ele era, afinal de contas, um nobre solteiro de posse de todos os membros. Também tinha cabelo, em mais quantidade do que a maioria dos ingleses. Isso sem falar de um castelo.

Os anfitriões, o conde de Gilchrist e a esposa, esperavam ao pé da escada para evitar que as jovens dessem o bote no mesmo instante. Gowan gostava de Gilchrist – ele era austero, mas justo, dono de um olhar melancólico, quase escocês. Os dois se interessavam por negócios, ao contrário da maior parte dos cavalheiros, e o conde era um investidor excelente. Como Gowan era dirigente do Banco da Escócia e Gilchrist ocupava o mesmo posto no Banco da Inglaterra, eles se corresponderam bastante durante os dois anos anteriores, embora raramente tivessem se encontrado.

– Vossa Graça, eu poderia ter a honra de lhe apresentar minha condessa?
– perguntou Gilchrist, conduzindo a dama para a sua frente.

Para a surpresa de Gowan, a condessa era visivelmente mais jovem do que o marido, talvez ainda se aproximando da casa dos 30 anos. E mais: tinha lábios carnudos e seios exuberantes, emoldurados por um corpete feito de

seda rosa-clara. Parecia uma daquelas aristocratas que tentavam imitar os trajes e os modos de uma bailarina.

Gilchrist, por sua vez, lembrava um clérigo rigoroso. Não havia como ser uma combinação harmoniosa. Marido e mulher deveriam ter idades e interesses compatíveis.

A condessa ficou falando de Edith, sua enteada, por isso Gowan fez um meneio de cabeça e expressou seu prazer inenarrável diante da ideia de ser apresentado à jovem.

Edith. Que nome horrível.

Parecia o nome de uma mulher linguaruda. Uma desmiolada, uma orelhuda... *uma inglesa.*

Sem avisar, lady Gilchrist o tomou pelo braço para que ele pudesse acompanhá-la ao cômodo adjacente. Por pouco Gowan não deu um pulo. Na juventude, os criados costumavam orbitar à sua volta, ajustando-lhe a roupa, arrumando o colarinho, limpando sua boca. Desde que completara 14 anos, ele não se submetia mais àquelas intimidades, a não ser quando eram absolutamente requisitadas.

Como passava poucos momentos sozinho, Gowan preferiu erguer um muro entre ele e o mundo. Não lamentava a falta de privacidade. Achava que seria um desperdício de tempo vestir-se sem ouvir simultaneamente o relatório de seu secretário, por exemplo. E se havia algo que Gowan detestava era perder tempo.

O tempo se perdia sozinho, na sua opinião. Passava depressa demais, e de repente a pessoa caía dura, morta, e tudo o que ela vivera simplesmente desaparecia.

Seria tolice fingir que os momentos vividos eram infinitos e eternos, e era justamente isso que, para ele, as pessoas faziam quando se demoravam na banheira. Ou quando ficavam horas sem realizar nada, apenas lendo poesia. Gowan estava acostumado a fazer o maior número possível de coisas ao mesmo tempo.

Na verdade, o baile era um bom exemplo disso: antes de viajar para encontrar um grupo de banqueiros em Brighton, no dia seguinte, ele quisera saber a opinião de Gilchrist sobre um problema espinhoso relacionado à emissão da nota de 1 libra. Gilchrist ia oferecer um baile que contaria com a presença de jovens damas. E Gowan sentia uma necessidade intensa – não desesperada, mas intensa – de encontrar uma esposa.

E lá estava ele: matando dois coelhos com uma cajadada só. Preferia

matar três ou quatro, mas às vezes era obrigado a se contentar com pouco.

O único problema era que o lugar estava repleto de damas inglesas, e ele concluía que não seria uma boa ideia se casar com nenhuma delas.

Era verdade que um nobre escocês sempre tinha bons motivos para se associar a uma das grandes casas da Inglaterra.

Mas também era verdade que uma garota inglesa era, necessariamente, *inglesa*.

Era uma raça indolente, todos sabiam. As damas passavam o tempo todo sem fazer nada além de sorver xícaras de chá e ler romances, enquanto as escocesas, por outro lado, não viam problema em cuidar de uma propriedade com mil ovelhas e ao mesmo tempo criar quatro filhos.

Sua avó trabalhava do alvorecer até o crepúsculo sem se queixar. A leitura, dizia ela, devia existir apenas para o aprimoramento da mente. A Bíblia e Shakespeare, além de alguns ensaios de Montaigne, se houvesse a necessidade de alguma leveza. A falecida noiva dele seguia o mesmo molde, o que fazia sentido, pois sua avó arranjara pessoalmente o casamento. A Srta. Rosaline Partridge morrera de uma febre contraída durante visitas aos pobres... A virtude, no caso dela, em nada lhe compensara.

Gowan considerava a diligência um dos principais requisitos para uma noiva (além dos óbvios: beleza, pureza e boa educação). A futura duquesa de Kinross não poderia perder tempo.

Lady Gilchrist o arrastara pelo salão de baile até um aposento menor. Depois de uma rápida análise, Gowan concluiu que, em matéria de riqueza e título, nenhum solteiro presente era páreo para ele. Aliás, era provável que houvesse apenas três outros no seu nível em toda Londres.

Assim, ele não precisava desperdiçar tempo cortejando uma dama depois de já ter feito sua escolha. O casamento era um mercado como outro qualquer. A partir do momento que encontrasse a mulher certa, ele simplesmente daria lances superiores aos de seus rivais.

A condessa levou-o para um canto do aposento e parou diante de uma moça que apresentou como sua enteada.

Foi o tipo de momento que separa o passado do presente e que transforma o futuro para sempre.

Lady Edith não se encaixava naquele abafado salão de baile inglês. Havia algo de etéreo nela, como se sonhasse em construir seu lar ao pé de uma colina habitada por fadas. Tinha os olhos verdes, profundos e escuros como um lago num dia de tempestade.

Era deliciosamente curvilínea e seus cabelos reluziam como pomos de ouro ao sol. Os fios estavam presos em cachos no alto da cabeça e tudo o que Gowan queria era desmanchar o penteado e fazer amor com ela em uma cama de flores.

Mas foram os olhos dela que o enfeitiçaram: encontraram os dele deixando transparecer um desinteresse cordial, uma paz sonhadora, sem qualquer sinal do entusiasmo febril com que ele estava acostumado a ser encarado por outras jovens solteiras.

Gowan não se considerava um homem propenso aos prazeres carnavais. Um duque não tinha o direito de sucumbir ao desejo.

Observara com perplexidade conhecidos seus caírem aos pés de mulheres com sorrisos atrevidos e traseiros arredondados. Sentira pena, assim como sentia do conde e de sua esposa exuberante.

No entanto, ao olhar para lady Edith, o amor e a poesia passaram a fazer sentido. Uma frase lhe veio à mente como se tivesse sido escrita para descrever aquele momento: *nunca vi verdadeira beleza até esta noite...*

Talvez Shakespeare servisse para alguma coisa, afinal.

Os lábios rosados de lady Edith se curvaram para cima num sorriso. Ela fez uma profunda reverência, inclinando a cabeça.

– É um prazer conhecê-lo, Vossa Graça.

Para Gowan, foi como se a condessa tivesse deixado de existir. De fato, todos no cômodo de repente desapareceram.

– O prazer é todo meu – disse ele, pronunciando cada palavra com sinceridade. – Me daria a honra de acompanhá-la nesta dança?

Ele estendeu a mão.

Seu gesto não foi recebido com agitação ansiosa, e sim com uma compostura que o atraiu tanto quanto a ansiedade o repeliria. Desejava apenas que aqueles olhos serenos se iluminassem para *ele*; queria encontrar admiração e até mesmo adoração naquele olhar.

Ela voltou a menear a cabeça e tomou a mão dele. Gowan sentiu a pele arder sob as luvas, como se tivesse aquecido uma parte de si que até então permanecera fria. Seu impulso era não de se afastar, mas sim de trazê-la mais para perto.

No salão de baile, nos braços dele, Edith dançou tão graciosamente quanto uma onda no mar. E ficou em silêncio.

A dança os unia e os separava o tempo todo. Já estavam quase no fim

quando Gowan percebeu que não haviam trocado uma palavra. Não se lembrava de nenhuma mulher que tivesse ficado assim tão silenciosa em sua presença. Entretanto, ela parecia não sentir necessidade – nem vontade – de falar com ele. Ao mesmo tempo, aquele estava sendo o silêncio mais confortável de sua vida.

Tinha consciência de que havia se surpreendido profundamente.

Eles se viraram e começaram a atravessar o cômodo mais uma vez. Gowan tentou pensar em algo para dizer, mas nada lhe ocorreu. Dominava a arte da conversação educada. Todo um salão cheio de gente desestabilizada por sua nobre presença podia ficar à vontade com algumas palavras bem escolhidas.

Mas, na sua experiência, as jovens não precisavam ser estimuladas a falar. Em geral, sorriam febris, enviando pelos olhos mensagens cintilantes, enquanto transbordavam bobagens de seus lábios.

Gowan não era tolo. Reconhecia que a vida lhe entregara um fato consumado. Tudo em Edith era requintado: o silêncio tranquilo, a serenidade, o rosto encantador, o jeito de dançar como se os pés mal tocassem o chão.

Ela daria uma perfeita duquesa de Kinross. Ele já conseguia imaginar os retratos que encomendaria – um da duquesa sozinha e, mais tarde, outro com os quatro ou cinco novos membros da família – permitiria que ela decidisse quantos filhos queria ter – para pendurar acima da lareira no grande salão.

A dança acabou e soaram os acordes de uma valsa.

Lady Edith fez uma saudação.

– Poderia dançar comigo outra vez? – perguntou ele, as palavras saindo aos borbotões, sem os tons comedidos habituais.

Ela o encarou e falou pela primeira vez desde que começaram a dançar:

– Temo que esta dança esteja prometida a lorde Beckwith...

– Não – declarou Gowan, embora nunca tivesse sido tão pouco educado na vida.

– Não? – ecoou Edith, os olhos se arregalando ligeiramente.

– Dance comigo.

Ele estendeu a mão. Edith hesitou por um instante e, mais uma vez, lhe deu a sua. Com cuidado, como se estivesse tranquilizando um passarinho, Gowan pousou a outra mão na cintura dela.

Quem diria que eram verdadeiras todas aquelas bobagens românticas

sobre o ardor que provoca o toque da pessoa amada?

Enquanto dançavam, Gowan teve a vaga consciência de que estavam sendo observados por todos os presentes. O duque de Kinross bailava pela segunda vez consecutiva com a filha de Gilchrist. A notícia se espalharia por toda a cidade na manhã seguinte.

Ele não se importava. O coração batia com força, no ritmo da música, enquanto ele a examinava com atenção, traço a traço. Era absolutamente deliciosa. Os lábios faziam uma curva natural, como se ela estivesse escondendo um beijo ou um sorriso, algo que nunca entregara antes a ninguém.

Os pés dela e os dele se movimentavam em perfeita harmonia com a música. Gowan nunca havia dançado tão bem. Os dois rodopiavam pelo salão como se fossem centelhas escapulindo de uma fogueira, sem pronunciar uma palavra.

Ocorreu a ele que palavras eram desnecessárias. Eles se comunicavam por meio da dança.

Outro pensamento lhe ocorreu: nunca havia percebido quanto era solitário. Até aquele momento.

Quando os últimos acordes da valsa silenciaram, ele cumprimentou sua parceira, endireitou-se e encontrou lorde Beck bem ali, à espera.

– Duque – disse Beck com perceptível frieza na voz. – Acredito que confundi minha dança com a sua.

O lorde ofereceu o cotovelo a lady Edith com a expressão de um homem injustiçado.

Ela virou-se para Gowan com um sorriso educado de despedida e deu o braço a Beck.

Gowan ardeu de impaciência. Era escocês: não engolia regras de bom comportamento, não entre um homem e uma mulher. Queria mostrar a Edith o que sentia, arrastá-la para trás de uma coluna, envolvê-la em seus braços e beijá-la.

Só que Edith não era sua... *ainda*. Até que isso se tornasse realidade, ele teria que seguir as regras. Observou sua futura esposa dirigir-se para a dança seguinte de braço dado com o visconde.

Gowan era mais rico do que Beckwith. E mais atraente também. A menos que Edith preferisse homens magros como um graveto. Ele não poderia confirmar se ela o olhara com desejo.

Naturalmente, ninguém desejaria uma esposa libidinosa. Seu avô conhecera a avó em um jantar formal e soubera no mesmo instante que aquela seria a futura duquesa, apesar de ela ter apenas 15 anos na época e ser muito tímida para a idade. Ninguém desejaria que uma futura duquesa ou mesmo uma duquesa que já ocupasse esse posto demonstrasse atração por desconhecidos.

Gowan decidiu que voltaria na manhã seguinte para fazer uma visita. Era parte dos rituais de cortejo na Inglaterra: visitar a casa da mulher escolhida três ou quatro vezes, levá-la para um passeio de charrete e depois pedir sua mão ao pai.

Assim que tinha tudo planejado, Gowan procurou o conde e abordou o assunto das notas de 1 libra. Concluído o trabalho, disse:

– Amanhã, antes de seguir para Brighton a fim de discutir nossas conclusões com o Banco de Pomfrey, farei uma visita à sua filha.

Viu aprovação nos olhos do conde. Era óbvio que o sujeito o convidara para o baile por razões que não tinham nenhuma relação com o fato de o governo reembolsar notas bancárias com moedas de ouro.

Gowan não dançou com mais ninguém naquela noite. Não sentiu vontade e não queria ficar sentado do outro lado do aposento observando Edith dançar com outros homens. Aquela simples ideia o fazia cerrar as mandíbulas.

O ciúme era a ruína de seus conterrâneos. Era o lado sombrio da sua maior virtude: a lealdade. Um escocês é leal até a morte. Ao contrário dos inconstantes maridos ingleses, um escocês nunca deixaria que sua escolhida procurasse conforto em outras camas.

Mesmo assim, Gowan sabia muito bem que era um desgraçado possessivo que colocava a lealdade acima de tudo. Parecia que seria devorado vivo toda vez que Edith passasse de um parceiro para outro antes que lhe desse um anel informando ao mundo que ela lhe pertencia.

Por outro lado, deixar uma marca em seu coração lhe parecia uma opção ainda melhor.

Seria perda de tempo ficar por ali fazendo cara feia para os pretendentes de Edith, e Gowan, como se sabe, não perdia tempo. Em vez disso, foi para casa e escreveu uma mensagem para seu advogado londrino, Jelves. Informou que pretendia se casar em breve e solicitou que preparasse uma proposta de acordo matrimonial a ser entregue em sua casa na primeira hora da manhã.

A tarefa provavelmente obrigaria o homem a virar a noite. Gowan fez

uma anotação mental para lhe dar um bônus.

Acordou ao alvorecer e passou horas trabalhando. Uma noite de sono não havia alterado seus planos em relação a lady Edith – não que ele se lembrasse de já ter alguma vez mudado de ideia sobre algo importante depois de já ter tomado a decisão. Quando Jelves chegou, parecendo esgotado, Gowan dedicou uma hora às questões relativas ao acordo matrimonial. Junto com o advogado, esboçou os termos de um documento que Jelves, um tanto nervoso, observou que talvez fosse excessivamente generoso.

– Lady Edith será a duquesa – informou Gowan, notando que os olhos do advogado ficaram glaciais. – Ela será minha cara-metade. Por que eu deveria criar restrições para ela herdar minha fortuna quando eu morrer ou para que possa desfrutar dela durante minha vida? Nós, os escoceses, não tratamos as mulheres com desrespeito, como acontece no seu país. Mesmo se tivermos apenas uma filha, essa única filha herdará a maior parte dos meus bens.

Gowan devia estar quase rosnando, porque Jelves engoliu em seco e assentiu.

A essa altura, Gowan estava atrasado. Maldição. Em duas horas, no máximo, precisava pegar a estrada que saía de Londres, pois uma mesa cheia de banqueiros esperava por ele em Brighton. Instruiu sua comitiva a seguir em uma segunda carruagem e determinou ao seu cocheiro que voltasse à casa de Gilchrist, na Curzon Street.

O mordomo de Gilchrist tomou-lhe a capa, informou-lhe que a condessa e lady Edith o receberiam em breve e abriu a porta de um salão grande e gracioso que, naquele momento, mais parecia um clube de cavalheiros.

Havia homens por toda parte, portando buquês de flores, dando risadas. Por mais incrível que pudesse parecer, um discreto jogo de cartas se desenrolava em um canto. Reconheceu apenas a metade dos presentes. Lá estava Beckwith, enfiado em um casaco laranja com botões chamativos. Lorde Pimrose-Finsbury também se encontrava no recinto. Pimrose-Finsbury contava apenas com um título vitalício, mas era dono de boa parte de Marylebone. Segurava um delicado ramalhete de violetas. Gowan sentiu uma pontada de aflição. Não passara pela sua cabeça mandar alguém a Covent Garden para providenciar flores ou algo do gênero.

– Se puder se juntar aos visitantes da manhã, Vossa Graça. Em breve servirei bebidas para todos.

Em vez disso, Gowan deu meia-volta e caminhou em direção à entrada.

– Vossa Graça prefere deixar o seu cartão? – perguntou o mordomo,

seguindo-o.

– Prefiro falar com lorde Gilchrist. Quando foi a apresentação de lady Edith à sociedade? – indagou, sem rodeios.

A sobancelha do mordomo estremeceu, mas ele não perdeu o controle.

– Ontem à noite – respondeu.

Gowan não fora o único homem a olhar Edith e imaginá-la ao seu lado.

Mas naquele momento ele sabia exatamente por que Gilchrist o convidara para o baile. O convite incluía a mão da sua filha como presente. Não haveria competição se ele escolhesse aceitar a oferta silenciosa do conde.

– Gostaria de falar com lorde Gilchrist, se ele estiver disponível.

Não foi uma pergunta. Gowan nunca fazia perguntas. Fazia afirmações. Não importava, porque sempre conseguia o que queria. E havia algo muito pouco digno no ato de *pedir*.

Para ele, os duques não faziam pedidos.

Faziam afirmações.

E tinha o pressentimento de que não haveria um *pedido* em relação à mão de lady Edith.

Capítulo 2



Foi uma febre que transformou lady Edith Gilchrist no maior sucesso da temporada e rendeu a ela a mão (e possivelmente o coração) do duque de Kinross. Se Edie não estivesse tão doente no próprio baile de debutante, era provável que não tivesse se tornado tão popular. Como sentia a cabeça oca como uma cabaça, tudo o que conseguia fazer era deslizar pelo salão e sorrir. E sorrir.

Foi a fórmula certa para alcançar um sucesso extraordinário.

Na metade da noite, ela já havia dançado com todos os solteiros disponíveis, e duas vezes com o duque de Kinross, com lorde Beckwith e com lorde Mendelson.

Em determinado momento, Layla, sua madrastra, a pegou pelo braço e lhe contou que lady Jersey declarara que ela era a debutante mais encantadora da temporada. Aparentemente, a rainha das damas do Clube Almack – que definia o que era ou não elegante – havia ignorado que, aos 19 anos, Edie era deselegantemente velha.

A jovem apenas sorria. Tentava manter o equilíbrio.

Quando apareceu na biblioteca do pai no dia seguinte, no final da manhã, com o rosto tão pálido quanto seu vestido branco, as negociações acerca de seu futuro matrimonial já haviam sido concluídas.

Ela manteve os olhos baixos (para esconder o fato de que estavam vermelhos), sorriu quando lhe dirigiram a palavra e disse apenas “Sim, papai” e “Ficarei honrada em me casar com Vossa Graça”.

– A verdade, Edie – declarou a madrastra cinco minutos depois da partida de Kinross, ao conduzir a jovem de volta ao seu quarto –, é que sua febre foi um presente de fada-madrinha. Quem poderia pensar que você fisgaria um duque?

O duque em questão era escocês – um ponto contra –, mas, de acordo com Layla, como Kinross era dono da mais grandiosa propriedade de toda a

Escócia, ele poderia ser considerado um inglês honorário e o mais desejável partido no mercado matrimonial.

Edie apenas gemeu e desabou na cama, enfiando o rosto no travesseiro. A cabeça latejava. Sentia-se fraca e, sinceramente, não se lembrava muito bem da aparência de seu noivo. Ele tinha uma bela voz, mas era alto demais, pensou ela. Grande. Pelo menos não era ruivo. Não gostava de ruivos.

– Isso não foi muito gentil – comentou Edith, afundada no travesseiro.

– Você sabe o que quero dizer. Parecia tão bela e pálida... Foi muito encantadora a forma como Mary trançou pérolas em todo o seu cabelo. E você apenas sorriu, em vez de conversar. Isso a tornou muito atraente. Pelo menos para os homens.

– Não acha que ele foi um tanto impulsivo? – balbuciou Edie.

Layla abriu as cortinas e a janela. Edie adorava o seu quarto, grande e arejado, com um parapeito que dava para o jardim nos fundos da casa. No entanto, ela odiava quando Layla se empoleirava ali para fumar cigarrilhas.

– Não fume isso aqui – disse ela depressa. – Odeio o cheiro e estou *doente!*

Mesmo com a cabeça mergulhada no travesseiro, Edie sabia perfeitamente que Layla não lhe dava atenção. Ouviu a madrastra se ajeitar no seu lugar preferido e acender o cilindro de tabaco na vela, para soltar baforadas na direção do jardim. Layla achava que aquilo era o suficiente para manter a fumaça fora do quarto, mas não era.

– Vou vomitar – reclamou Edie, acomodando o rosto em uma parte da fronha que estava mais fresca.

– Não, não vai. Você está com febre, não com problemas de estômago.

Edie desistiu.

– Meu futuro marido ou é impulsivo ou é estúpido. Nós nos vimos apenas ontem à noite e mal me lembro da aparência dele.

– Não é impulsivo. É másculo. Determinado – retrucou Layla.

– Idiota.

– Você é linda, Edie. Você sabe disso. Pelo amor de Deus, toda a *aristocracia* londrina sabe disso. É provável que ele tenha ouvido falar de você muito antes de ontem à noite. Todos andam comentando sobre a Encantadora Edith, que por fim fez sua apresentação à sociedade.

– Não se esqueça do Delicioso Dote – disse Edie, revirando os olhos. – É

mais importante do que o formato do meu nariz.

– Ele não precisa do seu dote. Você não tem a mínima ideia de quantas jovens tentaram se jogar em cima do duque. Ele era noivo de uma jovem de família escocesa. Tinha um sobrenome que lembrava o nome de alguma ave, não lembro qual. A moça morreu há um ano e ninguém mais conseguiu chamar a atenção dele. Claro, ele ficou de luto por meses.

– Que triste. Talvez ele ainda esteja com o coração partido.

– Pelo que ouvi, estavam prometidos desde o berço, ou algo assim, e ninguém, nem o duque, a conhecia muito bem.

– Ainda acho triste.

– Não seja tão sentimental, Edie. O duque obviamente superou a perda, pois entrou no salão, dançou com você e se apaixonou. – Layla fez uma pausa, quase certamente para soltar um anel de fumaça pela janela. – É bastante romântico, não acha?

– O duque chegou a dizer que se apaixonou? Porque não foi exatamente o que pareceu. Mas minha visão estava tão turva que eu não posso ter certeza.

– Estava escrito no rosto dele.

– Melhor assim, pois ficamos em silêncio absoluto ao dançar na noite passada. – Na cama, Edie se arrastou por alguns centímetros, para esfriar o rosto em outro pedaço do lençol. – Não fique sacudindo essa cigarrilha por aí. A fumaça está entrando no quarto.

– Desculpe.

Houve um momento de silêncio, quando Edie ficou considerando se seria pior morrer de gripe ou se casar com um homem cujo rosto não havia visto com clareza.

– Como ele é? – perguntou ela. – Poderia tocar a campainha para chamar Mary? Minha cabeça está latejando.

– Farei uma compressa fria.

– Não, não saia da janela até terminar isso aí.

– Então como poderei tocar a campainha para chamar Mary?

Mesmo com o rosto enfiado no travesseiro, Edie sabia que Layla permanecia em seu lugar, na janela.

– Você é desprovida de instintos maternos básicos – queixou-se.

– É verdade – concordou Layla, seca. – Melhor assim, levando-se em

consideração as circunstâncias.

Depois da morte da mãe de Edie, lorde Gilchrist ficara sem esposa durante um bom tempo – até, aos 36 anos, ficar perdidamente apaixonado por Layla. Edie não simpatizara muito com a madrasta, que tinha um ar sedutor que a menina não conseguiu apreciar aos 13 anos. Na verdade, Edie ficou um tanto revoltada com o fato de o pai se casar com uma jovem de apenas 20 anos, com lábios carmin e belas formas que evidenciavam sua sensualidade.

Alguns anos depois, porém, ela encontrou Layla aos prantos. Descobriu dessa forma como era doloroso ser incapaz de dar um herdeiro a um homem. Com o passar do tempo, tornaram-se grandes amigas. Infelizmente, não foi gerada nenhuma criança. Nos últimos tempos, Layla começara a fumar e desenvolvera um comportamento um tanto imprudente.

– Eu não deveria ter dito isso. Peço desculpas – murmurou Edie.

– Está tudo bem. Provavelmente eu teria sido mesmo uma péssima mãe.

– Não, não seria. Você é engraçada e doce, e se largasse essa cigarrilha e me fizesse uma compressa fria, eu a amaria para sempre.

Layla suspirou.

– Apagou? – perguntou Edie.

– Apaguei. – E então Edie sentiu dedos tocando seu ombro. – Precisa se virar para que eu aplique a compressa.

Edie obedeceu.

– Você também estava maravilhosa ontem à noite, Layla.

Edie estreitou os olhos para ver a madrasta.

Layla vivia fazendo regimes para emagrecer, mas Edie achava que suas formas exuberantes já eram perfeitas.

A madrasta sorriu.

– Obrigada, querida. Quer que eu chame Mary para que ela a ajude a trocar de roupa e se deitar?

– Não. Estou muito cansada.

Desprovida de instinto maternal, ela não insistiu. Layla sendo Layla. Apenas pôs o pano úmido na testa de Edie e atravessou o aposento.

– Vai acender mais um?

– Não, não vou. Vou me sentar diante da lareira, como uma boa madrasta. Talvez eu aprenda a fazer tricô para ser mais realista. Não estou

certa se seu futuro marido apreciará minhas qualidades mais excêntricas. Devo desenvolver comportamentos mais respeitáveis para ter permissão de visitá-la.

– Por que está dizendo isso? Ele é um desses cavalheiros completamente formais?

– Não o conheço melhor do que você.

– Mas pelo menos conseguiu vê-lo com clareza e não estava com febre.

– Talvez seja um pouquinho formal – disse Layla. – Nada com que você já não esteja acostumada, levando em conta seu pai.

Algumas gotas escorreram pelo pescoço de Edie. Ela estava tão quente que a sensação foi até agradável.

– Tinha esperanças de não me casar com alguém parecido com papai.

– Seu pai não é tão ruim.

– Ele é ruim, sim. Fica fora de casa o tempo todo e raramente leva você para passear. Sei que é diferente quando estão sozinhos, mas tudo que ele faz no jantar é me dirigir lições de moral. O que é muito injusto, pois nunca dei motivo para isso. Deveria ser mais grato. Na última vez em que estive com a sua mãe, ela me contou tudo sobre Juliet Fallesbury, que fugiu com um laçao.

Layla soltou uma risada maldosa.

– Mamãe adora essa história porque o apelido do sujeito era Companheiro. Sabe, Edie, seria bom se você se rebelasse um pouco. Não é natural concordar alegremente em se casar com um completo desconhecido.

– Não estou alegre – ressaltou Edie.

– Mas também não está contrariada. Não quero que você deixe seu marido fazer as coisas do jeito dele o tempo inteiro e que ele se transforme em um ditador.

Havia algo no tom de voz de Layla que fez soar um alarme na cabeça de Edie, mas ela estava se sentindo mal demais para entender qual seria o problema, além dos hábitos ditatoriais de seu pai.

– Talvez eu pudesse fugir, me disfarçar de homem e entrar para uma orquestra. Imagine, Layla. Algumas pessoas não fazem nada além de tocar música o dia inteiro. E, à noite, tocam mais, só que para uma plateia.

Algumas notas do prelúdio da *Suíte Nº 1 em Sol Maior* para violoncelo, de Bach, passaram pela cabeça de Edie. A febre fez o arpejo cintilar sobre sua cabeça como se a música flutuasse como óleo sobre água.

– O que estou dizendo é que você deveria ser mais assertiva, Edie. Não é fácil viver com um homem.

– Papai nunca me recusou nada que eu realmente quisesse.

– É verdade, até permitiu que você ficasse em casa e tocasse violoncelo até bem depois da idade em que deveria ter feito sua apresentação à sociedade.

As notas voltaram a se esgueirar na mente de Edie, seduzindo-a a pensar nos acordes do prelúdio de Bach. Deveriam ser fáceis, como um exercício básico, entretanto, de algum modo...

A voz da madrastra se sobrepôs a seus pensamentos:

– O fato é que seu pai está apavorado com a ideia de deixá-la partir. Quem tocará duetos com ele? Com quem ele vai conversar sobre música? Tenha pena de mim, por favor. Não tenho o menor interesse em discorrer sobre violoncelo. Não me importo de ouvir, mas acho o assunto entediante. Ainda assim, estou prestes a encarar uma vida inteira de lenga-lengas sobre arcos e afinação.

– O violoncelo é a única coisa que eu e papai temos em comum. Não consigo me lembrar de ter falado com ele sobre qualquer outro assunto. E agora vou me casar com alguém como ele, mas que provavelmente não entende nada de música?

De fato, se não estivesse tão doente, Edie sentiria uma justa indignação. Mas já estava com tanta pena de si mesma que não sobrava espaço para resmungar sobre o casamento com um filisteu.

– Meus olhos parecem ovos cozidos – acrescentou.

– Sinto muito, querida. Quer que eu chame o médico?

– Não. Ele vai me receitar láudano, o que não vai ajudar. Não é possível curar febres com narcóticos.

– Gosto de láudano – disse Layla. – Só tomei uma vez, mas nunca esqueci como fez me sentir leve e livre, como se não precisasse me preocupar com nada no mundo.

– Preciso me assegurar de que ninguém lhe dê, então. Você provavelmente desenvolveria um vício, como aconteceu com a Sra. Fitzhugh. O *Bell's Messenger* afirmou que ela desabou no meio do salão de baile outro dia, e que o marido precisou carregá-la.

– Uma boa razão para evitá-lo. Não estou completamente convencida de que seu pai conseguiria me erguer do chão sem tropeçar.

– Você se importa de molhar o pano mais um pouco?

Layla obedeceu enquanto Edie pensava no iminente matrimônio.

– Por acaso Kinross explicou por que fez uma proposta tão precipitada?

– Foi porque ele se apaixonou por você – respondeu Layla, de imediato, aplicando a compressa sobre a testa de Edie. – Olhou uma vez para as suas tranças douradas, sem falar no resto, tão atraente, e decidiu se livrar da concorrência.

Havia algo de estranho na voz da madrastra...

– A verdade, Layla.

– E, pelo que entendi, ele tinha coisas importantes a resolver. Partiu para Brighton assim que falou com o seu pai.

– Coisas a resolver – repetiu Edie. – Que tipo de coisa?

– Problemas com a nota de 1 libra. Não pense demais no assunto, querida – aconselhou Layla.

Edie ouviu quando a madrastra abriu a caixinha de metal onde guardava as cigarrilhas.

– O que ele falou exatamente?

– Ah, por favor, vamos conversar sobre algo mais interessante! Kinross é dono de uma das maiores propriedades da Escócia. Você nem imagina, Edie. Chegou com duas carruagens, oito lacaios, todos uniformizados. Vi pela janela. Acredito que você vai viver como uma rainha. Seu pai me contou que ele mora em um *castelo*.

– Um castelo? – Edie assimilou a informação. – E ele nem se deu ao trabalho de me levar para um passeio antes de me transformar na castelã? Poderia esperar até que fizéssemos uma refeição juntos. E se eu tomasse sopa ruidosamente ou chupasse os ossos da galinha? Será que ele tem filhos ilegítimos esperando em casa?

– Duvido. E o que é mais importante: como os pais dele já faleceram, você não terá que lidar com uma sogra escocesa feroz.

– Então o que poderia ser mais importante do que cortejar sua futura esposa?

– Você precisa pensar como um homem, Edie.

– Faça o papel do homem e me ensine.

Layla adotou um tom de voz mais grave e disse:

– Sou o solteiro mais cobiçado no mercado matrimonial. Depois de selecionar a consorte apropriada, deverei informar ao pai da jovem sobre sua boa sorte.

– Não é inteiramente ilógico.

– Seu pai gosta muito do duque.

– Isso não quer dizer nada. Acha que Kinross vai se dignar a voltar a Londres antes do casamento?

– De Brighton, ele seguirá para o casamento do conde de Chatteris. Vamos nos encontrar com ele nessa ocasião.

Edie grunhiu.

– Com uma das garotas Smythe-Smith, não é?

– Honoria. Ela é bem bonita. Sei que você não a acha uma boa instrumentista...

– Não há o que *discutir*. É terrível.

– Pode ser, mas ela também é extremamente gentil.

– Não gosto de me hospedar na casa dos outros. Nunca encontro tempo para praticar.

– Seu pai espera que você se comporte como uma verdadeira dama agora que teve o seu *début*, Edie. Isso quer dizer que vai estudar muito pouco quando não estiver em casa.

Edie grunhiu. Não tinha conseguido tocar violoncelo na véspera, por causa da febre, sem falar nos preparativos para o baile. Raramente praticava menos do que cinco horas por dia e não tinha intenção de alterar seus hábitos.

– E se o meu casamento acabar como o seu?

– Não há nada de errado com o meu casamento – comentou Layla.

Edie ouviu a madrastra soltar círculos de fumaça pela janela.

– Vocês dormem em quartos separados.

– Todo mundo na alta sociedade dorme em quartos separados.

– Vocês não dormiam em quartos separados logo depois de se casarem – insistiu Edie. – Vi papai beijando-a muitas vezes e também vi quando ele a ergueu e a carregou sobre o ombro, subindo a escada quase correndo.

Um silêncio seguiu-se a esse comentário.

– Não deveria ter visto isso.

– Por que não? Eu fui um monstrinho com você, mas por dentro estava satisfeita por ver papai tão feliz. Quase esfuziante.

– Pois bem, o casamento é assim – começou Layla. – Esfuziante num momento e indiferente no seguinte.

– Não consigo imaginar Kinross esfuziante.

– Você imaginaria seu pai se comportando de modo efusivo se não tivesse visto com os próprios olhos?

– Não.

– Loucura temporária – disse Layla com tristeza. – Jonas recobrou a consciência e percebeu que sou uma tola, uma cabeça de vento. E isso é tudo.

– Você *não* é uma tola nem uma cabeça de vento!

– Ouvi essas palavras do próprio, ontem à noite.

– Papai falou isso?

Edie tirou o pano da testa e se apoiou nos travesseiros, olhando com dificuldade para Layla. A cabeça latejava, mas não havia como confundir a expressão triste no rosto da madrasta.

Layla apagou a cigarrilha e devolveu a piteira cor-de-rosa à latinha.

– Vou chamar Mary para que você possa tirar o espartilho e se deitar. Gostaria de tomar um banho frio?

– Sim – falou Edie. – Está mesmo infeliz, Layla?

– É só temporário – respondeu a outra, parando ao lado da cama. – Vou sentir sua falta e acabo ficando agitada com essa ideia. Deixe-me sentir sua temperatura.

– Agora que sou praticamente uma mulher casada, pode me contar aonde papai vai à noite? O que estou querendo saber é... ele tem uma amante?

– Não cheguei a perguntar. – Layla mordeu o lábio inferior e então falou: – Não quero saber. Minha nossa, você está quente. Precisamos esfriá-la.

Ela estendeu o braço para puxar a sineta que convocava Mary.

Edie não conseguia se concentrar em nenhum assunto específico.

– Como é Kinross... de perto, quer dizer...

– Ele tem uma masculinidade feroz. Bonito de um jeito másculo. Ombros largos como os de um cavalo de lavoura, pernas musculosas. Gostaria de vê-lo de kilt. Será que ele vai usar kilt no casamento?

– Você acha que ele tem senso de humor?

E então Edie prendeu a respiração porque, na sua cabeça, essa era a característica mais importante de todas.

Ouvira a vida inteira que era bela, por isso entendia como tal atributo podia ser vazio de significado.

Silêncio.

– Ah, não – gemeu.

– Era uma ocasião muito formal – argumentou Layla. – Dificilmente eu poderia contar a piada do galês e esperar uma reação dele.

– Vou me casar com um escocês do tamanho de uma maldita árvore, sem senso de humor e com tendência a ser impulsivo.

Layla deu de ombros.

– Olhe a boca, pelo menos na presença dele, querida.

– Por quê?

– Ele me pareceu um tanto formal.

Edie grunhiu.

– Vou me casar com meu pai.

– Então seremos duas.

Capítulo 3



A caminho do Hotel New Steine Brighton

No exato momento em que sua prometida o rotulava de impulsivo, Gowan pensava a mesma coisa de si mesmo. Nunca fizera nada tão imprudente antes. Nunca.

Na verdade, não se lembrava de ter feito *nada* impulsivo, muito menos mergulhar em uma das mais importantes aquisições de sua vida sem antes fazer uma pesquisa profunda.

A verdade era que ele nunca fazia nenhum tipo de aquisição. Tinha quem fizesse isso para ele. Não gostava de fazer compras. A única coisa que comprava diretamente eram os cavalos.

Um pensamento reconfortante atravessou sua mente: ele havia comprado a maior parte de seus animais e não teve problemas com nenhum deles. Viu a égua certa e reconheceu instantaneamente que ela se encaixaria em seu programa de reprodução.

Claro que aquela não era uma forma muito lisonjeira de pensar em sua futura esposa, mas era a verdade. Dera uma olhada em lady Edith e percebera no mesmo instante que a queria. E queria filhos com ela.

A ideia de levá-la para a cama era inteiramente agradável. Apesar de toda a modéstia no olhar e nos modos dela, seu corpo era deliciosamente arredondado. As outras jovens pareciam esqueletos enrolados em 1 ou 2 metros de tecido. Fileiras e mais fileiras de esqueletos com cachinhos que batiam nos seus ombros ossudos.

Não era um pensamento gentil, ponderou ele. Estava tentando controlar seus instintos descritivos: podiam ser expressados silenciosamente, mas não conseguia ignorar o fato de que eram quase sempre críticos. *Sempre* críticos, insistiu sua consciência.

No entanto, não encontrara um único aspecto negativo em lady Edith, além de seu nome. Quem poderia gostar dele? Ela era um anjo, não combinava com o nome Edith.

O nome de sua primeira noiva era Rosaline, que soava romântico. Os dois haviam sido prometidos um para o outro ainda crianças. De fato, não tinham sequer se conhecido até que ela completasse 16 anos e ele, 19. Então combinaram que esperariam a maioridade dela – mas Rosaline morreu dias antes de seu aniversário. Naqueles dois anos, só tinham se encontrado duas vezes. Não havia como chamar aquele relacionamento de romântico.

– Vossa Graça?

Bardolph, seu administrador, estava sentado no banco oposto da carruagem, parecendo irritado. Ele trabalhara como agente do pai de Gowan e fora herdado por ele assim como as garrafas de vinho na adega. O fato era que, ao contrário do vinho, Bardolph não melhorava com a idade. A barba pontuda terminava de uma forma que lembrava a de um bode. Digna de um bode. Com jeito de bode...

Gowan se esforçou para se concentrar no assunto em questão.

– Sim?

– O meirinho e o administrador da mina discordam sobre o lodo resultante das escavações na mina de estanho Currie, que está matando os peixes no rio Glaschorrie – informou Bardolph, da forma meticulosa que costuma ser usada por pessoas que foram ignoradas na primeira vez em que falaram algo.

– Interrompa a mineração – ordenou Gowan. – A não ser que consigam controlar o vazamento da mina, teremos que fechá-la. Seis aldeias dependem dos peixes desse rio.

Bardolph virou-se para o livro-caixa e Gowan voltou a pensar.

Gilchrist tinha sugerido um noivado de cinco meses, o que parecia ótimo. Não tinha pressa para iniciar a vida de casado. Era de esperar que a adaptação de uma esposa causasse certo nível de rebuliço, e ele não gostava de rebuliço.

Então pensou na pele cremosa de lady Edith. “Cremosa” não era a palavra certa. Nunca vira uma pele assim tão branca, como o mais alvo dos pergaminhos. Decidira que o lago Ness era mais escuro do que os olhos dela, cujo tom se aproximava mais do verde de um junípero.

O pensamento lhe causou uma onda de possessividade. Em breve, ela lhe pertenceria: os olhos sonhadores, a pele branca, a boca rosada e o resto... Fechara a negociação da noiva por uma soma que deixaria Bardolph perto de um desmaio.

Concordou com tudo que Gilchrist pedira. Quando se tratava de uma

esposa, não cabia pechinchar. Seria falta de educação.

Bardolph voltou a erguer a cabeça.

– Vossa Graça, poderíamos conversar sobre as provisões do contrato com o Sr. Stickney-Ellis relativas à ponte que será construída sobre o Glaschorrie? Tenho os termos estabelecidos pelos construtores.

Gowan assentiu e se acomodou melhor no assento. Nada de pensar em lady Edith: era prejudicial à sua concentração, algo inaceitável. De fato, assim que ela estivesse no castelo, ele precisaria garantir que ela não perturbasse mais sua atenção.

Não sabia exatamente o que a avó fazia desde a manhã até a noite, mas tinha a ver com roupas de cama, doentes e arrendatários.... Gilchrist com certeza se assegurara de que a filha fosse bem treinada.

O conde era um tanto severo, mas também um sujeito decente.

A voz de Bardolph se esgueirou pela sua mente. Ele ergueu a mão.

– Preferia três arcos em vez de dois.

O administrador fez uma anotação e continuou balbuciando o que estava escrito na página.

Gowan pigarreou.

– Sim, Vossa Graça?

– Amanhã de manhã será publicado um anúncio no *Morning Post* relativo ao meu noivado. Jelves está concluindo o acordo.

Bardolph ficou boquiaberto.

– Vossa Graça, o senhor...

– Fiquei noivo de lady Edith Gilchrist. Lorde Gilchrist se ofereceu para enviar o anúncio aos jornais.

Bardolph abaixou a cabeça em sinal de respeito.

– Posso lhe oferecer minhas mais sinceras congratulações, Vossa Graça?

Gowan assentiu em sinal de agradecimento.

– O conde sugeriu um noivado de mais ou menos cinco meses. Espero que o senhor cuide de todos os arranjos. Poderá entrar em contato com o representante de lorde Gilchrist.

O homem assentiu novamente.

– Com certeza, Vossa Graça.

– As obras para a construção de um banheiro entre o meu quarto e o da futura duquesa precisam ser concluídas.

– Claro – concordou Bardolph.

Em seguida, o administrador apresentou um volume encadernado.

– Agora, gostaria de examinar os planos de reprodução do agente da propriedade para a fazenda Dorbie. Trouxe o livro de registro das cabeças com esse propósito.

Ele começou a ler em voz alta.

Gowan ficou um tanto surpreso com a dificuldade que estava encontrando para manter a mente alerta. Provavelmente era por causa da novidade daquela história toda. Parecia razoável crer que uma experiência nova poderia ser fonte de distrações.

O mais surpreendente era a profunda satisfação que ele sentia. A sensação atravessava todos os seus pensamentos, como a iminência de uma chuvarada: silenciosa, mas deixando uma marca. Agora, Edith lhe pertencia. Ele levaria aquela mulher linda e deliciosa para casa.

Gowan vinha sentindo falta daquele calor calmo que nunca havia sentido em sua vida. Sentia que era algo maior e mais profundo do que o desejo. Não estava bem certo do que se tratava.

Felicidade diante de uma bela aquisição, talvez. Satisfação. Não, nenhuma dessas palavras mostrava-se correta.

Bardolph pigarreou.

– Sim?

– Como eu estava dizendo...

Capítulo 4



Passaram-se mais dois dias antes que Edie se sentisse suficientemente bem para se arrastar para fora da cama. Layla finalmente insistira na visita de um médico. O homem apenas confirmou o que o bom senso de Edie lhe dizia. Ela deveria permanecer na cama, no escuro. Não tinha permissão para tocar violoncelo.

– Papai fez alguma pergunta sobre meu estado de saúde? – perguntou ela na manhã em que se sentiu bem o bastante para tomar o café da manhã no quarto da madrastra.

Layla usava um robe que se abria em uma cascata de babados de seda. Lembrava uma vistosa torta de pêssago.

– Não, não perguntou – respondeu Layla, escolhendo mais uma uva com a seriedade de alguém que seleciona um anel de brilhante.

Devia ter começado mais uma dieta.

Edie sentou-se à sua frente, pegou três fatias de queijo e colocou tudo na boca.

– Terrível! – exclamou ela, sem muito rancor. – Sua única filha poderia ter morrido de gripe e ele nem teria percebido.

– Ele teria percebido – disse a madrastra, voltando a inspecionar as uvas. – Talvez não percebesse se *eu* exalasse meu último suspiro. Mas se ele não tivesse mais ninguém com quem tocar o violoncelo, ah, isso chamaria a atenção dele.

– Coma mais algumas!

Edie apanhou um bocado de uvas e jogou-as no colo de Layla.

Não havia nada que Edie pudesse fazer pelo casamento da madrastra, mas o quadro geral fez com que, depois de voltar a seu quarto e entrar na banheira com água quente, ela começasse a refletir sobre o assunto.

Estava noiva de um duque a quem não seria capaz de reconhecer no meio da multidão. Tal fato não a incomodava tanto assim.

Desde os 5 anos, ela sabia que seu dote de 30 mil libras e seu sangue azul garantiriam que seu casamento seria uma questão de linhagem, uma forma de ter filhos e concentrar riqueza. Nunca concebera que o casamento fosse mais do que um encontro de mentes (na melhor das hipóteses) compatíveis.

No entanto, com toda certeza não desejava viver o tipo de drama que cercava a união de Layla com seu pai. Se desse sorte, o sujeito com o encantador sotaque escocês seria razoável, tão sensato quanto ela, sem tempo para bobagens.

Apesar de ter ficado irritada com a ausência de rituais de corte por parte dele, a verdade era que aquela proposta rápida era um ponto a favor de Kinross, pois indicava que sua decisão não levava em conta nada pessoal. Era provável que ele tivesse decidido se casar com ela antes do baile e que a tivesse tirado para dançar apenas para garantir que ela não era corcunda nem tinha uma perna de pau.

Edie escorregou mais na banheira, deixando a água bater na altura do queixo. Achou muito reconfortante a explicação para uma proposta tão precipitada. Não gostaria de um homem impulsivo. Preferia pensar que Kinross tomara uma decisão racional.

Nunca queria enfrentar aquela espécie de tempestade emocional que cercava seu pai e Layla. Nunca.

Quando por fim saiu da banheira, com a pele rosada e enrugada, o otimismo natural de Layla tinha sido restaurado pela primeira vez desde que ela adoecera. Poderia lidar com um homem como seu pai.

A madrasta cometera o erro de se apaixonar, provavelmente por ter sido cortejada pelo conde com inesperado ardor. Se Layla não se importasse tanto, não flertaria com outros homens para chamar a atenção do marido. E, se ele não se importasse tanto, não ficaria tão zangado. Com certeza Edie e Kinross poderiam evitar aquele círculo vicioso se tivessem uma conversa madura, que estabelecesse regras claras.

De fato, por que esperar até que voltassem a se encontrar? Talvez fosse uma boa ideia expressar suas intenções por escrito.

Quanto mais pensava no assunto, mais gostava da ideia de se corresponder com Kinross. Escreveria ao noivo e explicaria o que considerava fundamental para um casamento bem-sucedido. Ele estava em Brighton. Pois bem, ela enviaria um criado até lá para entregar a carta pessoalmente. Levaria

apenas um dia, se ele fosse pela carruagem postal. Não devia ser difícil localizar um duque que viajava com duas carruagens e oito lacaios.

Enrolada no xale, ela esperou até que a criada saísse do quarto para sentar-se à escrivaninha. Suas demandas deveriam ser apresentadas com todo o cuidado possível. O respeito mútuo era uma exigência óbvia. Assim como bastante tempo sozinha. Ela não queria um marido que a seguisse o tempo todo e interrompesse seus estudos de violoncelo.

A questão mais delicada versava sobre as amantes. Até onde ela sabia, cavalheiros costumavam ter amantes. Não fazia grande objeção. Seria difícil considerar sacrossanto um voto realizado entre desconhecidos, motivado por poder e dinheiro. Por outro lado, não queria que seu marido a tratasse com o desdém indiferente demonstrado por seu pai em relação a Layla, passando a noite fora, e assim por diante.

E, com toda certeza, não queria pegar doenças de uma mulher que estivesse a serviço de seu marido. Não sabia se aquela era a terminologia adequada para tal arranjo. Edie pegou uma folha de papel de carta e hesitou. Deveria especificar que uma doença desse tipo seria justificativa para o rompimento do noivado?

Com toda certeza, seu pai teria perguntado isso.

Decidiu verificar o assunto mais tarde e começou a escrever. Depois de uma hora, havia preenchido duas páginas. Releu-as e considerou-as satisfatórias.

Era uma carta respeitosa, mas sincera.

Na opinião de Edie, a honestidade era o que havia de mais importante entre marido e mulher. Se seu pai dissesse a Layla que a amava loucamente e que ficava magoado toda vez que ela bancava a coquete com outros homens, e se Layla confessasse ao marido que era carente de afeto e que se sentia arrasada por não poder ter filhos, então eles teriam um *casamento*, em vez dessa série infundável de batalhas provocadas por um anel.

Tocou a sineta e entregou a missiva ao mordomo Willikins, com instruções para ser entregue em Brighton, sem demora.

No desjejum do dia seguinte, pareceu-lhe que o casamento do pai havia sofrido outro revés.

– Ele não voltou para casa de novo ontem à noite? – indagou Edie, ao perceber que Layla tinha chorado.

Uma lágrima deslizou pelo rosto da madrastra, que a enxugou com a mão.

– Ele só se casou comigo porque eu era jovem e presumivelmente fértil.

Como não sou mais, não vê motivos para continuar casado.

– Não faz sentido. Papai nunca pareceu fazer muita questão de ter um herdeiro. Ele gosta do meu primo Magnus.

Edie entregou-lhe um lenço.

– Você está errada. Ele me odeia porque não consegui ter um bebê.

– Ele não a odeia, Layla. Não mesmo.

– E, *ainda por cima*, enfiou na cabeça que o trai com lorde Gryphus.

– Gryphus? Por que raios papai pensa isso? É verdade que Gryphus é muito bonito e entendo que inspiraria ciúme...

– Não me importo com a beleza de Gryphus. Não descumpri meus votos nupciais – argumentou Layla, com voz de choro. – Tudo o que eu fiz foi permitir que lorde Gryphus me levasse para jantar duas ou três vezes, em bailes a que seu pai não me acompanhou. Eu não tinha ideia de que as pessoas estavam fazendo comentários maldosos!

– Imagino que papai esteja com ciúme porque você e Gryphus têm a mesma idade. Que desagradável pensar que alguém tenha feito mexericos.

– Jonas acreditou nessa fofoca horrível, sem nem me confrontar! E agora ele não... ele não quer ter qualquer relação comigo e diz que eu devo ir para o interior e instruir meu amante a me seguir. Mas *não tenho* um amante! – A frase foi concluída com um imenso soluço. – Ele diz que eu deveria ser mais discreta.

– É tudo um absurdo. Vou falar com ele.

Layla estendeu o braço e segurou o punho de Edie.

– Não deve. Não seria correto. Você é filha dele.

Edie franziu a testa.

– Quem mais poderia lhe abrir os olhos? É uma consequência de nosso relacionamento. Como em *Hamlet*, sabe? Minha preceptora tentou enfiar essa peça na minha cabeça tempos atrás. Restou pouca coisa, mas ainda me lembro de Hamlet lamentando “Que lástima é meu fardo esclarecer”. Ou alguma coisa assim.

– Jonas ficaria terrivelmente ofendido se você mencionasse o assunto – disse Layla entre soluços. – Além disso, não vai acreditar mais em você do que em mim.

Edie levantou-se e sentou-se ao lado da madrastra, abraçando-a.

– Ah, querida. Papai é um grande tolo. Ele a ama. Sei que ama.

– Não, não ama. Encontrei-o no saguão ontem à noite e ele... ele comentou que desejava nunca ter se casado com alguém como eu. Acredito que tenha conhecido outra pessoa – contou Layla, com a voz voltando a falhar. – Tenho certeza, porque ele saiu e não voltou para casa.

Depois de algum tempo, quando a madrasta já havia se acalmado, Edie falou:

– Um momento, querida. Volto já.

Saiu correndo do quarto e atravessou o corredor. O violoncelo descansava num suporte ereto, no cômodo onde ela costumava estudar. Pegou o instrumento e o levou, dessa vez mais devagar, até o quarto de Layla.

A madrasta estava encolhida no canto do sofá, onde um soluço ocasional a fazia se sacudir.

Edie sentou-se numa cadeira com o encosto reto e arrumou as saias de forma a colocar o instrumento entre as pernas. A posição era de longe a melhor para trabalhar com o arco, mas, claro, só podia fazer isso quando estava sozinha. Ou diante de Layla, o que era praticamente a mesma coisa.

Verificou se o espigão estava firme no chão. Então passou o arco pelas cordas. Depois de ficar quatro dias sem tocar, o som estava sendo uma benção. Afinou o instrumento e começou, duas oitavas e uma meia ecoando no ar.

Layla perguntou com a voz embargada:

– É a minha favorita?

– É. *Dona Nobis Pacem*.

Dai-nos paz saiu de suas cordas como o bálsamo de Gilead, sempre imponente, sempre comedido, a alegria sob controle.

Talvez fosse consequência dos dias de repouso forçado, mas os dedos de Edie não falharam nenhuma vez, e o arco deslizou sobre as cordas em um ângulo perfeito, a música calibrada para que o coração do ouvinte pudesse ficar em paz.

No final do hino, Edie ouviu Layla respirar fundo. Então sorriu, abaixou a cabeça de novo e emendou com “Inverno”, movimento de *As quatro estações*, de Vivaldi, a peça que estava estudando quando adoecera.

Ao se aproximar do fim e, para ser honesta, ter se esquecido da presença de Layla, a porta se abriu. Quando ergueu os olhos, viu o pai.

Ele olhava fixamente para a esposa. O cabelo dourado, desarrumado, cobria o rosto de Layla, mas o lenço em sua mão era autoexplicativo.

Edie quase sentiu uma onda de simpatia pelo pai. Era alto, tinha ombros largos e era atraente, embora detestasse ouvir aquilo. Gostava de pensar em si mesmo como um estadista, em vez de um reles mortal.

Era aí que residia o verdadeiro problema. A lógica, para ele, vinha antes de qualquer tipo de emoção, embora, no que dizia respeito à esposa, ele costumasse ser bastante ilógico.

– Foi bem tocado – comentou ele, voltando o olhar para Edie. – Não estava perfeito, pois o último movimento é um *allegro* bem marcado. Sua execução não foi ágil o suficiente.

Edie olhou para Layla, mas a única reação dela à voz do marido foi encolher-se ainda mais.

– Posso pedir um momento a sós com minha esposa? – perguntou ele, com a voz tão indiferente quanto sua expressão.

Naquele momento, seu olhar pousou nas pernas abertas de Edie, uma de cada lado do instrumento, as saias mal cobrindo os joelhos.

– Minha filha!

– Pai.

Ela afastou o violoncelo, levantou-se e deixou que as saias descessem até o chão. Em seguida, enfiou o arco sob o braço, ergueu o violoncelo e virou-se para a madrastra.

– Layla, querida, estarei pronta quando decidir se retirar para o campo e começar uma vida de completa libertinagem.

O pai estreitou os olhos, mas Edie passou por ele e marchou porta afora. Meia hora depois, quando já havia pedido e consumido o desjejum – mais um, pois o primeiro permanecera praticamente intocado no quarto da madrastra –, ela começou a tocar as suítes de Bach para violoncelo.

A irritação não era um bom sentimento para a música. Parecia azedar as notas. Teve que tocar três ou quatro vezes até que as notas se impregnassem da emoção que Bach destinara à peça.

Em determinado momento, ela fez uma pausa apenas para comer o almoço trazido pela criada. Àquela altura, estava trabalhando numa sonata de Boccherini que era tão difícil, mas tão difícil, que ela precisava parar repetidas vezes para olhar a partitura.

Às quatro da tarde, seu braço estava dolorido, mas ela havia sido tomada

por uma sensação de profunda satisfação.

Apesar das lágrimas de Layla, aquele era seu tipo de dia favorito.

Capítulo 5



Gowan contemplava com total descrença as páginas diante de si. A carta fora escrita com uma mão forte, forte demais para uma mulher. A avó dele tinha uma caligrafia delicada, ornamentada vez ou outra com alguns floreios. Não havia floreios naquela carta.

Não havia nada de feminino ali.

Na verdade...

Ele estreitou os olhos. Quase não acreditava que a carta tivesse sido escrita por uma mulher. Era direta demais, assertiva demais.

Não era o tipo de carta que poderia ter vindo da flor delicada com quem ele dançara, nem daquela mulher que modestamente mantivera os olhos baixos quando o pai anunciou ter aceitado a proposta de casamento feita em seu nome. Não havia a menor faísca de rebeldia no rosto de lady Edith.

Voltou a erguer a carta. Na verdade, não era exatamente rebelde.

Era...

Era contratual. Era isso. Ela empregava a expressão “Gostaria de pedir” quando claramente queria dizer “Eu exijo”.

Gostaria de lhe pedir que não mantenha uma amante, nem se envolva em diversões deste tipo até que tenhamos produzido o número necessário de herdeiros (número a ser decidido amigavelmente entre nós) e interrompido as relações conjugais, como acontecerá no tempo devido. Tenho relutância em contrair alguma doença de natureza íntima.

Já havia lido aquele parágrafo quatro vezes, mas tornou a reler. Diversões deste tipo? Amante? *Interrompido as relações conjugais*? Quando ele estivesse morto, talvez. O fato de ele ainda não ter mantido relações não queria dizer que ele não teria interesse em manter. Tinha um profundo

interesse.

Na verdade, ele mantinha atualizada uma lista de coisas que estava ansioso por experimentar. Com sua esposa. Que aparentemente pensava que fariam amor segundo um cronograma. Um cronograma restrito, aliás.

Como tenho pouquíssimo interesse nos prazeres da carne, não lhe darei qualquer motivo para expectativas em relação a esse aspecto.

Pareciam as palavras de uma freira. Tudo bem, não se importava tanto com aquela declaração em especial. Poderia convencê-la a se interessar pelos prazeres da carne. Ou poderia passar a vida tentando.

A sugestão seguinte era ainda mais irritante.

Proponho que não nos dediquemos a produzir um herdeiro pelos próximos três anos, embora o prazo de cinco anos me pareça melhor. Somos jovens e não precisamos nos preocupar com a idade como um fator a ser considerado na procriação. Não estou pronta para esse fardo. Para ser franca, simplesmente não tenho tempo.

Ele fitou aquelas palavras por alguns minutos. Será que ela não queria ter filhos? Que diabo faria o dia inteiro para não ter tempo para filhos? Gowan estava pronto para reproduzir imediatamente. Susannah, sua meia-irmã, tinha 5 anos e seria ótimo se ela pudesse desfrutar da companhia de outras crianças.

Além disso, o trabalho de administrar a propriedade não ficaria mais fácil em cinco anos.

Por outro lado, gostou do parágrafo seguinte:

Estou certa de que suas responsabilidades são muitas. Proponho que estabeleçamos um acordo para que não haja interrupções em nossas atividades durante o dia. Percebo que considerável parcela das infelicidades deriva do comportamento carente de um cônjuge. Confio que não considerará minha sugestão um insulto: como não existe nenhum prévio conhecimento entre nós, compreenderá que escrevo simplesmente por desejar um casamento feliz.

Ele concordava com ela.

Mas era um pouco arrogante. Não, era mais do que um pouco arrogante.

No entanto, se ele tomasse a iniciativa de escrever suas ideias – o que nunca faria, pois havia algo de perturbador em colocar tudo no papel –, era possível que criasse um parágrafo exatamente igual àquele.

Ou bem parecido.

Foi o trecho final que o fez sentir ganas de mostrar os dentes e rosnar para o papel como uma espécie de lunático:

Por fim, desejo destacar que aprecio muito a forma com que dispensou as formalidades da corte. Embora a princípio eu tenha ficado surpresa, passei a respeitar seu comportamento depois de considerá-lo com mais atenção. Presumo que compartilhamos da mesma noção sobre casamento: é um contrato realizado para o bem de uma linhagem e para o bem-estar geral da sociedade. Uma celebração a ser respeitada e desfrutada mutuamente. Não se trata de um relacionamento que deve provocar demonstrações desordenadas de emoção. Pessoalmente, me desagrada a ideia de conflitos no lar. Acredito que podemos evitar todo tipo de cena desagradável ao esclarecer tudo entre nós antes de fazermos nossos votos.

Em poucas palavras, ela não o amava, não pretendia amá-lo e considerava que o amor estragava o casamento.

A raiva que o tomou foi completamente inadequada e Gowan sabia disso. Fora ele quem se abstera de fazer a corte, fechara a porta de um salão cheio de homens e praticamente subornara o pai da jovem a lhe dar a mão dela em casamento.

Mesmo assim, sentiu-se insultado.

Não, não insultado. Enfurecido. Insulto era algo para gente vulgar, cujos sentimentos se feriam com facilidade. Ninguém feria seus sentimentos.

E ela ainda não havia acabado.

Ficaria grata em receber sua resposta. Estou certa de que também tem pedidos a fazer e prometo que terei a maior boa vontade em considerá-los.

Considerá-los?

Uma grande onda de fúria tomou seu peito. Ela pensava que ele seria capaz de desonrar os votos nupciais arranjando uma amante? Planejava levar

os desejos dele *em consideração*?

E ela achava mesmo que ele lhe faria *pedidos*? Era um maldito duque. Dava ordens. Não fazia pedidos.

Gowan quase nunca perdia as estribeiras. Bastava erguer uma sobancelha para que um homem soubesse que o duque tinha o poder de arruiná-lo. Bastava uma palavra para que Gowan pusesse qualquer um na cadeia. Não que ele fosse fazer tal coisa, mas tinha poder para isso.

Expressar raiva era uma arma grosseira, tão desastrada quanto desnecessária. E ele tinha consciência de que, nas raras vezes em que perdia a cabeça, tendia a dizer muitas palavras impensadas das quais se arrependia depois.

Infelizmente, naquele momento a raiva lhe subia das entranhas até a cabeça. A carta de lady Edith fora desrespeitosa à pessoa dele, a seu título e a seu pedido de casamento. Sentou-se à escrivaninha, pegou uma folha de papel. A pena perfurou a folha, rasgando-a.

Ele havia proposto transformá-la em *duquesa*. E não numa duquesa qualquer: na duquesa de Kinross. Um dos títulos mais antigos e mais respeitados da Escócia. Jamais ostentado por uma inglesa. *Jamais*.

Talvez houvesse um motivo para isso.

Pegou outra folha e começou a escrever.

*Lady Edith,
Talvez seja o escocês que há em mim...*

Não. Ele não queria que Edith se sentisse constrangida por sua infeliz nacionalidade inglesa. Não tinha culpa. E, como fora ideia dele se alinhar a uma família inglesa, não seria correto desdenhar da origem da noiva.

Respirou fundo. Era preciso manter o senso de humor. Sua noiva parecia prática ao extremo, nem um pouco espirituosa, mas ele nunca lhe perguntara se gostava da vida. Dera apenas uma olhada naqueles olhos de um verde-escuro e prometera a seu pai um arranjo digno de uma princesa.

Poderia ter sido um erro, mas agora era tarde demais. Aparentemente ficara noivo de uma burocrata azeda que odiava crianças.

Então uma imagem de suas curvas – e daqueles olhos – flutuou pela mente dele e todo seu corpo se manifestou em alerta. Talvez pudessem ficar afastados o tempo todo, a não ser quando estivessem na cama.

Pensando naquilo, ele voltou a erguer a pena.

Lady Edith,

Agradeço por sua carta. Sinto-me honrado por sua honestidade. Espero que seja capaz de perdoar minhas palavras audaciosas. Descrevo a seguir minhas expectativas para este casamento.

- 1. Tenho intenções de dividir a cama com a senhorita até chegarmos aos 90 anos ou, no mínimo, aos 85.*
- 2. Para um escocês, a mão indecente do mostrador está sempre segurando o ponteiro ereto apontado para o meio-dia. Em suma, só haveria um motivo para que eu interrompesse as atividades do dia.*
- 3. Arranjarei uma amante quando a senhorita arranjar um amante, não antes.*
- 4. Os filhos vêm de acordo com a vontade de Deus. Não tenho a mínima intenção de usar tripa de porco em minhas partes íntimas, se é isso que está sugerindo.*
- 5. A senhorita sofre de alguma perturbação? Estou curioso. Os papéis do noivado já foram assinados, portanto minha pergunta não é um pedido de liberdade. Considere-a, então, uma manifestação de genuína curiosidade.*

Nunca havia escrito nada tão sarcástico. Um duque não perdia tempo mandando mensagens irônicas, a não ser para aqueles que lhes eram mais íntimos. Por acaso, ele não tinha intimidade com muita gente.

Na verdade, o conde de Chatteris, cujo casamento ocorreria em breve, era uma das poucas pessoas que se dirigiam a ele pelo primeiro nome. Os dois eram amigos principalmente porque não gostavam de chamar atenção. Anos antes, quando seu pai estava vivo e costumava levá-lo em visitas a outros nobres no verão, as crianças costumavam ser obrigadas a fazer encenações para entreter os adultos. Numa dessas vezes, ele e Chatteris interpretaram as árvores que se mudaram para o castelo de Dunsinane e que assustaram Macbeth. Desde então, concordaram silenciosamente que se achavam toleráveis.

Ele assinou a carta com seu título completo: Gowan Stoughton de Craigievar, duque de Kinross, chefe do clã MacAulay.

Depois, pegou a cera que raramente usava e lacrou a carta com o sinete ducal.

Era impressionante.

Ducal.

Bom.

Capítulo 6



Aparentemente o pai e a madrasta de Edie tinham feito as pazes, mas só a ponto de tornar o clima na hora das refeições frio, em vez de gélido.

– Ele ainda não quer se deitar comigo – confidenciou Layla durante o almoço, alguns dias depois.

O conde era esperado, mas não apareceu.

Edie suspirou. Não gostava de monitorar a loucura matrimonial de seu pai, mas com quem mais Layla poderia contar?

– É o mesmo problema? Papai acha que você está tendo um caso com Gryphus?

– Ele disse que acredita que não o estou traindo com Gryphus. Só que, como deve ter percebido, não foi suficiente para ele passar as noites em casa.

Naquele momento Willikins entrou, carregando uma pequena bandeja de prata com a mão enluvada.

– Bom. Espero que seja um convite para o espetáculo do general Rutland. A Sra. Blossom disse que me convidaria a acompanhá-la em sua frisa.

– Carta para lady Edith – anunciou o mordomo, contornando a mesa para fazer a entrega. – Um lacaios levará sua resposta amanhã.

Edie pegou a carta. Com toda a certeza era uma missiva digna de um duque, escrita em papel grosso, que cheirava a moedas de ouro, e lacrada com uma farta bolota de cera vermelha.

– É de Kinross? – perguntou Layla, baixando o garfo. – Suponho que seja aceitável uma correspondência entre noivos, mas minha mãe...

Continuou a falar por algum tempo enquanto Edie rasgava o envelope e lia o conteúdo.

E leu de novo. “Dividir a cama” parecia bem claro, embora o homem

tivesse ilusões de grandeza. Noventa anos? Ela soltou uma risada de desprezo. Bastava olhar para o pai, que ainda estava na casa dos 40.

A resposta de Kinross sobre a questão da amante era precisamente o que qualquer mulher gostaria de ouvir. Mas “tripa de porco”? Como aquilo poderia impedir a concepção?

Foi o quinto e último item que ela leu e releu. Seu futuro esposo *tinha* senso de humor. Ela apreciava o sarcasmo. De fato, fazia com que ela tivesse uma visão surpreendentemente diferente a respeito de seu iminente casamento.

– O que diz? – perguntou Layla, com a cabeça pousada na mão. – Estou com uma dor de cabeça terrível e não consigo ler nada. Conte-me.

– Ele está crente que dançaremos nos lençóis até os 90 anos.

– Não pode ser tão pedante quanto parece, então. Na verdade, parece perfeito. Completamente diferente do seu pai.

Edie dobrou a carta e deixou-a a seu lado. Não era exatamente uma declaração de amor, mas, como era a primeira correspondência vinda de seu futuro esposo, tinha a intenção de guardá-la. E de respondê-la.

– Você acha que poderia ter uma conversa racional com papai a fim de determinar os pontos de discordância no casamento de vocês, de forma a evitá-los daqui por diante?

Layla ergueu a cabeça o suficiente para estreitar os olhos e deixou-a cair de volta nas mãos.

– Quando diz isso você soa tão pretensiosa quanto seu pai.

– É mesmo? – Não foi um pensamento agradável. – Sinto muito.

– Conversar não funciona muito bem conosco. Nossa comunicação se dá num nível mais íntimo, o que significa que não nos comunicamos de forma alguma nesses últimos tempos.

– Por falar nisso, tem ideia do que pode significar “a mão indecente do mostrador”?

– De forma alguma. Seu pai ficaria chateado se soubesse que seu noivo escreveu uma carta grosseira. Kinross não fez nenhuma alusão imprópria, fez?

Edie deu um sorriso malicioso.

– Então sugere não mencionar a papai que o duque promete manter sempre o ponteiro ereto apontado para o meio-dia?

Layla ergueu a cabeça novamente.

– Ele usou a palavra *ereto*? Escreveu isso? Com todas as letras? O *ponteiro ereto apontado para o meio-dia*?

– Escreveu.

Edie abriu a carta e releu. Começava a gostar cada vez mais dela. Se não estivesse com febre no dia do baile, talvez tivesse mesmo apreciado conhecer o duque. Agora que estava completamente restabelecida, era constrangedor pensar que havia seduzido seu futuro marido por ter se mantido em silêncio, o que não era, decididamente, seu estado normal.

Naquele momento a porta se abriu e seu pai entrou no aposento.

– Peço perdão pelo atraso – declarou. – Lady Gilchrist – disse ele, permitindo que um lacaios arrumasse um guardanapo de linho em seu colo –, está se sentindo bem?

– Estou com dor de cabeça – respondeu Layla. – Jonas, o noivo que escolheu para Edie enviou-lhe uma carta um tanto libidinosa. Achei que ele talvez...

– Não, de modo algum – interrompeu Edie. – O duque de Kinross escreveu uma resposta inteiramente adequada à carta que mandei para ele.

O pai estreitou os olhos.

– Foi inapropriado escrever para Sua Graça. Se desejava alguma informação, eu o teria comunicado seu pedido.

– Certo, mas, Jonas, será que ele escreveria a você sobre ponteiros eretos e relógios indecentes? – perguntou Layla.

– *O quê?*

O pai desempenhava muito bem o papel de fazer esse tipo de pergunta de forma estrondosa.

– Kinross estava apenas reafirmando sua nacionalidade – explicou Edie. – Escreve que na Escócia a mão obscena do mostrador segura sempre ereto o ponteiro, apontado para o meio-dia.

Para sua surpresa, a indignação desapareceu do rosto de seu pai.

– É de um texto de Shakespeare – explicou ele, erguendo o garfo. – Uma fala de mau gosto proferida por um personagem pouco respeitável, mas é mesmo de Shakespeare.

– Não entendi o significado – falou Edie.

– Claro que não. Expressões como essa não pertencem à esfera de uma dama bem-educada. – Ele baixou o garfo. – Eu estava mesmo pensando em mencionar, filha, que é provável que encontre na Escócia uma atmosfera mais rude do que aquela a que está acostumada.

– Então *ereto* é uma palavra rude?

Não era exatamente o termo que Edie teria escolhido, mas estava consciente de que faltava a ela todo tipo de conhecimento importante no que dizia respeito às atividades na cama.

– Não repita isso! – grunhiu o pai. – Uma palavra como essa nunca deveria sair dos lábios de uma dama.

Layla ergueu a cabeça. Havia uma leve malícia em seus olhos, como costumava acontecer no início do casamento.

– Talvez fique desapontado ao ouvir isso, Jonas, mas as mulheres costumam debater bastante sobre ponteiros e outras coisas eretas. Dependendo do tamanho, é claro que não faz sentido ser chamado de ponteiro. Em alguns casos, embora apenas nos mais infelizes, é mais apropriado chamar de alfinete. E não podemos esquecer a feliz existência das lanças.

Layla afastou o cabelo dos olhos para ver se estava conseguindo provocar o marido.

E estava.

– Esta conversa está imperdoavelmente vulgar – disse o conde, a voz falhando.

– Espada, poste, viga – acrescentou Layla, parecendo mais animada. – Edie logo será uma mulher casada, Jonas. Não podemos tratá-la como uma criança.

Edie grunhiu discretamente. Os dois estavam prestes a chafurdar naquela espiral que conduzia ao atoleiro emocional de sempre. O pai deveria ter se casado com uma puritana.

Por sorte, havia sinais de vida da parte de seu noivo. Tinha a impressão de que, caso se aventurasse a fazer uma série de piadas sobre lanças, ele acharia graça. Infelizmente, ela não entenderia as piadas dele, ainda mais se ele as tomasse emprestado de Shakespeare. Edie não sabia muito sobre literatura. Não tivera tempo de estudar.

– É uma citação de que peça? – perguntou ela.

– *Romeu e Julieta* – respondeu o pai.

Talvez pudesse dar uma olhada no texto antes de responder a Kinross. Não era uma grande leitora, para falar a verdade.

– Vamos mudar de assunto. Estou me sentindo muito mal. Acha que peguei uma doença que me fará definhar? Talvez algo que me faria desmaiar ao ver um bolinho?

– Você...

O conde engoliu as palavras.

Edie assumiu o controle da conversa com agilidade, antes que o pai pudesse dizer algo de que se arrependesse depois, embora fosse improvável.

– Estou ansiosa para rever Kinross.

Edie poderia ter jurado que viu desejo nos olhos do pai enquanto ele contemplava a madrasta. Como seria possível? Ele vivia criticando a esposa, implicando com ela por todo tipo de comentário impulsivo e indiscreto que Layla não conseguia evitar.

– Naturalmente, espero que você e o duque sejam felizes – disse o pai.

– E espero que tenham filhos! – exclamou Layla. – Muitos filhos.

O silêncio que se seguiu àquela declaração foi tão tenso e desesperador que Edie se levantou depressa e saiu correndo da sala sem poder fazer nada além de balbuciar um pedido de desculpas.

Layla e o pai com certeza se amavam quando se casaram, mas ele passara a criticar exatamente as qualidades que costumava adorar na esposa no passado. O pior era a decepção que pairava sobre os dois.

Acima de tudo, ela e Kinross precisavam evitar aquele tipo de situação. Deviam conversar um pouco – ou até bastante – para que aquilo não acontecesse.

Capítulo 7



Gowan não ficou esperando que o correio chegasse. Seria mesquinho, não estaria à sua altura. Além do mais, entregara a carta a um de seus lacaios de confiança e o instruíra a aguardar pela resposta. Como sabia a duração precisa da viagem entre Londres e Brighton, não havia por que se preocupar.

No entanto...

Conseguira manter sob controle aquela emoção deselegante, a luxúria, durante seus primeiros 22 anos de vida. Desdenhara da ideia de trocar intimidade por moedas, e uma mistura de fastio e honra o impedira de aceitar animados convites de mulheres casadas. Além disso, ele estava comprometido na época, embora ainda aguardasse que Rosaline atingisse a maioridade. É claro que sentia desejo, mas sempre o mantivera sob controle.

Até encontrar lady Edith.

Agora havia soltado as rédeas e seu apetite sexual demonstrava-se feroz. Mal conseguia dormir ao sonhar com aqueles membros arredondados enroscados nele. Sua mente divagava constantemente, nutrindo imagens que fariam um sacerdote perder a cor.

Não conseguia resistir, mesmo em momentos que exigiam um pensamento mais racional, como aquele. Ele e Bardolph trabalhavam num salão privativo do hotel New Steine, aguardando a retomada da reunião com os banqueiros do Banco de Pomfrey. Lia cartas e assinava documentos enquanto Bardolph discorria sobre o relatório de um dos meirinhos.

Assinava qualquer coisa que Bardolph punha diante dele enquanto imaginava que tinha levado a esposa para o castelo em Craigievar, onde os chefes do clã dormiram geração após geração. Na cama em que seus antepassados consumaram seus casamentos.

Edith estava deitada sob ele, o cabelo espalhado na cama como seda chinesa amassada. Ele se inclinava na direção dela para acariciá-la, deslizando a mão por seus ombros desnudos, pela pele leitosa, para em

seguida beijá-la como se estivesse possuído. E os olhos dela se abriam, lânguidos de desejo. Tudo nele rugia: *Você é minha*. E ela...

A tosse de Bardolph o trouxe de volta a um estado próximo da sanidade.

Gowan ficou paralisado, constrangedoramente consciente de que suas calças estavam apertadas por conta de uma das ereções mais rígidas de sua vida. Ficou grato por haver uma escrivania entre os dois.

Estendeu o braço devagar e pegou a carta que aguardava sua assinatura.

– As núpcias de Chatteris – disse ele, contemplando a página, aliviado ao perceber que sua voz estava firme, talvez até gutural.

Bardolph assentiu.

– Seu presente já foi enviado para a propriedade: uma peça de cervo e doze gansos. Esta mensagem é para aceitar o convite da família para que Vossa Graça se hospede em Fensmore. Pelo que entendi, a lista de convidados é tão longa que muitos ficarão nas hospedarias da região.

Gowan mergulhou a pena no tinteiro. Segurou-a por mais tempo do que deveria e uma gota gorda de tinta pingou no papel. O secretário emitiu um som parecido com o de um galho seco ao ser pisado.

– Viajarei com uma pequena comitiva: o senhor, Sandleford e Hendrich – afirmou Gowan, devolvendo a carta para que fosse reescrita. – Terminei a leitura da pesquisa de Hendrich sobre a indústria têxtil de West Riding ontem à noite, assim poderemos conversar. Quando chegarmos a Cambridge, os três podem voltar para Londres. Sandleford pode retornar para a Royal Exchange, mas primeiro gostaria de ouvir a opinião dele sobre a aquisição de cotas daquele artefato de vidro para iluminação, de Birmingham.

– Um contingente completo de lacaios – informou Bardolph mais para si mesmo, fazendo anotações. – Três carruagens serão suficientes, em vez de quatro, acredito. Lençóis e porcelanas devem acompanhá-lo na viagem, embora obviamente não sejam usados em Fensmore.

Gowan levantou-se.

– Vou dar uma volta.

Bardolph fez uma de suas caretas de praxe.

– Ainda temos que examinar catorze cartas, Vossa Graça.

Gowan não lhe deu ouvidos. Deixou o aposento sem falar mais nada. Talvez o escocês que existia dentro dele houvesse enfim assumido o jogo. Sentia-se mais forte, mais vivo do que nunca. Sua mente estava em disparada com palavras carinhosas e imagens indecentes. Queria possuir a esposa no

bosque, deitá-la sobre um lençol branco em um campo de violetas. Queria ouvir sua voz ao ar livre, o grito de prazer de uma mulher, como uma ave grasnando. Queria...

Não queria mais ficar sentado num aposento abafado lendo mais catorze cartas antes de encerrá-las com sua longa e tediosa assinatura.

Ele disse a si mesmo, em vão, que Edith não tinha nenhum senso de humor. Para ser franco, o senso de humor não era levado em consideração em muitos de seus planos para ela. As imagens desabrochavam como rosas, cada uma fazendo um contraponto febril para a inteligência solene da carta que ela escrevera.

Queria cobri-la de presentes, mas nada se mostrava suficientemente bom. Se pudesse obter um bordado vindo diretamente do céu, tecido com luzes douradas e prateadas, ele o jogaria aos pés dela.

Não, ele a deitaria, carinhosamente, como se ela fosse Helena de Troia, sobre o prodigioso tecido. Fariam amor lentamente.

Havia perdido a cabeça.

Sua imaginação desabrochava em metáforas que descreviam uma mulher a quem vira por pouco mais de uma hora. Mais tarde, naquela noite, ele acordou de um sonho em que Edith lhe abria os braços, o ouro líquido de seus cabelos caindo quase até a cintura.

– Ah, querida – murmurara ele. – Estou emaranhado em seus cachos.

Dissera aquilo em voz alta? Nunca havia falado nada tão imbecil.

Tinha perdido a cabeça.

Sabia o motivo também. Era óbvio que ele se abstivera do contato com as mulheres por tempo demais, e, como consequência, agora estava incontrolável. A abstinência não era recomendável para os homens. Enfraquecia o cérebro. Além disso, embora ele nunca tivesse pensado duas vezes sobre desempenho, de repente se imaginava durante o ato, desastrado, sem saber exatamente o que fazer, comportando-se de forma tola.

Maldição.

Então a carta chegou.

Vossa Graça,

Fiquei muito satisfeita ao ler vossa resposta à minha pergunta

sobre estripulias extraconjugais. É gratificante saber que, embora a Natureza vos tenha tornado alvo do ardor feminino, pretenda reservar um período de aproximadamente sessenta anos para praticar as referidas atividades comigo.

Gowan leu o parágrafo três vezes e então caiu na gargalhada. Ela havia captado a referência a Shakespeare e devolvera outra.

Escrevo com a preocupação de que o senhor tenha tido uma falsa impressão sobre a minha pessoa. Passei a noite do meu baile de debutantes muito sorridente... pois estava tão adoentada que não conseguia falar.

Mencionei tal preocupação para minha madrastra, lady Gilchrist, que desaconselha firmemente que um casal se familiarize com as características um do outro antes do casamento. Porém, como ela não mantém diálogo algum com meu pai, considero-a uma fonte pouco confiável para assuntos como felicidade conjugal.

Se Gilchrist não tinha sido capaz de reconhecer o temperamento da esposa à primeira vista, Gowan achava que nunca conseguiriam desenvolver uma melhor compreensão mútua. Porém, lamentava saber que Edith andara doente.

Escrevo também para assegurar que não sou louca, embora a alegação tenha valor dubio, pois seria provável que eu insistisse na minha sanidade, mesmo que dela fosse desprovida. Deveremos então deixar as dúvidas sobre meu juízo ou a falta dele para nosso próximo encontro, nas núpcias dos Chatteris. Poderá confirmar minha sanidade, embora eu não esteja mais tão irresistivelmente silenciosa quanto durante nossas danças.

As palavras eram tão vivazes que Gowan chegava a ouvir uma mulher pronunciando-as. O único problema era que ele não conhecia a voz de Edith. Estava mais do que ansioso para se encontrar com ela sem que estivesse doente.

Por um momento, o anjo sereno com quem havia dançado acenou em sua imaginação, mas ele o afastou. Preferia se casar com uma mulher que considerava que ele havia sido criado para seu ardor. Mil vezes melhor do que ser casado com uma mulher sem senso de humor, por mais pacífico que isso pudesse ser.

Devo também confessar que considero Edith um nome sem

graça. Prefiro Edie a Edith.

Com os melhores votos de sua futura esposa, que tem bons motivos para rezar por sua saúde... dadas as expectativas de 65 (ou talvez setenta!) anos de felicidade conjugal.

Edie

Capítulo 8



Fensmore *Propriedade do conde de Chatteris* *Cambridgeshire*

Edie percebia que não vinha se comportando de forma normal. Estava acostumada a sentir emoções fortes apenas quando tocava uma partitura ou travava alguma batalha com o pai. Tinha orgulho de manter um rígido controle da própria sensibilidade.

Naquele momento, porém, faltava menos de uma hora para que ela se encontrasse com o conde de Chatteris, a noiva dele e os convidados no salão, antes do jantar. E, por falta de uma expressão melhor, estava com os nervos à flor da pele, como se fosse explodir. Estava irrequieta demais para conseguir se sentar.

Pegou-se andando de um lado para outro no quarto de hóspedes, rejeitando todos os vestidos que Mary lhe oferecia. Edie não era o tipo de mulher que perdia tempo preocupando-se com a própria vestimenta. O que não queria dizer que ignorasse o poder das roupas para virar a cabeça dos homens.

Não tinha prestado muita atenção no dia anterior, quando Mary arrumara seu baú com roupas para alguns dias em Fensmore e para o casamento do conde de Chatteris. Sua concentração voltava-se para a partitura de Boccherini. No entanto, depois de chegar e ser informada por lady Honoria Smythe-Smith (a futura condessa de Chatteris) que o duque de Kinross já estava na residência, seus sentimentos em relação ao que vestir mudaram completamente.

O duque estaria presente na refeição vespertina. Ela o veria pela primeira vez desde o pedido de casamento. Aquela ideia a deixou com a sensação de estar febril outra vez.

Qualquer mulher em seu juízo perfeito desprezaria a ideia de encontrar o noivo vestida como uma virgem – e obviamente um vestido branco com um discreto babado na bainha confirmaria essa ilusão em particular.

Depois da troca de cartas, ela tinha certeza de que Kinross desejava se

casar com uma mulher sensual e audaciosa. Alguém que pudesse falar coisas como *ponteiro ereto*, palavras que Edie mal conseguia compreender. Queria mais do que nunca olhar nos olhos dele e ver desejo. Até mesmo luxúria. Se ele a olhasse e o ponteiro não ficasse ereto, usando uma linguagem lírica, ela se sentiria humilhada.

Queria deixá-lo atordoados.

O mais ridículo era que Edie nem sabia se o reconheceria. Estava noiva de um homem alto com sotaque escocês, mas não conseguia se lembrar do rosto de Kinross.

No entanto, a carta – *aquela* carta – lhe dera elementos para concluir que ele tinha olhos risonhos. Não eram olhos libertinos nem com expressão canalha. Eram risonhos e cheios de desejo.

Só depois de Mary lhe oferecer todos os vestidos do baú e de Edie rejeitar todos eles, por considerá-los sem graça, ela finalmente cedeu ao inevitável e pediu que a criada chamasse Layla.

– Posso usar um de seus vestidos? – perguntou Edie, quando a madrastra apareceu na soleira da porta. – Odeio os meus. Ele me fazem parecer tola e insípida.

– Sabe perfeitamente bem que jovens donzelas devem usar apenas tecidos claros.

Layla atravessou o aposento e abriu a janela.

– Nada de fumar! – ordenou Edie, apontando para uma cadeira.

A madrastra suspirou e se sentou.

– Estou praticamente casada. Kinross está aqui e não posso aparecer com um desses vestidos horríveis.

Não sabia como dizer aquilo de outra forma, mas, se não visse desejo nos olhos dele, talvez rompesse o noivado por puro constrangimento. Não conseguia parar de pensar que ele talvez só tivesse pedido sua mão por causa de seu silêncio.

– Querida, você tem mais curvas do que eu – contestou Layla. – Não que eu não a compreenda, pois realmente compreendo. Seu tom de pele nunca foi valorizado pelos tons suaves. No entanto, não temos tempo para ajustar miraculosamente um de meus vestidos.

– Temos a mesma altura. Posso ter os quadris um pouco mais largos, mas temos a mesma medida de busto.

– Meu busto tem a mesma largura dos quadris, o que está terrivelmente

fora de moda.

– Pode chamar seu busto de fora de moda se quiser, mas eu gosto do meu. E somos quase do mesmo tamanho. Qualquer vestido vai caber – insistiu Edie. – Não entende, Layla? Kinross nunca me viu de verdade, embora eu aprecie o fato de ele ter escolhido uma esposa com base em uma análise racional. É verdade. Eu realmente aprovo.

Layla revirou os olhos.

– A análise racional é um motivo absurdo para o casamento. Uma vez seu pai me contou que depois da morte de sua mãe ele preparou uma lista com seis atributos que a próxima condessa deveria ter. Cumpri cinco deles. E veja como tudo acabou.

– Qual era o sexto?

Layla voltou a se levantar e começou a examinar uma pilha de vestidos.

– Fertilidade, claro – respondeu ela, revirando as roupas. – A capacidade de produzir pequenos condes, talvez dúzias deles. Que tal esse vestido verde? Não é tão sem graça quanto os brancos.

– Você e papai se amam – disse Edie, ignorando a tentativa de Layla de transformar o decote do vestido verde em algo mais sensual, o que seria impossível. – Vocês apenas não...

– *Gostam* um do outro – completou Layla.

Com um puxão, ela arrancou o acabamento em rendas no decote do vestido verde.

– Não acredito nisso. Acredito que se gostam. Acho que só precisam conversar mais. Mas por enquanto deixemos de lado as questões do seu casamento lamentável. Estou tentando garantir que o meu seja feliz. Não quero que Kinross pense que sou uma espécie de florzinha insípida.

– É improvável que ele pense assim depois de ter lido sua carta – observou Layla. – Graças a Deus seu pai tem aquele livro com citações de Shakespeare. Acha que Kinross acredita que você é uma sabichona que leu todas aquelas peças?

– Em breve vai descobrir que não é bem o caso – falou Edie. – Você está destruindo o vestido, Layla!

A madrastra ergueu o vestido verde, destituído de rendas brancas.

– Se baixar as mangas para desnudar os ombros, pode ficar bem atraente.

– Não quero ficar “atraente”. Quero ser o tipo de mulher que solta piadas

maliciosas.

– Essa mulher, com toda certeza, adoraria esse vestido. Talvez eu deva fugir de seu pai e abrir minha própria loja de roupas.

Edie pegou o vestido.

– Não posso usar isso. Veja só: você rasgou a costura do ombro. Eu só não quero fazer o papel de cisne virginal.

– Mas você é virgem – retrucou Layla com um suspiro. – Pense nisso como uma fase inevitável da vida, como envelhecer, perder os dentes e ser obrigada a tomar sopa. Infelizmente os homens parecem achar que as mulheres são como vinhos: só prestam enquanto estão com a rolha.

Edie tentou, mas não conseguiu entender.

– Daí o motivo de mulheres na casa dos 30 anos... e casadas... ainda vestirem apenas roupas brancas. Considero que as senhoras que se aferram a tal ilusão são, no mínimo, lamentáveis.

Qualquer um poderia perceber tal desdém simplesmente vendo a diferença entre um vestido branco e os trajes ousados – e coloridos – de Layla.

– Não estou negando minha virgindade – disse Edie, voltando a se sentar no banco diante do toucador. – Só não quero interpretar a casta lady Edith de quando estava doente... Na verdade, foi o que eu fiz a vida inteira.

– Seu pai não vai gostar.

– Meu pai abriu mão da autoridade que tinha sobre mim ao assinar os papéis do noivado. Agora preciso garantir que meu marido não pense que foi convidado a assumir o papel de meu pai.

– Bem observado – pontuou Layla. – Acha que a diferença de idade entre mim e seu pai o levou a me considerar uma criança?

Edie revirou os olhos.

– Isso nunca passou pela sua cabeça?

Aquilo pareceu calá-la. Layla jogou o vestido verde em cima da cama.

– Tenho o vestido perfeito para você. Mary, poderia ir ao meu quarto e pedir a Trotter meu vestido de seda cor de vinho? É um sacrifício que farei, querida – disse ela, voltando-se para Edie. – Eu estava pensando em usá-lo amanhã à noite, mas acho que você está mais necessitada.

Encaminhou-se para a janela.

– Não ouse acender uma cigarrilha! – ordenou Edie.

– Você deve ter herdado esse tom de voz de seu pai. É bom, até porque você precisará dar ordens ocasionais, quando estiver cuidando do castelo.

– Estou praticando com você. Está proibida de fumar enquanto estiver perto de mim.

– Estou tentando parar – falou Layla, apoiando-se no batente e olhando pela janela. – Seu pai não gosta e estamos dividindo o quarto durante nossa estadia.

Edie pensou em perguntar como estava se desenrolando aquela proximidade tão pouco costumeira, mas Mary reapareceu com uma pilha de seda furta-cor nos braços.

– Aqui está! – exclamou Layla, voltando-se para a porta no momento em que ela se abriu. – Olhe só essa cor. Não é a coisa mais linda que você já viu? Mais escura do que o vermelho, mais clara do que o vinho... quer dizer, é quase cor de vinho.

Momentos depois, Mary tinha despido Edie, deixando-a só de combinação.

– O vestido é feito para ser usado sem espartilho – destacou Layla, se aproximando.

Mary despejou a cascata de seda cor de vinho sobre a cabeça de Edie. O toque do tecido na pele era maravilhoso.

A própria Layla ajustou o corpete.

– Está linda. Deslumbrante. Está vendo as pregas aqui embaixo do corpete?

Edie virou-se e se olhou no espelho. A seda formava pregas perfeitas e um decote revelador. Mais pregas atravessavam os ombros, com a intenção de formar mangas, mas sem realmente se dar ao trabalho de concluí-las.

Estava sedutoramente descoberta na parte superior do corpo e então a seda formava pregas e ondulações a partir da cintura, amarrada com um laço na parte de trás.

Mary ajoelhou-se e ajudou Edie a calçar os sapatos de salto alto de Layla, na mesma cor do vestido.

– Não parece justo que calcemos o mesmo número e tenhamos quadris tão diferentes! – exclamou Layla.

Edie virou-se de lado para se contemplar. O vestido a transformara

completamente. De Virgem Clássica para Layla Clássica. Deixava seus seios fartos e as pernas mais longas. Não era uma combinação ruim.

– Acha que ele vai gostar?

– Qualquer homem gostaria – afirmou Layla em um tom que não permitia discussões. – Está deslumbrante. Agora deve pintar os lábios. Volte ao toucador.

Desacostumada com os saltos de Layla, Edie percebeu que não conseguia se equilibrar. Quando dançara doente, deslizara pelo salão. Naquela noite, não deslizaria, apenas oscilaria, como um barco ancorado durante um vendaval.

O efeito era bastante feminino, o que não era frequente nos modos de Edie. Com certeza, não era muito feminino aquele gesto de abrigar um grande instrumento de cordas entre as pernas para tocar música. Se uma dama de verdade insistisse em fazer algo tão ultrajante quanto tocar violoncelo, ela posicionaria as pernas de lado, se equilibraria sobre o quadril e tocaria como se estivesse sentada numa sela lateral.

Edie podia fazer aquilo, mas nunca viu razão para isso. Não era suficientemente estúpida para acreditar que poderia ter uma carreira na música. Como filha de um conde, tocava apenas por hobby, então ela poderia se sentar da forma mais natural possível.

O amor do pai pelo violoncelo, o fato de ela ter herdado o primeiro instrumento dele, em tamanho infantil, e de ter ganhado um Ruggieri quando completou 16 anos de idade... nada disso anulava a expectativa de que ela exercesse condição de dama.

Havia uma espécie de acordo tácito entre ela e o pai. Edie adiara sua apresentação à sociedade o máximo possível, mas os dois sabiam que ela se casaria com quem ele escolhesse. Era uma promessa, e Edie sempre cumpria promessas, declaradas ou não.

Seguiu até o toucador e sentou-se. Pouco antes, naquela tarde, Mary tinha modelado cachos em seu cabelo, cachos apropriados para uma dama, sem a bagunça que ela costumava apresentar.

Layla deu um passo à frente e começou a brincar com seus cachos, criando uma desarrumação singular.

– Você está arruinando todo o esforço de Mary – protestou Edie, enquanto Layla soltava mais um cacho.

– Não, estou deixando você com uma aparência um pouco menos perfeita. Os homens ficam apavorados com a perfeição. Agora vamos pôr um

pouco de cor nos lábios.

Pintada de vermelho, a boca de Edie parecia ter dobrado de tamanho, em especial o lábio inferior.

– Não ficou um tanto vulgar? Agora sim eu tenho certeza de que papai não vai aprovar.

Estava muito diferente. Na verdade, ela sentia como se tivesse deixado a santinha febril para trás e passado a interpretar o papel de cortesã febril.

– É exatamente isso. Seu pai nunca entendeu que um pouco de vulgaridade faz bem.

– Como assim?

– Não seria bom se ainda estivesse à procura de um marido – explicou Layla. – Mas agora você precisa deixar claro para Kinross que ele pode ter se casado com você... ou melhor... que ele se casará com você... mas nunca será seu dono.

Edie virou-se, encontrou o olhar de Mary e fez um sinal em direção à porta. Enquanto a criada fechava a porta atrás de si, Edie falou:

– Layla, querida, será que essa técnica que acabou de me recomendar não pode ser considerada um fracasso no caso de sua relação com papai?

– Que técnica?

O cabelo de Layla estava preso no alto da cabeça formando um engenhoso ninho de cachos trançados com esmeraldas. Ficou diante do espelho convencendo uma mecha a despencar com gracioso desalinho sobre um ombro.

– Ter certeza de que um homem saberá que ele nunca será seu dono ou, no mínimo, dono da sua lealdade. Acho que isso pode ter criado algumas dificuldades conjugais para vocês dois.

Layla franziu a testa.

– Eu nunca seria infiel a seu pai. Ele deve saber disso porque *me* conhece.

– Mas se você não para de repetir, mesmo que de um modo silencioso, que nunca será dele... Ocorreu-me, depois de observá-los, que os homens são um tanto primitivos. Ou pelo menos meu pai é assim. Ele a contempla com dor e possessividade, tudo misturado.

– Garanti a ele que não dormi com Gryphus. Ele deveria acreditar em mim incondicionalmente. Sou esposa dele, afinal de contas.

– Acho que ele só quer que você garanta que não tem qualquer interesse em dormir com outro homem.

– Assim eu lhe concederia poder demais – disse Layla no mesmo instante. – Ele já pensa que é meu dono. Ontem à noite, exigiu que eu parasse de fumar!

Aquilo não surpreendeu Edie.

– O que você respondeu?

– Que nunca faria isso, é claro. Embora não tenha fumado hoje. – Layla demonstrou desânimo. – O casamento é mais difícil do que você pensa, Edie. Se não fizer nada além de tentar manter seu marido feliz, isso a levará à loucura.

Edie deu-lhe um beijo.

– Perdoe-me se eu disser que estarei em boa companhia? Você é gentil demais para meu pai rabugento. – Ela pegou as luvas e um xale de tafetá finíssimo. – Vamos descer para o jantar. Estou curiosa para conhecer meu noivo.

Capítulo 9



Gowan entrou cedo no salão e ficou por ali conversando com os parentes da família Smythe-Smith, tentando disfarçar que estava prestes a morrer de tédio.

No baile de Gilchrist, e durante a maior parte do tempo, ele vestira trajes ingleses: casaco bordado, gola engomada, calças de seda. Depois das correspondências reveladoras com Edie, ele queria mostrar-se como era, e não se passar por um inglês.

Vestia o kilt Kinross, com o xadrez do chefe do clã MacAulay. Tivera a impressão de que era a coisa certa a fazer. Cercado por aqueles ingleses esguios e tolos, com joelhos cobertos, suas pernas desnudas pareciam duas vezes mais robustas pelo simples fato de terem sido libertadas do incômodo das calças.

Marcus Holroyd, o conde de Chatteris, parou a seu lado.

– Kinross, é um prazer vê-lo aqui. Minha noiva acabou de me informar de seu recente noivado.

Gowan inclinou a cabeça.

– Sim, estou noivo de lady Edith Gilchrist.

– Meus melhores votos. Pelo que sei, ela é uma instrumentista talentosa. Também toca algum instrumento?

Gowan ficou mais do que um pouco constrangido por não ter ideia dos interesses de lady Edith, muito menos dos dons dela.

– Ela é uma instrumentista tão talentosa quanto sua inestimável noiva?

Gowan tinha suportado um recital das Smythe-Smiths certa vez e esperava nunca mais presenciar tal cacofonia dissonante. Se sua esposa era uma instrumentista daquele calibre, ele imploraria que ela não tocasse.

– Nunca tive o prazer de ouvir lady Edith tocar – respondeu Chatteris,

sem revelar nada além de completo apoio aos talentos musicais de sua noiva.

Não estremeceu sequer uma sobancelha.

Houve uma agitação na entrada e os dois se viraram.

– Aí está Honoria – informou Chatteris.

Gowan contemplou-o. Tinha um olhar de tranquilo desejo.

Esquisito. Os casamentos da aristocracia não costumavam ser arranjados por interesses românticos. Sob o olhar de Gowan, Chatteris foi direto para o lado de Honoria.

Maldição! Por onde andava lady Edith? Estava ficando doente de tanto evitar os olhares lascivos de mulheres que apreciavam o kilt pelos motivos errados – davam a impressão de querer saber o que havia por baixo.

O conde de Gilchrist entrou no salão e se aproximou de Gowan com seu passo firme e ligeiramente constrangido. Meneou a cabeça em saudação.

– Vossa Graça.

– Seremos da mesma família – respondeu Gowan com cordialidade, estendendo a mão. – É bom revê-lo, Gilchrist.

O conde apertou sua mão brevemente.

– Espero que fique satisfeito em ver minha filha depois desse tempo separados. É muito bom que possam se conhecer melhor antes do casamento.

– Na verdade, devemos discutir a data. Gostaria de reconsiderar a duração de meu noivado.

– Não aprovo casamentos apressados – declarou Gilchrist. – A meu ver, um ano de noivado não seria inadequado.

Se ele e Edie não tivessem trocado aquelas cartas, Gowan não teria se importado de esperar um pouco mais. Mas sob aquelas circunstâncias...

– Penso que mencionei minha meia-irmã, órfã – lembrou ao conde. – Eu ficaria relutante em deixá-la sozinha por um ano inteiro.

Lady Gilchrist se uniu a eles. Gowan voltou-se e fez uma reverência, levantando-se a tempo de captar um olhar indiscreto do conde para a mulher. Era constrangedor. O sujeito estava aos pés da esposa, por assim dizer.

– Lady Gilchrist – cumprimentou Gowan. – É um prazer vê-la novamente.

– Deve estar ansioso para ver nossa filha – disse ela, deixando aparecer uma covinha inesperada em uma das faces.

A aparência um pouco travessa de lady Gilchrist – sua combinação de beleza, sensualidade e perspicácia – era atordoante.

Gowan beijou-lhe a mão, retribuindo o sorriso.

Então reparou que o olhar de Gilchrist se transformara em trevas. Ficou estarecido até perceber que aquela fúria surda só poderia significar uma coisa: o conde acreditava que a esposa era capaz de traí-lo, até mesmo com seu futuro genro. Gowan teve pena dele.

Deve ter deixado transparecer um vestígio desse sentimento, pois Gilchrist estreitou os olhos e ergueu o queixo.

– Lady Gilchrist – interveio ele, com uma voz dura como granito –, onde está minha filha?

Lady Gilchrist não demonstrou a menor reação àquele tom de voz, embora Gowan o tenha considerado extremamente ríspido, para não falar naquela mudança de tratamento. Ele transformara “nossa filha” em “minha filha”, de forma decididamente possessiva.

– Edie entrou no salão em minha companhia – disse ela –, mas encontrou a bela e jovem lady Iris, uma das meninas Smythe-Smith. Aquela que também toca violoncelo.

Ela se virou e começou a esquadrinhar o salão.

– Lá está ela.

Havia jovens por toda parte, todas parecendo montinhos de neve em seus vestidos brancos. O olhar de Gowan viajou de uma para outra, descartando-as. Não... não... não. Franziu a testa e voltou a examinar cada vestido branco.

Tinha certeza de que seria capaz de reconhecer o semblante doce de lady Edith. Afinal, ele a observara durante duas danças seguidas. Conhecia o nariz arrebitado, os olhos verdes, o desenho de suas maçãs do rosto.

– Talvez – falou lady Gilchrist, com certa irreverência na voz – não esteja levando em conta o fato de que Edie não gosta muito de vestidos brancos, embora os use quando necessário.

– Esperava que minha filha pudesse ser reconhecida pelo futuro marido, independentemente da forma como se vista – comentou o conde, seco.

Gowan o ignorou e começou a olhar para cada mulher no salão, não apenas para aquelas que estavam de branco. A risadinha de lady Gilchrist, a seu lado, soava como o chamado sonolento de um pássaro ao anoitecer.

Então ele a viu.

Sua noiva... Sua futura esposa.

Edie.

O coração batia com a força de um trovão. Reconhecia todos os ângulos do rosto, os lábios cheios, o cabelo... quem poderia esquecer aquele cabelo? Parecia que antigas moedas romanas haviam sido derretidas em vinho, permitindo que mechas de ouro mais escuro se entremeassem com a luz do sol.

Ao mesmo tempo, ela não era exatamente a mulher que ele havia escolhido para se casar.

Essa mulher era absolutamente sensual. Seu corpo tinha sido esculpido para receber as carícias de um homem. Os seios eram suaves e cheios, a pele de alabastro emoldurada por seda cor de vinho. Estava conversando com alguém e ria... seus lábios risonhos combinavam com o vestido. O cabelo reluzia com o brilho intenso do mel de jasmim. Estava preso no alto da cabeça e cachinhos balançavam com ligeiras variações de cor.

Ouviu Gilchrist dizer algo, mas não captou as palavras. O sangue latejava nas têmporas. Quando a conhecera, os olhos de Edie pareciam lagos plácidos, repletos de água doce. Agora eram expressivos, cheios de riso e de inteligência. Nada havia de plácido neles. Nem nos lábios escarlate, nem nos seios arredondados.

– Agora entendi por que não a reconheceu de imediato – falou Gilchrist, cheio de reprovação na voz. – Aquele vestido é inadequado. Só posso pensar que tenha sido influência sua, lady Gilchrist.

– Não é apenas uma questão de influência, mas de fato o vestido é meu – respondeu a esposa. – Como já está comprometida, Edie não precisa aderir às convenções de vestimenta com a mesma rigidez que governa as mulheres solteiras.

– Peço licença – disse Gowan, fazendo uma saudação. – Vou cumprimentar lady Edith.

– Pode chamá-la de Edie – lembrou a condessa, com alegria, parecendo não ter se abalado com os comentários amargos do marido. – Ela prefere a informalidade em família.

Gowan sentiu aquela palpitação intensa e ansiosa que costumava ter no início de uma caçada. Esta era a mulher que lhe escrevera aquela carta. Era a mulher que se casaria com ele. Que havia escrito sobre dançar nos lençóis com ele.

Ao atravessar o aposento, de olhos grudados na sua prometida, o kilt

roçou-lhe as pernas, lembrando a ele que outras partes do corpo enrijeciam enquanto caminhava. Era uma surpresa erótica que nunca havia experimentado até então, algo que nunca sonhara ser possível.

Como se estivesse consciente de que Gowan a observava, Edie se virou e seus olhares se cruzaram.

Como ele podia ter acreditado que ela era casta, tranquila, submissa? Os olhos dela brilhavam, a boca estremecia, exalando sensualidade. Era como se ele estivesse encontrando uma completa desconhecida.

O desejo o consumia. A boca dela se abriu ligeiramente e ele percebeu que também fora reconhecido.

Pensara nela como se fosse um gole de água pura. No entanto, naquele momento, encarando-a, ela era um rio turbulento, vívido e perigoso. Ela mudaria a vida dele. Ela o mudaria por inteiro.

Por instinto, ele reagiu como os homens das Terras Altas sempre faziam diante da mulher que honravam acima de todas as outras. Sem perceber que o salão tinha mergulhado no mais completo silêncio, parou diante da noiva e abaixou-se, apoiando-se em um joelho, para então tomar a mão que ela lhe estendia.

– Senhorita – disse ele, com uma voz profunda e segura.

Não via ninguém além dela e sabia que ela também via apenas a ele. Com um puxão rápido e preciso, Gowan retirou a luva que Edie usava. Houve um suspiro em algum lugar, mas ele não deu atenção.

Não estavam se apresentando para uma plateia. Eram apenas os dois ali.

O duque ergueu a mão da jovem e levou-a até os lábios. Era um gesto imprudente, audacioso.

Ele não se importava nem um pouco.

Capítulo 10



Edie sentia-se como se estivesse encenando uma peça... algo maior do que ela mesma. Nada de dramático já acontecera com *ela*, com lady Edith Gilchrist. Até então, o momento mais empolgante de sua vida fora quando seu pai convidara um violoncelista para visitá-los, para que ele pudesse ouvi-la tocar.

Ao entrar no salão, tinha ficado feliz por encontrar Iris Smythe-Smith, que tocava violoncelo com maestria, tendo de alguma forma escapado da influência do quarteto familiar. Depois, sentira um estranho formigamento nas costas e por isso tinha virado a cabeça. E lá estava ele, caminhando em sua direção, seu futuro marido.

Foi como se os olhos de Edie tivessem grudado na figura dele e quisessem engoli-lo. As pernas de Kinross eram musculosas, bonitas, mais longas do que as dos ingleses presentes. O tórax dele era largo e os ombros pareciam ainda mais largos por causa do tecido xadrez jogado sobre eles.

E o rosto...

Era o rosto de um guerreiro, com um queixo marcante, de traços rudes, nada delicado. Por outro lado, os olhos eram impressionantes. Não havia emoção educada neles: apenas uma possessividade ardente.

Edie sentiu, de repente, como se ele estivesse olhando diretamente para ela, como se fosse o primeiro a fazer isso em toda sua vida. Era como se ele lhe contemplasse a alma e visse a verdadeira mulher que havia dentro dela. O coração de Edie parecia querer sair pela boca.

O duque se pôs sobre um joelho à sua frente. Tomou-lhe a mão, tirou-lhe a luva, beijou seus dedos.

Por um momento, Edie ficou tonta. O simples toque daqueles lábios era uma promessa de volúpia. Era o beijo que um cavalheiro errante daria numa dama antes de sair a galope para defendê-la. O beijo de um cortesão para a rainha de seu coração. Kinross havia se abaixado diante dela. Porém, ao

ajoelhar-se, tinha afirmado ser um homem nascido para o comando.

Então ele se levantou, demonstrando ser muito mais alto do que ela. Como não lembrava que o noivo tinha o tamanho de um pinheiro escocês? Talvez tivesse percebido, mas não dera atenção. Não notara que ele era tão grande sob todos os aspectos. Nem que era implacável.

Parecia o tipo de homem que via uma mulher e decidia se casar com ela na mesma hora. Não por questões práticas.

A ideia era absolutamente chocante – e encantadora.

– Lady Edith – disse ele, e ela se lembrou daquele sotaque das Terras Altas que parecia acariciar sua pele como uma canção de amor.

– Prefiro que me chamem de Edie – falou ela, esquecendo-se de recolher a mão desenluvada. E então: – Seu cabelo é *ruivo*!

Ele ergueu a sobrancelha direita.

– Sempre foi assim. Embora não seja tão vermelho se comparado com o da maior parte dos escoceses, senhorita.

– Nunca gostei de cabelo ruivo – afirmou ela, atordoada, porque daquele cabelo... daquele cabelo ela *gostava*.

Era da cor do aço fundido que contém fogo nas entranhas. Era o vermelho de uma fornalha à noite, da cor de carvão em brasa.

A gargalhada dele ressoou no salão e, como se fosse um sinal, as pessoas próximas se afastaram, julgando que o drama chegara ao fim.

– A senhorita não sabia que eu era ruivo e eu não sabia que era uma instrumentista.

– Toco violoncelo – contou ela, um pouco sem graça.

– Que instrumento é esse? – indagou ele, franzindo a testa.

– O quê? Que instrumento? Não conhece?

Os olhos dele voltaram a procurar os dela e então o riso dele a envolveu.

– Suspeito que tenha muito a me ensinar, lady Edie.

Ela franziu a testa.

– Está brincando ou realmente não sabe o que é um violoncelo?

– Entendo bem pouco de música em geral. Minha avó não aprovava frivolidades e temo que ela tenha classificado a música nessa categoria.

– Música não é uma frivolidade.

– Ela achava desnecessária à vida cotidiana, ao contrário de comida e de abrigo.

Edie debateu internamente se devia ou não comunicar ao futuro marido como a música era mais importante do que o pão, em seus padrões. Não parecia um ponto a ser destacado naquele momento. Tinha muita compostura, aquele duque. Viu faíscas de profunda emoção em seu olhar, embora permanecesse ao mesmo tempo bastante aristocrático.

E másculo.

Naquele momento, Edie percebeu que não se importava com a opinião dele sobre música. Estava mais interessada em saber o que ele achava do vestido cor de vinho. Seu lado feminino ronronava de satisfação com o jeito como ele segurava sua mão.

Gowan voltou a sorrir e seu olhar se mostrava tão potente que Edie sentiu o coração disparar mais uma vez.

– Acredito que esteja na hora de seguirmos para a sala de jantar.

Pegou a mão dela e deixou-a na curva do próprio braço.

Edie nem ouvira a chegada do mordomo anunciando a refeição, mas outros convidados já se preparavam para o jantar.

Kinross a olhou com o interesse genuíno de um músico que acaba de receber uma partitura nova, algo que ele nunca havia tocado antes. E Edie se sentia do mesmo jeito.

Era muito estranho.

O sorriso no rosto de Edie vinha do coração. O duque era o autocontrole em pessoa, porém, por um momento, ela flagrou um brilho fugidio de vulnerabilidade em seu olhar.

Não estava sozinha naquele redemoinho febril de desejo e curiosidade.

Seguiram para perto dos outros convidados, que formavam uma espécie de procissão, de acordo com as regras habituais de posição social. Seu pai e Layla tinham assumido lugares na frente. Kinross, sendo duque, ia diante deles. Terminaram logo atrás dos noivos, lady Honoria Smythe-Smith e o conde de Chatteris.

Gowan inclinou-se para ela. Edie sentiu seu hálito morno ao pé do ouvido.

– É tão musical quanto a noiva e sua família?

Edie não conteve o riso.

– Não!

Senti-lo tão próximo provocou ondas de choque que percorreram todo o seu corpo.

– Melhor ou pior?

Ela riu mais ainda.

– E se eu for pior?

Observou-o com os olhos entreabertos, apreciando o flerte.

Um sorriso foi surgindo lentamente no rosto do duque.

– Poderia suborná-la para não tocar?

– Nunca. Tocar violoncelo é o que eu mais amo no mundo – disse ela. E acrescentou: – E o senhor deve ficar sabendo que é a única coisa que sei fazer verdadeiramente bem.

– Também dança muito bem.

– Justamente porque sou uma musicista. Eu estava terrivelmente doente quando nos conhecemos. Percebeu?

Ele fez que não com a cabeça.

– Não fazia a mínima ideia até ler sua carta.

– Tive uma febre alta. Parecia que eu flutuava de um lugar para outro.

– Há quem diga que bailarinos levitam. – O riso provocava rugas nos olhos dele. – Achei-a maravilhosamente graciosa.

– Estava com medo de desabar – confessou ela. E em seguida: – Acho que a única parte da noite que eu realmente apreciei foi nossa valsa. O senhor dança muito bem.

– Como a senhorita.

Era assumidamente um duque. Parecia um nobre em cada traço de seu semblante, na graça inconsciente dos movimentos, no ar de autoridade. Ao mesmo tempo... havia algo mais em Kinross. Edie inclinou a cabeça, tentando entender o que seria, mas as portas da sala de jantar se abriram e a fila começou a avançar aos poucos.

Conversou bastante durante a refeição: com um cavalheiro mais velho à sua esquerda, com Kinross à direita, e de novo com o cavalheiro.

Quando não se falavam, Edie lançava olhares furtivos na direção do noivo. Ele parecia impassível, como se ninguém pudesse desvendar o que

estava sentindo naquele instante. No entanto, ela vislumbrara um traço de vulnerabilidade. Aquilo a deixara com um desejo imperioso de conversar com ele mais profundamente, para ver se conseguia vislumbrá-la outra vez.

O rosto de Kinross parecia ríspido quando não a estava fitando. Mas, a partir do momento em que os olhos dele encontravam os dela, a ferocidade desaparecia. Ela não sabia explicar *o que* havia nos olhos de Kinross, talvez algo de selvagem e de novo. Ninguém jamais a olhara daquele jeito.

Obviamente, não era a Edie sem graça que tocava violoncelo que ele enxergava ali. Via uma Edie vestida como Layla.

O duque moveu a perna, que esbarrou na dela e ali permaneceu. Ele lançou-lhe um olhar, com uma expressão perversamente sugestiva, e voltou para sua conversa. Não tinha sido sem querer.

Cada centímetro da pele de Edie despertou no mesmo instante. Embora aquele comportamento fosse completamente inapropriado, ela adorou. Nunca tinha sentido aquele tipo de desejo fulminante – aliás, para ser sincera, nunca sentira desejo algum a não ser por um violoncelo feito por Stradivarius. Segurou a taça de vinho e descobriu que seus dedos estavam trêmulos. Sentiu o calor subir à face.

Ele finalmente afastou a perna, voltou-se para ela e perguntou:

– Já leu *Romeu e Julieta*?

Edie fez que não com a cabeça. Havia tentado, depois de receber a carta dele, mas fora incapaz de entender qualquer coisa da peça. Era culpa dela, pois sempre desobedecera à preceptora e evitara as aulas de literatura. Não tinha tempo para ler. Tudo o que sempre quis foi tocar violoncelo. Acabara ficando um tanto ignorante.

Algo faminto no olhar dele fez com que ela mudasse de posição na cadeira.

– Não costumo ler muito – confessou. – Acredito que o senhor é o oposto neste aspecto.

– Minha avó, que me criou, não aprovava a leitura por lazer, mas considerava Shakespeare uma exceção. De modo geral, meus tutores ficavam ocupados demais me ensinando assuntos como contabilidade e reprodução animal, então não pude ir para a universidade. Acredite, sou muito menos culto do que possa imaginar.

Ela riu.

– Impossível. Sei quase tudo sobre violoncelo e quase nada sobre o resto.

– Sei muito a respeito de ser um duque e um proprietário de terras, e quase nada sobre música ou literatura. Mas me lembro do seguinte: quando viu Julieta pela primeira vez, Romeu a descreveu dizendo que era tão bela que ensinava às tochas como brilhar com mais intensidade.

– Não pode ter pensado isso sobre mim. Eu estava terrivelmente doente.

– Ainda assim, parecia uma espécie de tocha. Seu toque queimava minha pele.

Edie não podia acreditar que ele tivesse tantas tiradas perspicazes no meio de tanta gente.

Começava a se sentir ligeiramente sem equilíbrio. Os cílios dele eram belíssimos: espessos e retos. E os olhos a fascinavam. Em um momento, eram só arrogância aristocrática, e, no seguinte, um canalha despudorado a devorava com tanta voracidade e desejo que mais parecia que chamadas desciam por suas pernas. E havia ainda o fugidio senso de humor, uma astúcia particular que a fazia sentir vontade de rir com um prazer estarrecido.

– O que Julieta pensa de Romeu ao vê-lo pela primeira vez? – perguntou Edie, recompondo-se. – Ela também pensa nele como uma tocha ardente?

– Ah, ela gosta bastante dele – contou Kinross. – Provavelmente não considerou o momento tão impactante quanto ele.

– Por que não? – indagou ela. – O que Romeu sentiu?

– O sujeito se transforma completamente, para sempre – explicou Kinross. – Ele chega ao baile apaixonado por outra dama...

Edie franziu a testa.

– *Verdade?*

– Ele sim, mas eu não – respondeu o duque, com franqueza.

Edie não conseguia parar de sorrir, apesar de perceber que nunca tinha sorrido daquele jeito antes. Era um sorriso de Layla.

– Romeu acredita estar apaixonado, então ele vê Julieta.

– Ela arde com o calor de uma tocha e por isso ele esquece o amor anterior? – quis saber Edie, risonha.

– Algo assim.

A voz dele parecia conter uma risada rouca também.

Edie já tinha notado que ele não era muito de rir. A vida era uma coisa séria para o duque, ela percebeu por instinto. Ele era tão determinado quanto

ela, embora Edie não estivesse tão segura sobre seu objetivo.

– Ele é vítima do desejo. Arrisca-se a beijá-la por trás de uma coluna, mesmo quando tal beijo pode significar sua morte.

– Parece radical – comentou Edie.

Não conseguia parar de olhar para ele, para seus olhos, as maçãs do rosto, o nariz, o queixo. Tinha consciência de que, se alguém fora vítima do desejo ali, havia sido ela. Porém, de algum modo, não se sentia constrangida.

– Romeu joga tudo para o alto pela chance de beijar a mão dela.

– Ele teria sido morto apenas por beijar a mão de Julieta?

– As famílias eram inimigas. Mas ele não beijou somente a mão.

Um brilho no olhar do duque acendeu uma verdadeira fogueira nas entranhas de Edie.

– Ele a leva para trás de uma coluna e lhe dá um beijo na boca.

Edie engoliu em seco.

– E então a beija novamente.

– Isso é muito... – Edie não conseguiu encontrar a palavra certa.

– Ele a teria beijado durante a noite toda, mas alguém a chama. Romeu nem sabe quem ela é. Mas sabe que ela é *dele*. – O olhar do duque era quente e possessivo. – Então, mais tarde, Romeu pula o muro que cerca a casa da jovem e volta a arriscar a vida para encontrá-la na varanda do quarto dela.

– Ah, já ouvi falar dessa cena – comentou Edie, obrigando-se a romper o encanto da voz dele.

Se continuasse daquele jeito, ela acabaria implorando para que ele a beijassemos diante de todos os comensais.

– Julieta pede que ele se case com ela – concluiu Edie.

O duque balançou a cabeça. Sob a mesa, seus dedos se entrelaçaram nos dela.

Edie deu um salto e outra onda de sangue quente subiu ao seu rosto.

– Não – disse Kinross, como se não estivesse fazendo nada tão audacioso e escandaloso. – Essa interpretação está incorreta. Todos partem do princípio de que Julieta era uma mulher descarada, porque perguntou se ele planejava se casar com ela. Mas os dois sabiam da verdade.

O polegar dele acariciava a palma da mão de Edie. Ela descobriu que

tremia um pouco.

– Ela sabia e ele sabia – continuou o duque com a voz baixa e segura. – Romeu pulou o muro porque queria beijar Julieta mais do que queria viver. Ele subiu até a varanda, ofereceu seus votos. Nessa situação, o casamento nada mais é do que uma formalidade.

Edie ouvia a risada de Layla e o barulho dos talheres na louça. Deveria ter lido a maldita peça. Deveria ter passado horas lendo Shakespeare. O duque fazia a literatura parecer bem mais interessante do que sua preceptora.

– Sem Julieta, a vida não valia a pena – continuou ele. – Então, quando acreditou que ela estava morta, Romeu se matou.

– Uma atitude um tanto extrema – murmurou Edie.

Em algum momento, alguém ia reparar que seu noivo estava segurando sua mão. Do outro lado da mesa, Layla flertava loucamente com um homem que não era o pai de Edie.

– Na verdade, eu também costumava pensar que Romeu devia ser louco.

Edie sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. O duque parecia... parecia ter decidido que Romeu era inteiramente são. Aliás, o *duque* é que não parecia inteiramente são. Parecia faminto.

– Pare com isso – sussurrou ela. – Não deve agir desse modo.

Ela puxou a mão da dele.

Gowan sorriu para ela com um olhar tão feliz quanto insano.

– Sou escocês.

– E o que isso tem a ver?

– Há quem diga que Romeu tinha sangue escocês.

– Ele não era italiano? Para mim, parece um italiano de sangue quente.

Kinross estreitou os olhos.

– O que sabe a respeito de italianos de sangue quente?

– Nada – respondeu Edie, surpresa. – Por quê?

– Os italianos são ciumentos.

Ele pegou a taça e tomou um gole de vinho tinto.

– Ouvi falar – disse Edie, bebericando da sua taça.

Os olhos deles reluziam como gelo.

– Os italianos não são nada se comparados aos escoceses.

Edie voltou a olhar à sua volta. As conversas se desenrolavam em torno da mesa e ninguém tinha percebido que ela e o duque estavam rompendo todas as regras de etiqueta ao permanecerem completamente absortos um no outro. Para não mencionar que ele voltara a capturar sua mão e a acariciava com o polegar.

Edie conseguiu arrancar os pensamentos para longe das carícias daqueles dedos.

– Podemos deixar a literatura de lado e tentar conversar racionalmente? O senhor pretende ser um daqueles maridos que gostam de acusar a esposa de traição?

– Não. – Ele deu um sorriso torto. – Estou dizendo asneiras, não é?

– Um pouco, talvez – reconheceu Edie.

– Nós, os escoceses, somos uns tolos – admitiu ele, embora, para Edie, ele tenha se mostrado esperto demais.

Ela acenou para Layla, que se inclinava na direção de seu companheiro de mesa, o busto roçando na manga dele.

– Não acho graça nesse tipo de acusação. Por motivos óbvios.

Os olhos de Kinross seguiram os dela.

– Não acho que sua madrasta seja infiel. Talvez seu comportamento extravagante seja uma tentativa pouco sábia de conquistar a atenção do marido.

Edie sentiu uma onda do que parecia ser alegria. Gowan não era apenas racional, mas também intuitivo. Descobriu que estampava um sorriso torto no rosto.

– Exatamente.

– Não é por estar sujeito a sentir ciúme que eu estaria propenso a reagir.

– Ah.

Edie não parava de sorrir.

Mas achava que eles tinham que esclarecer esse ponto, pois se recusava a passar a vida com um marido que ficasse furioso todas as vezes que ela conversasse com outro homem. Voltou a baixar o tom de voz, embora ninguém estivesse prestando atenção.

– Nunca serei infiel a meu marido... ao senhor.

Edie nunca soubera que os olhos de um homem podiam brilhar tanto quanto brasas em chamas.

– Nem eu.

– Então se um italiano de sangue quente aparecer em seu castelo... Aliás, o senhor tem um castelo?

– Sim.

– Se o tal italiano decide piscar seus belos cílios para mim durante uma refeição...

– Talvez eu o expulse para o condado vizinho – disse o duque, inexpressivo.

Edie o examinou com atenção.

– O senhor costuma ser sempre assim? Tive a impressão de que administra uma grande propriedade. Não consigo imaginar como pode cuidar de negócios e ao mesmo tempo ser propenso à violência.

– São cinco propriedades, na verdade. Sou o juiz de paz de dois condados. Diria que costumo ser conhecido pelo pensamento racional, pela prudência e pela cuidadosa consideração de todos os lados de uma questão.

Edie ergueu uma sobrancelha.

Gowan chegou mais perto e agarrou a mão dela com mais força.

– Talvez seja porque ainda não é *minha*. Não pretendo voltar a falar de Shakespeare, mas Julieta diz ter adquirido a mansão de um amor sem tê-la possuído ainda.

Ele também baixou o tom de voz e Edie foi tomada novamente por aquela sensação peculiar de estar se afogando no olhar dele.

Então as palavras fizeram sentido.

– Acabou de dizer que me *adquiriu*? – E então soltou um “ai” ao tentar livrar a mão. – Pegou-me com muita força.

– Não quis dizer que paguei por você, muito pelo contrário. Mas Julieta diz que adquiriu Romeu.

– Então fui *eu* que comprei o *senhor*?

Edie até que gostava da ideia.

– Mas ainda não tomou posse.

A voz dele era rouca, grave, o som de um homem que sentia prazer ao

inverter os papéis, um homem completamente confiante na própria masculinidade. O calor erótico de sua voz dissolveu-se no sangue de Edie, como se fosse uma bebida envenenada.

– Gosto de Julieta. Sabe, eu sempre quis ter um cachorro, mas acredito que um homem pode cumprir o mesmo papel. – Ela riu. – Meu quarto aqui em Fensmore tem até uma varanda.

O modo como ele a encarou quando ela disse aquelas palavras a fez corar outra vez.

– Não falei com essa intenção!

– A questão de ser possuído é uma via de mão dupla. Julieta também afirma que foi vendida, mas ainda não apreciada.

– Não tinha ideia de que as peças de Shakespeare fossem tão...

– Tão o quê?

O duque tomou outro gole de vinho.

De algum modo, ele conseguia parecer calmo, até sereno, apesar de acariciar o pulso dela sob a mesa.

– Sensuais – completou ela, pigarreando.

– Pois bem – disse ele, abrindo um sorriso. – Nas circunstâncias corretas, lady Edith, tudo pode ser sensual.

Edie começou a pensar na quantidade de amantes que Kinross deveria ter tido. Provavelmente sussurrara versos de amor ao pé do ouvido de escocesas desde os 16 anos. Quase abriu a boca para perguntar, mas percebeu que algumas perguntas não deveriam ser feitas.

Sentiu um aperto. Ninguém nunca se dera ao trabalho de lhe escrever versos. Ela era uma completa ignorante em relação àquelas coisas.

– A senhorita me contou que prefere ser chamada de Edie – comentou ele.

Ela assentiu.

– Ficaria honrado se me chamasse de Gowan.

Edie voltou a assentir e então vislumbrou uma jovem sentada diante dela. Fitava os dois com inveja nítida. Quando Edie a encarou, ela sussurrou:

– Você tem muita sorte.

Edie sorriu em agradecimento e olhou de esguelha para Gowan. Ele, por fim, se voltara para conversar com a dama à sua direita.

À luz das velas, a pele dele reluzia como mel. O cabelo permanecia atrás das orelhas, um toque de vermelho combinando com seus lábios cor de cereja. Parecia descender de uma longa e nobre linhagem de guerreiros.

Edie começava a se sentir estranha. Esse tipo de coisa não costumava acontecer com *ela*. Passava os dias tocando um instrumento musical indecoroso e discutindo com o pai. Sim, era bonita, mas não particularmente sensual. Nunca havia pensado que chamaria a atenção de um homem como aquele, eroticamente autoconfiante, porque não era uma mulher que sabia flertar ou lançar olhares sedutores. Não tinha a menor ideia de como fazer isso.

Será que o duque tinha o hábito de cumprimentar todas as mulheres – ou pelo menos aquelas que estivesse determinado a seduzir – com essa poesia intensamente sedutora? Quantas outras já teriam sido comparadas a Julieta?

Ela aguardou até que ele concluísse a conversa. De sua parte, negligenciava de forma constrangedora o cavalheiro à sua esquerda.

– Não sou assim na maior parte do tempo – revelou ao duque.

Gowan caiu na gargalhada.

– Tenho a sensação de que o senhor tem me visto sob uma série de disfarces. Primeiro, eu era calma e serena, toda de branco...

– Como um anjo – disse ele, e sua voz apresentou aquela vibração que fez Edie voltar a sentir calor.

– Mas não sou um anjo – obrigou-se a dizer Edie. – Não sou exatamente tranquila, embora tenha profunda aversão a conflitos. E esta noite... – Apontou para o vestido. – Também não sou eu.

– Sedutora? – perguntou ele. – Estou seduzido.

Edie agora compreendia como Casanova conquistara sua reputação: devia ter aquela capacidade incrível de flertar com uma mulher com tanto desejo no olhar que a fazia desabar em sua cama.

Ela voltou a se recompor.

– Um pouco como a rainha da Babilônia. Na verdade, sou bem mais comum do que isso.

– Eu também não costumo vestir kilt. Gosto de usar as cores de meu clã, mas o vento pode me fazer sentir um frio dos diabos nas pernas.

Edie sorriu.

– O kilt lhe cai bem.

Nenhuma mulher em seu juízo perfeito seria capaz de desdenhar do traje quando usado por aquele homem.

– E esse vestido também lhe cai bem.

Houve um momento de silêncio carregado de desejo.

Ele baixou a voz.

– Eu gostaria de baixar as mangas do seu vestido.

Edie mordeu o lábio, respirando com dificuldade.

– Gostaria de lambê-la, da boca até...

– Pare de falar assim! – sussurrou Edie. – E se alguém escutar?

– Haverá um escândalo. Talvez sejamos obrigados a nos casar imediatamente. Devo provocar um escândalo, minha dama?

Os olhos dele estavam iluminados por uma emoção mais intensa, mais quente do que simples bom humor. Edie ficou paralisada, atordoada com a ferocidade que via naqueles olhos. Como aquilo havia acontecido... entre os dois? O que era *aquilo*?

As pessoas realmente se apaixonavam assim, depois de pouco mais de alguns minutos de conversa? Poderia *ela* se apaixonar por um homem apenas porque ele era belo e ficava bem de kilt? Claro, ele também era inteligente, tinha aquela voz, aquela risada secreta, e era divertido... Além disso, ele a queria. Gowan a queria mais do que ela poderia ter imaginado.

Sim.

Sim, ela poderia se apaixonar.

A anfitriã levantou-se. O jantar estava encerrado. Os cavalheiros se reuniram para tomar vinho do Porto na biblioteca, enquanto as damas se recolheriam à sala de música para o chá.

Edie não respondera à pergunta dele. O duque estendeu-lhe a mão para ajudá-la a se levantar.

– Não quero esperar mais quatro meses para me casar – confessou ele, tomando as mãos dela nas suas.

Parecia prestes a abandonar toda a etiqueta e beijá-la ali mesmo. Aquilo, *sim*, seria um escândalo.

– Meu pai parece não aprovar noivados curtos.

Edie ficou chocada ao perceber que estava sem fôlego como uma garota boba de 16 anos.

Absorveu a expressão do rosto de Gowan, como se houvesse música correndo por suas veias.

– Talvez eu consiga convencê-lo a mudar de ideia.

Um grande *crescendo* de notas musicais fluiu sobre ela e pairou entre os dois.

– Tudo bem – sussurrou ele. – Tudo bem.

Não estava certa do que tinha acabado de fazer, mas havia um brilho de alegria nos olhos dele. E isso bastava.

Capítulo 11



Gowan seguiu para a biblioteca com os outros cavalheiros, bem consciente de que estava incapaz de falar. Sentia-se como se tivesse levado um soco, desmaiado e despertado em um mundo diferente.

Como se tivesse despertado no meio de uma peça.

Talvez ele *fosse* Romeu. Talvez tudo terminasse com a morte dos dois.

O mais chocante era que ele conseguia pensar naquilo sem se abalar muito. Se Edie morresse...

Em que diabo ele estava pensando? Ainda nem tinham se casado. Ele mal a conhecia. O pai de Edie estava sozinho, de pé, com o olhar perdido nas chamas da lareira. Gowan aceitou um cálice de vinho do Porto e se juntou a ele.

– Lorde Gilchrist.

– Não tenho mais certeza de que seja o homem certo para minha filha – disse o conde de forma abrupta.

– Lamento ouvir isso, mas temo que seja tarde para voltar atrás. Casarei com lady Edith.

A força do ducado estava presente em seu tom.

Por trás de uma breve irritação e arrogância aristocrática – quem o conde pensava que era para colocar o noivado em xeque? –, havia algo mais primitivo: Edie lhe pertencia, e se fosse necessário voltar às tradições dos pictos, antigos habitantes da Escócia, tirá-la da Inglaterra e levá-la para a Escócia no lombo de um cavalo... ele o faria.

O conde o encarou com intensidade e voltou o olhar para o fogo.

– É disso que estou falando.

– De quê?

– Está consumido pelo desejo, não está? Edie pôs aquele vestido, que na

verdade pertence à minha esposa, e agora o senhor perdeu a cabeça.

– Algo assim – concordou Gowan.

– É um desastre – disse Gilchrist, com a voz pesada. – Um desastre.

Gowan abriu a boca para contrariá-lo, mas o conde prosseguiu.

– Eu o escolhi exatamente por achar que era improvável que sucumbisse à paixão. Posso afirmar por experiência própria que as paixões da carne não servem de base para um casamento.

– Ah.

Gowan ainda tentava encontrar um meio de responder àquele comentário feroz, quando o conde voltou a falar.

– Minha filha é uma musicista dedicada. Eu desejava um casamento racional para ela. Um casamento em que o marido respeitasse seu talento... sua *genialidade*.

– Genialidade?

Gowan pousou o cálice sobre a lareira.

– Ela toca violoncelo como nenhuma outra mulher neste país e como pouquíssimos homens.

Gowan não conhecia nenhuma mulher que tocasse o violoncelo – para ser sincero, também não conhecia nenhum homem –, mas sabia que era melhor não contrariar um sujeito cuja expressão combinava sentimentos como orgulho e fúria.

– Edie toca melhor do que eu, e imagino que teria tido uma excelente carreira se não houvesse nascido aristocrata. Se não fosse minha filha, ela poderia estar tocando nas maiores salas de concerto do mundo. Sabe quem me disse isso?

Os olhos pareciam tão ferozes quanto seu tom de voz.

Gowan fez que não com a cabeça. Por que diabo deveria saber? Ele mal sabia o que era um violoncelo.

– Robert Lindley!

A expressão do duque devia ter traído sua ignorância.

– O maior violoncelista da Inglaterra – completou Gilchrist, com indiferença. – Edie tocou para ele... em particular, é claro... e ele me revelou que, se não fosse uma mulher, ela rivalizaria com o próprio filho. Na verdade, penso que ela seria uma rival à altura dele, e não de seu filho.

– Não tenho muito conhecimento sobre música – disse Gowan, pigarreando –, mas fico encantado com o fato de que a futura duquesa possui um dom como esse.

O conde abriu a boca, e então a fechou com determinação.

– Não posso fazer nada – comentou Gilchrist, com desespero na voz. – É a única descendente de minha linhagem. Deve se casar.

O rosto do homem estava desfigurado pelo arrependimento. Que diabo ele achava que Gowan faria? Que jogaria o violoncelo de Edie pela janela? Não que ele soubesse como era um violoncelo. Era um tipo de instrumento de cordas, imaginou. O único que conhecia era o violino.

Gowan perdeu a vontade de beber vinho, e não queria passar mais tempo na companhia de Gilchrist, que estava ficando transtornado de um jeito que não lhe agradava.

Havia algo mais, pensou, algo a ver com o relacionamento turbulento entre o conde e a condessa, que em nada dizia respeito a Edie. Com base nas cartas inteligentes de Edie, ele podia, sim, afirmar que estava se casando com a mulher certa. Sem dúvida, ela aprendera a valorizar a comunicação racional precisamente por suas opiniões acerca do casamento do pai.

Gowan fez uma reverência.

– Com licença, lorde Gilchrist, creio que vou dar uma caminhada pelos jardins.

O conde meneou a cabeça sem tirar os olhos do fogo.

O duque deixou a biblioteca por uma porta lateral e saiu, iniciando uma inspeção lenta e cuidadosa de Fensmore. A propriedade dos condes de Chatteris era feita de tijolos e pedras, algumas adicionadas por ancestrais sábios, outras por tolos.

Cerca de uma hora depois, ele já havia apreciado os dois pátios, o extenso gramado dos fundos, a quadra de tênis, o labirinto de cerca viva e... as varandas.

Havia seis no total. Duas contemplavam um pátio interno, e quatro estavam voltadas para o gramado. Todas eram acessíveis, embora ele não fosse suficientemente tolo para arriscar sua vida escalando a trepadeira. As que tinham vista para o pátio, analisou ele, provavelmente haviam sido construídas há pouco tempo. As quatro que ficavam nos fundos eram bem mais antigas e deviam pertencer à primeira encarnação da casa. Pareciam mesmo o balcão de Julieta.

Sua astúcia lhe dizia que as antigas varandas correspondiam aos quartos

destinados ao senhor e à senhora, bem como aos dois maiores e mais grandiosos quartos de hóspedes. Edie não deveria ter sido designada para nenhum deles, pois não fazia parte da família nem era amiga íntima de lady Honoria.

Gowan voltou ao pátio e mais uma vez examinou as varandas internas, que tinham balaustradas de mármore. Eram, determinou ele, fortes o suficiente para suportar uma corda.

Percorreu novamente os jardins raciocinando sem parar. Jamais desonraria sua futura duquesa. Isso não queria dizer que ficaria satisfeito em dormir sob o mesmo teto de sua noiva sem lhe dar um beijo de boa-noite. Um beijo casto e carinhoso, naturalmente.

Era perturbador aquilo que acontecera entre ele e Edie. Foi como ser surpreendido por um vendaval. Pensar nela lhe provocava uma fome aguda, um aperto na boca do estômago. Quando os dedos dela lhe roçaram a mão, um toque sensual e fugaz que logo se afastou como um cervo assustado, um fogo dentro dele foi aceso. Estava esfomeado. Fora de controle.

Obrigou-se a caminhar pelos jardins por mais meia hora, recorrendo ao ar fresco da noite para tranquilizar o corpo. Depois, voltou a se encontrar com os cavalheiros. Chatteris o chamou e eles se retiraram para um jogo de bilhar em seu escritório, seguido por outro amigo de infância dos dois, Daniel Smythe-Smith.

Jogaram em silêncio, até que, depois de encaçapar uma bola, Chatteris endireitou-se e falou abruptamente:

– Vi como falava com sua noiva durante o jantar.

Gowan o encarou.

– Eu estava sentado ao lado de lady Edith. Naturalmente, conversei com ela.

– Parabéns – disse Chatteris. – Lady Edith é mesmo muito bela.

Chatteris posicionou o taco e, com habilidade, encaçapou outra bola, que ficou pendendo numa bolsa, num dos cantos da mesa.

– Quando planeja se casar?

– Em quatro meses – respondeu Gowan. A ideia, porém, não lhe parecia mais tão palpável. – Ou talvez um pouco antes.

– Eu não era o único a observá-lo. O pai da dama não parecia feliz.

Gowan deu de ombros.

– Os documentos foram assinados, embora o conde preferisse que o casamento da filha se limitasse a ser um domínio da frieza dos aspectos práticos.

Chatteris encaçapou outra bola.

– A conversa não parecia ser, digamos, desprovida de emoção.

Gowan recusava-se a fingir que seu casamento era por conveniência. Aquilo mancharia o sentimento cada vez mais intenso que havia entre ele e Edie. Contentou-se em retorquir:

– O seu também é meramente prático, como pude perceber no início da noite.

O sorriso de Chatteris revelou que ele sabia precisamente o que Gowan queria dizer.

– Somos homens de sorte, nós dois. – Sua bola ricocheteou e parou. – Assim como você – acrescentou, acenando para Smythe-Smith, cujo casamento aconteceria dentro de mais ou menos uma semana.

Gowan posicionou a bola.

– Minha noiva disse que fora instalada em um quarto com varanda. – Ele olhou para Chatteris. – Imagino que a janela se abra para o pátio interno.

O conde franziu a testa.

– Não tenho ideia.

– Ah, pelo amor de Deus – interferiu Smythe-Smith. – Se lady Edith tem uma varanda, deve ter vista para o pátio interno, pois meus pais ocupam os cômodos que dão para os jardins. Você *não ia* querer cometer o erro de escalar o balcão da minha mãe, Kinross.

Chatteris apoiou-se na mesa, ignorando o futuro cunhado.

– Acredito que eu o conheça a vida toda, Kinross.

– Desde os 8 anos. – Gowan acertou a bola no buraco. – Foi numa festa, nesta mesma casa, pelo que me recordo.

– O que torna um prazer especial vê-lo ser vitimado por uma flecha disparada por uma criança vendada.

Estaria ele se referindo ao Cupido? Não era uma suposição pouco razoável.

– O roto falando do esfarrapado – retorquiu. – Afinal, Smythe-Smith está correto em relação ao balcão?

– É só uma suposição – disse Chatteris –, mas por que não poderia tomar o caminho mais simples? Como a escada, por exemplo?

Gowan ergueu os olhos, sabendo que continham uma malícia travessa que o amigo nunca testemunhara antes.

– Preferia surpreendê-la. Conversamos sobre peças de teatro durante o jantar.

– Ah, era sobre *isso* que falavam? – O conde caiu na gargalhada. – Posso lhe assegurar que metade dos comensais julgaram que não havia nada de literário na conversa.

– Era uma conversa letrada, posso garantir. *Romeu e Julieta*.

– Ah, coisas perigosas, esses balcões...

Gowan encaçapou outra bola.

– Estou em boa forma.

– Imagino que a velha escada da garagem de carruagens continue por lá, como nos tempos em que éramos crianças – sugeriu Smythe-Smith, rindo.

– Tenho certeza de que uma escada não alcançaria aquela altura – refletiu Gowan.

– Uma escada de corda – explicou Smythe-Smith. – De crina de cavalo, aliás. Talvez tenha sido feita com esse objetivo.

– Acho que a sugestão é extremamente inadequada – argumentou Chatteris.

– Bobagem! – retorquiu Smythe-Smith, cutucando o amigo. – Vai estar casado amanhã e eu tenho apenas uma semana a mais, enquanto o pobre Kinross contempla meses de espera, talvez mais. – Ele voltou-se para Gowan, com os olhos vivos e travessos. – Vou pedir que alguém a pegue. Meu criado cuidará do assunto sem que a aia da dama tome conhecimento.

Gowan matou a última bola, levantou-se e encontrou o olhar de Smythe-Smith. Caiu na gargalhada.

– Você já usou essa escada!

– Não tenho nada a comentar – disse o homem, revirando os olhos.

Ele se virou.

– As damas vão se recolher em uma hora, mais ou menos. Considere este meu presente de casamento.

Gowan observou Smythe-Smith atravessar o aposento, seguido pelo

conde. Os dois eram sujeitos bastante bem-apessoados.

Ele sentiu uma súbita onda de felicidade por Edie não ter debutado no ano anterior, ou mesmo antes. E se ele só a tivesse conhecido como lady Chatteris?

Inconcebível.

Assim que se casassem, ele poderia beijá-la até na mesa do jantar se quisesse. Em Craigievar, ninguém lhe negaria nada se ele ordenasse que os lacaios os deixassem a sós de modo que pudesse possuir a esposa na própria mesa.

Com um grunhido silencioso, Gowan percebeu que o efeito tranquilizador do passeio nos jardins tinha passado por completo.

Capítulo 12



Edie preparou-se para dormir como se estivesse num sonho. Banhou-se, vestiu uma camisola e um robe, então sentou-se num banco para que Mary retirasse todos os grampos do cabelo e o escovasse.

Gowan era uma combinação muito estranha: sério e intenso, com um leve toque de humor irônico. O coração dele era sincero. Por outro lado, era um homem complexo que, na avaliação dela, não se deixava revelar.

– Gostaria de deitar-se agora, senhorita? – perguntou Mary.

– Ainda não – respondeu Edie, sorrindo para ela. – Primeiro, preciso praticar um pouco. Obrigada. Por hoje é só.

Depois que a criada foi embora, Edie tirou o violoncelo de seu descanso, perto da parede, e começou a afinar as cordas. Apesar do cansaço, precisava tocar durante uma hora por dia, no mínimo. O dia seguinte, com a cerimônia de casamento, seria totalmente perdido.

Anos antes, quando havia começado a recusar viagens sem o violoncelo, o pai mandara construir um estojo especial, estofado e revestido de veludo, quase uma duplicata do que ele usava. Os instrumentos viajavam numa carruagem separada, e os estojos de proteção eram tão pesados que eram necessários dois lacaios para carregá-los da casa para o veículo.

Edie começou com Vivaldi. Não estava se saindo bem com o “Inverno”. Meia hora depois, concentrava-se em como deveria manipular o arco, tocando dois compassos repetidas vezes, até ficar satisfeita.

Então, recomeçou a música, pretendendo tocar a peça inteira antes de se permitir o descanso. Estava tão concentrada que levou um susto quando um súbito golpe de vento entrou pela porta que se abria para a varanda, soprou a partitura e jogou no chão algumas páginas. Ela falhou no dedilhado e praguejou baixinho antes de recomeçar.

Uma brisa tornou a agitar as páginas, mas dessa vez Edie não perdeu o passo. Estava quase no fim quando a porta para o corredor foi aberta sem

aviso. Edie ergueu a cabeça fazendo uma careta. Mary sabia muito bem quanto ela detestava ser interrompida durante os estudos.

Mas não era Mary. Era seu pai, carregando o próprio violoncelo. O rosto do conde estava tenso, o olhar sombrio.

Ela ergueu o arco e acenou para a cadeira do outro lado do fogo, perto da janela. Enquanto ele atravessava o aposento com o instrumento, ela puxou a camisola para baixo a fim de cobrir as pernas. Como costumava tocar antes de dormir, todas as suas camisolas tinham uma fenda alta que libertava suas pernas e, ao mesmo tempo, permitia que se mantivesse decente.

O pai compreendia as limitações de tocar o instrumento de lado. Nenhuma musicista séria poderia tolerar as restrições aos movimentos do braço.

Ele se sentou e passou o arco nas cordas, afinando o instrumento no mesmo tom do de Edie.

– O novo arranjo para o *Concerto Italiano*, de Bach? – sugeriu ela.

Os duetos eram a alma do relacionamento entre pai e filha. Quando pequena, Edie adorava as visitas que o conde fazia a seu quarto no início da noite. Começara a se esforçar na música para ganhar um sorriso do pai... mas continuou a estudar porque virou sua paixão.

O conde nunca tinha sido muito bom com demonstrações de afeto. No entanto, visitava a filha todas as noites, sem falta, e lhe ensinara a tocar. Em dado momento, nada mais havia para ser ensinado, mas continuaram a estudar juntos.

Ele assentiu silenciosamente, concordando com a sugestão. Sacaram os arcos simultaneamente, pois já tocavam juntos havia tanto tempo que seus hábitos se igualaram sem nem mesmo terem consciência disso. A peça que Edie sugerira era poderosa e intensa, as notas profundas quase soluçando das cordas.

Ela tocava o contraponto, suas notas dançando em torno das dele, desenhando a severa linha do baixo, combinando-a com a melodia, tecendo um fio de luz do sol à meia-noite. O pai estava sentado diante dela, a expressão tomada por uma mistura de alegria e intensa concentração.

No meio da peça, porém, o vento voltou a agitar a partitura e Edie ergueu os olhos. O arco quase vacilou, apesar de o arranjo exigir que suas notas superassem a performance potente do pai. Sua total absorção era uma felicidade, pois, para sua completa surpresa, viu Gowan de pé na varanda, junto às portas abertas, atrás de seu pai.

Edie sentiu a mão esquerda vacilar nas cordas do instrumento, enquanto fitava o duque de Kinross. Então, seu pai ergueu o arco e a música parou abruptamente, deixando que as notas de Edie caíssem como versões mais exíguas do que deveriam ser. Teria ele ouvido algo? Ela ergueu o arco também, com dificuldade para respirar.

– *Da capo?* – perguntou ele.

Para seu alívio, não havia nenhuma suspeita na voz do pai, apenas o reconhecimento de que ela não estava mais *dentro* da música. Não era de espantar: como poderia manter a intensa concentração necessária para uma peça daquele porte quando seu noivo tinha se materializado, como um fantasma escocês, 7 metros acima do solo, no pequeno balcão do lado de fora de seu quarto? Como diabo ele havia chegado ali?

Se o pai se virasse...

O lado vaidoso de Edie queria que Gowan acreditasse que ela era uma mulher sensual, cujos lábios escarlates anunciavam como era seu eu interior. Edie tentou ajeitar a camisola, mas acabou por abri-la, expondo a perna esquerda. O pai nunca perceberia. Nenhum músico olha para o lado enquanto toca. Na verdade, ele fechava os olhos enquanto tocava.

– Sim – respondeu ela. – Ou melhor, *não*. Em vez disso, vamos tocar o “Largo”, do *Concerto em Sol Maior* de Vivaldi. Eu estava trabalhando no arranjo de Melchett pouco antes de o senhor chegar.

– Precisa da partitura?

– Não. Trabalhei bastante nela no mês antes de adoecer. Tenho tocado o segundo violoncelo, então se puder fazer o primeiro...

O pai assentiu.

– Lembre-se do lirismo da música, Edie. Da última vez, você estava concentrada demais no dedilhado e não ouvia o que a peça queria dizer.

O cansaço tomara conta da voz dele.

Tranquilizada ao perceber que o pai ignorava a presença de Gowan no balcão, Edie relaxou um pouco e permitiu-se encarar o duque de novo. Ainda estava ali, silencioso, uma silhueta desenhada contra o céu. O sentimento que ela nutria por ele era bem estranho.

Encontrar seu olhar, perceber o brilho malicioso... ela sentiu algo tão forte tomar-lhe o corpo e o coração que só podia ser comparado à ocasião em que ouviu um violoncelo pela primeira vez.

O pai abaixou a cabeça e reposicionou o arco. Edie fez movimentos

longos e lentos, na primeira seção, e mergulhou na música.

Queria que Gowan compreendesse sua paixão, que percebesse que não se tratava de um simples passatempo. Assim, ela o tirou da cabeça e voltou-se para a música, carregando o peso dos anos de experiência. Naquele momento o arco executava uma elegante sequência de notas que se faziam ouvir sobre a melodia do pai, fornecendo um contraponto grandioso.

Devagar, a melodia os envolveu, assumindo o ar e destilando sons tão doces que mais pareciam emoções audíveis. O corpo de Edie acompanhava a movimentação do arco. Aproximavam-se da parte mais difícil da peça. Edie abaixou a cabeça, garantindo que seus dedos saltassem perfeitamente de uma nota à outra.

Ela não errou. Nunca tinha trabalhado tão bem com o arco. O pai não a fitou, mas a percepção de instrumentista de Edie lhe dizia que uma profunda alegria atravessava a mente dele. A tensão tinha desaparecido, e ele respirava música, criava música. Os últimos compassos foram inspirações profundas, música e ar rodopiando juntos.

Quando a última nota flutuou pelo ar da noite, o pai finalmente ergueu a cabeça. Edie ajeitou a camisola para cobrir a outra perna, enquanto se esforçava para não desviar o olhar para a varanda atrás dele.

– Você estava certa – disse ele, levantando-se. – Aprendeu mesmo esta obra.

Foi um grande elogio.

Edie sorriu para ele. Costumavam ter atritos, mas ela o amava profundamente. E sob toda a rigidez dele, sabia que o pai a amava.

– Obrigada – falou ela, com suavidade. – Boa noite, papai.

Ele meneou a cabeça, um instrumentista saudando outro.

– Boa noite, filha.

Gilchrist pegou o instrumento, atravessou o aposento e saiu sem dizer mais nenhuma palavra.

Edie fechou a porta do quarto e se virou. Gowan tinha se dissolvido na escuridão. Conseguia ver apenas a silhueta desenhada contra o céu estrelado. Em vez de se dirigir a ele, recostou-se na porta e, como uma cortesã, deixou que uma perna aparecesse sob a fenda da camisola.

– Vossa Graça – cumprimentou ela. – Estou surpresa por ter um visitante a esta hora da noite.

Gowan entrou no aposento.

– Eu também estou surpreso.

– O que o surpreende?

Ela permaneceu no lugar, encorajando-o a se aproximar.

A música inebriava Edie, ela sempre soubera. Só que nunca tinha percebido que poderia levar a uma intoxicação, fazendo suas veias cantarem. Esse sentimento novo, mais profundo, lhe dava vontade de tocar o homem como se ele fosse um instrumento. Ou deixar que ele a tocasse... Não estava muito certa. Era um tipo desconhecido de loucura, mas que a preenchia.

Como o sangue em seu corpo, como a música em sua alma.

Loucura.

– Seu pai me contou que seu talento se equipara ao do maior instrumentista da Inglaterra.

– É meu pai. Ele exagera.

– Pelo que concluí depois de tudo o que ouvi esta noite, ele também é um dos maiores violoncelistas.

Gowan percorrera a metade da distância que os separava.

– É verdade.

Uma empolgante sensação de poder corria pelas veias de Edie. Era o poder que uma mulher podia exercer, algo que ela nunca tinha se dado ao trabalho de compreender. Não era para menos que Layla flertasse com outros homens...

Gowan franziu a testa.

– Não existe ninguém que toque violoncelo na Escócia, acredito eu.

– Hummm.

Edie não se importava.

Ela gostava de tocar com o pai, mas também gostava de tocar sozinha, e assim passava horas felizes.

– Como conseguiu chegar à minha varanda?

– Escalei. Pensei em interpretar Romeu para sua Julieta e chamá-la para fora, mas, quando a ouvi tocar, fiquei paralisado, como se a música estivesse sendo entoada por fadas numa colina.

– Fadas numa colina? Como assim?

– Na Escócia, por vezes a música escapa da terra das fadas, que fica sob

um monte relvado.

Ele deu mais alguns passos adiante.

Edie sorriu para ele, mas não se mexeu.

– Então eu o seduzi como se fizesse mágica com as cordas?

– Sim.

– Estávamos tocando um concerto de Vivaldi.

Gowan ficou em silêncio por um momento.

– Sei muito pouco sobre música, senhorita.

– Percebi, pois nunca havia ouvido falar de violoncelo.

– Na verdade, nunca ouvira falar de uma mulher instrumentista. Já vi cantoras, sim. E algumas senhoras ao piano.

Edie assentiu com tranquilidade. Nunca sonhara em fazer apresentações em público.

– Não desejo tocar para uma plateia. Embora eu certamente tenha gostado da plateia dessa noite.

– Tocaré para mim outra vez?

– Claro.

Ele se aproximou mais, chegando perto o bastante para que sua respiração agitasse minúsculos fios de cabelo na testa de Edie.

– Estou aqui desde antes de seu pai entrar no quarto.

Aquele jeito de olhar... O rubor invadiu o rosto de Edie.

– Vê-la tocando violoncelo foi a coisa mais sensual que já presenciei na vida – sussurrou ele.

Então sua boca fechou-se sobre a dela.



O primeiro beijo dela.

Os lábios dele eram doces, até carinhosos, ainda que mal se conhecessem. No entanto, talvez ninguém a conhecesse tão bem quanto ele.



O primeiro beijo dela.

Os lábios dela eram doces como o botão de uma madressilva. Por um segundo, Gowan não conseguiu acreditar que a estava beijando. Os lábios se encontraram uma, duas vezes... A língua dele mergulhou em sua boca.

Edie afastou os lábios para acolhê-lo, soltando um pequeno grunhido de surpresa. Ele se aproximou mais, apoiando os antebraços na porta. As línguas brincaram por um momento e então Gowan beijou os olhos dela, seu rosto e, sem conseguir resistir, voltou para a boca. Beijaram-se até que Gowan imaginasse as pernas claras de Edie entrelaçadas às suas, o corpo arqueado na cama, um grito saindo de sua garganta...

Não.

Ele não desonraria sua futura esposa, por mais que ela envolvesse seu pescoço com os braços e que os beijos dela fossem tão febris, e sua língua, tão ousada e sensual quanto a dele.

Por mais que os dedos finos brincassem no cabelo dele, deixando um formigamento por onde passava.

Por mais que seu coração batesse com a mesma força que o dela. Gowan percebia isso através do tecido fino da camisola, assim como podia sentir os seios, macios e trêmulos, junto a seu peito. Ele se afastou um pouco, ouvindo a aspereza do ar ao sair de seus pulmões. Edie murmurou algo e deslizou os lábios pelo queixo dele. Ele sentiu a boca da jovem lhe tocar a orelha. Um gemido escapou da garganta dele.

– Não podemos fazer isso – sussurrou ele, pousando a testa na madeira fresca da porta. – Não devemos.

– Gowan – suspirou Edie, e suas mãos soltaram o pescoço dele e desceram pelo peito.

– Edie, não vou desonrá-la. Minha noiva. Minha duquesa.

Os olhos de Edie estavam ligeiramente vidrados, a boca dolorida pelos beijos, mas ela inclinou a cabeça, seu cérebro formidável trabalhando de forma quase audível.

– Que honrado da sua parte.

Os dois se encararam. Edie era um soneto que ganhara vida plena, mas não importava.

O sorrisinho torto que estampava o rosto dela, junto com o beijo que ela nunca dera em ninguém, *aquilo* capturou o coração de Gowan e fez brotar o gemido.

– Preciso descer pela escada – disse ele, rouco.

O sorriso dela aumentou.

– Estou muito feliz em me casar com o senhor, duque.

– Estou muito feliz em ouvir isso, senhorita. Nessas circunstâncias.

Gowan não conseguia deixar de tocá-la, de contornar seu pescoço com as mãos e de procurar de novo sua boca.

– Acredito que isso não seja comum entre... entre a nobreza – disse ela, com um pequeno soluço, pouco depois.

Gowan balançou a cabeça. Não conseguia se lembrar de outro casal que tivesse surgido de uma erupção, das chamas, como eles. Segurou o rosto dela entre as mãos.

– Precisamos ter certeza – comentou ele, as palavras saindo como um juramento – de que não somos *tudo o que brilha e que em ruína acaba*.

As mãos de Edie seguraram as dele.

– Tenho a sensação de que deveria contratar uma preceptora e levá-la comigo para a Escócia. Foi Shakespeare de novo?

Ele assentiu.

– Nunca gostei tanto assim de poesia – admitiu ela, voltando o rosto para beijar a mão dele. – Acho que talvez o senhor me faça mudar de ideia.

– Gosto de versos.

– Qualquer mulher lhe diria que você se excede em seus talentos para a sedução.

Ele recuou um passo e soltou uma risada.

– Eu me excedo? *Eu me excedo?*

Edie já estava corada, mas conseguiu ficar ainda mais ruborizada.

– Sabe o que quero dizer – ralhou ela. – Você... sabe tudo e eu não sei.

Será que ele deveria ser honesto?

Ela pôs as mãos nos quadris – e tinha quadris deslumbrantes, perfeitos. O gesto deixou a camisola muito justa sobre seus seios igualmente perfeitos. O olhar dela era tão sincero e direto que ele acabou confessando a verdade.

– Também não sei nada, Edie.

– Não estou falando de casamento – falou ela no mesmo instante, ainda mais vermelha.

– Então está falando de quê? – perguntou ele, divertido.

– Da hora de ir para a cama! – exclamou ela. – *Aquela* parte. Você sabe e eu não. – Ela estreitou os olhos. – Se rir de mim novamente, talvez eu tente ganhar um pouco de experiência nos próximos meses, antes do casamento.

Gowan apertou-a contra a porta no mesmo segundo, prendeu-lhe os braços sobre a cabeça e sentiu o corpo dela, quente, junto ao dele.

– De forma alguma.

Os olhos dela estavam risonhos e ela lhe deu uma piscadela.

– O senhor ficaria grato em não passar a noite de núpcias com alguém tão ignorante quanto eu.

– Não.

Ele abaixou a cabeça e beijou-a profunda e intensamente.

Quando afastou seus lábios mais uma vez, Edie sussurrou com a voz fraca:

– Todos esses poemas de amor, versos de Shakespeare e tudo o mais. Não tenho nada disso, Gowan. Não conseguiria ler uma peça se minha vida dependesse disso. Tentei e achei que não tinha pé nem cabeça.

– Não me importo. Vou ensiná-la a amar poesia. – Ele passou o dedo pelo contorno do lábio inferior dela. – Você é minha, Edie.

– Não é esse o problema – disse ela, com a voz sombria. – Eu sou... e você...

– Sou tão imaculado quanto você – completou ele, fascinado pela forma com que os cílios espessos emolduravam os olhos dela.

Edie franziu a testa.

– Virgem – esclareceu ele, rosnando, porque, afinal de contas, homens não devem ser virgens. Nunca.

Ele soltou a mão dela e a pegou no colo. Edie era leve, um peso feminino macio que acendia um fogo que descia por seus membros. Gowan se obrigou a ir até uma cadeira, em vez de jogá-la na cama.

– Você? – indagou ela, atordoada.

– Sim. – Ele se sentou, desfrutando da forma como o traseiro dela se acomodou no seu colo. – Fiquei comprometido quando ainda era muito jovem, por isso não podia me deitar com uma mulher que pudesse ter expectativas ou sonhos de se tornar duquesa. E seria de mau gosto pagar tal ato com moedas. Além disso, eu teria desonrado minha noiva e a mim mesmo.

Edie permaneceu quieta. Ele a abraçou com mais força. Os olhos dela vasculhavam os dele, arregalados e surpresos.

– Portanto, é bem seguro afirmar que eu não tenho uma “doença de natureza íntima” – comentou ele.

– Ah, minha carta. – Ela reconheceu as próprias palavras. – Não, suponho que não.

Ele lhe deu outro beijo intenso e demorado. Os dois se afastaram com uma nova sensação selvagem, quase visível no ar. E, quando os olhares se reencontraram, aquilo ainda pairava entre eles, como uma possibilidade cintilante.

– Juntos – sussurrou ela, assombrada. – Não é nada como eu esperava. Sempre pensei que a mulher chegasse assim ao casamento, mas o homem...

– O homem deveria dormir antes com uma camareira ou uma garçonete – completou Gowan. – Seria uma forma de rebaixar a mim e a mulher a meu serviço.

Um riso engasgado escapou da boca de Edie.

– O senhor é um homem de princípios, Vossa Graça.

– E isso não é uma coisa boa?

Capítulo 13



O riso disputava com uma dor, uma *necessidade* premente no coração de Edie. Não conseguia mais encarar Gowan sem se inclinar para beijá-lo. Fechou os olhos e descansou o rosto em seu ombro.

– É ótimo ter princípios – concordou ela, as palavras saindo em um tom baixo e suave. – O senhor deve ter rido quando falei sobre amantes na carta, e ainda por cima doenças.

– Não ri. Foi um pedido justo. Muitos homens casados mantêm amantes, mas eu sempre esperei encontrar uma mulher com quem gostaria de ter meus filhos. Como eu poderia desonrá-la despejando ouro no colo de alguém com quem não teria intenções de casamento?

Edie virou-se e beijou o pescoço de Gowan. Era uma coluna robusta, aquele pescoço.

– Você é um homem complicado.

– Não há nada de complicado nisso. Existe um ditado escocês que diz: “Seu presente é seu futuro.” Escolhi não macular o que há por vir. Além do mais, meu pai... – ele interrompeu a frase.

– Tinha amantes? – perguntou Edie.

– Muitas.

Edie deu outro beijo sob o queixo dele, onde sentia o sangue pulsando.

– Eu pensava que meu pai tinha uma amante, mas agora não tenho certeza. Layla teme que seja por isso que ele não volta para casa à noite.

– Duvido – opinou Gowan. – Seria vergonhoso, e seu pai não é o tipo de homem que cometeria tal atitude.

Edie sorriu, sabendo que ele não poderia ver seu rosto. Seu pai era um pouco severo, mas, no fundo, uma mulher teria sorte se tivesse a seu lado alguém como ele ou Gowan.

– Sua mãe sabia dos casos de seu pai?

– Sim, ela sabia. – O sotaque escocês ficou ainda mais perceptível. – Mas seu comportamento estava à altura do dele. Não tinha o direito de reclamar.

– Sinto muito – murmurou Edie, apoiando-se no braço de Gowan para encará-lo. – Deve ter sido difícil descobrir essas coisas sobre seus pais.

– Minha mãe era famosa por seu comportamento frívolo, como descobri quando ainda era um menino. – Havia um tom sombrio de aceitação em sua voz. – Seu pai por acaso mencionou que tenho uma meia-irmã chamada Susannah?

– Verdade? Não, não mencionou. Ela mora na Escócia?

– Mora comigo e tem 5 anos. Pelo menos em tese.

– *O quê?* – Edie endireitou-se. – Tem uma meia-irmã que mora com o senhor e *acha* que ela tem 5 anos?

– Minha mãe nos abandonou quando eu tinha 8 anos e morreu há alguns meses, deixando uma filha. Supostamente, ela se casou outra vez depois da morte de meu pai. Ainda não encontramos registro de batismo da minha irmã.

– Meu Deus. – Edie saltou do colo dele e começou a andar pelo quarto antes de se virar para encará-lo. – Posso concluir que está se casando em parte para providenciar uma mãe para sua irmã? Devo lhe dizer que não tenho nenhuma experiência com crianças.

Ele também havia se levantado, naturalmente.

– Nem eu. Contratei três criadas e uma babá.

– Sinto muito. Não tive a intenção de obrigá-lo a se levantar. – Ela tornou a se sentar, desta vez diante dele. – Não sei sequer o tamanho de uma criança de 5 anos. Ela já tem a dentição permanente? Sabe falar? O que estou dizendo? É claro que ela fala!

– Ah, Susannah fala – confirmou Gowan, com sentimento. – O tempo inteiro. E também tem dentes. Mordeu-me no primeiro dia, assim que chegou a Craigievar. Portanto, sugiro que seja cuidadosa ao abordá-la.

Ele voltou a se sentar e tomou-lhe a mão.

– Minha nossa – sussurrou Edie.

Sem se dar conta, ficou olhando enquanto ele passeava um dedo pela palma da mão dela. Mil pensamentos tomaram sua cabeça. Não estava apenas prestes a se casar e a se mudar para a Escócia. Evidentemente, passaria a

cuidar de uma criança órfã. Com toda a certeza, o pai poderia ter mencionado esse detalhe.

– Lembro que expressou o desejo de ter filhos apenas alguns anos depois do casamento. Não tive a intenção de omitir a existência de Susannah em minha carta. Devo confessar que, por não estar na Escócia, cheguei a me esquecer dela.

Ele não parecia se sentir culpado por isso.

– Há algum parente ajudando a educá-la? – perguntou Edie, com esperanças. – Uma tia, talvez?

Ela não conseguiria se transformar na mãe de uma criança de 5 anos da noite para o dia. Não sabia nem se já havia *visto* uma criança de 5 anos.

– Infelizmente ninguém. Tenho algumas tias, mas ainda não conheceram Susannah. São irmãs de meu pai – explicou ele. – Vivem nas Ilhas Orkney.

– Ela está sozinha no castelo?

– Há 130 criados na residência, incluindo quatro que se dedicam exclusivamente aos cuidados dela.

A mãe de Edie morrera quando ela ainda era pequena, mas ela sabia muito bem que uma centena de criados não compensaria a ausência materna.

– Talvez existam livros sobre o assunto – balbuciou. – A pobre criança está terrivelmente abatida? Como morreu a mãe dela, se me permite a pergunta?

– Afogada num lago depois de ingerir mais uísque do que seria aconselhável. – Gowan fez uma pausa e então prosseguiu: – Meu pai falecera anos antes, depois de beber duas garrafas de uísque. Numa aposta, sabe?

Edie começou a pensar nas tradicionais expressões de condolências que havia aprendido, mas nenhuma delas parecia adequada.

– No entanto, meu pai morreu triunfante em sua malfadada aposta, o que sem dúvida lhe serviria de consolo. Não bebo álcool, caso esteja preocupada com a possibilidade de eu ter herdado essa suscetibilidade familiar.

Gowan pronunciou isso com um tom absolutamente indiferente, como se falasse sobre a mudança no clima.

– E o pai de Susannah... seu padrasto?

– Minha mãe se dizia viúva, embora ninguém de sua criadagem soubesse muito sobre sua vida antes da mudança para Edimburgo, no ano passado. Talvez tivesse ocultado de mim o casamento para proteger a quantia mensal

que recebia. Ou talvez porque Susannah seja ilegítima. Contratei detetives para descobrir. – Ele cruzou os braços. – Algumas pessoas poderiam dizer que lhe ofereço um nome maculado.

– Não seja ridículo. – Edie franziu a testa. – As tolices de seus pais não têm nada a ver com o senhor.

– É muita generosidade de sua parte. – Gowan hesitou e então prosseguiu: – Preciso lhe informar que Susannah parece ser um tanto incontrolável. Não fui o único a ser mordido. Percebo que as criadas se sentem em perigo.

Maravilhoso. Edie já estava assustada com a ideia de ter que cuidar de uma criança, ainda mais de uma criança difícil.

– Susannah tinha conhecimento da sua existência antes de aparecer na porta da sua casa? Como ela é?

– Pequena. Franzina, na verdade. Acho-a extremamente articulada para alguém tão jovem, embora sua preceptora afirme que muitas meninas costumam ser assim. E não, aparentemente ela não fazia ideia de que tinha uma família.

– Ela se parece com você?

– O cabelo tem um tom ruivo mais vibrante. Mais que isso eu não saberia dizer. Ainda não passei muito tempo na companhia dela.

– Ela deve se sentir infeliz, primeiro perdendo a mãe e então encontrando um irmão que não sabia que existia.

– Não há motivos para isso. Tenho a impressão de que ela sabia pouco sobre nossa mãe.

Edie teve a nítida sensação de que o duque de Kinross pensava que apenas um conjunto muito limitado de circunstâncias permitiria que alguém pudesse sentir uma emoção tão forte quanto a infelicidade.

– Mesmo que não fosse próxima da mãe, Susannah perdeu tudo que lhe era familiar – destacou ela.

– Recebo relatórios completos todos os dias sobre todos os eventos de importância, e a criadagem não mencionou nenhum episódio de mordidas na última semana. Portanto, estou confiante de que ela esteja se adaptando muito bem.

Edie levantou-se da cadeira mais uma vez. Toda a excitação ao redor da presença de Gowan fora engolida por uma crise de nervos. Caminhou até a prateleira sobre a lareira e pegou uma pequena madona de porcelana

segurando um Menino Jesus, brincou com ela por alguns segundos e devolveu-a ao lugar. Era provável que Maria soubesse perfeitamente como criar um filho. Edie, de sua parte, sentia um terror crescente diante da ideia. Por que seu pai não mencionara a criança ao anunciar seu casamento com Gowan? Ela poderia ter protestado.

O que não faria a mínima diferença, porque o pai não daria ouvidos a suas hesitações já que a aliança faria dela uma duquesa.

– Como pode receber relatórios diários se você está aqui e Susannah na Escócia? – perguntou ao noivo.

– Um laçao parte do castelo todas as manhãs com um relatório completo. – Ele também havia se levantado e encontrava-se do lado oposto da lareira. – Acredito que administrar uma grande propriedade é significativamente mais fácil com um fluxo constante de comunicação. Minhas propriedades mais remotas mandam mensagens para o castelo a cada dois ou três dias.

– Isso exige uma boa quantidade de criados – disse ela, espantada. – E carruagens, e cavalos.

Ele deu de ombros.

– Tenho muitos.

Então, em um instante, a tensão do desejo retornou ao olhar de Gowan, fazendo com que Edie voltasse a ficar incomodamente consciente de seu corpo. Ele deu um passo na direção dela.

– Não se preocupe com minha irmã – pediu Gowan. – Se não gostar dela, encontrarei alguém que cuide de Susannah.

– De forma alguma! – exclamou Edie. – Não estou acostumada com crianças, só isso. Vou aprender. – O sorriso de Gowan era pura tentação, e não tinha nada a ver com suas afirmações em relação à irmãzinha. – Isso é terrivelmente arriscado – opinou ela, lembrando-se de súbito de que os dois estavam sozinhos em seu quarto, numa casa estranha, no meio da noite. – Precisa partir. Eu não gostaria de arruinar o casamento de Honoria com um escândalo.

– Sim, devo partir.

Sua voz grave acariciava a pele dela como veludo.

Edie estremeceu e ouviu um acorde musical em sua cabeça. Ele não se mexeu.

– Se descobrirem que estive aqui, haverá uma confusão terrível –

refletiu ela. E então, mudando de assunto: – Você é muito grande. Tem ombros largos, quero dizer.

– Nado no lago todos os dias.

Aparentemente fora a natação que lhe dera aquele tórax que ela gostaria tanto de tocar outra vez. Ele fez uma reverência e foi em direção ao balcão. Edie o seguiu, como se estivesse presa a ele por uma corda.

– O que achou da minha interpretação? – perguntou ela, quando Gowan já pousava uma das mãos na balaustrada, prestes a descer por uma escada feita de corda que ele prendera num canto.

O rosto dele estava escondido pelas sombras. O pátio, lá embaixo, iluminado pelo luar.

– Acho que você é um gênio. Como seu pai falou. Poderia ensinar Susannah a tocar violoncelo?

– Sim – respondeu ela, percebendo pela primeira vez que ensinaria a uma criança, assim como seu pai fizera.

– Então devemos tornar possível para Susannah e para qualquer um de nossos filhos tocar diante de uma plateia, se assim desejarem.

Ele começou a descida.

A cabeça do duque desapareceu sob o parapeito de mármore, enquanto Edie ainda digeriria a frase. Debruçou-se e observou seus movimentos, tão ágeis quanto como se ele estivesse descendo uma escada de madeira.

Assim que chegou ao chão, ele ergueu a cabeça e olhou para ela. O coração de Edie deu um salto ao vê-lo. Por outro lado, também experimentava uma terrível sensação de constrangimento. Talvez devesse ter se comportado com mais indiferença. E se, depois de tudo o que ocorrera entre eles, Gowan pensasse que ela era uma despudorada?

– Talvez esteja certo – disse ela suavemente, olhando para baixo. – Somos tudo o que brilha... intenso demais, repentino demais, desaconselhável demais.

– Posso seduzi-la amanhã, como se nunca tivéssemos nos encontrado antes, mas temo que todos que estavam no salão já saibam como me sinto. E o anúncio já foi publicado nos jornais.

– Coisas assim não acontecem a pessoas como eu – murmurou Edie.

– Sua voz é como música para meus ouvidos – declarou Gowan, fitando-a. – A que horas se levanta?

– Por que pergunta?

– Quero mais de você, e não apenas quando estiver olhando os bancos da igreja durante a cerimônia de casamento.

Ele falou aquilo com naturalidade, mas o coração dela foi às nuvens.

– Nove da manhã. Boa noite! – exclamou.

– Boa noite – repetiu ele, baixinho demais para que ela ouvisse.

Edie ouviu mesmo assim.

Ficou parada, agarrada ao mármore gelado, observando até que Gowan atravessasse o pátio e desaparecesse sob o pórtico.

E então ficou um pouco mais ali, ouvindo uma música ressoar em sua mente, ainda mais profunda e mais doce do que a que ela tocava no violoncelo.

Capítulo 14



Curzon Street, 20, Londres
Residência do conde de Gilchrist

– Seu noivo – começou o conde, com precisão gélida – inicialmente havia concordado com um noivado de cinco meses, mas agora deseja reduzir esse período. Acredito que mencionei o fato de ele recentemente ter se tornado o guardião da irmã órfã, uma criança pequena. Entendo que esteja preocupado que lhe falte uma figura materna, embora não tenha expressado nenhuma grande inquietação quando pediu sua mão em casamento.

Os Gilchrists haviam retornado a Londres logo depois da cerimônia, e Gowan se dirigira a Brighton, para se reunir com os tais banqueiros. Edie estava secretamente contando os dias que faltavam para o fim da conferência. No dia seguinte, pensou ela, ou talvez naquela mesma noite.

– Eu concordaria com o maior prazer – disse ela, forçando um tom de aceitação dócil.

A última coisa que queria era provocar um ataque de fúria no pai por chamar a atenção ao fato de que ele não fizera qualquer menção a Susannah.

– Não gosto disso – revelou o pai, abruptamente.

Ele fez um movimento circular com a taça e a devolveu à mesa.

– Poderia saber o motivo?

– O duque não é o homem que pensei que fosse.

– Isso não é verdade – protestou Edie. – Gowan é exatamente...

– *Gowan*? Dirige-se a ele pelo nome de batismo? Que ultrajante.

O pai apertou a boca até que formasse uma linha fina.

Edie queria responder, mas só pioraria a situação.

– Não foi minha intenção falar desse modo – tentou.

– Sou esperado no Parlamento – declarou o pai.

Fez uma medida e partiu.

Não voltou para casa na hora do jantar.

– Sabe – disse Edie à mesa –, acho que trata meu pai com gentileza excessiva, Layla. Aqui está você, em casa, enquanto seu marido vaga por aí, fazendo o que quer.

– O que sugere que eu faça? Flerte com Gryphus? Eu nem gosto do sujeito. E ele é jovem demais.

– Claro que não. – Edie baixou o garfo. – Mas por que sua vida precisa ser tão infeliz? Não estou dizendo que deva flertar, Layla. Talvez devesse desenvolver uma rotina para não se sentir tão infeliz quando papai não volta para casa.

Layla pareceu em dúvida.

– Sei que servi de pretexto, pois só debutei este ano, mas não há por que permanecer em casa nesses dias. Você raramente sai.

– É o que uma esposa deve fazer.

– Sim, mas o marido também deveria estar ao lado dela, em casa. Sem mencionar o fato de que ele deveria acompanhá-la a bailes e peças de teatro. Meu pai quase nunca está aqui, e quando está é tão frio que seria capaz de produzir gelo. Onde estaríamos hoje se papai não tivesse aceitado a proposta de Kinross? Em outras palavras, se eu ainda estivesse em busca de um marido?

– No Clube Almack, acredito – respondeu Layla. – É noite de quarta-feira e você recebeu um convite depois de sua apresentação.

– Muito bem – disse Edie. – É para lá que iremos.

– Por quê? Seu pai não saberá onde estou nem se importará. E se ele passar a noite fora, como aconteceu ontem? Ele garante que dorme em seus aposentos na Câmara dos Lordes.

Layla disse a última frase com óbvia descrença.

– Nesse caso, pelo menos terá passado uma ótima noite dançando, o que também é importante. Não há razão para ficar sentada tamborilando os dedos enquanto eu a mato de tédio de tanto tocar violoncelo. – Edie levantou-se. – Vou pedir que Mary venha me vestir para a dança.

– Tudo bem.

Edie apontou para Layla.

– A senhora, estimada madrasta, ficará feliz esta noite.

– Suponho que sim.

Layla demonstrava boa vontade, mas não conseguia ser muito convincente, exibindo um sorriso vacilante.

– Diga a Willikins que beberemos champanhe antes de sair. Vamos ficar alegres e dançar com qualquer um que nos estenda a mão. Deixe que os fofoqueiros de plantão contem tudo a papai!

Edie desceu a escada pouco depois, um meio-termo entre o casto e o sedutor. Não tivera notícias indicando que Gowan voltara para a cidade, mas é claro que ninguém se vestia para agradar a apenas um homem.

Embora ela já tivesse feito exatamente isso.

Mary usara o ferro para alisar o cabelo dela e depois conseguira fazer com que a maior parte dele se mantivesse acima dos ombros.

Layla ficou impressionada.

– Edie, querida, está absolutamente linda! – Edie examinou a si mesma.
– Está tão esbelta enquanto eu ando engordando tanto...

– Você não está gorda. É deliciosamente curvilínea, Layla. Há uma diferença. E eu também não sou esbelta.

– É esbelta se comparada a mim, provavelmente porque não toma o chá da tarde. Cada uma dessas curvas foi construída à base de bolinhos. O champanhe a espera. – Layla balançou uma taça na direção da enteada. – Talvez eu tenha curvas demais para o gosto de seu pai.

– Layla, minha querida, já está falando bobagens?

Edie aceitou a taça que Willikins lhe oferecia; o mordomo se curvou e partiu.

– Acredito que já estou um pouquinho bêbada. É meu novo regime. Decidi comer apenas uvas depois das três da tarde. Chega de chá. É minha desgraça.

– Que absurdo!

– Se eu emagrecer, talvez consiga afastar seu pai de Winifred.

– Winifred? Quem é ela?

Edie sentou-se diante da madrastra e bebericou o champanhe.

Então, depois de lançar outro olhar para Layla, ela deu um gole de verdade. Era melhor que ela já entrasse no espírito do momento.

– Está dizendo que descobriu o nome da amante de papai?

– Não, mas chamei-a de Winifred. É um nome que sempre odiei, então

facilita as coisas.

– Facilita o quê?

– Odiá-la, é claro – completou Layla. – Por destruir meu lar infeliz. Também a considero responsável pelo meu consumo excessivo de bolinhos. *E* pelo fato de que meu marido se levanta no meio da noite com a única intenção de usar o penico.

– Rá – soltou Edie, rindo apenas o suficiente da piada, nada mais.

– O que preciso é de inspiração. Vou usar Winifred como um incentivo para perder peso. Tenho certeza de que é magra, uma sílfide e absolutamente deslumbrante.

– Você é absolutamente deslumbrante – retrucou Edie, observando Layla sorver metade de uma taça de champanhe.

– O mais importante é que chegou a hora – disse Layla fazendo uma pausa dramática – de lhe contar os segredos do leito matrimonial.

– Eu os conheço – Edie apressou-se em dizer.

– Não, não, não estou falando do básico. O que estou prestes a lhe revelar são os segredos repassados de mãe para filha. – Layla hesitou e franziu a testa. – Já ouviu falar de *petite mort*?

Edie tinha certeza de que sim, por isso assentiu.

– Não existe uma expressão para isso na nossa língua – comentou Layla, um pouco aborrecida. – Precisamos recorrer ao francês, como se os franceses fossem os únicos capazes de dar prazer a uma mulher. Eu poderia lhe contar... – Ela interrompeu o discurso. – Mas acho que você não iria gostar, uma vez que eu estaria falando de seu pai.

– É verdade – concordou Edie. – Eu não iria gostar nada.

– Bem, o mais importante é que, se um homem pedir que você faça coisas com ele, você pode e deve ser retribuída na mesma moeda.

Edie franziu a testa. Certo, seu conhecimento a respeito das relações sexuais era rudimentar, mas não conseguia imaginar qualquer reciprocidade.

– Não, não é isso – falou Layla, abanando as mãos. – Vai entender quando vir. Quer dizer, quando lhe pedirem. Acredite em mim.

– Tudo bem.

– Devo dizer que considero extremamente improvável, mas posso ajudar, caso Kinross seja capaz de manter sua ferramenta por apenas alguns minutos ou se não conseguir levá-la de forma alguma. Existem poções! Basta me

dizer, querida, e lhe providencio o remédio correto. Posso até mandar pelo correio.

– Obrigada – disse Edie, tentando imaginar se as mulheres informavam aos maridos sobre os efeitos das poções ou se as ministravam secretamente.

– E aqui está o grande segredo. Nunca pensei que precisaria de tal coisa.
– Os olhos de Layla se encheram de lágrimas. – Mas precisei.

Edie começava a se sentir confusa.

– Tem a ver com a virgindade?

– Isso? Ah, não. Não doeu tanto assim. Não se assuste com as histórias. Talvez haja algumas gotas de sangue, o que deixará seu escocês feliz. Os homens ficam absurdamente orgulhosos diante da ideia de estarem arando solo virgem.

– *Solo?*

– Você é o solo, minha querida, e ele tem o arado, se é que consegue acompanhar meu raciocínio. Na verdade, talvez fosse mais apropriado comparar com uma enxada. Não, o verdadeiro segredo tem a ver com levar seu marido a acreditar que você está sentindo prazer quando isso não acontece.

– Minha nossa! – exclamou Edie.

Quanto mais Edie ouvia falar sobre o casamento do pai, mais lhe parecia destruído.

Uma lágrima deslizou pela face de Layla.

– Nunca tivemos problemas antes que tudo começasse a girar em torno de ter um bebê. É tão perturbador... – Ela fungou. – Mas não vai acontecer com você. Já lhe falei como a invejo por ter uma criança pronta que a está esperando na Escócia?

Edie ficou em silêncio. Não poderia contar a Layla como perdera o sono na noite anterior, preocupada pensando em como seria se a pequena Susannah não gostasse dela.

– Algumas mulheres nunca precisam se preocupar com esses assuntos, porque seus maridos não se importam com o fato de estarem ou não sentindo prazer. No entanto, bons maridos *se importam*. E há vezes em que você não consegue chegar ao fim, então ele vai continuar tentando até que você fique com vontade de gritar. O que os homens não compreendem é que uma mulher pode ficar tão fatigada ou infeliz que simplesmente não consegue sentir tudo o que ele desejaria que ela sentisse. Está me entendendo, Edie?

- Mais ou menos.
- Então, nesse caso, ela conta com apenas um recurso: a interpretação.
- Como assim?
- Ela interpreta – repetiu Layla. – Atua. Finge.
- Atua como?
- *La petite mort*.
- Ah.
- Você não está entendendo nada, não é?
- Não exatamente.
- Fazer amor é meio barulhento – disse Layla.
- É *mesmo*?

Edie estava ficando cada vez mais fascinada, embora ainda confusa. Não tinha imaginado as coisas assim.

Layla baixou a taça vazia e jogou a cabeça para trás. Um gemido rouco e sensual saiu de seus lábios. Passou a mão pelos cabelos e lançou a cabeça para a frente e para trás.

- Sim, *sim*, assim, *mais*, mais!

A porta se abriu e Willikins apareceu por trás de Layla.

- Aaahhh, assim, *mon cher*, com mais força! Você... você é tão... tão...
- Ela voltou a jogar a cabeça para trás e aumentou o tom de voz. – Você me deixa louca. Você me deixa doida. Estou fora de mim. Estou... Estou *gozando*!

Willikins ficou parado no mesmo lugar onde se encontrava.

Layla endireitou a postura, arrumou o cabelo e disse:

- Willikins, precisamos encher nossas taças.
- Posso imaginar que esteja com sede – provocou Edie, rindo loucamente.
- Este é o segredo de um casamento feliz.

Edie reservou sua opinião para si. Não parecia estar funcionando para Layla. Willikins, nesse meio-tempo, serviu o champanhe sem sinais visíveis de choque. Valia cada centavo que recebia de seu pai.

Layla engoliu meia taça de um gole só.

Eram taças magras, mas mesmo assim... já era sua terceira?

– Está na hora – falou Edie, pousando a taça. – O Almack's nos espera.

– Almack's – grunhiu Layla, arrastando as palavras de forma quase imperceptível. – Não é um lugar onde uma adúltera pode espionar a amante de seu marido. Por acaso eu lhe contei que decidi me reinventar? Cansei de ser Layla. É um nome muito cansativo. Impossível de soletrar.

– Fique grata por não se chamar Edith. E você *não* é uma adúltera.

– Estou envelhecendo, o que é pior.

– Acredito que o arcebispo não concordaria com sua avaliação.

– Estou envelhecendo prematuramente – continuou Layla, com um suspiro. – É o que acontece com mulheres como eu. Ficamos por aí envelhecendo, enquanto as Winifreds do mundo roubam nossos maridos. Se eu me chamasse Joséphine, tudo seria diferente. Nenhum homem trairia uma esposa chamada Joséphine.

– Precisamos entrar na carruagem.

– Vou começar a falar francês – informou Layla, ignorando a ida ao Almack's, pegando a taça de Edith e terminando seu conteúdo. – Será uma boa tática. Eu poderia me mudar para a França. Seria melhor do que ir para o interior.

– *C'est la vie* – comentou Edie. – É tudo o que sei, então nossas conversas serão breves.

– Querida, com algum esforço qualquer um pode falar francês. Uma boa frase: *Évacuez les lieux!*

– O que quer dizer?

– “Evacuem a área!” – exclamou Layla, sacudindo o braço. – Nunca se sabe quando será preciso gritar num lugar apinhado. Minha preceptora me ensinou todo tipo de expressão útil. *Êtes-vous enceinte?* Essa não foi muito útil. Não, não estou grávida. – Ela estendeu o braço e tocou a sineta. – Preciso de mais champanhe antes de sair.

– Devemos ir agora para o Almack's – reforçou Edie. – Não costumam trancar as portas e proibir a entrada caso a pessoa se atrase?

– Sabia que eu poderia *estar* grávida a essa altura se seu pai não fosse tão teimoso? – indagou Layla, continuando a ignorar a enteada. – Sabe por que os coelhos têm tantos coelhinhos?

Edie obrigou a madrasta a se levantar. Alcoolizada ou não, Layla era

linda, como se fosse o mais bonito doce cremoso que um homem pudesse consumir. O corpete de seu vestido azul-celeste indicava uma severa carência de bichos-da-seda pelo mundo, mas Layla definitivamente tinha o estofo necessário para o uso tão frugal de tecido.

– Você está linda nesse vestido.

– Preciso me lembrar de encolher a barriga – explicou Layla, dirigindo-se para a porta, ainda segurando a taça vazia de Edie. – Aí está você, Willikins. Por que não me serve mais uma taça e eu beberei enquanto penso numa capa?

Edie tomou a taça e entregou-a a um lacaio.

– Nossa carruagem, por favor, Wilikins. O Almack's nos espera.

– A carruagem já está lá fora, lady Edith – respondeu o mordomo, curvando-se. Virou-se para o lacaio e tomou a capa de Layla. – Se me permite, minha senhora.

– Aqueles coelhos com coelhinhos, eles sabem o que estão fazendo – balbuciou Layla enquanto Willikins envolvia seus ombros na capa. – Além do mais, Edie, mudei de ideia. Não vamos ao Almack's. Não servem champanhe por lá. Em vez disso, vamos à casa de lady Chuttle.

– Quem é lady Chuttle?

– Uma conhecida. Em condições normais, eu descartaria um baile oferecido por ela, por ser um tanto vulgar, mas eu pensava assim antes de receber isso. – Ela tirou da bolsa um papel amassado. – Mandei um bilhete para seu pai, pedindo que nos acompanhasse ao Almack's. Esta é a resposta.

Edie alisou o papel. Eram apenas duas frases que lamentavam não poder acompanhá-las ao clube por já ter aceitado um convite anterior.

– Como sabe que ele planeja comparecer ao baile de lady Chuttle?

– Ninguém precisaria me dizer. Eu sabia que um homem em sua situação visitaria este evento em particular. Por isso, mandei uma resposta informando-o que o encontraríamos lá.

– E se ele tiver um compromisso inteiramente diferente?

– Para onde mais ele poderia ir? – indagou Layla, belicosa, sem levar em conta a presença do mordomo e de dois lacaios. – Ele estará acompanhado de Winifred, sem dúvida. Eu poderia apenas mencionar coelhos para seu pai, se o visse. Apenas mencionar a palavra durante uma conversa e ver se lhe traz alguma ideia.

Edie lançou um olhar para o rosto impassível do mordomo.

– Muito bem. Informe ao cocheiro que vamos ao baile de lady Chuttle, por favor, Willikins.

E foi o que ele fez. Um minuto depois, já estavam a caminho. Por infelicidade, a residência da dama ficava a apenas quinze minutos de distância, o que tornou Layla apenas um pouquinho menos bêbada ao chegarem.

– Saberei no mesmo instante quem é ela – avisou a madrastra, tagarela, enquanto desciam da carruagem diante de uma mansão.

– Está sugerindo que haverá cortesãs entre os convidados? – perguntou Edie, sentindo um crescente interesse pelo baile Chuttle no lugar da visita ao Clube Almack's.

– Sem dúvida – respondeu Layla. – É por isso que seu pai estará aqui. Como dizia, vou reconhecer Winifred. Sei o tipo que Jonas prefere. Tenho certeza de que é uma daquelas mulheres que se apressam em dizer que, por mais que comam, *não conseguem* engordar. Uma vez ele me disse que eu tinha a barriga chata, sabe. Foi na época em que eu *tinha* a barriga chata.

– Layla – começou Edie. – Winifred já me deixou entediada e eu nem a conheci. Siga o laçaio simpático e vamos sair desse frio.

– Eu sou filha de um marquês! – anunciou Layla.

– Certo – disse Edie, encorajadora. – Winifred provavelmente nasceu numa plantação de repolhos. Aposto que ela deve colocar enchimento no espartilho para ter alguma curva no corpo.

– Não preciso recorrer a táticas tão lamentáveis – retrucou Layla, jogando a capa para trás e deixando à mostra seu busto magnífico.

– Winifred teria que colocar um repolho no espartilho para ter a sua beleza – falou Edie. – Dois. Um de cada lado.

Layla assentiu com firmeza e entrou na casa.

Até onde Edie podia ver, não havia nada na entrada que assinalasse a possível presença de cortesãs. O mordomo fez uma reverência, exatamente como fazem os mordomos, entregou suas capas para lacaios perto da parede e então as conduziu por um corredor até o salão de baile, onde fez o anúncio.

– Ah, veja só! – exclamou Layla com alegria, descendo a escada rapidamente e esbarrando no mordomo no caminho. – Lá está Betsy!

– Quem é Betsy? – perguntou Edie, descendo os degraus depressa, preparada para segurar Layla, caso ela tropeçasse.

– Uma querida amiga de minha mãe. Lady Runcible, acho que é esse o

nome dela agora. Acredito que tenha ficado viúva no último verão, a pobre mulher. Terá sido seu terceiro... não... seu quarto marido.

– Que tragédia! Ou talvez *triunfo* seja uma palavra melhor.

Layla embrenhou-se na multidão, rebocando Edie junto com ela.

– Não é culpa dela. Eles simplesmente expiram depois de um ou dois anos. Só que ela consegue passar por tudo sem um fio de cabelo branco. Admita... *isso sim* é um verdadeiro triunfo.

Alguns segundos depois, ela mergulhou numa conversa com uma dama cujo cabelo tinha, de fato, um toque vitorioso: o tempo parecia ter parado para lady Runcible. Edie sorriu educadamente e procurou pelo pai. Tinha certeza de que ele não resistiria à ideia de acompanhar Layla a um baile.

Ouviu uma voz grave e alguém tocou em seu cotovelo. Virou-se e encontrou lorde Beckwith a seu lado.

– Lady Edith.

Ele olhou para o vestido que ela usava – rosa pálido, mas sem enfeites que pudessem disfarçar o busto – e seu rosto se iluminou de admiração.

– Que prazer encontrá-la por aqui.

Edie fez uma reverência.

– Lorde Beckwith, estou muito feliz por vê-lo.

– *Au contraire* – dizia Layla, em algum lugar próximo. – Passei tempo demais longe da vida social. Decidi virar a página. *J'arrive, ma chère, j'arrive!*

Lorde Beckwith curvou-se, tomou a mão de Edie e a beijou, e não a soltou quando deveria.

– Espero que não seja inapropriado, mas expresso os sentimentos de muitos cavalheiros quando digo quanto lamento por seu noivado tão súbito.

– Lady Edith permanecerá solteira por meses – informou Layla, entrando de súbito na conversa.

Beckwith curvou-se de novo.

– Lady Gilchrist. É um verdadeiro prazer vê-la.

– Queridos, onde estão as bebidas? – perguntou Layla. – Preciso admitir que, depois de uma exaustiva viagem de carruagem, eu apreciaria beber algo para restaurar minhas forças.

Momentos depois, estavam todos sentados a uma mesinha, com

champanhe e pratinhos de *bonnes bouches* diante deles.

– Coma – pediu Edie para Layla, empurrando-lhe um prato com bolinhos. – Senão, vai ficar com uma terrível dor de cabeça amanhã de manhã.

– *Au contraire* – refutou Layla, com uma voz animada. – Sempre fui capaz de lidar com champanhe. Acho que nasci com borbulhas no sangue.

A viúva Runcible rebocara dois homens com ela. Candidatos, presumia Edie, para o arriscado papel de quinto marido. Layla começou a flertar loucamente com um deles, lorde Grell. Edie suspirou e virou-se para Beckwith.

– Acredito que não tenha visto meu pai esta noite?

– Ele está aqui, lady Edith. Pelo que entendi, chegaram separados?

Layla devia ter ouvido. Sua postura ficou ereta de repente e ela se inclinou ainda mais para sua presa.

– Lady Edith, posso ter a honra dessa dança? – perguntou Beckwith.

Estava prestes a aceitar quando viu o pai caminhando em direção a eles.

– Papai! – exclamou ela, levantando-se e fazendo uma reverência. – Aí está o senhor!

Layla respirou fundo e ergueu a taça de uma forma tão forçada que Edie chegou a ficar surpresa pelo fato de o vidro não ter se partido. Bebeu tudo.

– Filha – disse o pai, interrompendo o passo. – Lady Gilchrist, lady Runcible, lorde Beckwith, lorde Grell.

O segundo dos seguidores de lady Runcible havia evaporado antes de ser cumprimentado. A chegada de um homem tomado por uma raiva incandescente podia provocar reações como essa. O pai parecia um bárbaro vestido para uma festa. Embora sua casaca fosse de veludo cor de ameixa e a gravata estivesse perfeitamente alinhada, havia um toque de loucura em seu olhar.

Edie seguiu o olhar do pai e viu que Layla debruçava-se muito próxima a lorde Grell, que devia ser um tolo por não ter o bom senso de parecer alarmado.

Mesmo depois de uma vida inteira de discussões com o pai, Edie ficou apreensiva ao ver o rosto dele naquele momento. Lorde Beckwith dirigiu-lhe um sorriso com um implícito pedido de desculpas e se misturou à multidão.

– Minha nossa, aí está o meu marido! – exclamou Layla, fingindo ver o

conde pela primeira vez.

Ela se dobrou para o lado como se fosse cair da cadeira, mas Edie sabia que estava procurando por Winifred.

O conde estava tomado de fúria. Edie duvidava que realmente existisse uma Winifred.

Lady Runcible levantou-se e levou lorde Grell em sua companhia, provavelmente lhe salvando a vida.

Edie esperava que o pai forçasse Layla a se levantar e chamasse a carruagem, mas, em vez disso, ele deixou-se cair na cadeira que tinha sido ocupada por Beckwith até pouco tempo antes. Edie voltou a se sentar e por alguns momentos os três permaneceram em um silêncio tenso em volta da mesinha.

Por fim, Edie falou:

– Devo deixar os dois a sós? Posso circular pelo salão ou dançar com lorde Beckwith.

– Por que deveria? – indagou Layla. – Não haverá nenhuma conversa significativa na sua ausência. Meu senhor com certeza me acusará de fazer algo deselegante com o pobre sujeito que estava aqui um minuto atrás. Como se eu tivesse chance, agora que Betsy decidiu se casar com ele.

– Não tinha tal...

Layla interrompeu o marido:

– Onde está Winifred?

Ela ergueu os olhos e encontrou o olhar de um lacaio.

– Quem é Winifred? – perguntou o conde, franzindo a testa.

Layla estava ocupada explicando ao lacaio que queria quatro taças de champanhe, duas das quais seriam para ela. Assim, Edie decidiu responder:

– Sua amante, papai.

– Como ousa perguntar algo tão impertinente para mim? Quem anda contando mentiras para sua madrastra? Eu nem conheço uma Winifred.

– O quê? – retrucou Layla, de volta à conversa. – Magra, muito magra, com um espartilho estufado com verduras, leve demais para afundar. Conhece muito bem o tipo. Se a jogasse dentro do lago, no parque, ela boiaria, resmungando como morre de inveja das mulheres que conseguem engordar.

O conde não estava entendendo nada.

– Não tente – aconselhou-o Edie.

O lacaio chegou com champanhe, e ela salvou sua taça antes que Layla pudesse pegá-la.

– Winifred – balbuciou Layla, com alguma tristeza – é a mulher que o roubou de mim, Jonas. Eu costumava lhe agradar, sabe. Não éramos exatamente coelhos, mas *c’est la vie*.

Ela deu de ombros e, de um gole só, bebeu metade da taça.

– Há quanto tempo ela está assim?

A expressão no rosto do pai de Edie passava de meio bárbaro para três quartos de bárbaro.

– Ah, há uns dois anos – disse Edie, pensando alto. – Na escala da harmonia matrimonial, diria que vocês dois estão no estágio oito de dez, sendo o estágio dez o atoleiro da completa falta de confiança.

– Não lhe dou o direito de falar assim comigo, minha filha – retrucou.

Edie desviou o olhar da mistura de raiva e angústia no rosto do pai... E então avistou Gowan, de pé atrás do conde.

Capítulo 15



O duque de Kinross estava magnificamente vestido com uma casaca de veludo escuro e botões de prata. Deu um passo para trás, fazendo uma reverência que poderia ter sido destinada a um príncipe.

– Lady Edith. – Ele se levantou. – Lady e lorde Gilchrist.

Voltou a se curvar.

Edie ficou de pé, consciente de que sorria como uma lunática.

– Imagino então, Vossa Graça, que tenha concluído os negócios em Brighton antes do esperado.

Gowan tomou sua mão e ergueu-a até os lábios.

– Dei uma surra naqueles banqueiros. Ficaram felizes em me ver pelas costas.

– Pois *eu* fico feliz de vê-lo pela frente.

O sorriso dele foi uma resposta mais do que suficiente.

– Boa noite! – exclamou Layla, com a voz um pouco mais musical, agora que estava ligeiramente engrolada. – Voltou bem a tempo, Vossa Graça. Lorde Gilchrist anda pensando em anular seu noivado. Ele está muito volúvel nos últimos tempos.

Era assombroso perceber como Gowan, de repente, começara a irradiar puro perigo, sem mexer um músculo sequer.

– Acredito que lady Gilchrist esteja enganada – disse ele, encarando o conde.

O pai de Edie se levantara.

– Minha esposa exagera. Como expliquei, Vossa Graça, tenho dúvidas sobre sua futura felicidade matrimonial, mas tais preocupações não justificam o rompimento de um noivado.

– Como tenho uma visão mais otimista em relação ao nosso futuro, trouxe comigo uma licença especial – anunciou Gowan, tomando a mão de Edie e pousando-a em seu braço. – O arcebispo de Canterbury foi muito compreensivo em relação ao pedido.

– Um casamento às pressas? – indagou o conde fazendo uma careta. – Lançará mesmo uma sombra sobre a reputação de minha filha?

Gowan olhou para Edie.

– Como sou escocês, não compreendo as minúcias da sociedade inglesa. Seria tão terrível assim?

– Sim, seria – respondeu Edie. – Nós nos tornaríamos párias por algum tempo, embora por menos tempo do que se fugíssemos para nos casarmos.

O sorriso nos olhos do noivo transmitia a Edie tudo o que ela precisava saber.

Assim, ela respondeu à pergunta que não havia sido feita.

– Não tenho medo de escândalo.

Layla ficou de pé, ligeiramente trôpega.

– Não vai demorar mais do que uma semana. Duques agem como duques. Que ideia encantadora! – Ela se virou. – Betsy, *ma chère*, onde você estava? Minha querida enteada vai se casar amanhã de manhã. A maré do amor verdadeiro a arrebatará para os braços de um duque.

Lady Runcible saltou de uma das mesas próximas, parecendo tão curiosa quanto possível para uma mulher cuja maquiagem borraria se fosse tomada de fortes emoções.

– Que encantador! – exclamou ela. – Vi o anúncio no *Morning Post*, mas não tinha ideia de que o evento em si aconteceria com tanta rapidez.

– O amor verdadeiro não pode ser negado – explicou Layla. – A senhora sabe muito bem, tendo em vista suas tristes experiências. A vida é fugaz, é preciso colher os botões de rosa... ou seriam os arco-íris? De qualquer modo, é melhor aproveitar antes que seja tarde demais.

– Vossa Graça tem muitos assuntos importantes para cuidar na Escócia – disse o conde com precisão gélida. – Assim, ele pediu que o casamento fosse marcado para breve.

– Exatamente – confirmou Gowan, sorrindo para lady Runcible. – Mal posso esperar para levar minha bela noiva para o castelo de Craigievar.

Ele trouxe Edie mais para perto de si.

– Estou certa de que falo em nome de todos quando desejo aos dois uma vida muito feliz – pronunciou lady Runcible.

– O amor derruba todas as barreiras – intrometeu-se Layla, parecendo um pouco rouca. Voltou a se sentar.

Lady Runcible abriu um sorriso cheio de dentes e partiu depressa, sem dúvida para espalhar a notícia sobre a rapidez escandalosa com que se desenrolaria o casamento do duque de Kinross com a filha do conde de Gilchrist.

– Se vou me casar amanhã – disse Edie, atônita com a calma com que pronunciava tais palavras –, acredito que seja melhor voltar para casa agora.

– Não vai se casar amanhã – emendou o pai, sombrio. – Mesmo que eu concorde com a ideia da licença especial, a cerimônia acontecerá de modo prudente e bem-medido.

Gowan fez uma saudação, parecendo bem feliz consigo mesmo.

– Ficarei encantado em visitá-lo amanhã à tarde para discutir esses arranjos, meu senhor.

– Nesse caso, prefiro ficar aqui – informou Layla, ajustando na cabeça uma faixa bordada com pérolas. – Nem dancei e *naturellement*... – As palavras pareciam ter lhe escapado, então ela apenas acrescentou: – Recuso-me a voltar para casa tão cedo, de forma tão pouco elegante.

A última coisa que Edie queria era permanecer na companhia do pai e da madrasta. Ela lançou um olhar suplicante para Gowan.

– Sinto-me honrado em acompanhar minha noiva até sua casa – avisou ele ao conde. – Tenho apenas as mais honradas das intenções.

O pai de Edie estava tenso, mas ele conseguiu responder:

– Ficarei muito grato se acompanhar minha filha, Vossa Graça. Minha esposa e eu retornaremos no devido tempo.

– Não se Winifred também estiver na carruagem – completou Layla com dignidade. – Tenho padrões a obedecer.

Lorde Gilchrist sentou-se à mesa, com uma mistura de fúria e confusão estampando seu rosto.

– Poderia fazer a cortesia de me esclarecer quem seria essa tal Winifred?

– Não antes de conversarmos sobre coelhos – retrucou Layla, o queixo tão rígido quanto o do marido.

A mulher afastou uma taça vazia e com delicadeza segurou a haste de

outra.

– *Coelhos?*

– Boa noite, Layla, papai – despediu-se Edie, arrastando Gowan, sem esperar por uma resposta. – Perdoe-me pela cena – falou ela para o noivo, quando estavam distantes o suficiente para não serem ouvidos. – Acredito que o casamento deles chegou ao ponto de ebulição.

– Acredito que podemos evitar esse tipo de emoção turbulenta – assegurou Gowan.

Edie riu.

– Está citando minha primeira carta.

– Parafraseando – corrigiu Gowan. – Temo que não me recorde de suas palavras exatas.

– Não consigo imaginar nós dois nesse tipo de embarço.

Gowan começou a conduzir Edie até a porta, a multidão se abrindo para a passagem do duque como peixinhos diante de um tubarão.

– Você tem um temperamento forte? – perguntou ele. – Não quero ofendê-la, mas seu pai me pareceu um tanto irritadiço.

– Passei boa parte da minha vida desempenhando o papel de pacificadora – respondeu Edie. – A casa não teria sobrevivido se eu me permitisse ter crises de mau humor também. E você?

– Lamentavelmente, tenho um temperamento um tanto forte. – Os dois alcançaram a entrada e ele mandou um laçao buscar sua carruagem. – Na verdade, eu e seu pai talvez tenhamos mais em comum do que eu poderia supor.

Gowan pareceu muito feliz com a constatação.

– Mas aparenta ter tanta compostura! – exclamou Edie. – De fato, fiquei um pouco preocupada a princípio, temendo que jamais abandonasse sua tranquilidade ducal.

– Acho mais preocupante que você nunca tenha vivido a experiência de perder a cabeça.

Edie riu.

– Eu falei para Layla que bateria na sua cabeça com o arco do violoncelo se arranjassemos uma amante.

Gowan deu um sorriso torto.

– Perco a cabeça e digo coisas que não tinha intenção de dizer. Demorei 22 anos para admitir, mas de cabeça quente posso ser um imbecil.

– Creio que gostaria de vê-lo tomado pela paixão.

– Verá em breve.

A voz de Gowan acariciou sua pele como se fosse um beijo de veludo.

– Não foi isso que eu quis dizer!

– Quando perco a cabeça, grito como um louco.

Edie sentiu uma ponta de desconforto.

– Não parece muito agradável.

– Não é. Precisei submeter todos os empregados a um treinamento a fim de que aprendessem a me suportar. Nunca devem obedecer às minhas ordens quando estou tomado pela fúria.

– E o que exatamente provoca tal comportamento?

Gowan fez uma cara feia.

– Muito ocasionalmente, expulso pessoas de casa e depois me arrependo. Mas posso assegurar que isso aconteceu apenas três ou quatro vezes desde que herdei o título.

– Devo esperar ser posta para fora de casa?

Edie não sabia o que pensar.

Seu pai com certeza tinha um temperamento forte, mas nunca ameaçara deserdar ou dispensar ninguém. Ele apenas disparava algumas frases zangadas e desaparecia.

O mordomo apareceu com a capa dela. Gowan a tomou e cobriu-a ele mesmo.

– *Nunca*. Embora não possa prometer não banir o homem que flertar com minha mulher.

Edie o encarou, sentindo uma emoção distintamente feminina, quando os olhares se encontraram. No entanto... embora essa possessividade masculina parecesse encantadora, não seria bem assim na realidade.

– Por favor, não se transforme no meu pai... O senhor já viu quanto ele pode ser ciumento. Acredito que já viu minha família em seus piores momentos. Na maior parte do tempo, somos sóbrios e sãos.

– Diferentes da minha família, então – declarou Gowan.

Edie aguardou até que estivessem sentados no luxo tranquilo da carruagem antes de perguntar:

– Já me falou sobre falta de sobriedade. E o que há em relação à sanidade?

Houve o brilho de um sorriso outra vez.

– Digamos que a loucura surge de forma branda. Tenho três tias, cada uma delas obcecada por seu cão. Os cães têm festas de aniversário, coleiras enfeitadas com joias e mais agasalhos do que eu.

– Mais *agasalhos*?

– Veludo para o inverno, linho engomado para o verão. O pelo deles, ao que parece, não protege dos ventos escoceses. Periodicamente, diversos outros animais frequentam a casa. Minhas tias, as damas Sarah, Letty e Doris, estão convencidas de que qualquer animal pode ser adestrado se houver dedicação à tarefa.

– Qualquer animal? O que esperam que aprendam? Um coelho pode aprender a latir?

– Um cão não é treinado para latir – destacou Gowan. – O adestramento, no que diz respeito aos animais, pode ser resumido por uma habilidade de responder a determinado nome, controlar a bexiga, confinar dejetos a determinada área (*não estou* me referindo ao tapete do salão de visitas) e a cumprir determinadas ordens.

– Suponho que seja possível adestrar um gato – disse Edie, embora tivesse dúvidas.

Nunca tivera contato próximo com muitos animais.

– No entanto, pelo que eu saiba, eles não reagem de imediato – continuou ela.

Gowan balançou a cabeça.

– Os gatos estão no passado remoto. Minhas tias se ocuparam com diversas espécies de aves, uma ratazana, um porco-espinho, três esquilos e uma família inteira de coelhos. No momento, estão cuidando de porcos. Leitoas, na verdade.

– Estão treinando leitoas?

– Preferem o termo “domesticar”. – O tom de voz de Gowan estava tão seco que Edie começou a dar risadas. – Na minha última visita, as leitoas tinham aprendido a atender pelos nomes: Pétila, Cereja e Margarida. A essa altura, devo presumir que as trigêmeas já são mães. Ou já viraram toucinho.

Ele esticou as pernas longas e sua bota esbarrou no sapato de Edie. Até aquele contato fugidio lhe provocava calafrios, o que era um absurdo. *Absurdo.*

– De minha parte – disse ela, recompondo-se –, consideraria a higiene pessoal muito mais premente do que os nomes.

– As porquinhas progrediram bastante – retrucou Gowan, sério. – Desfilaram para mim na hora do jantar, parecendo rosadas, bem lavadas e enfeitadas com fitas em cores combinadas. Alguns incidentes ocorreram, mas bem menos do que se suporia.

– Ficarei encantada em conhecê-las – murmurou Edie, com o mesmo tom solene; então voltou a rir. – Sabe, nunca tive muito contato com nenhum animal, a não ser cavalos. Sei cavalgar.

Gowan abanou a mão, com desdém.

– Os cavalos fazem parte da idade das trevas da história da domesticação.

– De onde suas tias tiram essas ideias sobre adestramento?

– Letty defendia a tese quando era jovem e as outras duas acabaram assimilando a ideia.

O pé dele voltou a tocar no de Edie, mas sua expressão não se alterou. Será que era acidental? Aquilo a deixava inquieta.

– O que as faz pensar que serão bem-sucedidas?

Ele pareceu surpreso com a pergunta.

– Por que não pensariam? Se há alguém capaz de domesticar um porco, eu apostaria particularmente na tia Sarah. Ela conseguiu que um esquilo comesse em sua mão.

A segurança de Gowan fez Edie sorrir. Fora criada sabendo que era um membro da aristocracia e que por isso tinha sangue azul e tudo o mais. A verdade era que seu pai só se importava com música, e ela também. Aquilo havia diluído o efeito da educação de elite. Em Gowan e, possivelmente, nas suas tias, não ocorrera nenhuma diluição. Centenas de anos de autoconfiança tinham sido inculcados neles com o mesmo rigor com que ela aprendera as escalas musicais.

A sobrançelha arqueada de Gowan deixava claro que as tias poderiam, com toda certeza, adestrar um porco – se é que um porco poderia ser adestrado, e provavelmente mesmo que não pudesse ser.

– É uma espécie de experimento científico, compreende? A curiosidade é

uma característica da minha família. Nas gerações mais recentes, a maioria de nós ficou obcecada por uma investigação ou outra. Até a morte de meu pai pode ser classificada como uma tentativa infeliz de demonstrar algo.

– E você? – indagou Edie.

Gowan deu de ombros.

– Tenho algum interesse em trigo e estou cultivando uma nova variedade no momento.

O cultivo do trigo certamente parecia mais útil do que o adestramento de leitões. Por isso, Edie emitiu um som de aprovação e estava a ponto de perguntar se as tias tiveram algum sucesso com gansos – conhecera um ganso mal-humorado e agressivo na infância –, mas a carruagem parou. Havia chegado à residência dela, na Curzon Street. Edie Tateava o assento em busca de sua bolsa quando ouviram o chacoalhar de rodas que passaram por eles e pararam abruptamente.

Edie deslizou para junto da janela do seu lado da carruagem e ergueu a cortina. A carruagem do pai tinha acabado de estacionar. Um lacão de farda desceu e abriu a porta.

– Meus pais chegaram.

Gowan foi para sua janela e observou a situação com o mesmo interesse.

– Seu pai provavelmente conseguiu convencer sua madrasta de que dançar trôpega não seria uma boa ideia.

– Por que não estão saindo? – indagou Edie, depois de um momento.

– Não posso afirmar com absoluta certeza, mas acredito que seu pai esteja se esforçando para carregar a condessa. Imagino que a bebida a tenha deixado sonolenta, talvez até inconsciente.

Havia um tom de crítica na voz dele do qual Edie não gostou.

Abriu a boca para defender Layla, mas naquele momento o pai emergiu da carruagem com a esposa nos braços. A seda azul-celeste farfalhava atrás dele enquanto o conde se dirigia até a porta da frente, com a cabeça de Layla apoiada em seu ombro.

– É verdade. Ela deve ter adormecido – concluiu Edie. – Eu pensava que para isso seria necessário consumir algo mais forte do que champanhe.

– Não é uma questão de qualidade da bebida, e sim de quantidade. Quanto ela bebeu?

– Talvez seis taças? O problema é que não comeu muito o dia inteiro.

– Quase uma garrafa – salientou Gowan. – Ela se afogou na bebida.

Quando o conde se aproximou da entrada da casa, Layla, de súbito, esticou o braço e puxou a cabeça do marido em direção à sua boca. Estava definitivamente desperta. Edie deixou a cortina cair e se recostou no assento.

– Minha nossa – disse ela. – Preferia não ter visto isso. De qualquer forma, sabemos agora que Layla não está exatamente inconsciente.

– Ela com certeza sabe beber.

– Não precisa falar assim – repreendeu Edie, franzindo a testa. – Layla não é uma alcoólatra.

– Na minha experiência, os ébrios não são tão pouco afeitos à garrafa quanto gostariam que suas famílias acreditassem.

– Isso pode ser verdade em relação a seus pais – declarou Edie. – Embora odeie insistir em uma diferença pouco lisonjeira entre nossas famílias, Layla e eu ficamos juntas quase o tempo todo, pois sou incapaz de convencê-la a não interromper meus estudos. Essa foi a primeira vez que a vi atordoad.

Os olhos de Gowan demonstraram empatia.

– Os protestos mais ferozes não impediriam que meu pai interrompesse meus estudos.

– *Gowan*. Não foi o que quis dizer.

Depois de um segundo, ele falou:

– Ahn?

Parecia que o duque não estava acostumado a ser contrariado.

Pois bem, ele poderia aprender.

– Apesar de seu cinismo despertar minha simpatia – prosseguiu Edie –, gostaria que reconhecesse meu ponto aqui. Minha madrastra não costuma beber em excesso. Nem temos o hábito de tomar vinho durante o jantar. Só quando meu pai vem para casa, o que tem sido raro nesses dias.

– Compreendo – disse Gowan, assentindo.

Ele lançou um olhar pela janela.

– Ainda estão se beijando. Seu pai é bastante impetuoso para a idade.

– Ele não é tão velho assim – comentou Edie, deixando o assunto da madrastra inebriada e passando à defesa do pai irascível. – Acabou de passar dos 40. Você mesmo se gabou de que os escoceses se mantêm ativos bem

depois dessa idade.

– Achei mesmo que o homem tinha algo de escocês.

Era um absurdo que Edie precisasse apenas vislumbrar o sorriso de Gowan para ficar toda derretida, mas essa era a verdade.

– Pensei que talvez tivesse perdido o senso de humor.

– Peço perdão. Temo que meus pais tenham cultivado em mim uma antipatia marcante em relação aos abusos do álcool.

– É completamente compreensível – falou Edie. – Por favor, diga-me se meus pais já entraram, porque devo segui-los. Layla ficará histérica se entrar em minha alcova para me dar boa-noite e não me encontrar.

Gowan voltou a olhar.

– Eles entraram na casa.

– Nesse caso, devo me retirar. Noivos ou não, nós não devíamos ficar dentro de uma carruagem parada sem um acompanhante.

– Não parece justo – opinou Gowan, com uma faísca maliciosa surgindo em seu olhar. – Eu poderia levá-la para dar uma volta no Hyde Park.

– Não no escuro. Preciso entrar.

Mas a frase saiu com um tom um tanto rouco.

– Só depois do meu beijo de boa-noite – sussurrou ele, tomando-lhe as mãos e levando-a para seu lado da carruagem. – Minha quase esposa.

Edie inclinou a cabeça para encará-lo. Seus olhos estavam semicerrados e pareciam possessivos.

A cabeça dele se aproximou e ela prendeu a respiração por um momento, perguntando-se se aquele beijo seria tão inebriante quanto o primeiro... até que ela parou de imaginar. A língua dele deslizou para o interior de sua boca e Edie não conseguiu ter mais qualquer tipo de raciocínio.

Estava aprendendo que certas coisas não deviam ser avaliadas enquanto eram vividas; deviam ser apenas sentidas. Assim, ela se permitiu sentir como era macio e espesso o cabelo dele, e então, quando suas mãos desceram do pescoço para os ombros e para baixo, sentiu como as costas dele eram musculosas.

À essa altura, o beijo tornava-se mais insistente e Edie percebeu que se encontrava atracada a ele, quase sem fôlego, o corpo tomado por um ritmo que ela não conhecia, mas que instintivamente sentia em suas veias.

– Edie – murmurou Gowan, rouco, interrompendo o beijo com um gemido abafado. – Precisamos parar antes que...

– Não pare – interrompeu-o Edie, trazendo a boca de Gowan para perto da sua. – Ninguém sabe onde estamos.

E ele não parou, e só falaram outra vez quando Gowan pegou um dos seios de Edie, o que parecia tão maravilhoso que a fez balbuciar algo de incoerente. Ele riu baixinho e passou o polegar por seu mamilo.

A sensação fez Edie soltar um grito e roçar em sua mão. Sua capa, de alguma forma, havia desaparecido, embora ela pudesse sentir o calor e o poder das mãos dele sobre camadas e mais camadas de tecido, quando ele a tocava. Cada toque trazia consigo uma reação violenta.

Gowan parecia fascinado, observando atentamente como os seios dela escapavam de suas mãos.

– São bem grandes – sussurrou Edie, pensando em Layla caracterizando seu busto como deselegantemente amplo.

Ele lançou um olhar com um brilho fugidio que a fez querer se espremer contra ele e implorar por mais carícias. Carícias mais intensas.

– São perfeitos – elogiou ele.

O som da sua voz roçava a pele dela como se fossem as notas mais graves do seu violoncelo.

– Sonhei em tê-la em meus braços, Edie.

– Sonhou?

– Desde a noite em que a conheci. Mas nenhum sonho se compara à realidade.

Gowan fez algo tão agradável com as mãos que Edie só conseguiu se deixar recostar no assento. Ele prosseguiu, beijando então o pescoço, sem parar de acariciar seus seios, enquanto Edie pensava em como deveria ser o peso de um corpo masculino sobre o dela. E como deveria ser bom se ele pudesse tocá-la sem as barreiras do vestido e da roupa de baixo.

Imaginava que ele poderia ser pesado demais, mesmo apoiado nos cotovelos. Mas não era. Seu corpo adorava todos aqueles músculos e calor. Davam a ela o desejo de envolvê-lo com suas pernas. O que era uma ideia ultrajante, que a deixou chocada.

Ele alcançou a base do pescoço, mas, em vez de beijá-la, deu uma lambidinha, uma sensação tão boa que Edie, quase involuntariamente, gemeu e arqueou um pouco as costas. O corpo dele se encaixou no dela com mais

firmeza.

Então ele beijou a curva dos seios e apertou a coxa no vão entre as pernas dela. Edie agarrou os ombros dele com tanta força que ficou convencida de que deixaria marcas.

Gowan murmurou algo tão baixo que ela não conseguiu ouvir, e então ele deu um forte puxão no seu vestido. O espartilho se rasgou e os lábios dele envolveram um mamilo. Edie nunca havia imaginado tal sensação. Com um gritinho, voltou a arquear as costas.

Gowan a acariciava, lambia e beijava em um ataque sensual tão avassalador que Edie parou de raciocinar e simplesmente sentiu. Sentia-se como as bombinhas que os meninos explodiam nos festejos de fim de ano. Estava pronta para explodir em algo mais iluminado e assustador e deslumbrante, só faltava... Forçou-se contra a perna dele, sentindo um ardor que se espalhava por todo o seu corpo e a fazia perder o fôlego.

No momento em que ela sentiu que seria consumida pelas chamas... Gowan parou. Um frio desagradável substituiu o calor de sua boca. Olhou para baixo. Na penumbra, seus seios pareciam pálidos mas os mamilos estavam rosados e protuberantes, implorando por mais atenção.

O olhar dele seguiu o dela, mas ele estava de novo com aquele ar, ou talvez não fosse um ar.

Aquilo era um problema, pensou Edie confusa. *Ela* despencara numa escuridão envolvente ao ser beijada e, para ser honesta, nem se importava com o fato de estarem casados ou não. Queria fazer amor naquele banco de carruagem. Ou no chão. Ou em qualquer lugar onde ele quisesse.

Por outro lado, *ele* parecia ter recobrado um pouco do juízo.

– Como consegue se recompor tão rápido? – indagou ela, um momento depois, quando ele a depositava no assento, encontrava sua capa e começava a prendê-la como se ela fosse uma criança.

– Não estou recomposto – revelou ele em seguida.

Sua voz fez Edie se sentir melhor, pois havia um tom feroz nela.

– Sinto calor em toda parte – sussurrou ela, beijando-lhe a testa.

Era a única parte dele que conseguiria alcançar enquanto Gowan se empenhava em produzir o laço perfeito.

– Sinto que não vou conseguir dormir. Sinto...

– Eu tenho certeza de que não conseguirei dormir. – Os dedos dele pararam de se mover e seus olhos encontraram os dela. – Nunca sonhei que

dividiria a vida com uma mulher tão sensual.

– Não sou sensual – sussurrou Edie. – Na verdade, sou muito comum.

– Você não tem nada de comum – retrucou ele, segurando o rosto dela nas mãos e dando-lhe um beijo forte e acelerado.

Abriu a porta da carruagem e a ajudou a descer para a calçada antes que ela soubesse o que estava se passando.

– Gowan! – protestou.

Abaixou a voz, percebendo que os lacaios tinham saltado da carruagem e aguardavam instruções, dois de cada lado do veículo.

– Não acha que tenho um ponto significativo a defender, considerando a licença especial que você adquiriu? Se nossas reputações estão prestes a ser arruinadas sob a suspeita de que nossos atos anteciparam nossos votos, não seria melhor realmente fazê-lo? – prosseguiu Edie.

Gowan enfiou a mão dela em seu braço e começou a caminhar em direção a Willikins, que permanecia iluminado pela porta entreaberta.

– De fato, é algo a ser considerado, mas precisa compreender: valorizo minha honra mais do que minha reputação.

O duque voltara a assumir aquela voz aristocrática em reação – Edie supunha – à presença de todos aqueles homens uniformizados em volta deles.

Edie parou de andar quando estavam na metade do caminho e, esperava ela, longe dos ouvidos dos lacaios e de Willikins.

– Gowan – chamou, ríspida.

Ele a encarou com uma espécie de tolerância plácida, embora fosse difícil discernir sob a penumbra da porta. Ela o achou tão irritante que sacudiu o braço dele.

– Está se comportando de forma empolada, senhor duque.

– Empolada? – Um humor sarcástico voltou a seus olhos. – Dirigir-se a mim pelo meu título também é empolado.

Edie sentia apenas o calor, a moleza, a premência, e era extremamente irritante ver Gowan tão calmo quanto um pároco depois do sermão de domingo. Então, ela ficou na ponta dos pés e lambeu-lhe os lábios.

– O que está fazendo comigo, Edie?

A frase saiu como um rosnado de algum lugar profundo do peito dele e a banhou de satisfação.

Talvez ele apenas fosse melhor que ela em disfarçar os sentimentos.

– Estava apenas garantindo que você tenha tanta dificuldade para dormir quanto eu.

Então ela o abraçou, puxou sua cabeça e o beijou.

Não era o quarto beijo deles, nem o décimo quarto, mas fora o primeiro em que a iniciativa *partira dela*.

Havia algo naquela percepção que a fez se derreter ainda mais. Porém, apesar de demonstrar sinais satisfatórios de entusiasmo, Gowan não a arrebatou em seus braços nem voltou para a carruagem, gritando ao cocheiro que os conduzisse para um refúgio em qualquer lugar.

De fato, depois de algum tempo, ele afastou a boca, retirou os braços dela de seu pescoço e rosnou:

– Agora vou levá-la até a porta, *Edith*.

Edie conseguiu recuperar o fôlego quando alcançaram o pobre Willikins. O mordomo mantinha um semblante inexpressivo que, por alguma razão, a deixou ainda mais zangada. Teria que passar o resto da existência sendo observada por estátuas vivas?

Então fez uma reverência para se despedir de Gowan, mas recusou-se a encará-lo. Tinha acabado de subir a escadaria da frente quando ouviu um som exasperado. Ele a virou com força e disse em um tom de voz baixo e enérgico:

– Duques não defloram suas futuras esposas em carruagens, Edie.

Ela olhou para o lado, mas Willikins demonstrara a compreensão intuitiva dos deveres mais delicados de um mordomo e havia desaparecido no interior da casa.

– Não é isso – disse ela. – É a forma como o senhor se comporta. Em um minuto, eu o estou beijando e, no seguinte, sou despachada por um homem que é tão expressivo quanto uma porta. Em um momento, o senhor me faz rir e, no seguinte, assume a expressão de um professor que passa um sermão num garoto travesso. Acho irritante. *Extremamente*.

– Um homem é o que ele faz – afirmou Gowan. – Se eu deflorar minha noiva, não serei eu, mas outra pessoa, alguém tão sobrepujado pela luxúria que é capaz de se esquecer das regras que governam a civilização.

De repente, Edie sentiu-se cansada demais para discutir.

– É, o senhor deve estar certo – disse ela.

Pensou em fazer mais uma reverência, mas poderia ser interpretado da forma errada. Assim, ela acariciou o rosto dele, porque era, afinal, um homem querido, embora equivocado. E tomou o caminho de seu quarto.

Capítulo 16



Gowan retornou para a carruagem, subiu e sentou-se de braços cruzados durante o curto percurso até a própria casa.

Assim que chegou, saudou o mordomo, desfez-se da casaca e subiu para o quarto. Durante todo o tempo, uma espécie de ímpeto desesperado o provocava com as lembranças dos deliciosos seios de Edie, da forma como havia perdido o fôlego quando a beijara.

Seu criado entrou no quarto e perguntou se Sua Graça, enquanto se despia, estaria interessado em examinar o relatório do mordomo sobre as despesas da casa, como de costume. Gowan informou que preferia tomar um banho e dispensou o criado. Não desejava exhibir uma ereção que não dava sinais de ceder.

Que inferno, provavelmente nunca cederia. Ele ficaria excitado daquele jeito diante do altar. E o que viria a seguir? O que faria então?

Jogaria a duquesa numa carruagem e a possuiria no assento, como uma espécie de animal selvagem? Sua mente notou devidamente que Edie não se oporia. De fato, ele achava possível ter tido a sorte de encontrar, de alguma forma, uma mulher que apreciaria tudo o que ele pudesse conceber.

E Gowan poderia conceber muitas coisas. Não era apenas a imaginação dele. Seus antepassados também possuíam uma imaginação bem travessa e haviam abastecido a biblioteca com obras que abordavam essa temática. Por mais estranho que parecesse, todas as imagens estampadas naqueles livros pareciam vulgares depois que ele beijara Edie e ouvira seu gritinho. Vira também a deliciosa curva do pescoço quando ela perdeu a respiração.

Desejou poder possuí-la em Craigievar e casar-se com ela por lá, de modo que pudesse deixar a igreja e transportá-la diretamente para o canto deles. Mas não... Edie afirmava que seria um escândalo incontornável se partissem para a Escócia. Com toda a franqueza, ele não conseguia enxergar a diferença entre se casar às pressas em Londres e se casar às pressas em Gretna Green. Afinal de contas, qualquer homem na capital inglesa que dispusesse de

algumas libras poderia pôr as mãos numa licença especial, enquanto uma viagem para a Escócia, dada a necessidade de troca de cavalos, as hospedarias e o inevitável eixo quebrado, sairia bem mais caro.

Por que isso provocaria tamanho escândalo?

Olhou à sua volta com algum desprazer. Uma vez que se recusava a usar o assento da carruagem como substituição para o leito conjugal, Gowan precisava encontrar uma acomodação em Londres que fosse digna de sua noite de núpcias. Sua casa não era uma opção. Localizava-se na melhor área de Londres, a apenas três ou quatro ruas da residência do conde. No entanto, ele nunca se dera ao trabalho de trocar a decoração depois de adquiri-la. E o dono anterior tinha verdadeira adoração por adornos egípcios.

Dormira todas as noites sob um friso de cabeças de chacal. Não que ele desgostasse de chacais. Pelo que observara no Museu Britânico, os chacais egípcios tinham grandes focinhos e pareciam fazer parte da realeza. Os chacais de seu quarto mais pareciam beagles. Ele gostava da raça, mas não queria deitar sua noiva numa cama cercada por cães ofegantes.

Teria que ser no Nerot's Hotel. Tocou a sineta e Trundle, seu criado, reapareceu com rapidez satisfatória.

– Informe a Bardolph que desejo que visite o Nerot's e reserve sua melhor suíte.

Trundle fez uma reverência.

– Por quanto tempo, Vossa Graça?

Tinha vindo acompanhado de lacaios que levavam água quente para o quarto de banho enquanto Gowan pensava no assunto.

O conde de Gilchrist viraria um tomate se Gowan sugerisse se casar no dia seguinte. Por outro lado, ele não queria – não *podia* – esperar muito tempo.

– A partir de amanhã, até que outra comunicação seja feita – respondeu ele. – Se a melhor suíte estiver ocupada no momento, pague o dobro ao hotel para que se torne disponível.

Nem parecia que ele era o duque mais prudente com as finanças que o ducado conhecera em décadas.

– Posso ajudá-lo a se despir, Vossa Graça?

– Não.

– Para que possa tomar um banho enquanto a água ainda está quente?

Havia um pouco de desespero em sua voz.

– Não. Pode sair. Deixe a mensagem com Bardolph. Posso me despir sozinho.

Trundle franziu a testa e abriu a boca.

Gowan ergueu uma sobrancelha e o homem desapareceu porta afora.

Ele foi ao quarto de banhos e contemplou a banheira fumegante durante algum tempo, até recuperar os sentidos. Era perturbador se lembrar da boca de Edie. Mais do que perturbador. Era pura loucura.

Ficou nu, virou-se e viu sua imagem refletida no espelho. Conseguiria agradar a Edie?

Gowan havia parado de crescer aos 20 anos. Em vez disso, nos últimos dois anos, passara a ganhar corpo. As pernas eram musculosas, provavelmente resultado do pesado trabalho físico. Quando estava em Craigievar, Gowan costumava acordar às cinco e ir para o escritório, depois partir para os campos à tarde a fim de trabalhar ao lado de seus arrendatários.

Um nobre inglês não faria aquilo, mas os homens de seu clã esperavam que ele ajudasse, quando possível. Entregavam-lhe uma foice e apontavam-lhe uma fileira de plantas com considerável menos assombro do que se ele pagasse uma rodada a todos, na taverna. Não importava se estavam transportando lenha ou arrumando feixes de cevada. Ele trabalhava ao lado deles.

A atividade física, junto com anos de natação, lhe dera também ombros largos, o que o tornava bem diferente dos cavalheiros ingleses e seus corpinhos magros. Não se enganava ao pensar que eram todos flácidos e indefesos, pois sabia que não eram. Já havia visitado o Gentleman Jackson's Saloon em Londres, e vira lutas de boxe que se desenrolavam com ferocidade calculada. No entanto, o físico dos ingleses tendia a ser esguio.

Os escoceses, por sua vez, eram massas de músculos.

Sob seu amplo torso, Gowan era maior do que a média. Tinha conhecimento empírico, a partir de inevitáveis observações. Depois de um dia de trabalho pesado nos campos, os homens ficavam nus e mergulhavam no lago geladíssimo, e o duque os acompanhava. Mesmo aos 18 anos, percebia que os ancestrais haviam lhe deixado de herança algo mais do que um castelo. E se Edie não gostasse daquela parte de seu corpo?

Gowan baixou o braço e segurou as bolas. Estavam no seu maior tamanho possível, e assim tinham permanecido desde o momento em que vira Edie naquela noite. Não era particularmente agradável se sentir como um

barril de pólvora a ponto de explodir.

Admirando-se no espelho, ele envolveu sua ferramenta com a mão. Foi como ter uma visão. Era como se Edie estivesse a seu lado e seus dedos longos e delicados o acariciassem.

Ela era uma dama quase perfeita, pois as pontas dos dedos de sua mão esquerda tinham calos provocados pelas infindáveis horas de estudo. Ele ainda tentava absorver a ideia de que ia se casar com uma musicista. Presenciar o dueto tocado por ela e o pai fora uma revelação. O corpo dela se dobrava com a música, como um salgueiro diante de uma ventania, o rosto cheio de vida e de alegria.

Queria que ela também se sentisse assim em relação a ele. E queria que ela o acariciasse com suas mãos musicais.

O pensamento levou a uma imagem de Edie ajoelhada a seus pés, os cabelos longos e louros jogados sobre um ombro, os lábios se abrindo enquanto ela...

Um som áspero saiu de sua garganta; apertou a mão.

Minutos depois, ele entrou na banheira. A água parecia uma carícia, e seu corpo tornou a se manifestar e a enrijecer. No entanto, pensamentos sobre a rapidez com que ele perdera o controle circulavam sem parar em seu cérebro, e não de um modo feliz. Era inaceitável.

Ele não podia arder como conhaque lançado nas chamas. Tinha uma responsabilidade para com Edie. Era mais do que uma responsabilidade em relação à consumação de seu casamento. Acreditava que a primeira noite de um casal determinava o padrão de suas relações conjugais nos anos seguintes.

Como herdara o ducado ainda muito jovem, ele havia muito aprendera a planejar e a ensaiar qualquer novo ato. Um menino encarregado da tarefa de comandar uma casa só pode praticar o que precisa ser feito na privacidade de seu quarto de banho, pois é um dos raros lugares onde consegue ficar sozinho.

Em um dia, ele pode ensaiar o discurso que fará ao recuperar o controle da banca local. E ao entrar para o quadro de conselheiros. Com o tempo, pode se tornar tão bom em imaginar as diversas consequências possíveis de seus atos que passa a cometer erros com raridade – porque ele pensa com antecedência em todas as fraquezas concebíveis.

O casamento e a intimidade eram apenas novos desafios. Como nunca tivera relações sexuais, havia o perigo de perder o controle e agir como um garoto de 14 anos. Seria algo inaceitável, mas que não o preocupava. Não gostara de se afastar de Edie, muito menos de devolver aqueles seios

deliciosos para dentro do espartilho, mas nunca chegara perto de perder o controle.

O segredo era fazer uma anotação mental do que era preciso ser feito para assegurar que Edie apreciasse sua primeira experiência sexual, levando em conta particularmente a dor que as mulheres pareciam sentir. Essa era a eventualidade para a qual não podia se planejar, pois, segundo todos os relatos, a intensidade da dor variava. Algumas sentiam uma dor aguda, enquanto outras, apenas um desconforto. Muitas, pelo que lhe havia sido sugerido, não sentiam dor nenhuma.

Esperava que Edie fosse uma dessas mulheres, mas, de qualquer forma, ele era responsável pelo prazer dela, ou mesmo por seu êxtase, durante o resto da noite. Ela estava visivelmente interessada, de forma que ele não precisava se preocupar com frigidez. Não demorou muito para que ele preparasse um passo a passo para a noite do casamento. Em sua cabeça, brotaram imagens, graças aos livros ilustrados encontrados na biblioteca.

Sua mente se nublava diante da lembrança da forma com que a respiração de Edie ficou entrecortada e de como soltava gritinhos cada vez que ele sugava seus seios. A simples ideia de mergulhar na quentura das profundezas dela, de ver seus olhos se arregalarem com êxtase, de senti-la tensa em volta dele...

Gowan acabou jogando a cabeça para trás na banheira. Maldição. Estava viciado naquilo. Assim que se casasse, não queria se tocar nunca mais. Nunca mais.

Seria tocado apenas por Edie. Por suas mãos...

Por seu corpo...

Capítulo 17



Edie sonhou que estava dançando com Gowan. Rodopiavam por um salão de baile, em círculos cada vez maiores, em perfeita sincronia. E então ela parou no meio de uma volta, puxou a cabeça dele para junto de si e o beijou.

Acordou sentindo-se feliz, tarde, depois da hora do desjejum, por isso praticou por algum tempo até a hora do almoço. Quando desceu, encontrou Layla na sala de jantar com um ar abatido, mas parecendo bem mais animada do que em muito tempo.

– Querida! – exclamou ela. – Junte-se a mim. Jonas estará aqui em breve.

– Não quero detalhes – declarou Edie, contornando a mesa.

– Como se eu fosse capaz de fazer algo tão grosseiro – rebateu Layla, abanando a mão e batendo-a na testa com um gemido abafado. – Estou com uma terrível dor de cabeça, querida. Não pode imaginar. Seu pai e eu ficamos acordados...

– Espero que tenham conseguido ter uma conversa racional.

Layla deu uma risadinha.

– Eu não conseguiria me lembrar. Acho que não. Coelhos, querida. Coelhos!

Edie tinha a firme opinião de que correr atrás de coelhos pela noite, embora pudesse ser um bom começo, não era um jeito muito eficiente de curar uma rixa matrimonial.

– Para sua sorte – prosseguiu a madrastra –, sou capaz de planejar um casamento mesmo quando minha cabeça parece estar prestes a partir ao meio. Isso sem falar de compras: precisamos comprar alguns presentes para sua nova filhinha. Ou melhor, tecnicamente, sua meia-cunhada ou algo parecido.

Edie mordeu o lábio.

O olhar de Layla se suavizou.

– Você será uma mãe maravilhosa para aquela pobre criança, Edie. Você vai ver. Assim que a encontrar, seu coração se derreterá.

O coração de Layla se derretia ao ver qualquer criança. Era capaz de interromper qualquer passante com crianças de colo para fazer carinho e admirar os bebês. Edie, por sua vez, tendia a se segurar. As crianças eram muito pequenas e frágeis. Não tinha a menor ideia do que fazer com elas ou do que dizer.

– Vamos passar no Egbert’s Emporium hoje à tarde – continuou Layla. – Ela vai precisar de uma boneca, é claro. Talvez uma fazendinha de brinquedo também, bem como alguns daqueles mapas da Inglaterra para crianças.

– Seria mais apropriado um mapa da Escócia – interveio Edie.

– Inglaterra, Escócia, seja lá o que for. Vi a mais adorável das bonecas há alguns dias. Vinha acompanhada por três chapéus. Se eu soubesse da existência da menina na ocasião, teria comprado, mas seu pai não havia mencionado Susannah nem para mim.

Edie tinha uma boa ideia do que levava o conde a não contar nada para a mulher. A simples ideia de existir uma pobre pequena órfã já trazia lágrimas aos olhos de Layla, e seu pai obviamente escolhera o silêncio em vez de uma conversa difícil. Estendeu o braço, atravessando a mesa, e apertou a mão da madrastra.

– Vai me visitar, não vai? Por favor?

– Claro! É bem provável que eu seja a tia mais indulgente que uma criança já teve. Aviso agora que pretendo cobri-la de fitas, sapatos e todo tipo de futilidade. Juntas, vamos compensar a ausência da mãe.

Naquele momento a porta se abriu e o pai de Edie surgiu na soleira. Ao contrário da esposa, ele parecia bem-cuidado como sempre. Edie sentia enorme dificuldade de imaginar seu pai vestido de uma forma menos do que imaculada, embora, naturalmente, ela não tivesse nenhum interesse em desperdiçar sua imaginação neste tema.

Assim que se sentou e o primeiro prato foi servido, ele anunciou:

– Cheguei a uma conclusão em relação à sua cerimônia de casamento, Edie.

Edie assentiu. Decidira que se recusaria a esperar por mais quatro meses.

– O duque espera me pressionar com a licença especial. Reconhecer o fato não faz com que eu seja contrário à ideia. Além do mais, os boatos

provocarão estragos quer aguardemos quatro meses quer não. É uma grande infelicidade que lady Runcible tenha sido informada do pedido de Kinross.

Ele lançou um olhar de desaprovação para a esposa, o que fez Edie compreender que estava certa: caçar coelhos não curava problemas conjugais.

Por sorte, Layla estava com a cabeça pousada sobre o braço e não percebeu a reprimenda silenciosa.

– Decidi que permitirei que o casamento aconteça num futuro bem próximo – anunciou ele. – A festa será pequena, claro. Pedirei que o bispo de Rochester realize os ritos. Frequentamos a escola juntos.

Edie percebeu que um sorriso involuntário se abria no próprio rosto.

– No entanto, devo insistir que o duque permaneça com você em Londres por alguns meses ou, se sentir necessidade de ir e voltar da Escócia, que o faça enquanto você permanece na cidade. Pretendo garantir que não passe pela cabeça de ninguém que o casamento teve que ser antecipado por conta de um comportamento impróprio.

– E se Edie ficar *enceinte* depois de uma ou duas semanas? – perguntou Layla, erguendo a cabeça. – Não vai fazer a menor diferença se ela ficar aqui ou for para a Escócia.

– Não engravidarei – disse Edie, apressada. – Tenho certeza de que isso nunca acontece.

– Aconteceu com sua mãe – rebateu o pai, cruel.

O queixo de Layla se manteve erguido de forma admirável.

– O duque de Kinross com certeza parece ser de uma virilidade notável.

– Não sei onde ficaríamos em Londres! – balbuciou Edie, o coração agitado diante da tensão à mesa de jantar.

O que aconteceria depois que ela partisse? Desempenhara o papel de pacificadora da família durante a maior parte do casamento do pai.

– O duque possui uma grande propriedade na cidade, a uma curta distância daqui – revelou o pai, com o tom de voz controlado e sem emoção. – Precisa aprender quais são os bens de seu marido, Edith. Ele é dono de um castelo e das terras que o cercam na Escócia, bem como de outras duas propriedades a alguma distância de sua residência. Uma delas, nas Terras Altas, é a sede de seu clã. Possui ainda uma casa em Shropshire, além da de Londres, que já mencionei. E – acrescentou ele, meticulosamente – houve menção a uma pequena ilha na costa da Itália.

– Ai, que romântico! – exclamou Layla. – Por favor, diga que vai me

convidar para sua ilha, Edie.

No rastro do cruel diálogo anterior, a madrasta não conseguiu manter a mesma pose do marido. A voz vacilava um pouco.

– Claro! – concordou Edie. – Se houver uma casa na ilha, adoraremos recebê-los.

Sentia-se um tanto estranha em relação a todas aquelas propriedades. Então estava prestes a se casar com um homem abastado. Não que lhe desagradasse descobrir que o marido era rico, mas aquilo também não a enchia de alegria. Cansara de ver o pai exaurido pelas responsabilidades inerentes à administração de sua propriedade e de diversas casas.

Se não tivesse tanta coisa com que se ocupar, o conde poderia ter sido um dos mais renomados músicos do mundo. Edie sentiu uma pontada de tristeza por ele. Fora criada sabendo que as mulheres não tinham a menor chance de se apresentar em público, mas para seu pai a escolha deve ter se imposto em algum momento.

Examinando o rosto forte do pai, a verdade a atingiu: nunca houve uma escolha. O conde nunca teria dado costas a suas responsabilidades. Estava aprisionado pelo nascimento, da mesma forma que ela era prisioneira do seu sexo.

Se Gowan não houvesse herdado seu ducado, possivelmente teria passado a vida plantando trigo. Não era uma ideia tão interessante quanto se tornar um violoncelista de renome mundial, embora tivesse certo encanto bucólico.

– Devo informar ao duque da minha decisão em relação à cerimônia esta tarde – dizia o pai naquele momento.

– Como não vai haver tempo hábil para produzir um vestido de noiva especialmente para você, pode usar o meu – sugeriu Layla. – A moda não mudou tanto desde que eu o usei. Precisaremos fazer alguns ajustes, um ou dois pontos aqui e ali, e vai ficar perfeito.

– Ah, Layla, é uma oferta muito generosa.

Edie voltou a pegar na mão da madrasta, desejando de todo o coração que as coisas tivessem sido diferentes.

Layla vinha guardando o vestido para a própria filha... mas aparentemente havia abandonado aquele sonho.

Mesmo tomada pela indiferença da adolescência, Edie ficara encantada diante do vestido de casamento de sua então nova madrasta. Era feito de seda bordada com minúsculas lantejoulas, de forma que fluía como a água,

refletindo a luz e dando a quem o vestia um ar bastante etéreo. Layla parecia flutuar pela igreja, sorrindo para o pai de Edie. A lembrança era insuportavelmente tocante naquele momento.

– Edith usará o vestido de casamento da mãe dela – declarou o conde, desdenhando a oferta.

Layla estremeceu.

Edie olhou-o zangada.

– Não sabia que mamãe havia me deixado um vestido.

– O vestido e as joias deveriam ser entregues na ocasião do seu casamento.

– Entendo.

Ela apertou a mão de Layla por debaixo da mesa.

Os olhos da madrastra perderam um tanto de brilho. Layla levantou-se e disse apenas:

– Acredito que bebi champanhe demais na noite passada para aproveitar esta refeição.

Edie e seu pai terminaram de comer em completo silêncio. Ela esperou para ver se ele ia correr atrás da esposa, mas, em vez disso, ele caminhou até o saguão e pediu sua capa. Um momento depois, a porta da frente se abriu e ele saiu.

Então Edie subiu e encontrou Layla cercada por criadas – com três baús abertos.

– Estou de saída para visitar meus pais em Berwick-Upon-Tweed. – Seu rosto estava da cor de um pergaminho, mas ela não chorava. – Agora que a gota impede meu pai de viajar para Londres, devo ir até eles.

Edie afundou numa poltrona.

– Apenas lamento perder seu casamento – prosseguiu Layla. – De qualquer forma, até onde sei, eu não seria bem-vinda na presença do vestido de sua mãe.

– Ah, Layla, não! – exclamou Edie.

Os olhos da madrastra estavam transbordantes de lágrimas não derramadas.

– Sabe quanto eu a amo. Mas a ideia de estar na igreja ao lado de seu pai durante a cerimônia, fingindo que ele não é indiferente a mim... Não consigo.

– Eu compreendo – disse Edie, levantando-se para lhe dar um abraço. – De verdade.

– A casa de meus pais no campo é próxima à fronteira com a Escócia, assim posso lhe fazer uma visita antes de... se eu voltar para Londres.

Layla engoliu em seco.

Edie apertou-a, com dor no coração. Abriu a boca para dizer que seu pai, com toda a certeza, mandaria alguém buscar a esposa, mas silenciou. Parecia bastante provável que o conde não se importaria.

– O importante é que você, minha querida, será feliz com aquele seu escocês deslumbrante – disse Layla, dando-lhe um beijo no rosto.

Como era de esperar, quando o pai apareceu para o jantar naquela noite, comentou com indiferença que não havia nada para fazer numa cidadezinha perto da fronteira com a Escócia.

– Minha esposa não encontrará frivolidades com que se divertir e logo voltará. Não vejo motivo para perder tempo e energia indo atrás dela.

– Se pudesse ser mais gentil com ela... – implorou Edie. – Ela o adora.

– Não sabe nada do que está dizendo! – retrucou o pai.

– Sei que o senhor a ama, mas a trata como se fosse uma autêntica concubina. Como se o fato de o *senhor* se conduzir com um tom moral tão elevado obrigasse todos a se ajoelharem ante a sua passagem. Sei que ela o ama...

O conde não aguardou o resto de sua análise. Levantou-se e deixou o aposento. Edie suspirou. O comportamento rude do pai era sinal de extrema agitação, levando-se em conta que ele julgava que bons modos eram quase divinos, ou até mais do que isso.

A casa se encontrava estranhamente em silêncio sem a gargalhada estrepitosa de Layla e sem sua voz exclamando comentários ultrajantes.

No almoço do dia seguinte, o rosto do pai parecia mais impassível do que nunca. Pela primeira vez desde que se lembrava, Gilchrist negou com a cabeça quando ela lhe perguntou se gostaria de ensaiar duetos. Quando ficou claro que ele não seria persuadido, Edie retirou-se para seu quarto e tocou durante horas, mas a música parecia tão vazia quanto seu coração.

Gowan apareceu no final da tarde e sugeriu que a cerimônia ocorresse o mais rápido possível, empregando o tom aristocrático que presumia obediência. O pai não se irritou, como teria acontecido antes. E então Gowan acrescentou que, no que lhe dizia respeito, era um absurdo permanecer em

Londres apenas para calar os fofoqueiros e que qualquer um que quisesse acreditar em boatos difamatórios poderia ir para o inferno. O conde também não quis discutir. Simplesmente capitulou diante de todas as exigências do duque.

Conseguiu manter uma expressão impenetrável por alguns dias, até a manhã do casamento de Edie. No fim das contas, acabou descendo a escadaria com o vestido de Layla, pois o vestido de sua mãe havia sido devorado pelas traças.

Edie costumava ser modesta, mas sabia que o vestido de Layla a valorizava. Todas aquelas pequenas lantejoulas refletiam a luz e pareciam diamantes. As mangas eram curtas e o corpete decotado, bem justo, dava forma ao seu busto e caía em graciosas dobras na altura dos quadris. Joias prendiam seu cabelo no alto da cabeça, como Layla fizera na época, embora Edie usasse as opalas da mãe, em vez das pérolas de Layla.

Foi apenas naquele momento que a fachada pétrea do pai cedeu. Ele se encolheu e a sombra de algo parecido com agonia surgiu em seu rosto, mas se curvou e declarou em seu costumeiro tom contido:

– Minha filha, você está muito bem nesse vestido.

Mesmo quando entraram na abadia de Westminster, o pai não se mostrou ressentido por Layla não estar a seu lado.

Edie, por sua vez, desejava desesperadamente que a madrastra estivesse ali. Odiava a ideia de deixar o pai sozinho, numa casa silenciosa, acompanhado apenas por quatro violoncelos, por mais consolo que ele pudesse encontrar na música.

Tinham decidido dispensar qualquer tipo de recepção, por causa da ausência de Layla. Então, depois de uma breve cerimônia, voltaram para a casa do conde e compartilharam um almoço bastante cordial, em que os três tiveram todo o cuidado para evitar mencionar o nome da condessa.

Gowan e lorde Gilchrist divertiram-se muito, aos olhos de Edie, denunciando o sistema de impostos britânicos, particularmente os esforços de certos políticos absurdamente antipáticos para reintroduzir um imposto de renda pessoal – o que alijaria gente inocente, como os dois nobres em questão, de seus merecidos rendimentos. Edie pegou-se olhando de um para o outro e percebeu que de fato tinham muito em comum. Foi um pensamento estranho que ela guardou para examinar melhor no futuro.

No final da tarde, depois de ter trocado o vestido de noiva por um novo chiquérrimo, e depois que todos os seus baús e pertences haviam sido levados pelos criados do duque, chegou a hora da despedida. Gowan ficou à espera ao

lado da carruagem, ladeado por tantos lacaios fardados que ele mais parecia ser um membro da família real.

Ela tomou as mãos do pai e tentou mais uma vez:

– Por favor, mande buscá-la.

O conde assentiu, mas foi um gesto tão mecânico que ela sabia que ele indicava apenas que havia ouvido, e não que obedeceria.

Não podia fazer mais nada. Então Edie subiu na carruagem. Não era mais lady Edith. Não era mais a pacificadora do lar dos Gilchrists. Não era mais a filha solteira.

Era a duquesa de Kinross e, sentado diante dela, estava *seu marido*.

E seu marido...

Gowan parecia calmo e impenetrável, mas ela sabia a verdade: o duque tinha se mobilizado tanto quanto ela com os ritos nupciais.

Quando ele prometeu “amá-la e respeitá-la na saúde e na doença”, ela sentiu a cor tomar conta do próprio rosto ao perceber a expressão em seus olhos. A respiração ficou presa nos pulmões, e ela segurou as mãos dele como se fossem a única coisa capaz de mantê-la em pé.

Nunca havia sonhado que os votos matrimoniais pudessem significar tanto. Nem que ela encontraria o único homem do mundo que seria perfeito para ela.

E então, ao prometer “ser fiel até que a morte nos separe”, os olhos de Gowan reluziram com uma alegria que ela testemunhara apenas algumas vezes na vida.

Agora estava sentada diante dele, vestida com uma capa de veludo enfeitada com pérolas verdadeiras. Depois de um momento, permitiu que a capa escorregasse pelos seus ombros para que os seios reluzissem como as opalas no seu cabelo.

Uma chama ardia no olhar de Gowan, um interesse intenso que a fez se remexer no assento e erguer os ombros, o que apenas serviu para deixar seu busto mais proeminente.

– Você tem seios lindos. Mostre-os – dissera-lhe Layla.

Edie preferiu não julgar se a propensão da madrastra a exhibir o busto em público tinha feito bem ou mal a seu casamento. Deixando de lado as propensões de Layla – e seu busto –, Edie sabia perfeitamente que Gowan gostava de seus seios.

Já haviam dito um ao outro tudo o que precisava ser dito.

O resto da noite?

Sem palavras.

Capítulo 18



Nerot's Hotel *Londres*

— Nunca entrei num hotel – disse Edie, analisando tudo com curiosidade. – Ainda não entendo por que não podemos simplesmente passar a noite na sua casa, Gowan.

— Minha casa não é aceitável para uma duquesa – respondeu ele.

A simples ideia de levar Edie para um quarto todo decorado com chacais o ofendia. O Nerot's, por outro lado, oferecia um nível adequado de luxuosa privacidade. Se não podiam passar a noite de núpcias em seu castelo, o Nerot's era a segunda melhor opção.

O Sr. Bindle, mordomo de Gowan, aproximou-se deles enquanto cruzavam o hall de entrada, seguido por um homem baixo com uma notável cabeleira, lembrando um dente-de-leão ao vento. O homem-flor era o Sr. Parnell, gerente do estabelecimento.

Gowan não viu nenhum motivo para perder tempo com o sujeito – com toda a certeza Bindle cuidara de todos os detalhes –, mas ouviu tudo com controlada civilidade, enquanto Parnell balbuciava sobre diversos arranjos feitos para acomodar sua *entourage*, incluindo Bindle, o cozinheiro e seus criados pessoais.

Sim, ele havia levado seis lacaios, seu cozinheiro, o criado pessoal e vários outros servos, sem falar dos baús e da carruagem com o violoncelo de Edie. Mas a comitiva poderia ser abrigada sem sua ajuda.

Gowan olhou para Bindle, que tomou o braço de Parnell e o conduziu, apressando o passo. Subiram um lance de escada de mármore, onde, ao final do corredor, chegaram a uma entrada com portas duplas, altas e extravagantemente douradas.

— Que beleza! – exclamou Edie.

O Sr. Parnell secou a testa.

— A suíte real. As portas vieram da França, onde costumavam fazer parte do Palais Royal, em Paris, Vossas Graças.

O gerente virou a chave na fechadura e eles entraram no grande salão do aposento. Bindle anunciou que uma refeição, que estava sendo preparada pelo chef do duque, seria servida em cinco minutos.

Edie vagou pelo quarto examinando a decoração. Olhou de relance para Gowan, que sentiu como se tivesse sido atingido por um raio. Esperava que ele recusasse a refeição. Gowan percebeu isso naquele olhar cheio de travessura borbulhante.

Omitir uma refeição, porém, não fazia parte dos planos. A última coisa que ele queria era que ela enfraquecesse por falta de alimentação. O duque assentiu para Bindle, indicando que ele e Parnell saíssem. Então começou a rondar Edie, desfrutando dela, que mais parecia uma coluna de luz dourada parada diante das grandes janelas. O vestido que usava tinha sido criado para enlouquecer um homem até que ele perdesse os sentidos. Parecia um simples tecido enrolado em seu corpo, de modo que um sujeito poderia apenas puxar um alfinete aqui e ali, e ficaria diante de uma mulher deliciosamente nua.

A porta voltou a abrir e Mary, a criada de Edie, avançou, seguida do valete de Gowan, Trundel.

Gowan os encarou por cima do ombro.

– Não entrarão nesta suíte a menos que tenham sido expressamente convocados.

Mary se curvou tanto ao fazer uma reverência que quase perdeu o equilíbrio. Ela e Trundle fugiram.

– Isso era realmente necessário? – perguntou Edie.

– Meus criados não estão acostumados a me conceder privacidade – explicou ele, acompanhando o traçado da sobancelha dela com um dedo –, pois nunca a exigi. Terão que adotar um novo comportamento.

– Nunca pediu privacidade?

– No banheiro, claro.

– Os criados entram e saem à vontade? – A voz dela era vagamente descrente.

– Só se tiverem motivo para entrar no aposento, claro.

– Quase sempre fico sozinha. E ninguém entra no meu quarto sem avisar, a não ser Layla.

– Quando estava tocando, na noite em que seu pai foi acompanhá-la, você pareceu furiosa até perceber que era ele que entrava no seu quarto.

– Não foi por saber *quem* era ele, foi porque ele carregava um instrumento. Não gosto de ser interrompida quando estou tocando ou que me peçam para parar antes que eu tenha terminado de praticar.

– Informarei meus empregados. Não a incomodarão. – Ele se deslocou até ficar parado bem na frente dela e deixou que o dedo deslizesse por sua face, percorresse seu queixo e refizesse o percurso. – É tão linda, Edie... Estou espantado.

– Pois bem, não entendo como fica – disse ela daquele jeito adoravelmente prático. – Espanto é o que sinto quando o olho.

Porém, não encontrou nada parecido com espanto no olhar dela. Em vez disso, viu uma mistura de malícia e desejo. Aquilo deixou sua mente turva e ele quase se lançou sobre ela como um lobo faminto, mas obrigou-se a seguir o plano.

Ele baixou a cabeça e a beijou com delicadeza. Da mesma forma como um cavalheiro beija a esposa, com respeito.

Edie envolveu o pescoço dele com os braços e retribuiu o beijo. Parecia não ligar para o respeito, pois seus lábios estavam famintos e ela exigia um beijo de natureza bem distinta. A forma desastrada como ela colocou a língua entre os lábios dele acendeu um fogo brando em sua virilha.

Logo beijavam-se de forma tão efusiva que ele só voltou a si quando percebeu que ela estava puxando sua gravata. Ergueu a mão para impedi-la.

– Nosso jantar chegará em breve.

Aliás, achava estranho que não tivesse chegado.

Bindle dissera cinco minutos e Gowan poderia acertar o relógio pelos informes de Bindle.

– Quem se importa? – sussurrou Edie.

Ela aproximou-se dele e beijou seu pescoço. Gowan sentiu uma pulsão de desejo tão poderosa que quase perdeu o controle.

Por isso, fez a única coisa possível: recuou. Quando Edie baixou as mãos, a gravata caiu no chão.

– Minha nossa – disse ela, balançando a cabeça. – Não é hora de fazer cena, Gowan.

A porta voltou a se abrir e Bindle entrou com sua costumeira eficiência silenciosa, seguido pelo sommelier, Sr. Rillings, e quatro lacaios com uma mesa cheia. Os lacaios pousaram a mesa no meio do aposento e arrumaram as cadeiras nas cabeceiras.

Gowan apresentou à esposa os criados que ela ainda não conhecia. Os modos de Edie eram refinados, como condizia com uma dama de seu calibre. Era respeitosa e cortês com todos, e dispensou uma atenção ligeiramente mais calorosa ao Sr. Bindle.

Assumiram os lugares à mesa, disposta com travessas, talheres de prata e porcelanas estampadas com o selo ducal. Edie examinou seu prato em silêncio, enquanto o Sr. Rillings explicava por que escolhera aqueles vinhos para a refeição.

Então Bindle entrou em ação e começou a descrever as iguarias ocultas sob as cloches de prata. Gowan notou, distraído, que os criados vinham sendo bem-sucedidos na tarefa de organizar jantares em Craigievar, mesmo no ambiente impessoal de um hotel.

Não era novidade que seu mordomo era um tanto prolixo. Mas o duque havia herdado Bindle, da mesma forma que herdara Bardolph, e nunca achou que valeria a pena treiná-lo para ser mais sucinto.

Naquele momento, entretanto, em algum ponto da recitação – justo quando Bindle começara a descrever o *bouef en daube* –, Edie ergueu a mão. Ele parou.

– Sr. Bindle – disse ela, com delicadeza –, acho que eu preferia ter o prazer da descoberta esta noite.

O mordomo ficou boquiaberto. Não era um homem acostumado a ser interrompido. A casa do duque se movimentava num ritmo contínuo, tão regular quanto as marés. Tudo acontecia em seu momento devido, durante o período exato.

Edie sorriu e finalmente o homem entendeu que era hora de partir. Juntou os lacaios, Rillings e todos saíram.

– Foi magistral – falou Gowan, erguendo a taça e abrindo um sorriso torto.

Era uma boa sensação reconhecer que ele não seria mais o único detentor do poder naquele mundo particular. *Ela* também estaria lá. Ao lado dele.

– Estou menos interessada no preparo e nos ingredientes da comida do que você. Tem a aparência e o cheiro de um bom ensopado de carne, e é tudo que preciso saber.

– Nunca presto muita atenção quando Bindle explica o menu.

– Então por que raios ele lhe fornece uma descrição tão prolongada?

– Sempre foi assim.

Edie franziu a testa.

– Não me parece uma explicação razoável, Gowan.

– Acho que isso o faz feliz – observou ele.

Ela parou o garfo a caminho da boca. Seus olhos verdes o avaliaram de tal forma que ele voltou a sentir uma onda de calor na virilha.

Então ela colocou o talher entre os lábios e ele desejou desesperadamente jogar a mesa para o lado e nem ligar se o barulho perturbasse Londres inteira. Ele a levaria para cama e...

Respirou fundo.

Não poderia perder o controle e possuir a esposa em seguida. Não seria digno.

– É muito sensível de sua parte considerar a satisfação de seu mordomo, Gowan – observou Edie, engolindo a comida.

Seus lábios reluziam e ele sentia vontade de jogar a cabeça para trás e uivar. Não queria comer aquela maldita comida.

Em vez disso, bebericou o vinho e experimentou voltar a atenção à sua complexidade, produzido com uvas que cresciam apenas nas montanhas, de uma doçura madura, de cor dourada... como havia sido relatado por Rillings.

Mas fracassou.

Edie deu mais duas garfadas enquanto ele observava seus lábios com os olhos semicerrados e examinava sua lista de coisas a fazer.

– Lamento que suas tias tenham perdido o casamento. Será que vão ficar chateadas? O que acha?

– Duvido muito. Vão ficar felizes em conhecê-la, mas considerariam uma traição ao temperamento científico agitar-se por causa de um casamento. Ainda não foram a Craigievar nem para conhecer Susannah, por exemplo. Seria uma interrupção do programa de treinamento do momento.

– Quanto devo comer? – perguntou ela, dando outra garfada.

– O que quer dizer?

– Deduzo que tenha decidido que preciso me fortalecer para os exercícios extenuantes que virão a seguir. E devo ser a única a precisar de alimento, pois até agora você não tocou no seu prato.

– É minha esposa – disse ele, quase como se pedisse desculpas. – Sou responsável por garantir que esteja vestida e bem alimentada. – Enquanto

pronunciava essas palavras, Gowan se perguntava se pareciam tão estúpidas para ela quanto eram para ele.

Em caso positivo, Edie teve o tato de não demonstrar. Ela ergueu-se com a graça inerente a todos os seus movimentos, desde o deslizar de sua reverência até o jeito de andar. Talvez fizesse tudo no ritmo de uma canção que só ela ouvia. Ele também se levantou e observou, voraz, como ela caminhava da mesa em direção à porta do quarto.

Ficou ali paralisado, absorvendo a generosa curva dos quadris dela.

Edie retribuiu o olhar e sorriu.

– Gowan.

No momento seguinte, ele estava a seu lado. Era uma bruxa, aquela sua noiva. Bastava sorrir e ele saía correndo atrás dela. Provavelmente faria isso sempre que ela o olhasse com aquela vontade.

Então ele a jogou nos braços, e inebriou-se de forma profunda, intensa, por saber que ela era *sua*, finalmente sua. Sua esposa. Sua amante. Sua Edie.

Suas mãos desceram pelas costas dela, apertando-a contra seu corpo. Podiam fazer aquilo, encaixar os corpos como se fossem peças de quebra-cabeça. Encaixavam-se perfeitamente. A dureza dele acolhida pela suavidade dela.

– Agora, Gowan – sussurrou.

E ele a pegou no colo e a carregou até o quarto. Nerot – ou quem quer que tivesse projetado aquele hotel – equipara o quarto com uma cama do tamanho de um pequeno celeiro. Era tão comprida quanto larga sob um baldaquim de seda rosa-clara bordada com fios de prata e pérolas.

Uma cama digna de uma duquesa.

O duque afastou as cobertas e pousou Edie sobre os lençóis. Ela sorriu, o cabelo desarrumado para o lado.

– Minha esposa – murmurou Gowan, dando um beijo em sua testa, outro no nariz e outro nos lábios – é maravilhosa. Posso tirar seu vestido?

Edie virou-se, mostrando a ele uma fileira aparentemente infinita de minúsculos botões que desciam por suas costas.

Assim, ele se concentrou nos botões, tentando ignorar o fato de que terminavam pouco acima daquele traseiro deliciosamente arredondado.

O último botão se abriu e revelou um espartilho por baixo. Edie observou enquanto ele desamarrava a peça, sem dizer nada. Sob o espartilho

havia uma combinação feita com um tecido tão diáfano que ele poderia ver a protuberância de seus mamilos.

– Vai tirar sua roupa? – perguntou ela.

Ele deu um passo para trás, pensando que Edie talvez estivesse tímida por estar quase nua enquanto ele se mantinha vestido.

– Vou, não precisa se sentir constrangida, Edie.

– Não estou me sentindo constrangida – disse ela, sorrindo para ele.

Ele acreditou. Havia algo no jeito direto de Edie que o fazia achar que podia confiar em qualquer coisa que ela dissesse.

– São as cores do seu clã? – indagou ela.

– Sim. – Ele se abaixou, descalçou os sapatos, jogou-os para o lado. – Estou usando o que chamamos em gaélico de *fèileadh beag*.

Ele tirou as meias e abriu a fivela da bolsa que carregava.

Edie parecia fascinada.

– Para que serve essa bolsinha?

– Para guardar algumas moedas.

O *kilt* devia ser desenrolado com velocidade – mas, de repente, Gowan percebeu que Edie examinava cada centímetro seu. Teve a sensação de que ela gostava do que via, que não lamentava nem um pouco o fato de ele não ser um inglês magricela do tipo que ele vira nos salões de boxe.

Tirou a casaca e despiu a camisa bem mais devagar do que faria normalmente, suprimindo o sorriso malicioso diante da situação. Os músculos do braço flexionaram quando ele passou a camisa pela cabeça e a jogou em um canto. Ele logo concluiu que ela já conseguia ver o resto. Se Edie tivesse ficado decepcionada, não estaria com aquele olhar.

Um olhar de desejo. O mesmo tipo de fome torturante que o devorava vivo.

Certo. Hora de voltar ao plano. Gowan se assegurou de que tinha decorado todos os itens.

Na cama, Edie o imitava, brincalhona, tirando a combinação pela cabeça. Gowan esqueceu o que estava pensando. A generosa ondulação dos seios da esposa ergueu-se no ar, emoldurada pelo gracioso arco de seus braços, e então ele olhou mais para baixo e viu a curva da parte interna de suas coxas, que escondiam um pequeno triângulo de cachos louros.

Aquela visão ameaçou lançá-lo num lugar sombrio, onde não teria qualquer controle. Recusava-se a sucumbir. Em vez disso, juntou-se à esposa na cama, acomodou suavemente o corpo dela junto ao dele até que Edie se encontrasse na posição certa, e começou a fazer amor com ela.

Primeiro, beijou-a até que os lábios dela ficassem inchados, escuros e ela emitisse pequenos sons guturais. Só então deixou que a mão vagasse por sua clavícula. Enquanto metade do cérebro se rejubilava diante do peso de seus seios verdadeiramente magníficos, a outra metade catalogava a forma como ela se retorcia ao seu toque, como os braços apertavam seu pescoço e a respiração se tornava mais rasa e rápida. Ele lhe deu uma mordidinha, uma mordidinha minúscula. Aquilo a fez gritar, e ele eliminou um dos itens da lista.

Ouvira, aprendera e compreendera.

Depois de algum tempo, ele deslizou a mão pelo corpo dela, fazendo a curva na parte interna da coxa. Meu Deus, pensou ele, aquilo o faria perder a cabeça, a curva suave de suas pernas. Queria apenas enterrar a cabeça ali e deixá-la com marcas de mordida, depois subir alguns centímetros e brincar.

Mas não. Precisava manter a cabeça fria na tarefa em questão. Por isso, passou as mãos nas coxas e tocou no seu lugar mais íntimo. Era mais rosada do que ele imaginava: mais bela, mais macia, mais úmida, uma flor. E tremia toda, as mãos deslizando pelos ombros dele, acariciando onde conseguia alcançar.

Ele não podia se permitir pensar naquilo, por isso bloqueou todos os sinais vindos de suas carícias.

Edie estava molhada, pronta, mas, quando ele deslizou um dedo dentro dela, sentiu-a tão apertada que ficou paralisado.

– Gowan!

Ele ouviu a voz de Edie, como se envolta em névoa.

A mente lutava tentando imaginar como aquilo poderia funcionar entre os dois, sendo ele daquele tamanho, e ela...

Aparentemente, as inglesas tinham aquela parte do corpo menor, da mesma forma que os bíceps dos ingleses eram menores que os dos escoceses.

Maldição.

Capítulo 19



Edie sentia como se vivesse a experiência e ao mesmo tempo assistisse a uma cena. Os dois estavam deitados na cama, mas outra versão dela os observava, do alto.

Ela estava espalhada como um banquete, tremendo com pequenos pulsos eróticos que se irradiavam pelas suas pernas. A parte lógica de seu cérebro lhe dizia para rolar para o lado, de modo que suas coxas não parecessem tão rechonchudas. De maneira geral, ela gostava das próprias pernas, mas das coxas...

Gowan baixou a cabeça e, com a língua, a acariciou muito delicadamente *ali*. Ela parou de raciocinar. Em um segundo, os instintos prevaleceram sobre o vago sentimento de horror inicial e ela se ouviu gritando *por favor*, do mesmo jeito que Layla demonstrara na sala de sua casa.

Enquanto Gowan a lambia, seu corpo ignorava os estranhos pensamentos que passavam por sua cabeça. A parte lógica sentia-se um pouco solitária, o que era estúpido, pois lá estava Gowan beijando-a daquele jeito erótico, íntimo...

As pernas tinham apenas começado a sentir uma estranha sensação de calor quando ele parou e montou novamente no corpo da esposa.

– Acho que está pronta, Edie.

Ela franziu a testa. Aquela frase fez com que ela se imaginasse como um pão recém-saído do forno, e dissipou na hora o agradável calor que ela sentia, mas Edie fez que sim e apertou-o, pois ainda se sentia sozinha.

– Quero tanto você... – disse ele, a voz rouca, enquanto lhe dava um beijo nos lábios. – Mas temo machucá-la.

Ela sorriu. Agora que o rosto dele estava próximo, ela se sentia melhor.

– Disseram que não dói tanto. Layla falou que são contos da carochinha.

Gowan deixou-se baixar sobre ela e se colocou lá, na abertura do corpo

de Edie. Ela olhou fixamente um tanto perplexa. Parecia enorme, como o talo de um cogumelo gigante e rosado, o que era uma metáfora precisa, embora não muito romântica.

Os primeiros segundos pareceram bons. Estranhos, mas bons. Gowan parou e perguntou:

– Como está?

Era uma experiência tão íntima que Edie mal conseguia suportar. O rosto dele estava junto ao dela, mais próximo do que o de qualquer outra pessoa que podia lembrar. Acrescentando-se o fato de que ele estava por cima dela, e uma parte dele, naquele momento, encontrava-se *dentro* dela – aquilo lhe dava calafrios pelo corpo inteiro. Queria afastá-lo e, ao mesmo tempo, agarrar-se a ele.

– É bom – disse ela, a respiração entrecortada no rosto dele.

– Posso continuar?

Edie assentiu. Gowan flexionou os quadris e, a partir daquele momento, deixou de ser bom de todas as maneiras. De forma involuntária, ela respirou fundo e enfiou as unhas nos ombros dele.

– Estou machucando? – A voz do duque tinha perdido uma oitava.

– Um pouco – ela conseguiu dizer.

Um pouco? Aquilo era uma *agonia*.

– Devo parar, Edie? Podemos tentar de novo amanhã.

Edie tinha perdido toda aquela feliz sensualidade que vivenciara minutos antes. Seu corpo estava sendo dilacerado. No entanto, a última coisa que desejava era ter que tentar de novo no dia seguinte. Apenas a expectativa seria capaz de matá-la.

– Continue – pediu ela, com a voz falhando. – Termine com isso. Por favor.

Gowan deu um beijo em seus lábios, um toque doce e carinhoso.

E então ele deu uma estocada, um movimento profundo, convulsivo, que pareceu durar um minuto ou uma hora. A mente de Edie dissociou-se da dor, da pressão e da sensação de estar sendo partida ao meio.

Ele estava preso dentro dela, como se ela fosse a garrafa, e ele, a rolha. Edie sentia-se completamente alheia à cena àquela altura. Um dilúvio de maldições passou pela sua mente, coisas que ela diria a Layla na próxima vez em que se encontrassem. A dor era apenas um conto da carochinha?

Maldição!

– Já acabou? – sussurrou ela, quando ele ainda não havia se mexido.

A respiração dele estava intensa.

– Não.

– Também sente dor?

– Não, é melhor do que eu jamais poderia ter imaginado.

Ele saiu e entrou de novo; a sensação dela foi terrível.

E de novo.

Fez isso quatro vezes, cinco, seis... Parecia que ele era um metrônomo acompanhando uma série de compassos.

– Quanto tempo vai durar? – perguntou ela ofegante.

Sete, oito...

– Posso prosseguir quanto você quiser – explicou Gowan, a voz tensa, mas calmo. – Não se preocupe, querida, vai melhorar. A qualquer momento, você vai ser tomada por uma onda de prazer.

Não aconteceu. O cérebro ofereceu a ela os acordes de abertura de um hino fúnebre ao ritmo das estocadas de Gowan. Nove, dez, onze... catorze, quinze. Os olhos de Edie ficaram marejados.

– Com licença – sussurrou. – Eu realmente apreciaria se pudesse parar agora.

Ele hesitou por um momento.

– Não até que você esteja pronta.

Ele soava teimoso e escocês.

– Talvez da próxima vez, Gowan. *Por favor.*

– Lamento que machuque tanto.

– É só a primeira vez. – Uma espécie de instinto se apoderou dela, e Edie se apertou contra ele enquanto ele penetrava nela ainda mais fundo. – Continue, Gowan. Mais rápido.

Ele se afastou e então voltou a arremeter, e de novo. Dezesseis. Dezesete... vinte... 27, 28. E doía, doía e doía. E Edie não conseguia imaginar que haveria um momento em que não doeria mais.

– Gowan! – exclamou ela, a ponto de informá-lo que, se ele não conseguisse chegar aonde queria, então era melhor que tentassem no dia

seguinte.

– Ah, Edie – grunhiu ele, e então ela sentiu que ele pulsava dentro dela.

Chegou a arfar de alívio. Devia estar quase no fim. Mas não estava.

Vinte e nove.

Trinta.

Trinta e um.

Por fim, o corpo dele se crispou e ele desabou sobre ela, estremeando. Edie acariciou o ombro do marido e notou que ele estava totalmente encharcado de suor, o que era bastante desagradável. Então ela pegou uma ponta do lençol e enxugou-lhe o ombro. Depois voltou a acariciá-lo.

Em seguida, num ato de misericórdia, ele se apoiou na cama com as mãos e se retirou.

Até isso doeu tanto que ela sentiu lágrimas arderem no fundo da garganta. Quando Gowan rolou para seu lado na cama, Edie permaneceu paralisada por um momento, com medo de olhar para baixo.

Devia haver sangue por toda parte, ensopando o colchão. Em casa, as criadas teriam sumido com o estofado e, à noite, um novo colchão teria ressurgido. O problema é que estavam num hotel, e como ela explicaria aquilo? Com todo o seu coração, ela desejou estar em casa.

Devia haver alguma coisa de errada com ela, pois Layla dissera que não doía. Ou havia algo de errado com ele. Ou com os dois. Não sabia o que fazer. Não conseguia se imaginar relatando a um médico algo tão íntimo.

Então Gowan ergueu a cabeça, o olhar ainda atordoado de prazer. Ele perguntou:

– Edie, foi tão terrível e doloroso assim?

Ela engoliu em seco e soube, naquele momento, que não suportaria desapontá-lo. Então contou a primeira mentira de sua vida, porque respondeu “não” quando queria dizer *sim*. E quando ele disse, carinhoso: “Não faremos de novo essa noite”, ela respondeu: “Tudo bem”, quando na verdade queria dizer *Nunca mais faremos isso*.

Edie encarou aquela enorme parte dele e soltou uma observação:

– Achei que ficaria mole depois, e menor.

Ele olhou na mesma direção.

– Acredito que poderia lhe dar prazer a noite inteira se você assim

desejasse, Edie.

Ela deve ter ficado pálida, pois ele não se ofereceu.

E, mesmo depois de descobrir que não havia tanto sangue quanto temia que tivesse – embora fosse bem mais do que a madrastra descrevera –, não conseguiu lhe confessar que talvez tivesse sofrido sérios danos internos.

Em vez disso, permitiu que Gowan a lavasse, o que ele fez.

Quando ele finalmente adormeceu, ela tirou o braço dele da cintura e se virou para o outro lado. Então se encolheu ao máximo e chorou, em silêncio, para que ele não despertasse.

E não despertou.

Capítulo 20



Quando Edie acordou, saltou da cama, deixando Gowan adormecido, e fugiu para o banheiro digno de um palácio. Estava se sentindo muito melhor. Tinha acabado. Sim, fora horrível, mas dali para a frente tudo seria diferente. Não que estivesse exatamente cheia de expectativas para a próxima vez, mas era óbvio que, superada a barreira da virgindade, as coisas melhorariam.

Mesmo assim, não tinha qualquer intenção de retornar ao quarto e testar a hipótese, e quando Gowan bateu à porta para perguntar se ela se importaria de permanecer algum tempo em Londres ou se preferia ir para Craigievar, escolheu o castelo.

– Afinal de contas, Susannah está esperando por nós – disse ela, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

Pela expressão no rosto de Gowan, Edie percebeu que ele havia se esquecido da irmã, mas ele concordou de imediato.

– Vou mandar um lacaio na nossa frente, para reservar nossas acomodações ao longo da viagem. Devemos começar nossa jornada agora se quisermos alcançar Stevenage a tempo de almoçar no Swan.

Ele deu um passo adiante. Tinha mesmo os olhos mais lindos do mundo.

– Bom dia, esposa – sussurrou.

Edie permaneceu no umbral, assinalando que ela não receberia bem um retorno ao leito, caso ele estivesse contemplando alguma coisa dessa natureza. Ele pegou o rosto dela nas mãos e a beijou com tanta doçura que ela se sentiu arrebatada.

– Que pena que... – começou ela, encarando-o depois que se afastou.

Ele deslizou um dedo no rosto dela.

– Que pena o quê?

Edie não teve coragem de dizer. *Que pena que não basta beijar para se*

ter filhos. Ficou na ponta dos pés e deu um beijinho como resposta e então recuou para o quarto de banho.

Uma hora depois, eles já estavam na estrada. Edie ficou bastante surpresa quando o administrador de Gowan, o Sr. Bardolph, juntou-se a eles na carruagem ducal magnificamente decorada e desejou-lhe um bom dia. Se dependesse do próprio, ela teria pedido ao homem que se retirasse, mas não sabia como fazer tal coisa sem parecer rude.

Certamente não era uma questão de espaço. Embora quatro carruagens de serviço já tivessem partido, o veículo que seguia o deles de perto levava um advogado, dois administradores de propriedades e a criada de Edie. Depois de algumas explicações, ela entendeu que os homens se revezariam em consultas a Gowan. Numa terceira carruagem ia seu violoncelo, sob o cuidado de Trundle, criado pessoal de Gowan.

Edie nutria alguma expectativa de conversar com Gowan durante a viagem. Chegou a pensar em descrever como realmente tinha sido a noite anterior. Depois de um bom sono, ela se sentia menos amedrontada, mas, mesmo assim, gostaria de tocar no assunto.

Obviamente, não poderia tratar disso diante de Bardolph.

– É como um tribunal – disse ela a Gowan quando o marido entrou na carruagem, afastando ainda mais suas esperanças para aquele dia. – Como se você fosse o soberano de um pequeno principado.

Bardolph pigarreou e, antes que a carruagem sacolejasse até a primeira esquina, ele já estava com três ou quatro livros de contabilidade abertos discorrendo sobre um tipo especial de trigo que só brotava no inverno.

E mais: Gowan agia como se aquilo fosse completamente normal, tratar de negócios na manhã seguinte a seu casamento e permanecer no canto ouvindo Bardolph enumerar quantos acres de trigo eram cultivados e quantos eram colhidos.

– Precisam mesmo tratar dessas coisas item por item? – indagou Edie, depois de uma hora.

Londres já ficava para trás, e Gowan e Bardolph agora falavam de cestas de manteiga e de leite. Ou de banha. Alguma coisa parecida.

Bardolph fez uma pausa. Edie não tinha como não reparar que o nariz do homem lembrava o contraforte de uma catedral.

– Precisamos, sim – respondeu Gowan. – Havia muito desperdício em várias propriedades antes que estabelecêssemos um sistema para verificar o que é aplicado na terra e o que é produzido.

– Está tentando controlar roubos?

– É um dos objetivos. O mais importante é que, ao asseverar o sucesso de uma técnica em determinado campo, podemos tomar uma decisão bem fundamentada sobre transferir a experiência para outros lugares.

Edie assentiu e voltou a ficar em silêncio. Ouviu uma série de números e Bardolph virando páginas após páginas, com dedos sussurrantes. Começou a ficar com raiva da voz do administrador. Era seca e ríspida, saía da boca de forma que ela jamais conseguisse ver seus dentes.

Quando começou a enumerar as armadilhas para enguias em uma das propriedades e comparar com as de outra, ela voltou a interferir:

– Gowan, vamos fazer uma parada para o almoço?

Ele estava escutando o que Bardolph dizia, ocasionalmente introduzindo uma diretriz ou uma ordem, apesar de folhear outro livro ao mesmo tempo.

– Claro. Devemos chegar a Stenevage, primeira parada, em uma hora e meia. Vamos reservar três quartos de hora para a refeição.

– Sua Graça faz a viagem para Londres com tanta frequência – explicou Bardolph – que desenvolvemos um itinerário cronometrado para a jornada inteira.

– Um itinerário *cronometrado*? – repetiu Edie.

Bardolph assentiu com movimentos rápidos da cabeça.

– Tomamos a Grande Estrada do Norte, em vez da Velha Estrada do Norte, pois está em melhores condições, e menos acidentes acontecem por lá. Sua Graça não aprecia ser detido por nenhum motivo. As estalagens que frequentamos com regularidade costumam cuidar de nossos cavalos, portanto poderemos fazer a troca de animais.

– Lamento a falta de emoção – falou Gowan, com uma solicitude paternal na voz que mexeu com os nervos de Edie. – Está terrivelmente entediada?

– Entediada com a enumeração das armadilhas para enguias? Claro que não – ironizou ela. – Continuem. Então uma das propriedades coloca as armadilhas à noite. O horário interfere na colheita de enguias, é essa a palavra adequada?

Bardolph retomou do ponto onde havia parado, sem demonstrar que percebia o sarcasmo na voz dela. Edie ficou atenta aos campos que passavam pela janela, pois, se fitasse seus companheiros de viagem, não conseguiria tirar os olhos dos lábios de Bardolph, que mesmo sem se abrir formavam

palavras.

Quando chegaram ao Swan, em Stevenage, foram acompanhados até uma sala privativa onde uma refeição quente os esperava. Cerca de quarenta minutos depois, enquanto Edie avaliava se dispensar os lacaios que os serviam chocaria Gowan, Bardolph voltou ao aposento. No momento seguinte, os pratos desapareceram da mesa.

– Eu ainda não tinha acabado aquela truta – avisou Edie, mas já era tarde demais.

Os pratos foram erguidos em um movimento lindamente sincronizado e sumiram. O chá chegou.

Gowan exibiu um ar preocupado.

– Bardolph, parece-me que sua ordem foi precipitada.

– Não tem problema – disse Edie, escolhendo um pedaço de fruta.

– No futuro, Sua Graça deve ser consultada antes que qualquer coisa seja retirada da mesa – ordenou o duque.

Edie imaginava que aquela já deveria ser uma regra implícita, mas parecia que ela estava sendo introduzida à vida em uma monarquia onde havia apenas um rei, sem consorte. A reverência de Bardolph deixou aquilo claro, assim como seu comentário, três minutos depois, de que, para manterem a programação, seria necessário pegar a estrada novamente.

Ela pensou em se oferecer para viajar com o advogado de Gowan, Jelves, que parecia ser simpático, mas descobriu que Jelves se juntaria a eles.

Assim, Edie recolheu-se a seu canto enquanto os três homens conversaram durante o resto da tarde. Quando alcançaram a parada programada em Eaton Socon, onde passariam a noite, ela sentia como se tivesse levado um soco. Suas partes íntimas estavam ao mesmo tempo doloridas e dormentes, o que devia ser algo nunca antes visto.

Gowan tomou seu braço e a levou até a estalagem George and Dragon, mas ela o interrompeu:

– Olhe só aquilo – sussurrou, apontando o telhado.

O sol se punha e seus raios de espalhavam como fios de cobre no horizonte, emprestando às telhas um tom púrpura.

– Não há sinal de chuva – comentou Gowan.

Ela voltou a tentar.

– Veja como o sol está se pondo atrás do telhado com uma linda cor, e as

andorinhas voam em meio à luz como se...

– Como o quê? – perguntou ele.

– Bem, como se estivessem ouvindo Mozart. E como se os raios fossem a partitura da música. Teria que ser Mozart pelo jeito como elas voam para cima e para baixo... – Ela apertou o braço dele com mais força. – Ali! Viu aquela ali? Está dançando.

Ela ergueu os olhos. Gowan sorria para ela, em vez de observar as andorinhas. Os olhos dele estavam apenas escuros e famintos.

– Está certa – disse ele, com ar cético. – As andorinhas estão dançando.

Pousou o dedo no lábio inferior dela e Edie sentiu aquele estranho tremor percorrer-lhe as entranhas, que acontecia quando ele a olhava daquele jeito, como se ela fosse deliciosa. Como se ele quisesse lambê-la da cabeça aos pés, da maneira que havia prometido fazer na noite de núpcias.

Sob a luz acobreada do sol que se punha, Edie pensou que seria bom ser lambida por um homem com a aparência de seu marido.

Estava prestes a dizer isso em voz alta quando Bardolph deu um passo à frente e começou a pigarrear. Em casa, era Layla quem lidava com a criadagem, e Edie tinha pouco a fazer além de ouvir as reclamações da madrastra. Mesmo depois de anos de ladainhas, ela não tinha ideia do que Layla faria naquelas circunstâncias.

Se criasse objeções à presença de Bardolph na carruagem – e na vida deles –, era bem provável que Gowan simplesmente a ignorasse. Ela não sentia que os criados também eram *dela*, mas como se, de certa forma, ela que tivesse se juntado às fileiras de agregados de Gowan. Na verdade, parecia-lhe desagradável o fato de que Bardolph ocupava um posto mais importante do que o dela.

Assim, permaneceu no pátio do George and Dragon fitando o crepúsculo, enquanto Gowan ouvia Bardolph falar que os melhores quartos já estavam arrumados com a roupa de cama ducal (o duque viajava com a própria roupa de cama, bem como com seu serviço de jantar).

Quando Gowan virou-se e ofereceu o braço para acompanhá-la até a estalagem, as andorinhas tinham mergulhado sob o telhado e voado como flechas em direção aos campos, em direção ao sol poente.

Ao contrário do que acontecera na suíte real do Nerot's, dessa vez eles tinham quartos separados, possivelmente porque não havia suíte suficientemente grandiosa para os dois. Sentindo-se humana novamente, depois de um banho quente, Edie desceu até a sala de jantar privativa. Não

conseguia deixar de sentir uma ansiedade crescente. E se doesse de novo naquela noite? Ela talvez devesse falar sobre seus medos com Gowan antes que ele a procurasse no leito.

Assim que ela se sentou à mesa, o mordomo de Gowan deslanchou um discurso interminável sobre algo que Edie achou parecido com uma torta de presunto, embora o Sr. Bindle usasse um termo mais rebuscado. Quando Bindle acabou, Rillings entrou em cena, descrevendo o primeiro vinho a ser servido na refeição.

Os lacaios que estavam de pé junto à parede atrás dela pareciam ter pouco a fazer além de manter seu copo sempre cheio. Assim, um dos dois dava um salto para a frente sempre que ela sorvia dois goles. Era tão desconcertante que, quando o segundo prato foi servido e Rillings abriu uma garrafa de vinho com toda a solenidade, Edie recusou.

– Prefiro água – disse ela.

Rillings franziu a testa.

– A água, num estabelecimento como este, não deve ser saudável, Vossa Graça.

Edie suspirou e aceitou uma taça de vinho. Era mais doce do que ela gostaria.

– O vinho Tokay teve origem na Hungria – ia dizendo Rillings –, sua cor profunda vem das uvas Tokaji que...

Quando terminou de explicar toda a história da produção vinícola da Hungria e saiu da sala, Edie afastou a taça.

– Gowan, por que precisamos saber a origem de cada vinho que tomamos? Preferia não saber que essas uvas estavam infestadas de mofo.

– Não acho que *infestada* seja a palavra correta – falou Gowan. – O mofo que se forma na parte externa das uvas é conhecido como *podridão nobre*.

– Não me importo se é nobre ou ignóbil. Preferia apenas beber o vinho, em vez de ouvir uma palestra sobre o assunto.

– Eu compreendo – disse Gowan. – Pedirei a Rillings que me transmita seu relatório em outra hora.

– Outro relatório. Quantos relatórios você ouve por dia? Por que mais esse?

– Pagamos 30 libras por uma dúzia de garrafas deste vinho. Se faço uma despesa desse tipo, gosto de saber exatamente o que estou obtendo em troca.

Aquele negócio de casamento era desconcertante. Edie simplesmente não conseguia parar de fazer observações sobre a própria vida. Por um lado, estava sentada à mesa com seu marido. Por outro, era lady Edith Gilchrist – ou melhor, a duquesa de Kinross – jantando com o duque de Kinross, enquanto quatro lacaios corriam pelo aposento para atender desejos não manifestados. Bindle entrava e saía, trazendo novos pratos. A duquesa aceitou uma fatia de bolo de amêndoas e uma ou duas colheradas de *syllabub*. Seguiu-se mais uma taça de vinho e uma delicada mousse de flor de salgueiro.

– Por favor, envie meus cumprimentos ao estalajadeiro – pediu ela a Bindle. – A mousse está deliciosa.

– Informarei o chef de Vossa Graça sobre sua satisfação – comentou Bindle, fazendo uma reverência ao sair do aposento mais uma vez.

Edie ergueu uma sobrancelha.

– Meu chef me acompanha nas viagens – explicou Gowan.

– Isso não é um tanto... digamos... exagerado?

– Instituí a prática há três anos, depois que todos adoecemos por cinco dias... um lacaio esteve à beira da morte... por causa de uma refeição indevidamente preparada. Naquele momento, determinei que valeria a pena acrescentar mais uma pessoa à comitiva.

Edie assentiu, olhando para o prato, que exibia o brasão ducal.

– É por isso que viaja com os próprios pratos?

– Exato. Há uma lamentável falta de conhecimento em relação ao que transmite doenças desse tipo, mas a condição da cozinha e dos pratos com toda a certeza figura entre os possíveis focos de infecção.

Havia uma razão lógica e indiscutível, ao que parecia, para a presença de cada pessoa da comitiva, para cada prática e costume. O duque precisava de tantos lacaios que havia sempre um homem viajando em direção à Escócia e outro vindo na direção contrária, para substituí-lo. Os administradores das propriedades iam e vinham, o advogado poderia ser necessário a qualquer momento; Bardolph pelo visto *era* necessário a qualquer momento...

– Não estou acostumada a estar cercada por tanta gente – observou ela.

Queria muito desabafar sobre o que sentia – dizer que não gostava daquilo – mas não conseguiu.

Gowan era como uma força da natureza. Seu corpo parecia ser formado de energia acumulada. Não era de espantar que mantivesse seis homens em

constante movimento para trabalhar com ele. Sua mente explodia em muitas direções ao mesmo tempo. Tudo aquilo fazia sentido para ele. Fazia sentido viajar com um cozinheiro para evitar o risco de perder cinco dias, ou mesmo um dia, por doença.

O problema é que tudo seguia uma programação, inclusive a parte íntima. Ela sabia perfeitamente que o imenso corpo de Gowan estava tenso como um arco, desejando-a. Ficara assim o dia inteiro, durante a conversa sobre alqueires, trigo e armadilhas para enguias. Cada vez que seus olhares se encontravam, ela via desejo, loucura nos olhos dele. No entanto, a privacidade, como começava a perceber, era limitada ao quarto, depois da refeição noturna.

– Temo dizer que raramente fico sozinho – disse ele, naquele momento, adivinhando os pensamentos dela. – Você pode organizar sua própria programação, claro, embora comandar uma grande residência talvez a obrigue a dedicar menos tempo ao violoncelo.

Edie olhou para o marido com muita atenção, para ver se não estava de brincadeira. Não estava. Havia a sombra de um pedido de desculpas no rosto dele, como se começasse a compreender a importância da música na sua vida... mas, com toda a certeza, ele ainda não compreendia.

Ela nunca se dera ao trabalho de lidar com criados e comida. Antes de Mary, tinha uma aia que vivia se apaixonando pelos lacaios e caía em prantos quando eles a decepcionavam. Como daria trabalho substituí-la, Edie acostumou-se a lhe emprestar lençinhos e a escovar o cabelo sozinha enquanto ouvia os mais recentes desdobramentos românticos. Gowan contabilizava cada momento. Ela contabilizava apenas aqueles em que estudava música.

– Toco o violoncelo todas as manhãs durante três horas – contou ela. – Estou acostumada a praticar até o meio-dia. Às vezes, também estudo à tarde, mas o braço que maneja o arco se cansa e precisa de repouso. Como já viu, também costumo tocar antes de me recolher.

Ele baixou o garfo.

– Nesse caso, vai precisar de ajuda para administrar a casa.

– Quem cuida disso, no momento?

– Minha governanta, a Sra. Grisle.

– Tenho certeza de que faz um excelente trabalho.

Em geral, Edie tinha por prática deixar que as pessoas fizessem o que sabiam fazer de melhor e depois elogiá-las. Já havia notado que Gowan e ela

tinham maneiras de pensar completamente diferentes. Ele regia – a palavra parecia ser adequada – uma enorme propriedade, procurando, aparentemente, manter o controle sobre os mínimos detalhes.

– Nunca se esquece de nada, Gowan?

– Outro dia ocorreu-me que esqueci o rosto de minha mãe.

Ele não parecia lamentar.

– Estou me referindo a dados e números.

– Tenho sorte de ter um cérebro que cataloga detalhes, então sofro de pouquíssimos deslizos.

Não era de surpreender que as pessoas ficassem orbitando à sua volta como um bando de pardais pousados numa cerca.

– Por que não foi para a universidade?

– Não pude. Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. – Ele deu de ombros. – Parecia que a única coisa que fazia era divertir-se com as criadas e beber todo o uísque da casa, e os negócios tinham sido deixados totalmente de lado. Precisamos de quatro anos para recuperar a nossa fazenda, e alguma das outras só começaram a dar lucro nos últimos dois.

O rosto de Gowan estava tão impassível que Edie sentiu um calafrio.

Ele usava uma casaca cinza-escura, a cor da névoa no início da noite, enfeitada com fios de prata. Os botões eram ornamentados por paetês de prata. A luz das velas dava brilho a seu cabelo e refletia na prataria ducal enquanto Gowan cortava a carne com sua habitual graça contida.

Era a personificação da civilização, da cultura mais requintada.

Ao mesmo tempo, era absolutamente não civilizado de uma forma fundamental e profunda.

E ainda era jovem. Se era daquele jeito aos 22 anos, quando chegasse aos 40 estaria governando a Escócia. Ou todas as Ilhas Britânicas, se a monarquia hereditária não criasse entraves em seu caminho. Tinha aquele tipo de poder discreto mas arrebatador. Os homens seriam capazes de segui-lo a qualquer parte. As mulheres também, claro.

Edie bebericou o vinho, pensando no assunto. Era como se estivesse casada com um tigre. Mesmo que um tigre esconda suas garras, isso não quer dizer que não possam ser usadas a qualquer momento. Era de certa forma vergonhoso perceber que ela – uma jovem perfeitamente lógica, educada para encarar a música como o máximo da civilização – se deixava empolgar pelo toque de selvageria que pairava sobre seu marido.

Mesmo depois da desgraça da noite anterior, era só Edie olhar para ele que aquele calor recomeçava, como se estivesse derretendo entre as pernas. De qualquer modo, ela pensou que era muito estranho que duas pessoas que mal tinham se visto devessem dormir na mesma cama, ainda mais praticar todas aquelas coisas que provavelmente voltariam a fazer.

– Não acha estranho casar com uma quase desconhecida e se pegar compartilhando as refeições com ela? – perguntou.

Fora um dia cansativo, assim ela pousou um cotovelo na mesa – a etiqueta que fosse para o inferno! – e apoiou a cabeça de forma a fitar Gowan, sem ser óbvia demais. Ele era um homem deslumbrante, aquele marido dela.

– Não vejo nada de estranho – disse ele. – Sinto que sei tudo de importante sobre você.

Ela não gostou de pensar que ele fizera um resumo sobre ela em questão de minutos, mas para ser justa...

– Contou-me sobre seus pais – falou ela, lentamente. – E já me viu tocar violoncelo. Talvez já saibamos o que há de mais importante sobre o outro.

Gowan franziu a testa intrigado. Na verdade, com uma ferocidade próxima à de seu pai.

– Meus pais não me definem – declarou.

Talvez ele pensasse que ela se sentiria repreendida pela frieza em sua voz, mas Edie havia sido criada dentro de um ringue de boxe. Podia não lutar como Layla, mas isso não queria dizer que se sentisse intimidada.

– Então o que o define? Seu título?

– Não.

– Pois bem, o que o define, então?

– Ninguém se define por uma única qualidade. – Para ser justa, ele controlava seu temperamento bem melhor que o pai. – Você pode ser uma instrumentista, mas isso não resume quem você é.

Edie pensava dessa forma, mas ele poderia descobrir quanto ela era rasa em outra ocasião.

– Então quais são as qualidades que o definem, além de seus pais e de seu título? – perguntou ela, endireitando a postura.

– Esta não é uma conversa adequada para ser travada diante dos criados – comentou ele, num momento de afetação.

Edie ergueu uma sobrancelha.

– Gowan, você faz todas as refeições cercado de criados. Nunca poderemos ter uma conversa interessante à mesa?

Naquele momento, ele pareceu ter se zangado de verdade, o que foi interessante. Edie abriu-lhe um sorriso, pois era bastante divertido provocar o tigre. Realmente gostava do marido. De fato, reconhecia, não sem algum constrangimento, que se não fosse cuidadosa poderia acabar tomada por tantas emoções que a vida conjugal de Layla pareceria estar em harmonia.

Ele não respondera às suas perguntas. Talvez achasse que ela aceitaria a reprimenda. Não seria assim.

– *Quando* podemos conversar? – repetiu ela. – Quando não está trabalhando, estamos à mesa. Ou na cama.

Ele pressionou os lábios com força. Depois de viver anos com o pai irascível, ela havia reparado que ele costumava precisar de um ou dois dias para aceitar um argumento que ela levantara. Era provável que Gowan funcionasse do mesmo modo. Abriu um grande sorriso.

– Nesse meio-tempo, talvez pudesse me falar mais sobre enguias.

O canto da boca de Gowan estremeceu.

– Devo entender que me cabe a decisão de dispensar os lacaios ou discutir enguias?

– Eu poderia discorrer detalhadamente sobre os encantadores prelúdios de Domenico Gabrielli, compostos para acentuar as possibilidades melódicas do violoncelo.

O sorriso torto de Gowan aumentou e Edie concluiu que tinha conseguido esclarecer seu argumento.

– Podemos deixar Gabrielli para amanhã.

Ela olhou de relance para um laçao, que deu um passo à frente, para puxar sua cadeira.

Gowan levantou-se e contornou a mesa até chegar a seu lado.

– Deve estar exausta.

Na verdade, estava mesmo exausta, mas não tinha praticado violoncelo no dia anterior nem naquele e seus dedos começavam a sentir falta do arco.

– Preciso estudar – explicou ela.

Gowan pôs a mão no cotovelo dela para conduzi-la e Edie sentiu o calor percorrer seu corpo. Chegou a ficar um pouco tonta diante de toda aquela intensidade.

– Vai praticar durante uma hora? – perguntou ele, enquanto se afastavam do aposento.

Seu rosto não refletia o calor sensual que deixava os joelhos de Edie bambos.

– Duas horas – corrigiu ela, decidindo que precisava garantir que não negligenciaria o instrumento apenas por gostar tanto dos beijos do marido.

Ele assentiu para Bardolph, que estava circulando pelo corredor.

– Parece que teremos tempo para revisar os planos de compras de participação no negócio de mineração. Eu me encontrarei com o senhor na sala de estar. Jelves também estará presente.

Enquanto subiam a escada, Edie percebeu que Bardolph desaparecera na sala de estar e que os dois teriam de fato um momento de privacidade.

– Vai me procurar no quarto esta noite? – sussurrou ela.

– Vou.

O calor agradável que subiu por suas pernas foi a resposta para a expressão dele. Podia ver o tigre por trás dos olhos escuros. Embora sentisse um pouco de medo, a esperança reapareceu.

Ele leu sua mente.

– Não é mais virgem – constatou ele, tomando suas mãos e levando-as a seus lábios. – Desta vez será diferente.

Havia uma convicção na voz dele que a deixou empolgada. Devia ter razão, claro. Cada vez que encontrava o olhar dele era tomada por aquele sentimento estranho, sem sentido, que ocupava ainda mais espaço dentro dela.

– Não olhe para mim desse jeito – rosnou ele. – Maldição. Vá tocar seu violoncelo, Edie.

Ela fez um biquinho, desfrutando de uma espécie de alegre prazer feminino quando os olhos dele se prenderam no lábio inferior dela.

– Queria praticar, mas...

Ela deu um passo à frente e ele a puxou mais para si, apertando-a contra seu corpo. Edie mergulhou o rosto na casaca dele.

– Adoro o seu cheiro.

Talvez ela pudesse acordar ao alvorecer para estudar. O violoncelo podia esperar.

No entanto, ele deu um passo para trás e ela não teve coragem suficiente

para tomar sua mão e arrastá-lo para o quarto. Em vez disso, passou pela porta, pegou o violoncelo e se sentou, erguendo as saias até a altura das coxas.

Assim que começou a tocar, sua emoção se dirigiu para a música e ela compreendeu as estações de Vivaldi de uma forma diferente. Havia “Primavera”... o florescer da emoção. E o “Verão”, quando todas aquelas notas alegres se transformavam em fertilidade selvagem sob seu arco. Parou apenas quando percebeu que já haviam se passado mais de duas horas e que estava completamente exausta.

Mary veio ajudá-la com as roupas depois que ela tocou a sineta, bem-humorada, aceitando seu pedido de desculpas.

– Há uma programação muito doida a ser cumprida aqui – contou a criada. – Completamente doida! O Sr. Bardolph, na minha opinião, é como um general do Exército. Ainda bem que sou sua aia e que devo ajudá-la a se vestir. Caso contrário, ficaria acordada até as três da manhã e precisaria estar já na carruagem às quatro.

– Isso é terrível! – exclamou Edie. – Ninguém dorme direito?

– Ah, não é bem assim. Sua Graça é um homem muito justo, pelo que ouvi por aqui. Recebe-se mais durante as viagens e a maioria das pessoas pode dormir de tarde, antes da chegada das carruagens do duque na estalagem.

– Mesmo assim eu detestaria ter que acordar tão cedo.

– Ele me faz lembrar o tempo em que eu era arrumadeira – disse Mary, passando uma camisola pela cabeça de Edie e entregando-lhe a escova de dente. – Costumávamos acordar logo antes do amanhecer para limpar as grelhas. Fiquei muito grata quando fui promovida. Não pode imaginar.

– Pois bem, lamento muito mantê-la acordada até tão tarde – comentou Edie, pulando para a cama. – Amanhã à noite vou trocar de roupa antes de começar a estudar, para que você possa se recolher em paz.

Mary virou-se, quando se aproximava da porta.

– Todos nós achamos que a senhora e o duque formam um bom par – anunciou.

– De verdade?

Edie estava estarecida.

Não achava que ela e o marido tivessem muito em comum. De fato, estava um pouco preocupada que ele só se interessasse por enguias, e ela, por partituras, sem muitas intercessões.

– Os dois têm belos modos – continuou Mary. – Os empregados que trabalham para Sua Graça há anos nem se incomodam com os horários malucos, porque dizem que ele sempre é justo e nunca faz ninguém se sentir um idiota. Embora ele tenha um temperamento forte, pelo que dizem.

Ela arregalou os olhos.

– Uma imensa diferença entre nós – retrucou Edie. – Obrigada, Mary, de qualquer forma. Espero que esteja certa.

Era um tanto estranho ficar deitada na cama à espera de um homem. Sentia formigamentos em partes do corpo às quais não costumava prestar atenção.

Na noite anterior, Gowan tinha sussurrado ao pé de seu ouvido que adorava seu traseiro. Era bom ter alguém dizendo como era belo, levando-se em conta o fato de que ela nunca havia pensado direito sobre o assunto. Era como receber a herança de um parente desconhecido.

Ali, deitada no escuro, à espera, seu corpo inteiro começava a despertar, pois Edie não conseguia parar de pensar nas mãos grandes dele deslizando por seus quadris e na curva dos seios. Diante daquela lembrança, seus mamilos ficaram intumescidos.

Mas Gowan não chegava nunca. A imaginação de Edie não parava de lhe fornecer imagens da noite anterior. O marido a beijara com ferocidade, até que a única coisa que ela conseguia ouvir era o trovejar do coração dele, ou talvez do seu. Ela podia entender... podia realmente entender como...

Depois de alguns minutos, resolveu verificar se ainda estava dolorida.

Não estava.

Era surpreendente. Então, sem pensar muito no assunto, ela começou a se tocar como ele fizera. Suas partes íntimas pareciam macias e complicadas sob seus dedos, as carícias provocavam pequenas ondas de calor por suas coxas. A região que ela lavava rapidamente, uma vez por dia, há dezenove anos, estava parecendo... diferente.

Não era bem dela, porém era inteiramente dela.

Por trás da escuridão segura de seus olhos fechados, Edie lembrou a forma com que Gowan se despira e lentamente desenrolara o *kilt*. A sensação quente, borbulhante que ela saboreara quando ele se livrou da camisa e viu aqueles músculos firmes do abdômen.

E durante todo esse tempo, o toque de seu dedo fazia o calor aumentar em seus membros, até que ela estivesse praticamente latejando naquela região.

Era como se estivesse num casulo seguro, naquele quarto escuro, acomodada sob as cobertas.

Então a porta se abriu.

Capítulo 21



Quando a porta se abriu, Edie ficou paralisada. Fechou as pernas por instinto. Gowan se encontrava na soleira, a luz contornando seus ombros, conversando com alguém fora de vista.

Edie sentou-se na cama.

– Gowan.

– Sim?

Ele se virou e ela sentiu o calor voltar a pulsar. O marido era muito belo.

Uma mecha de cabelo caía sobre a testa dele e as maçãs do rosto lhe davam um ar de amante latino.

– Estou dormindo, ou melhor, estava.

Ele franziu as sobrancelhas, e ela conseguia entender que ele estava informando uma nova regra. *Não despertar minha esposa.*

– Não me importo que entre no quarto, mas preferia que tivesse concluído a conversa antes.

Ele concordou com a assertividade costumeira. Edie voltou para debaixo das cobertas, enquanto Gowan recuou para o corredor. Percebia aquela sensação ardente de novo, mas estava pior do que na noite anterior.

Gowan entrou novamente e fechou a porta.

– Lamento muito tê-la acordado.

– Não é isso... Com quem estava conversando?

– Bardolph. Ele queria...

– Então Bardolph sabe que você veio para o meu quarto em vez de se dirigir ao seu?

– Sabe.

– Não gosto disso – disse Edie.

Gowan tirou o camisolão de dormir e jogou-o sobre uma cadeira. Com aquele gesto, fez evaporar sua frase seguinte. Estava nu, e aquelas pernas musculosas reluziam como mel escuro.

Ele se pôs sobre Edie, apoiando-se nos braços, os cotovelos na altura dos ombros dela.

– Sim, esposa?

– Não acho que os criados devam saber o que estamos fazendo – afirmou ela, alarmada diante da fraqueza de sua voz.

– Não saberão de tudo. – Deu um beijo na testa dela. – Não sabem que pretendo beijá-la até deixá-la indefesa. – Um beijo no nariz. – Não sabem que pretendo fazer amor até que não lhe sobre mais que um sopro em seu corpo. – Um beijo nos lábios, demorado, cheio de promessas, mas ainda sem cumprilas. – Bardolph acha que passei a tarde ouvindo o que ele falava.

– Mas passou – falou ela, sentindo-se um pouco sem fôlego. – Também ouvi, pelo menos uma parte.

Ele balançou a cabeça.

– Não?

– Pensei em você o dia inteiro. Sei que a noite passada foi dolorosa, mas quero compensar...

Edie abriu um sorriso.

– Tomou banho? – perguntou ela, passando as mãos nos ombros dele.

Gowan estava nu e cheirava a amêndoas. Ela estava vestida. Havia algo bastante sedutor naquela situação.

– Claro – respondeu ele, baixando o corpo, mas equilibrando o peso nos braços.

Edie bem que gostara do cheiro anterior, de suor masculino e couro.

– Eu não me incomodaria se não tivesse – murmurou.

– Nunca procuraria minha dama sem tomar banho.

Bom, então estava resolvido.

Ela descobriu que Gowan tinha tantos músculos abaixo da base da coluna quanto no resto do corpo.

– Minhas ancas são macias demais – comentou ela. – As suas não.

– Sou um bruto musculoso.

Ele se virou de lado, enquanto apanhava um dos seios dela com uma das mãos.

– Se é um bruto, eu sou o quê? – provocou Edie, divertindo-se.

– Perfeita.

O beijo teve o efeito de um redemoinho: fez a cabeça de Edie girar até que ela se agarrou a ele, a respiração entrecortada, urgente. Parte dela se sentia pouco à vontade com o modo como as línguas se tocavam, mas outra parte apreciava. Ele ainda mantinha a mão no seu seio e a acariciava de tal forma – ao mesmo tempo rude e gentil – que ela não parava de emitir gritinhos. Gritinhos constrangedores.

Então Gowan voltou para cima dela e começou a lhe beijar o pescoço, descendo em seguida. Deslizou para baixo e sua boca encontrou um mamilo, sugando-o junto com o fino tecido da camisola. As unhas de Edie cravaram com força nos ombros dele e ela soluçou, porque estava muito bom. Chegou a tentar puxá-lo para cima, para que sentisse seu peso sobre ela, para que ele se esfregasse naquela parte dela, para que os joelhos dela pudessem abrigá-lo...

Sua mente era uma tempestade incoerente. Quando Gowan fez uma breve pausa, para passar ao outro seio, Edie teve um breve momento de clareza. Era estranho perceber que a camisola estava molhada. Não gostaria de ter algodão na *própria* boca, por mais limpo que estivesse.

– Gostaria que eu tirasse a camisola? – perguntou ela, olhando para a cabeça dele e sentindo uma pulsação de calor tão profunda que quase gemeu alto.

Gowan fitou-a com olhos tão escuros quanto os de um corvo. Momentos depois, ela estava despida, a camisola jogada perto da cama, e os dois, deitados lado a lado.

O calor subiu até as faces de Edie. Tinham ficado nus na noite anterior, então não deveria ser tão constrangedor posicionar seu corpo ao lado do dele. Porém, ela se sentia assim. Então ele tornou a beijá-la.

– Eu realmente... – começou ela, adorando o brilho nos olhos de Gowan.

Não estava bem certa do que queria dizer. Ela o amava? Soaria como um insulto dizer que *gostava* dele? Gostava dele. Começava a achar que ele nunca refletia sobre si mesmo, o que era um problema. Mas era como dizer que chocolate quente era marrom demais. Era delicioso, do início ao fim.

– Quero você – disse, ofegante.

Os olhos de Gowan se iluminaram como se fossem consumidos por chamas. Ele a fez deitar-se de costas, passou as mãos pelo corpo dela e a observou com tanta atenção que Edie não conseguia ver além de seus cílios espessos.

– Como estou? – sussurrou.

– Estava pensando que você se parece com aquele violoncelo que tanto ama. Vê as curvas aqui e aqui?

As mãos dele moldaram as colinas de seus seios, o ponto mais estreito da cintura e a generosa curva dos quadris.

– Eu nunca tinha pensado nisso – falou Edie, sentindo-se mais satisfeita com seu corpo.

– Você faz amor com aquele violoncelo, mas eu faço amor com você.

Ela ainda sorria quando os dedos dele se afundaram entre suas pernas. Percebeu que tinha ficado mais molhada, mais intumescida, do que quando se tocara. Era diferente quando ele a tocava. Seus próprios dedos tinham sido delicados, persuasivos, exploradores. Só que não havia nada de explorador na forma como ele a esfregava. Seu toque era uma ordem, à beira do doloroso, como se ela estivesse prestes a ser escaldada.

Edie contorceu-se, aquela mão transformando seu corpo em chamas.

– É tão bom... – murmurou ela, ofegante, e então arqueou-se novamente, perseguindo a sensação estonteante que fazia seus membros parecerem líquidos.

– Ainda vai ficar melhor – garantiu Gowan, a voz grossa, descendo sobre ela.

Não ficou.

Quando Gowan penetrou fundo, Edie ficou rígida de susto. Doía como o diabo. Talvez estivesse pior do que na véspera, pois ela se sentia em carne viva, como se...

Ela não sabia explicar. Escondeu o rosto no ombro dele e respirou fundo quando ele saiu, e então soltou um gemido quando ele voltou.

– É isso, Edie – disse ele, com a voz baixa e enérgica. – Deixe chegar.

No momento em que ela percebeu que ele tomara seu gemido como um sinal de prazer, já era tarde demais. Estava por cima dela, dando estocadas e mais estocadas.

– Você consegue, Edie – sussurrou ele. – Posso ficar assim a noite inteira

se fizer diferença.

Edie não tinha percebido que se tratava de uma competição, embora a palavra não fosse apropriada, pois não havia ninguém com quem competir. Mesmo assim, ela entendeu que supostamente deveria se perder numa explosão de prazer, a *petite mort*. E aquilo estava tão perto de acontecer quanto a estalagem despencar em volta deles.

De qualquer forma, Edie tentou. Odiava a ideia de decepcionar Gowan. Tentou dobrar os joelhos, tentou arquear as costas. Percebeu que, quando descia um pouco, sentia menos pressão, mas a verdade era que o marido não cabia dentro dela.

Seu corpo tinha perdido toda a vibração daquele doce calor que sentira antes. Para ser sincera, ela estava à beira das lágrimas, o que não era bom. A respiração de Gowan ficou mais entrecortada. Uma gota de suor pingou no braço dela, que se encolheu, por reflexo.

Gowan acariciava seu seio e de vez em quando a beijava, mas tudo que ela sentia era uma vontade frenética de afastá-lo. Faria qualquer coisa para interromper a dor e a terrível sensação de estar sendo sufocada. Quando ele aumentou o ritmo, um grito escapou de seus lábios.

– É isso – sussurrou Gowan, dando-lhe um beijo que a fez sentir como se ele estivesse parabenizando uma parva que acabara de pronunciar sua primeira palavra.

Não ia conseguir continuar por muito tempo. Na verdade, por nem mais um minuto.

Se era uma competição, estava disposta a perder. Gowan poderia ser o vencedor. Ela precisava fazer com que ele saísse de dentro dela *naquele instante*. Havia uma ferocidade em seu olhar que prometia que ele seria capaz de prosseguir a noite inteira até lhe proporcionar o devido prazer.

Edie preferia morrer.

Layla contara que o orgasmo era barulhento, o que certamente não estava ocorrendo de sua parte, a não ser que ela começasse a gritar.

– Ah! – exclamou, mas aquilo não soou direito.

Parecia desconcertada, como uma matrona que encontra um vaso de flores quebrado no chão. Não tinha acertado o tom.

– Ahh... – tentou ela, um pouco mais alto.

Nunca se sentira tão ridícula na vida. Gowan havia abaixado o rosto e beijava o pescoço dela, então ela não teve como saber se ele acreditara nela. A

mão dele ainda estava sobre seu seio. O polegar esfregava o mamilo, o que deveria ser bom, só que naquele momento nada era bom.

O coração dele batia com tanta força que provava que *ele* estava sentindo prazer, ainda que ela não. Edie jogou o corpo contra o dele, porque aquilo parecia diminuir a pressão e machucar menos. Então, lançou a cabeça para trás, exatamente como Layla havia feito, e se soltou.

Ela garantira que não dispunha de absolutamente nenhum talento para representar. Ao que parecia, no entanto, era boa o bastante.

Gowan balbuciou algo que parecia uma blasfêmia agradecida, respirou fundo e começou a se movimentar mais rápido. Depois de um tempo que pareceu durar um século, ela sentiu tremores tomarem conta do corpo dele. Um grunhido irrompeu de seus lábios, e então um emaranhado de palavras incoerentes.

Ela gostava desta parte.

Era maravilhoso ter a capacidade de fazer um sujeito tão poderoso e controlado se desmanchar em seus braços. O rosto se contorcia conforme ele se liberava, sem qualquer sinal do homem civilizado que era. Ela era a única mulher do mundo que presenciava aquilo.

Enquanto os outros viam apenas o duque, ela via um homem primitivo que se perdia em seu corpo. Na verdade ainda estava lá, dentro dela. Pensar em seu rosto fez com os músculos de suas partes se fechassem em torno dele, de súbito. A dor deixou de ser tão ardente por um momento e ela sentiu uma deliciosa sensação de plenitude.

Gowan se apoiou nos cotovelos.

– Meu Deus, isso foi bom, Edie. Preciso apenas de um momento – disse ele, ofegante.

Ao ouvir as palavras, Edie entrou em pânico. Suas partes internas já haviam sofrido muito. Ela o afastou com delicadeza e ele rolou para seu lado. Com certeza, a ferramenta dele já estava pronta para ser usada de novo.

Quando ela se olhou, desajeitada, percebeu que não tinha sangrado de novo, o que devia ser um milagre.

Gowan tomou-a, puxando-a contra seu corpo suado.

– Não preciso perguntar se foi bom para você. É tão apertada, tão quente...

– Ainda doeu um pouco – sussurrou ela.

Ele a banhou com tanta delicadeza que ela quase voltou a chorar.

Odiava mentiras. E a *petite mort* que nunca acontecera lhe parecia uma mentira enorme. Mas era só uma questão de tempo. Amanhã seria outro dia. Seria melhor. Gowan jogava água fria nela com delicadeza, deixando-a de novo agitada, ansiosa.

– Está bom – falou ela, sentando-se, para não correr o risco de que ele considerasse o movimento dos quadris dela sob seu toque uma forma de incentivo.

Gowan a beijou.

– Você se incomodaria se eu dormisse aqui?

Ela sentiu um rubor surgindo em sua face.

– É claro que não.

Foi difícil não sentir remorso na manhã seguinte. Os olhos de Gowan reluziam quando ele disse que a noite havia sido melhor do que seus sonhos mais loucos. Edie odiava o fato de ter mentido. Odiava.

Respirou fundo, pronta para confessar, quando houve uma batida leve à porta. Gowan exclamou “Entrem!” e lá veio Mary seguida, para seu horror, pelo valete de Gowan. E atrás deles criadas com bandejas de desjejum.

A chance havia passado. Edie mordiscou uma torrada enquanto Trundle arrumava o camisolão de Gowan e Mary preparava a toailete de Edie. Quando Gowan terminou de comer, saiu da cama e foi para seu quarto, onde poderia ouvir algum relatório sobre cercados para cavalo enquanto se vestia.

Edie argumentou consigo mesma que o casamento envolvia acordos.

Se não tivesse mentido... Sentia um aperto no estômago toda vez que pensava naquilo. Caso confessasse, ele poderia achar que ela era incapaz. E havia aquela palavra terrível: *frígida*. Fazia uma mulher parecer uma geladeira. E se ela fosse assim? E se não conseguisse produzir todo aquele barulho que Layla havia descrito?

Em condições normais, não era uma pessoa de fazer muito barulho.

Por outro lado, se contasse a verdade, Gowan a faria consultar um médico para entender por que tanta dor? Edie não conseguia se imaginar falando sobre o assunto com ninguém. Bem, ela poderia conversar com Layla, se ainda estivessem em Londres.

Era uma grande confusão.

Capítulo 22



Outra manhã interminável se passou na carruagem, mais ou menos idêntica à da véspera. Edie manteve-se em seu canto o tempo todo, ignorando a conversa entediante que Gowan mantinha com um meirinho. Com toda a certeza, não tinha nada a acrescentar. Em vez disso, perdeu-se em pensamentos sobre o que havia acontecido na noite anterior. Ou melhor, sobre o que *não* havia acontecido na noite anterior.

Não era tanto por ter fracassado em chegar à *petite mort* de novo. Começava a crer que aquilo não aconteceria com ela. Sentia-se péssima pela forma como havia lidado com a situação. Mentir para o marido. Dissimular...

Ela mudou o curso dos pensamentos. Aquilo era errado e ela sabia. E – Edie deu uma olhada em Gowan – estava começando a *gostar* dele. Era um bom sentimento para nutrir em relação ao marido. A aversão que ela sentia em relação ao leito matrimonial? *Aquilo* não era nada bom.

Edie precisava lhe contar a verdade.

Depois que a carruagem parou para o almoço (servido e consumido em ritmo de galope), ela pousou a mão no braço de Gowan.

– Gostaria de conversar com você – disse, na presença de Bardolph e de um lacaio, porque, se não falasse diante dos criados, nunca teria oportunidade.

– Com certeza.

Gowan já ia conduzi-la para fora do salão de refeições, mas fez uma pausa, esperando suas palavras.

– Na carruagem – esclareceu ela.

– Sim, seria mais conveniente.

Gowan se virou para sair, acenando para que a comitiva o seguisse e demonstrando com isso uma falta de tato que era, na mente de Edie, uma das características próprias do sexo masculino. Ela não se moveu.

– A sós, Gowan.

Se o marido consultasse Bardolph antes de concordar, ela...

Não estava certa do que faria, mas seria algo violento.

O duque olhou para ela, a sobrancelha ligeiramente erguida, primeiro para ela, depois para Bardolph, que fez uma breve reverência e se afastou. Só então Edie percebeu que havia vencido uma batalha na guerra que se formava entre ela e Bardolph.

Mas o homem era bastante tenaz. Ela esperou enquanto Gowan instruía os criados sobre o trabalho da tarde e dirigiu-se à carruagem. No entanto, quando entrou no veículo, descobriu três livros contábeis no assento, para que fossem revisados pelo marido. Edie colocou a cabeça no vão da porta e um laçao atento veio assisti-la.

– Esses volumes vão viajar em outra carruagem – ordenou ela, largando-os nas mãos dele.

– Mas o duque disse... – balbuciou o rapaz.

Então a guerra não era apenas entre ela e Bardolph; tinha um escopo mais amplo.

– A *duquesa* acaba de informar que esta é sua vontade – retrucou ela.

Então acomodou-se no interior da carruagem para esperar.



Momentos depois, Gowan passou pelo laçao que marchava com os livros contábeis que ele planejava examinar durante a tarde. Tinha direito de ficar irritado. Achava deplorável perder tempo sentado numa carruagem.

Porém, na verdade, não ficou surpreso.

Sabia, desde o primeiro momento, que Edie significava uma ameaça à sua vida tão organizada. Não se pode sucumbir a um desejo tão primal por uma mulher a ponto de se casar com ela em menos de um mês e não compreender que as rotinas seriam abaladas, pelo menos a princípio. O tempo com Edie não poderia ser contabilizado como o tempo dedicado às obrigações com a propriedade. Por outro lado, se ele se permitisse naquele momento, talvez parasse de desejá-la a cada minuto do dia. Com o tempo, pensava ele, poderia relegar sua necessidade às noites. Ou pelo menos uma vez ao dia.

Gowan não acreditava que conseguiria nada daquilo nem por um minuto.

Maldição.

Tinha responsabilidades. Pessoas dependiam dele. Propriedades inteiras. O sistema bancário.

Ele se lembrava vagamente de ter dado importância a tudo isso. Naquele momento, entretanto, bastava pensar em Edie para sentir uma onda de desejo inflamar seu corpo com ferocidade insana. Bastava um olhar para ele querer dispensar Bardolph e jogar os livros de contabilidade no fogo.

Voltou a praguejar. Se não se controlasse, ia acabar passando dias inteiros na cama com ela, perdendo-se no corpo dela. Apaixonando-se por ela. Adorando-a. Bebendo até a morte se ela lhe fosse infiel, assim como seu pai...

O pensamento o fortaleceu. O desejo nada mais era do que uma necessidade física. Tinha um lugar certo na vida e precisava ser mantido sob controle. Em vez de bater a porta da carruagem e jogar-se sobre ela – quem se importava com os criados? –, Gowan se obrigou a se acomodar no assento oposto e abriu um sorriso cavalheiresco, contido, esticando o braço e dando batidas no teto com alguma força, para que o cocheiro soubesse que estavam prontos.

O sorriso da esposa, sob a aba do chapéu, era modesto e completamente adorável. Bem daquele jeito, o desejo carnal cresceu como uma onda que o arrastava até que ele se afogasse. O trabalho que esperasse. Abriu a boca e a fechou com força, escandalizado por ter quase proferido: *Nua, preciso de você nua.*

Não era algo a se dizer a uma duquesa numa carruagem. Ele se conteve, mas a emoção o traiu.

– Algum dia, vou querer amá-la pela manhã.

Uma emoção faiscou no olhar dela, algo que ele não conseguiu interpretar. Sem responder, ela desfez o laço sob o queixo. Enquanto ele observava, Edie tirou chapéu e deixou que caísse no assento a seu lado. Será que ela lera sua mente e tinha a intenção de se despir? A carruagem já avançava pela estrada, então ninguém abriria a porta.

Uma cascata de imagens sensuais permeou o cérebro de Gowan... e evaporou quando ela se inclinou para a frente e lhe deu uma batidinha no joelho com um dedo fino e enluvado.

– Bardolph – disse ela, baixando o tom da voz para imitar um grunhido absurdamente masculino. – Pretendo copular com minha esposa amanhã de manhã, das 7h15 às 7h45. Por favor, atrase nossa partida, levando em consideração esse evento.

Ela abriu então um sorriso malicioso.

Gowan ficou tão surpreso que caiu na gargalhada.

– Bem, graças a Deus – comentou Edie, tirando as luvas e colocando-as junto ao chapéu. – Temi que eu tivesse perdido o senso de humor completamente.

Ele franziu a testa.

– Sei que tem senso de humor – continuou ela, com um sorrisinho perverso. – É tarde demais para fingir que seu cérebro é inteiramente devotado à tarefa admirável de administrar todas aquelas armadilhas de enguias.

– Nunca vai se esquecer das enguias, não é? – perguntou Gowan, esticando as pernas de forma que cada uma se acomodou ao lado dos sapatos dela.

Tomara uma decisão. Pretendia possuir sua esposa saliente em algum momento da jornada. Ela tinha arranjado a tarde de tal forma que ele não pudesse se concentrar no trabalho.

Pois bem: ele se concentraria nela.

– Você provocou – falou Edie, com uma risadinha deliciosa. – Tenho certeza de que aos 80 anos ainda lhe afastarei o relatório de pesca e o incentivarei a demonstrar senso de humor.

– Senso de humor? – repetiu ele, languidamente. – Acha mesmo que eu tenho?

– Acho. Embora sua porção ácida, engraçada, desapareça durante as conversas sobre trigo e enguias e, em vez disso, eu encontre um homem que parece ter pouco prazer na vida.

Gowan já ia discordar, mas ela não havia terminado:

– Não está certo. Você gosta mesmo de seu trabalho, não gosta?

Trabalho? Ele gostava da linha delicada de seu rosto, do tom de rosa intenso de seus lábios, da forma como seus cílios se curvavam nas pontas. Até da forma como ela o dissecava.

Edie inclinou-se para a frente e cutucou novamente o joelho do marido.

– Gowan, você está me ouvindo?

– Por que eu trabalharia se não gostasse?

– Porque tem responsabilidades – respondeu ela, de imediato. – Meu pai

com toda a certeza preferiria tocar violoncelo, porém não consegue dispor de mais do que alguns minutos aqui e ali para praticar.

– Só existe uma coisa no mundo que eu preferiria fazer – disse ele, pronunciando as palavras com a urgência controlada de um homem cujo corpo estava teso e dolorido.

– Gowan! *Não foi isso* o que eu quis dizer.

Ele arrastou a mente de volta ao assunto.

– Quer dizer então que sou um bastardo tedioso e uma companhia imprópria para uma dama? – concluiu ele, quase pedindo desculpas. – Este pode ser o meu jeito, Edie. Posso lhe assegurar que eu e Bardolph não ficamos trocando gracinhas.

– Bardolph é *empolado* – argumentou ela, levantando o narizinho no ar. – E o senhor, meu querido duque, deve ter cuidado no que lhe diz respeito, pois já demonstrou algumas tendências próprias a ser empolado também.

– Não sou empolado. – Ele deu uma risadinha. – Embora, que diabo, talvez estivéssemos numa situação melhor se eu fosse menos robusto e mais empolado.

O sorriso de Edie, em resposta, foi um tanto vacilante. Ela respirou fundo.

– Ainda dói um pouco, Gowan.

Toda a diversão desapareceu do rosto dele. Ele se inclinou e pegou as mãos dela.

– Eu sei. Sinto muito... mas está melhorando, não é?

Ela assentiu. Ele continuou:

– Para mim, significa muito que você esteja encontrando prazer no ato. – Ele deu um sorriso torto. – Minha falta de experiência era bem constrangedora, mas, se eu fracassasse nesse aspecto, deveria abrir mão da minha condição de homem.

Edie franziu a testa.

– Que absurdo.

Uma ridícula onda de alívio tomou conta dele.

– Nunca me senti tão feliz quanto na noite passada, quando você gozou. – Ele levou as mãos dela até os lábios e beijou as palmas, primeiro uma, depois a outra. – Queria apenas que aqueles primeiros minutos não fossem tão dolorosos. – Sua doce noiva ainda ficava tão tímida que mantinha os olhos

fixos nos dedos entrelaçados. – Olhe para mim – provocou ele. – Precisamos conversar sobre essas coisas, Edie. Marido e mulher não devem ter segredos.

– Eu sei – concordou ela. – É por isso que eu... – Mas ela se calou.

Parecia tão infeliz que Gowan não conseguiu suportar. Levantou-se com cuidado para não bater com a cabeça no teto almofadado da carruagem e sentou-se a seu lado.

– Shakespeare observou muito bem que um ponteiro ereto não tem consciência.

A princípio ela não compreendeu.

– Um ponteiro o quê? – perguntou.

As palavras mal haviam saído da boca de Edie quando ele observou, fascinado, suas bochechas ganharem uma leve cor, como um pêssago rosado.

– Gowan! – Ela soltou uma risadinha explosiva. – *Ereto?*

– Melhor do que caído – salientou ele. – O que estou tentando dizer é que tenho consciência. Embora outras partes de mim estejam famintas por você, Edie, *mo chrìdh*, se fazer amor dói tanto, basta me dizer. Sabe disso, não é?

A cor nas faces de Edie se intensificou, bela como a primeira ameia da estação.

– Claro que sim – disse ela. – O que quer dizer “*mo chrìdh*”?

– Meu coração. – Ele ergueu-a com facilidade e a colocou no colo, empurrando-a para seu braço. – Você é deslumbrante – comentou ele. – A garota mais linda que eu já vi.

– Também acho isso de você.

Sua sinceridade sempre o estarrecia, a forma como ela soltava com tanta facilidade coisas que os outros escondiam ou dispensavam em doses exíguas.

Os braços dela subiram e envolveram seu pescoço. Gowan teve a estranha sensação de sofrer um solavanco, como se a carruagem – ou o mundo – se inclinasse. Ela lhe deu aquele sorriso secreto, aquele com o beijo escondido.

– Quando eu o vi vindo na minha direção em Fensmore, pensei que era o homem mais bonito da sala. E agora – disse ela, com um sorrisinho malicioso – até passei a gostar de cabelo ruivo. *Se for o seu.*

Gowan nunca dera a menor importância para a própria aparência – sabia muito bem que o título despertava o tipo de admiração que nada tinha a ver

com seus atributos físicos. No entanto, o olhar de Edie o fez sentir orgulho de si mesmo.

Ela gostava da aparência dele. Não era uma mulher que se importava com títulos. Nem com dinheiro.

Edie pousou a cabeça no ombro dele.

– Ainda assim, eu me preocupo com você, Gowan. Meu pai tende a ser sério demais. Acho que a vida pode ser muito difícil quando se é desprovido de um senso de alegria.

Ele sentiu um pequeno calafrio.

– Acha que eu não tenho?

– Claro que tem! Consegue até fazer as peças de Shakespeare parecerem engraçadas para alguém como eu, que nunca conseguiu ler uma delas inteira. Estou apenas preocupada que sua vida seja sufocada por centenas de relatórios diários.

– Duvido. Para começar, perco meu autocontrole quando estou perto de você – confessou ele, passando um dedo em uma das maçãs do rosto dela. – Não consigo mais ter nenhum interesse no trabalho. Bardolph sugeriu que eu trouxesse os livros na carruagem porque sabe que eu, na verdade, não absorvi os dados.

Edie endireitou a postura, as sobrancelhas franzidas.

– O Sr. Bardolph não está cativando minha amizade.

– Não se incomode com ele. Mais especificamente, por acaso *eu* estou conseguindo *cativá-la*?

Gowan mal acreditou nas bobagens que saíram de seus lábios. Alguma coisa nela consumia sua independência... sua masculinidade.

– Acredito que sim – disse Edie.

No entanto, uma sombra de ansiedade permaneceu no olhar dela.

– Não se preocupe – garantiu ele, dando-lhe um beijo nos lábios. – Vamos fazer funcionar esse negócio de casamento. É uma infelicidade que nenhum de nós dois tenha tido um bom exemplo na vida. Meus pais teriam sido muito mais felizes se nunca tivessem se conhecido.

– Não posso dizer o mesmo de meu pai e Layla. Eles se amam genuinamente. É que meu pai esqueceu como... – Ela se calou e voltou a falar: – Ele parou de apreciar em Layla tudo o que o fez se apaixonar por ela. É como se ele quisesse que Layla se transformasse *nele*. E papai é bastante

rígido por natureza, temo dizer.

Gowan assentiu.

– Isso o faz se comportar de um jeito mal-humorado quando na verdade ele não é assim.

– Já o vi manter a cabeça fria em circunstâncias extremamente delicadas, como quando lidamos com os idiotas do Banco da Inglaterra.

– Só que ele não ri das piadas dela.

– Prometo sempre rir das suas – sussurrou Gowan.

– Se eu soubesse contar alguma... – disse Edie, com um suspiro. – Tenho apenas um conhecimento distante e casual de alguns trocadilhos de que você gosta, como aqueles que falam sobre ponteiros eretos e relógios indecentes.

Ela acomodou a cabeça no ombro dele.

– Fico feliz em poder demonstrá-los para você – retrucou ele, a voz rouca e grave.

Mas ela não estava ouvindo.

– Não estou acostumada a dormir tarde e depois beber vinho na hora do almoço – falou Edie, bocejando com classe. – Será que não podemos encontrar água potável, Gowan? Vinho no meio do dia sempre me deixa tão sonolenta...

– Com certeza – respondeu ele.

Fez uma pausa, pensando em como adotara o hábito de consumir vinho em todas as refeições, exceto no desjejum. Estava sempre se testando, a fim de se assegurar de que não se transformaria num ébrio, seguindo os passos dos pais.

Gowan nunca dividira aquele medo com outra pessoa, mas, seguindo o espírito de não manter segredos um do outro, decidiu contar para Edie... e então percebeu que ela havia adormecido.

Ele a fitou, todos os planos para seduzi-la desfeitos. Encolhida junto dele, Edie parecia absolutamente serena. A primeira reação de Gowan foi ficar irritado. Mas não era justo, era egoísta. Ele próprio era o responsável por sua privação de sono, afinal de contas.

Se ele estivesse com os livros de contabilidade...

Mas não estavam ali. Ele não tinha nada para fazer.

Não era inteiramente verdade. Havia alguns papéis e uma pena. Podia apoiar Edie no canto da carruagem e trabalhar.

Mas não faria aquilo. Ela acordaria. Gowan sentiu um surpreendente instinto protetor. Edie estava exausta e com sombras azuladas sob os olhos, pelo menos em parte por eles terem feito amor no meio da noite.

Envolvendo-a cuidadosamente como se fosse um jarro de vidro, ele deslocou-se para o canto da carruagem e se recostou, segurando aquele embrulho doce e perfumado em seus braços, examinando seus cílios e seus lábios outra vez, assim como havia feito no baile, quando se conheceram.

Tudo era diferente agora, pois ela era sua esposa. Ele fora o primeiro a fazer amor com ela. E seria o último a fazer amor com ela. Acordaria todos os dias de sua vida para encontrar aquele par de olhos apaixonados, inteligentes e de tanta honestidade que lhe permitiu avisá-lo que estava correndo o risco de se tornar rígido demais.

O sorriso que lhe surgiu no canto dos lábios não era irônico nem amargo. Sabia que Edie diria que era um sorriso alegre. Apertou-a em seus braços como forma de gratidão.

Pensou sobre o casamento enquanto a carruagem sacolejava pela estrada.

Ele nunca tirava sonecas.

Sonecas eram perda de tempo.

Capítulo 23



Quando a noite começou a cair e a carruagem passou da estrada para uma rua pavimentada por pedras, Edie acordou e descobriu que se encontrava nos braços de um Gowan adormecido. A carruagem alcançou uma esquina, dirigindo-se a um pátio interno. Os braços dele a prenderam, mas ele não despertou até que ela o beijou.

Gowan fez uma careta, e, antes que ela pudesse falar, ele anunciou que nunca tirava sonecas.

Edie segurou a língua. O pai tinha convicções semelhantes: tinha *certeza* de que nunca perdia a cabeça.

O Queen's Arms, em Palden, costumava abrigar a nobreza, que chegava com um séquito de criados. O estalajadeiro conduziu-os a uma sala privativa, onde Gowan beijou Edie distraidamente e então se sentou com o lacaio que chegara da Escócia naquela manhã, para ouvir os relatórios mais recentes.

Relatórios!

Edie começava a detestar o som daquela palavra.

Estava cansada das longas horas trancada numa carruagem, e frustrada pois fazia dois dias que não tocava violoncelo. Para seu desespero, descobriu-se à beira das lágrimas. Deu uma desculpa e seguiu para o quarto. Queria tomar um banho quente. Mary chegou agitada, tagarelando.

Bardolph também não era muito querido entre a criadagem. Edie teve vontade de sair da banheira e gritar.

Infelizmente, nem mesmo mergulhar na água quente foi uma experiência inteiramente confortável. Edie não conseguia imaginar como suportaria outra noite fazendo amor, muito menos como desfrutaria dela. Uma onda de pânico a envolveu. Não conseguira confessar tudo ao marido. Perdera a coragem depois que ele contou como ficara feliz por ela ter sentido prazer. Estava prestes a enfrentar mais uma noite de fracasso. Mais uma noite em que teria que mentir.

– Mary – disse ela, a voz soando mais alta do que o esperado. – Gostaria de papel e pena, por favor.

– O Sr. Bardolph providenciou uma *secrétaire* para Vossa Graça – avisou Mary, com um tom de voz gélido ao pronunciar o nome do administrador.

Quando Edie saiu do banho, Mary abriu sobre a escrivaninha do canto uma encantadora caixa de couro, equipada com tudo que um escritor poderia desejar.

Querida Layla, escreveu Edie e então hesitou. Claro que não fazia ideia se Layla continuava com os pais em Berwick-upon-Tweed. Será que seu pai resolvera afinal buscar a esposa? Com um suspiro, ela se lembrou do rosto do conde e decidiu que era mais provável que um laçao localizasse Layla na casa dos pais dela, sem muita dificuldade.

Queria convidar a madrastra para visitar o castelo. Berwick-upon-Tweed ficava na fronteira com a Escócia, então não seria uma viagem terrivelmente longa. No entanto, que urgência deveria imprimir ao apelo? Não podia dar detalhes sobre o que estava acontecendo.

Ao concluir a carta, ela manteve a concisão: *Por favor, venha me visitar*, escreveu. *Por favor, Layla. Lembra-se daquele segredo que você me ensinou? Preciso de você. Com amor, Edie.*

Algum tempo depois, quando ela e Gowan estavam sentados na sala de jantar privativa da estalagem, Edie mostrou a carta.

– Minha madrastra está morando com os pais dela, em Berwick-upon-Tweed. Então escrevi convidando-a para nos visitar na Escócia.

Gowan não demonstrou o menor vestígio de irritação diante da ideia de ter a companhia da madrastra da esposa. Por que se irritaria? Passava todas as horas do dia com Bardolph, Jelves e o resto da comitiva. A menos que exigisse que tivessem privacidade na carruagem, a interação conjugal era limitada à hora das refeições e às visitas ao seu quarto durante a noite.

– Vamos mandar um laçao até Berwick-upon-Tweed – respondeu Gowan. – Se ele partir imediatamente, é possível que sua madrastra consiga se juntar a nós na estrada.

– Não podemos mandar alguém agora, Gowan. Já é noite.

– Precisamos dar à sua madrastra todo o tempo possível para considerar o seu convite – declarou Gowan.

Ele ergueu um dedo e um laçao saiu correndo do aposento, retornando com Bardolph, que, sem dizer uma palavra, deixou implícito que a atitude de Edie, de enviar uma carta àquela hora, era algo totalmente impensável.

Edie olhou os bigodes de Bardolph e conteve o impulso de desautorizar Gowan. O marido já estava muito acostumado a fazer as coisas do jeito dele, isso era claro. E ela poderia dizer a mesma coisa em relação a Bardolph. Edie se recusava a dar a qualquer satisfação ao administrador.

Viu quando ele saiu do aposento, com a carta em mãos, e teve uma sensação de esperança renovada. Se não conseguia desvendar o segredo da *petite mort*, Layla ajudaria. Deveria haver algum truque.



Gowan dispensou o valete e vestiu o roupão a fim de atravessar o corredor até o quarto de Edie. Parou à porta. Já estava tão excitado que sentia o calor emanando da própria pele.

Não podia se encontrar com ela daquele jeito, como um animal. Enlouquecido de desejo, inebriado apenas por pensar nela. Retirou-se no banheiro e fechou a mão sobre si mesmo. Momentos depois, voltava a ajeitar o roupão. A respiração ainda estava ofegante. Ainda estava faminto, mas sob controle.

Quando fechou a porta atrás de si, encontrou Edie adormecida, o rosto escondido nos braços, o cabelo em desalinho espalhado sobre os travesseiros. O quarto estava escuro, a não ser por um pequeno raio de luar que penetrava pelas cortinas pesadas e brincava com as tranças da esposa, deixando-as num tom de louro pálido. Ele se livrou do roupão, deslizou para baixo das cobertas e a abraçou.

– Gowan? – chamou ela, um segundo depois, numa reclamaçãozinha rouca.

– Dormiu a tarde toda – sussurrou ele, dando um beijo suave em seu rosto. – Acorde e venha brincar.

Edie bocejou, rolou e se deitou de costas, deixando a camisola apertada sobre seus seios exuberantes. Um gemido involuntário saiu dos lábios de Gowan.

– É tão linda, Edie.

Ele abaixou a cabeça para beijá-la, mas ela se afastou.

– Não vai beijar minha camisola – disse ela, parecendo bem mais alerta.
– Na noite passada, foi bem desagradável dormir com o tecido molhado sobre meus seios.

Era justo, embora soasse um tanto frio.

Edie tirou a camisola pela cabeça. Um raio de luar cintilou sobre um dos seios até a curva da cintura.

O desejo golpeava o corpo dele e o deixava arfante. Com alguma dificuldade, ele conseguiu manter o tom de voz estável.

– Posso beijá-la agora? – sussurrou com carinho, fazendo-a se deitar de costas.

– Beijar meus peitos?

Parecia racional demais. Era um tanto decepcionante.

– Isso, aqui – disse ele, passando a mão em volta de um seio delicioso.

– Sim, você pode – declarou ela.

Parecia que ele havia perdido os sentidos, como se o mundo tivesse encolhido e se resumisse a um seio macio, o fogo em seu corpo, a respiração entrecortada de Edie enquanto ele sugava seu mamilo.

– Gosta disso – murmurou ele, passando de um seio ao outro.

Ele sabia que ela gostava. Estava aprendendo a conhecer seu corpo, que amolecia ao receber suas carícias. Não conseguia parar de beijá-la, as mãos vagando pela pele dela. Cada toque era inebriante.

A única coisa que ele queria...

– Edie – disse ele, e então pigarreou.

Era constrangedor como sua voz parecia gutural.

– Sim?

Ele teria preferido que a voz dela soasse um pouco mais como a dele, mas era tolice pensar naquilo.

– Você...

Ele hesitou.

Não poderia exigir que uma dama de boa educação o tocasse. Talvez quando se conhecessem melhor. Na noite anterior, ela havia acariciado o peito e as costas dele, e Gowan sonhava em ter as mãos dela passeando pelo resto de seu corpo. Mas hesitava em fazer o pedido... E se ela pensasse que ele era musculoso demais? Parrudo demais? Parecido demais com um trabalhador braçal?

Gotículas de suor se formaram em sua testa, mas ele continuou a beijar seus seios, determinado a não sobrecarregá-la.

– Isso é bom? – sussurrou ele, cerrando os dentes na mais suave das mordidas.

Edie estremeceu e soltou um pequeno gemido. Ele quase não conseguiu ouvir a resposta. O *sim* parecia apenas um fio de voz.

O desejo ardia nele com tanta intensidade que ele se sentiu sem rumo, como se cada momento que ele passava fora dela fosse um sacrifício. Não importava que tivesse acabado de dar prazer a si mesmo. Queria abrir as pernas dela, lambê-la *ali* até que o corpo dela contorcesse e se afastasse do dele, e então se enterraria dentro dela com tanta força e velocidade que suas bolas chegariam a roçar nela.

Precisou parar, se controlar e lembrar que era um homem racional, dono de seus pensamentos, casado com uma mulher ainda jovem...

Diabo, *ele* ainda era novo no assunto.

Devagar, devagar, ele foi beijando e descendo pelo corpo de Edie até abrir as pernas dela. Podia estar afogando em desejo... mas a parte lógica do cérebro ainda funcionava e fazia observações. E não eram encorajadoras.

Quando tinham se beijado na carruagem, do lado de fora da casa dos pais dela, depois do baile de Chuttle, Edie se mostrara tão voraz quanto ele, as mãos voando sobre seu corpo. Agora não. Em determinado momento, ela gemia e um pequeno tremor percorria seu corpo, mas então, de repente, ficava parada. Não o tocava de verdade. Não acariciava seus braços, seu peito, nem passava as mãos por seu cabelo.

Por algum tempo, ele se perdeu cobrindo-a de beijos. Então soube que ela estava pronta. Estava intumescida, lânguida, e cada vez que ele a lambia ela emitia pequenos gemidos, as mãos segurando com força seu cabelo.

Os olhos lindos estavam firmemente fechados, mas, quando ele subiu sobre ela, Edie os abriu. Por um momento pareciam tontos de prazer e então outra coisa surgiu neles.

– Edie! – chamou ele, estarrecido. – O que houve?

– Nada – respondeu, ligeiramente ofegante.

Olhou para ela por mais um segundo, mas ela arqueava as costas e se esfregava nele.

– Devemos... devemos fazer amor agora, Gowan. Precisamos acordar cedo amanhã.

Seu toque mandou a mente de Gowan para um lugar escaldante onde se tornou impossível manter o pensamento racional.

– Avise se doer demais – pediu ele, e ela assentiu.

Penetrar nela, sua Edie, era a sensação mais maravilhosa que ele poderia imaginar. Por que as pessoas não ficavam fazendo amor dia e noite? Foi tão devagar quanto conseguiu, tentando não machucá-la. Quando finalmente se acomodou, ela envolveu o pescoço dele com os braços e escondeu o rosto no ombro dele.

– Como está, Edie? – perguntou Gowan, provocando-a com beijos na orelha. – Está bom?

– Tudo bem – sussurrou.

Ele ficou paralisado.

– Não, está... está melhor – disse ela, quase parecendo surpresa. – Não dói tanto.

Gowan foi tomado pelo alívio. Agora precisava manter o controle. Levaria trinta, quarenta minutos, mas, se ele mantivesse o prumo, ela o alcançaria e sentiria prazer. Uma onda de emoção, uma determinação de dar à mulher o mesmo êxtase que ele sentia, veio de suas profundezas. Gowan se apoiou sobre ela e começou.

Edie permaneceu deitada com os olhos bem fechados e, por algum tempo, ele se concentrou apenas em manter sua carne faminta sob controle.

– Edie, o que você está sentindo?

Os olhos dela se abriram subitamente, deixando-o surpreso. Não estavam tontos de desejo, mas sérios e concentrados. Gowan sentiu uma súbita vontade, um desejo ridículo, de que ela estivesse brincando. Não era justo. Sua Edie era séria por natureza. Seria até desleal nutrir pensamentos desse tipo.

– Está tudo bem – respondeu ela.

Mexeu-se, e o movimento varreu a parte baixa do corpo de Gowan como se fosse fogo.

– Você parece tão... Você faz eu me sentir cheia.

Cheia? Isso não podia ser bom. Dava a entender que estava falando de sua barriga depois do almoço de domingo.

– É uma sensação agradável? – perguntou ele.

Ela dobrou os joelhos e Gowan estremeceu com a sensação que invadiu seu corpo.

– Você deveria gozar – sussurrou ela.

– Não antes de você – disse ele. – Como isso poderia ficar melhor para você?

Edie encontrou o olhar do marido e sentiu puro pânico. Suas partes íntimas ardiam – não tanto quanto no dia anterior, mas não estava agradável. E pior, ela se sentia terrivelmente inadequada.

Desesperada.

Será que ela era a única mulher do mundo que achava profundamente perturbador ficar debaixo de um homem grande enquanto ele inseria uma parte de si dentro dela? Uma ou duas vezes, chegou a sentir uma pontada de prazer. Então Gowan mudava de posição ou dizia algo que a fazia voltar a pensar.

Acabava deitada debaixo dele odiando-se, desejando que acabasse logo.

Gowan observou quando Edie fechou os olhos com força mais uma vez, desejando saber no que pensava. Canalizou seu desejo em estocadas longas e lentas que acabariam levando os dois aonde precisavam chegar. Ao olhar para a esposa, foi tomado por uma surpreendente onda, um desejo de proteção tão feroz que quase o fez interromper o ato.

Queria a felicidade dela acima de tudo que sempre desejara para si. As fantasias não se comparavam à realidade com Edie: a beleza física era uma coisa, mas aquela seriedade, a gentileza atenta, o senso de humor ácido, eram outra.

– Edie – retomou ele, falando do fundo do coração. – Goze para mim – ordenou, beijando-a. – Goze para mim, *mo chrìdh*.

E ela gozou, graças a Deus. Ouviu os gemidos com uma gratidão tão profunda quanto o próprio prazer. Perdeu-se em si mesmo, chocado pela alegria, pelo calor penetrante, pela profunda delícia que preencheu seu corpo.



Na cabeça de Edie, o fim da noite tinha sido o esperado.

A única diferença em relação às outras noites era que talvez Gowan tenha começado a perceber que ela não sentia o mesmo prazer que ele. Havia uma concentração no rosto dele que em nada lembrava a alegria selvagem com que ele possuía seu corpo em outras ocasiões.

O pensamento deixou seu coração apertado.



O terceiro dia da jornada chegou e passou. Quando se acomodaram na estalagem para passar a noite, Mary contou a Edie, com uma risada, que o duque informara aos criados que ele e a duquesa jantariam no quarto dele.

A essa altura, Edie estava quase desfalecida de exaustão. Naquela manhã Gowan lhe avisara, pedindo desculpas, que não poderia dormir outra tarde. Assim, ele e Bardolph passaram o dia lendo sobre empresas que Gowan poderia adquirir, enquanto a carruagem sacolejava a caminho de Berwick-upon-Tweed. Edie havia praticado violoncelo por menos de uma hora quando Mary apareceu para vesti-la com a camisola, para que pudesse desfrutar de uma refeição íntima com o marido.

Foi ao quarto vizinho e encontrou Gowan recém-saído do banho, com o cabelo ainda úmido. Era estúpido, levando em conta o emaranhado de problemas que tinha, mas, no momento em que estavam a sós, ele a tranquilizava. A selvageria contida que era a essência de Gowan cantava dentro dela como um acorde, ressoando até o fundo de seus ossos. Era preciso apenas que ele a abraçasse para que se sentisse segura. Para que se sentisse no lugar certo.

Não fazia sentido, uma vez que tinham problemas insolúveis. Layla não havia mencionado qualquer poção para resolver as dificuldades de uma mulher na cama, apenas para os homens.

Meia hora depois, estavam deitados lado a lado. O camisolão de Gowan pendia nos ombros e as mãos de Edie passeavam pelo seu peito, indo até, audaciosamente, o abdômen musculoso. Embora Edie não tivesse ouvido nada, Gowan de repente ergueu a cabeça e rosnou.

– Pode entrar.

A porta se abriu e dois lacaios adentraram.

Edie puxou as cobertas sobre si, embora sua camisola cobrisse as pernas. O chefe dos lacaios começou a arrumar a porcelana ducal numa mesa lateral, sem nunca desviar o olhar para a cama. Fez diversas idas até o corredor, retornando com travessas de prata. Quando acabou, enfim, serviu vinho, saudou-os e recuou em direção à porta, com os olhos baixos, como se o duque e a duquesa fossem da realeza.

– Peters, não é? – perguntou ela.

Ele ergueu a cabeça, surpreso.

– Peterkin, Vossa Graça.

– Pode deixar a garrafa aqui, Peterkin. Obrigada por nos servir a refeição.

O lacaio baixou o queixo.

– Ficarei feliz em aguardar no corredor e servir o vinho quando quiserem, Vossa Graça.

Edie não conseguia imaginar nada mais constrangedor.

– Nós mesmos cuidaremos disso – assegurou ela.

Mais tarde, porém, depois de comerem, Gowan convocou Peterkin e outro lacaio para retirar os pratos, embora a camisola dela estivesse levantada acima das coxas, ainda que sob as cobertas. Eles tinham se beijado e Gowan passou a mão na perna dela. A sensação a fez ter vontade de se afastar e se aproximar ao mesmo tempo.

Assim que os pratos foram retirados, Edie sabia que não ia demorar até a hora de fazerem amor e, depois de pensar nisso, não conseguiu mais relaxar. Ainda assim, com toda a certeza, estava ficando mais fácil. Quando Gowan a penetrou, ela não soltou um grito, apenas tremeu. Mas não conseguiu relaxar.

O que tornava tudo pior era que Gowan parecia ser capaz de ficar fazendo aquilo a noite inteira.

– Quanto dói? – perguntou ele depois de um tempo, apoiando-se nos braços musculosos para fitá-la.

– Não muito – disse ela, esfregando-lhe o ombro. – A dor vai embora depois de algum tempo.

Era enervante se sentir tão feliz quando ele sorria para ela. Mas ela se sentia, embora ele sorrisse porque achava...

Pois bem, o que ele achava que estava acontecendo não estava acontecendo. Era tudo. Quando ela passou as pernas pela beirada da cama para voltar ao seu quarto, Gowan estava com um olhar tenso, quase zangado, mas ela manteve a cabeça baixa. Não podia explicar.

Não havia *nada* para explicar.

Capítulo 24



Na manhã seguinte havia sangue na sua camisola e Edie entrou em pânico. Pensou por um momento que alguma coisa dentro dela poderia ter se rompido.

– Suas regras começaram – disse Mary, vindo por trás. – O duque vai ficar dolorosamente desapontado – acrescentou a aia com uma gargalhada.

Edie também riu um pouco.

De leve, mas com alívio.

No desjejum, ela informou a Gowan que problemas femininos eliminavam a possibilidade de visitas à sua alcova por algum tempo. Teve uma sensação boa ao dizer aquilo. Animada pela lembrança de suas inúteis sessões de estudo, ela aproveitou para emendar outro pronunciamento:

– Gostaria que fizéssemos uma parada de duas horas, esta tarde, para que eu possa praticar.

Gowan olhou para a esposa como se ela tivesse acabado de anunciar sua intenção de imigrar para a Filadélfia.

– Nosso trajeto está planejado seguindo uma programação rígida, Edie, como bem sabe.

– Preciso estudar e fico cansada demais para tocar depois do jantar. Poderíamos ficar aqui por mais um dia – sugeriu.

– Reservamos todos os quartos na Partridge Inn para esta noite. E as primeiras carruagens já partiram há uma hora.

– Eu me atrasei com o violoncelo, Gowan. Preciso estudar. Posso praticar aqui ou podemos fazer uma pausa na hora do almoço.

Gowan pressionou os lábios, mas, para surpresa dela, não discutiu. Em vez disso, decidiu que seria melhor perder um dia na viagem. Assim, ela tocou até a hora do almoço e depois até o jantar. Durante todo o tempo, os

criados entravam e saíam da sala, cumprindo sabe-se lá quais tarefas, até que ela reuniu todos – os dezoito criados – e anunciou que qualquer um que voltasse a interrompê-la enquanto estivesse tocando seria sumariamente dispensado de seu emprego. Pousou seu olhar sobre Bardolph por puro prazer.

Já testemunhara o bastante para saber que Bardolph era um membro fundamental da comitiva de Gowan, mas ameaçá-lo, por mais impotente que ela fosse, a fazia sentir como se estivesse desenvolvendo a estrutura que Layla dissera que era necessário ter.

– O que faremos com relação a seus estudos amanhã? – perguntou Gowan, na hora do jantar.

– Ficaria grata se pudesse me reservar duas horas com luz do dia... – anunciou ela. – O violoncelo soaria muito alto na carruagem e dificultaria para você ouvir os relatórios.

Era uma ameaça despropositada, pois, naturalmente, ela nunca obteria o equilíbrio necessário num veículo em movimento. No entanto, confiava no fato de que ele não sabia nada sobre instrumentos de corda.

– Sairemos uma hora mais cedo e chegaremos uma hora mais tarde – argumentou Gowan.

Era assim que ele enfrentava os obstáculos, Edie começava a perceber. Fazia uma avaliação, lidava com eles e seguia em frente. Os relatórios diários das propriedades representavam um problema e Gowan construiria uma estrada em torno do obstáculo sem se irritar.

Bardolph não compartilhava do desprendimento do duque. Estava obviamente trincando os dentes, e por isso ela lhe lançou um enorme sorriso, para provocá-lo mais.

– Estamos quase no verão. Não me importaria de praticar no campo – disse a ele.

– Podemos fazer melhor do que isso – sugeriu Gowan. – Vamos parar em Pickleberry – dirigiu-se a Bardolph. – Acredito que Sua Graça gostaria de tocar no Merchant Tailors' Hall. Mande alguém para garantir que esteja disponível e faça a doação da quantia apropriada para suas iniciativas beneficentes.

Naquela tarde, a carruagem parou na minúscula praça de um vilarejo. Gowan acompanhou Edie até um salão de bom tamanho e deixou um laço na entrada, para garantir que ninguém a interromperia.

Edie curvou-se sobre as cordas com um sólido sentimento de propósito. Se pudesse dedicar duas horas intensas ao estudo de Boccherini, ela não se

sentiria tão impaciente na carruagem. E decidira levar a partitura com ela para examiná-la algumas vezes, como se fosse um livro contábil.

Pouco mais de uma hora depois, Gowan entrou no salão silenciosamente. Edie ergueu a cabeça e o viu, mas seus dedos continuaram a seguir, com habilidade, uma trovejante cascata de notas, e ela voltou a olhar para a partitura.

Ele ainda estava lá meia hora mais tarde, com os braços no encosto do banco, fitando o teto. Ela fez soar uma última nota e parou. Gowan baixou o queixo lentamente.

– Acabou?

Era imaginação dela ou ele parecia frustrado?

– Não – respondeu ela com firmeza. – Vou aproveitar cada segundo das duas horas que me foram designadas.

Mas estava cansada de Boccherini. Em vez disso, ergueu o arco e tocou as primeiras notas de *Dona Nobis Pacem*.

Quando a última nota foi silenciada, ela recomeçou. Atropelara o terceiro e o quarto compassos. Precisava de paz no coração. Seu arco sabia da verdade, e ela começou a acelerar de novo. Não havia paz dentro dela com Gowan ali, observando as vigas da construção. Tudo o que ela conseguia ver eram os traços fortes de sua mandíbula.

Normalmente, ela mergulhava na música, mas dessa vez ela permitiu que a música fosse um acompanhamento, como se ela se nutrisse dele. O pescoço robusto, os ombros largos, o fulgor ruivo no cabelo. Seu extraordinário brilho. Seu jeito de ser tão incisivo, uma parte integral de sua personalidade. A forma como governava um império sem erguer a voz. A forma como procurou conformar sua vida à paixão que ela mantinha pela música.

Tinha sorte. Muita sorte, a não ser por aquela coisa.

Os olhos vagaram para as pernas abertas dele, enquanto Gowan se acomodava no banco. Parecia perverso devorá-lo com os olhos enquanto ele estava tão arrebatado pela música. Quando a peça acabou, ela emendou com uma sonata de Telemann, esperando não agitá-lo. Gowan tinha fechado os olhos, talvez cochilasse.

Pela primeira vez, ela se pegou pensando em como seria *lambê-lo*. Imaginou sua língua traçando caminhos por seu abdômen chato, e até mais embaixo, talvez.

Nos últimos compassos, ele abriu os olhos e então se levantou, espreguiçando-se. Edie sentiu como se faíscas percorressem seu corpo no

ritmo da música. Se pudesse ser assim o tempo todo: a sós, sem Bardolph, sem relatórios.

Lentamente, ela afastou o arco das cordas.

Capítulo 25



Cerca de uma semana depois, Gowan tinha certeza de que estava a ponto de perder a cabeça.

Edie passava os dias enfiada num canto da carruagem com uma partitura nas mãos. Em determinado momento, ela chegou a declarar num tom surpreso que tinha começado a compreender o método de viagem do marido.

– Normalmente, eu apenas me sentaria aqui e ficaria rindo o tempo todo com Layla, enquanto meu pai viajava do lado de fora. Mas, mesmo sem o instrumento, consegui avanços surpreendentes nesta partitura.

Então voltou a se debruçar na leitura e ele precisou se conter para não jogar as páginas pela janela.

Ela podia estar concentrada, ele não. Não conseguia parar de olhar para ela. Durante horas, dias e quilômetros, Gowan estudara tudo, do narizinho delicado até uma minúscula marca bem no meio de seu lábio inferior. Quando chegava a uma parte difícil da partitura, ela mordida o lábio com os dentes brancos e alinhados.

Ele queria morder aquele lábio. Queria jogar-se de joelhos diante dela e erguer suas saias. Deitá-la no assento e...

Se as coisas fossem diferentes, Gowan deitaria Edie no banco da carruagem e beijaria cada centímetro do corpo dela.

Ele se deitaria e a colocaria em cima de si. Ele... Não era agradável passar o dia consumido pelo desejo, sabendo muito bem que a esposa não compartilhava o mesmo sentimento.

A pobre Edie vinha tendo muita dificuldade para se ajustar a ele. Gowan sabia e, mesmo assim, isso não o impedia de sucumbir à luxúria. Todas as vezes que fechava os olhos, ele via as pernas longas e claras da esposa e a fatura exuberante de seus seios. Edie ficava ali no canto da carruagem, mastigando a ponta de um lápis, de repente anotando coisas no papel, sem perceber sua presença, enquanto ele mal conseguia respirar por causa da

intensidade de sua fome.

Saber que ela sentia dor ao fazer amor com ele o levava a se ver como um bruto. Na segunda, na terceira, na quarta vez, as partes dela tinham enrijecido no momento da penetração e ela soltara um gemido que fizera o sangue dele gelar.

De qualquer forma, ele desejava penetrar em seu calor. Bastava olhar para a cabeça baixa da esposa e o desejo queimava seu corpo. Porém, os orgasmos dela eram fracos, incomparáveis a quanto seu corpo se inflamava, estremecendo, quando ele lhe dava tudo o que tinha.

Ela...

Edie era um mistério para ele e não ajudava o fato de que a maioria dos homens julgava as mulheres um mistério. Mesmo antes da chegada de suas regras, ele já vinha adiando as fantasias que nutria de que algum dia ela ergueria as saias e o *seduziria*, montando-o enquanto as rodas da carruagem sacolejavam.

Edie não ligaria para aquela ideia. Permanecia contida, tranquila, na mesma posição, embaixo dele, quando faziam amor. Congelava quando ouvia o som de passos no corredor. Ele imaginava que ela não aceitasse de bom grado carícias à luz do dia, dentro da carruagem.

A não ser pelo fato de que fora dentro de uma carruagem que ela havia estremecido ao ser tocada depois do baile Chuttle. Edie parecia pensar que ele perdera o senso de humor, mas Gowan argumentaria que ela também havia perdido algo.

Talvez fosse essa a natureza do casamento. Começava pelo encantamento e pela receptividade do outro... E então a realidade interferia. Tudo nele se revoltava contra essas noções. A Edie sensual que ele conhecera não podia ter desaparecido, deixando em seu lugar uma mulher desinteressada em fazer amor.

Gowan não se incomodaria nem um pouco em fazer amor com ela durante as regras, mas Edie era meticulosa. Ele odiava o jeito dela de secá-lo com um lençol, como se estivesse esfregando um cavalo.

Aquilo enfatizava como a intimidade deles era um fracasso.

Fracasso.

Era melhor reconhecer o fato, pelo menos para si mesmo. Alguma coisa não ia bem. Não era tudo o que ele esperava... não era aquilo o que os poetas descreviam. Mesmo nas profundezas do prazer, Gowan sentia que era como se ela estivesse lhe fazendo um favor. Chegava a suspeitar que Edie pensava

em música enquanto ele estremecia de desejo.

O pior de tudo é que ele sentia como se Edie não fosse realmente dele. Ela ria e conversava, e usava aliança, mas ele não havia conseguido deixar sua marca nela. Quando suas regras terminassem, as coisas precisariam mudar.

No entanto, a situação não iria melhorar se ele tentasse persuadi-la a intimidades antes de estar realmente pronta. Não tinha ideia de quanto tempo duravam essas questões femininas. Uma semana? Alguns dias?

Quando chegaram a Berwick-upon-Tweed, três dias depois, lady Gilchrist juntou-se a eles na carruagem e Gowan chegou a sentir ciúme dela, da própria sogra, pois Edie ficara intensamente feliz em vê-la. Ela e a madrastra sentaram-se juntas, de mãos dadas, durante a tarde inteira, até pararem para passar a noite no Rumble and Berry, a apenas duas horas de distância de Craigievar. Não queria apresentar Edie ao castelo e a seus residentes no meio da escuridão. Por isso, ordenou que Bardolph e boa parte da comitiva seguissem adiante, mas os três e os criados particulares se instalaram na hospedaria.

Depois do jantar, desejaram-se boa-noite no corredor e retiraram-se para seus devidos quartos. Gowan permaneceu desperto, pensando em seu casamento.

Na manhã seguinte, entrou no quarto da esposa e sentou-se na cama. Edie ainda estava despertando, o cabelo desalinhado, os olhos pesados, lânguida. Ele suprimiu o desejo que invadia seu corpo, deixando-o com uma ereção permanente, e perguntou:

– Suas regras já acabaram, Edie?

Ela espreguiçou-se de um jeito que delineava seus seios magníficos e assentiu. As palavras explodiram dentro dele.

– Quando acabaram?

Edie não mentiu. Olhou direto nos olhos dele e relatou que tinham acabado quatro dias antes. Porém não havia mencionado para ele. Não o tocara sequer uma vez nem dera a entender.

Gowan sentiu uma onda de náusea invadi-lo, e o desgosto deve ter ficado estampado em seu rosto, pois Edie falou:

– Devo informá-lo, Gowan? Pensei que, se quisesse vir para minha cama, teria pedido. Ou apenas vindo.

Ela parecia confusa.

Gowan conseguiu abrir um sorriso e saiu para tomar o desjejum.

Algum tempo depois, lady Gilchrist surgiu no térreo, parecendo uma francesa atraente, abandonada por acidente nas Terras Baixas escocesas. O chapéu encantador cobria uma das orelhas, com a dose certa de elegância, as saias um tanto curtas, expondo sapatos com fitas que se trançavam nos tornozelos.

Quando todos se encontraram no pátio interno da estalagem, prontos para partir, Gowan anunciou que seguiria a cavalo, acompanhando a carruagem. Os olhos de Edie refletiram alívio, o que o fez sentir mais uma onda de náusea. Ajudou a esposa e a madrastra a subirem na carruagem e saltou sobre o cavalo como se estivesse sendo perseguido pelas Fúrias. Precisava do rugido do vento nos ouvidos para não escutar aquela voz interior cínica e amarga.

Sempre condenara os pais por seus padrões morais desprezíveis, mas agora acreditava que os entendia melhor. Provavelmente os dois se descobriram sozinhos no meio de um casamento.

Não existia lugar mais frio nem mais solitário.

Apesar da raiva, ele ainda ardia de desejo, querendo tocar Edie, beijá-la, fazer amor com ela. Se tivesse oportunidade, ele faria o mesmo que o falcão com o falcoeiro, como se houvesse uma cordinha prendendo sua perna. No entanto, ela não o desejava. Era nítido.

Se ela fosse um falcoeiro, o lançaria ao céu e pediria que nunca mais voltasse. O pensamento fez o coração de Gowan bater pesado dentro do peito. Ele nem mesmo notou que os flancos de seu cavalo estavam brancos com espuma. Por fim, diminuiu a velocidade até uma marcha tranquila, mas não conseguiu fazer sua mente parar de rodar.

Edie queria bem a ele. Durante aqueles dez dias, haviam conversado sobre todos os assuntos, desde o sistema de esgotos do castelo até as leitoas das tias, a situação do Império e o futuro da nota de 1 libra. Mesmo quando estudava as partituras, ele se pegava interrompendo-a para pedir sua opinião, introduzindo-a na conversa, fazendo Bardolph esperar para ver se Edie tinha alguma ideia sobre o mercado do carvão ou as implicações econômicas das novas fornalhas.

Durante as refeições, o tempo voava, mesmo quando ela falava de música, um assunto que ele praticamente não entendia. Por outro lado, Gowan adorava ver sua empolgação e o jeito como suas mãos delicadas se movimentavam no ar enquanto desabafava sobre a “maldita” partitura de Boccherini, então se sentindo tão culpada por ter praguejado que ele não

conseguia parar de rir.

Porém, querer bem e querer fazer amor pareciam duas coisas distintas. Depois que o cavalo se recuperou, Gowan voltou a fustigá-lo, ampliando o espaço entre a carruagem e ele, distanciando-se de sua necessidade insensata, sexual, pela esposa. Sentia-se como um animal selvagem, uivando no meio de uma noite escura.

Não que Edie tivesse alguma vez recusado seu corpo. Não tinha. Parecia até mesmo apreciá-lo..., pensou ele. Não, ele sabia: ela o apreciava. Pelo menos algumas partes. No entanto, ele acabava se sentindo um desgraçado sem coração. Por mais que ele tentasse se convencer de que ela encontrava prazer com ele na cama, não acreditava. Uma parte dele se sentia como um estuprador que atacava a própria mulher. Era a verdade nua e crua.

Gowan estava forçando o cavalo muito mais do que deveria, mas não conseguia fugir da verdade. Cada vez que fazia amor com Edie, sentia uma espécie de exposição, como se estivesse em carne viva, como se o menor toque o tornasse vulnerável. Havia algo de mágico naquilo.

Porém, achava que ela não sentia o mesmo.

Na verdade, ele tinha a impressão de que Edie sentia uma alegria assim apenas quando tocava o violoncelo. Sempre que podia, Gowan inventava uma desculpa para livrar-se de Bardolph apenas a fim de ouvi-la. Chegara a reconhecer algumas das músicas que ela vinha estudando, embora Edie certamente não aprovasse a palavra “música”. Não eram apenas “música” para ela: eram arpejos, barcarolas e coisas desse tipo. As palavras pareciam fórmulas arcaicas que apenas ela conhecia.

Era nesses momentos que ele via a mulher apaixonada, radiante, que ele queria ter na cama e nos braços. Quando Edie tocava, seus olhos se tornavam suaves, perdiam o foco, seus lábios se abriam e seu corpo balançava. Aquela visão o rasgava de desejo por dentro. Vê-la entrar naquele transe despertava um monstro sinistro que o levava e se esforçar mais e mais na cama.

Gowan já a beijara nas regiões mais íntimas até que ela se contorcesse em seus braços. Havia acariciado todas as curvas e sussurrado palavras gentis em seus ouvidos. Ele a beijara como um possuído, como ele realmente era. Nada disso parecia importar.

Um muro se erguera entre eles, uma separação. Bastava que ele olhasse em seus olhos para saber que qualquer excitação erótica da parte de Edie não se comparava com o que ela sentia com aquele maldito arco nas mãos.

A música era seu verdadeiro amor.

Gowan fez o cavalo diminuir o ritmo outra vez quando se aproximou da propriedade. Ouviu um assóvio no bosque e retribuiu. Fora visto por um de seus sentinelas.

Um momento depois, o homem saiu trotando da sombra de um carvalho, tirando o chapéu.

– Maclellan – cumprimentou Gowan.

Ele queria sorrir, mas não conseguiu.

O homem veio para o seu lado, relatando sucintamente os acontecimentos durante a ausência do duque. Um javali selvagem havia aparecido perto do celeiro. Um grupo de caçadores o abatera no dia seguinte. A carcaça fora cortada e a carne estava secando, pronta para virar ensopado no inverno seguinte. Um sentinela tinha despencado das ameias e quebrado o ombro, mas passava bem.

Não era nada de que Gowan já não tivesse sido informado por meio dos relatórios diários, mas ele descobrira que, em geral, conseguia mais informações pessoalmente. Perguntou pelo sentinela acidentado.

– O garoto não sabe usar a arma muito bem – respondeu Maclellan. – Tenho minhas preocupações. O pai dele tinha uma mira perfeita, mas o garoto não. Acho que ele é sentinela para agradar ao pai, mas não é isso que seu coração deseja. Estou preocupado que ele aponte aquela arma na direção errada, um dia desses, e atire no próprio pé, ou pior. Eu estava decidido a dispensá-lo, mas o pai vai ficar muito triste se ele partir.

– Vamos tentar colocá-lo no estábulo – sugeriu Gowan. – Talvez ele leve jeito com os animais. Podemos realocá-lo em outro lugar.

Fizeram uma curva e diante deles assomava o castelo de Craigievar, fortaleza centenária do clã MacAulay. O sol do meio-dia derramava raios de ouro sobre as paredes antigas, as ameias, as torres. Os sentinelas foram ao encontro deles. Gowan ouviu o toque de uma trombeta. Enquanto desciam a estrada, o pavilhão MacAulay – em prata, um dragão escarlate agarrando uma espada – foi lentamente hasteado no forte.

O duque de Kinross tinha voltado para casa.

Gowan saltou do cavalo. O coração se alegrou ao ver a bandeira, o dragão fazendo uma careta furiosa. Era *seu* lugar, onde ele era o senhor. Tudo ficaria bem.

Ele poderia seduzir a esposa e fazê-la estar na cama com ele.

Claro que poderia.

Precisava apenas se esforçar um pouco mais.

Capítulo 26



No minuto em que o lacaio fechou a porta da carruagem, Layla atacou.

– Que diabo está acontecendo com esse seu marido gostoso? Aqui estou eu, partindo para o resgate como se fosse o próprio sir Galahad. Conte-me *tudo*.

Edie começou a chorar.

Layla a abraçou, mas Edie vinha contendo as lágrimas por tempo demais. Depois de alguns minutos, Layla falou:

– Querida, este é meu último lenço, então, a menos que queira que eu rasgue um pedaço da minha anágua, deve parar de se desfazer em lágrimas. Serei de uma honestidade brutal e admitirei que minha anágua tem rendas de Aleçon no acabamento, de forma que preferiria não transformá-la em lencinhos.

– Vou parar – disse Edie ofegante, lutando para respirar fundo.

– Conte-me o pior – pediu Layla, voltando a apertá-la. Ela baixou a voz: – No fim das contas, ele tem algum tipo de perversão? Quer amarrá-la na cama ou algo dessa natureza... até *mais grave*? Eu a levarei daqui na mesma hora e você nunca mais o verá. Seu pai anulará o casamento antes que o duque perceba que você saiu pela porta.

– Está consu-consumado – revelou Edie, recuperando o controle. – E não quero anular meu casamento.

– Claro, há algumas perversões com as quais não devemos ser tão rigorosas, afinal de contas. Se duas pessoas desejam se divertir e concordam, por que não? Nunca tentei conversar com seu pai...

– Gowan não é pervertido.

– Ah, então temos um problema mais corriqueiro. – Layla pareceu bastante aliviada. – Deixe-me adivinhar. Ele faz milagres em cinco segundos. Eu devia ter trazido uma ou duas poções comigo. Esses homens grandes,

robustos, eles são...

– É o contrário – interrompeu Edie, soluçando.

– O contrário? – Layla franziu a testa. – Por favor, não me diga que está reclamando de uma situação com a qual a maioria das mulheres só poderia sonhar.

– Há algo de errado comigo! – exclamou Edie, soltando seus piores medos. – Dói muito.

– Provavelmente isso significa que seu marido é bem-dotado. Vejamos... Você poderia compará-lo a uma cenoura, a uma berinjela ou a uma abobrinha? Espero que não seja uma vagem.

– Você... tinha dito que essa coisa de sentir dor era um conto da carochinha. – Um último soluço escapuliu. – Odeio deitar-me com ele. Apenas odeio. Sinto-me tão estúpida e... e sou um *fracasso* nesse negócio todo.

Layla deu uma batidinha no joelho dela.

– Querida, eu nunca adivinharia que você correria o risco de sentir como se estivesse sendo empalada como um toureiro desafortunado.

– Teria ajudado! – exclamou Edie. – Durante todo esse tempo pensei que havia algo de errado comigo.

– Mas *há* algo de errado. Você não tem nada na cabeça. Que história é essa de fracasso? Não existe fracasso nesse caso. Depois da noite de núpcias, minha prima Marge trancou a porta do quarto e proibiu que o marido a procurasse por um mês inteiro. E, mesmo quando o prazo acabou, ela não gostou.

– Conheço sua prima e o marido dela – observou Edie. – Talvez haja mais de uma razão para que ela não sinta prazer.

– Verdade. O homem tem lábios de esturjão. É repulsivo. Será que eu poderia abrir as janelas da carruagem?

– Não, e você não pode fumar aqui dentro. O cheiro nunca sairia do veludo.

– Um pouco exagerado, não acha? – disse Layla, cutucando o assento. – Não que eu tenha algo contra veludo cor de cobre. Acho que daria uma peliça maravilhosa. Mas imagine se alguém derramasse vinho.

– Gowan não bebe vinho na carruagem – explicou Edie, sentindo-se mais desanimada – Ele trabalha o tempo todo.

– Trabalha? Trabalha em quê?

Layla retirara um pequeno objeto da bolsa de mão e tentava abrir a janela.

– O que está fazendo?

– Ar puro é bom para sua pele – disse Layla, atrás dela. – O perfume das flores silvestres escocesas e da floresta profunda. Não quer ter manchas na pele, quer? Já está toda inchada por conta desse chororô virginal.

– Não sou mais virgem – protestou Edie, sentindo-se melhor pelo simples fato de ter contado para alguém. – Acha que a dor vai passar?

– Claro que sim. Se não passasse a raça humana teria sido extinta muito tempo atrás. Nunca ouvi falar de alguém que tivesse esse tipo de problema por mais do que algumas semanas. E, acredite, as mulheres casadas discorrem sobre isso por horas seguidas.

A janela se abriu sozinha, correndo para a parte de trás da carruagem.

– Não ouvi nada se quebrando, você ouviu? – perguntou Layla.

Um cheiro pungente de estrume entrou pela janela.

– O aroma dessas flores silvestres escocesas é surpreendente – comentou Edie, enrolando-se na peliça e observando Layla abrir uma caixa de fósforos para acender a cigarrilha.

– Ah, assim é melhor – disse Layla, um segundo depois. – Seria maravilhoso ter uma boa taça de champanhe agora, mas ainda nem é meio-dia. É preciso manter os padrões. Então, querida, quão terrível está sua situação?

Edie estremeceu.

– Minha nossa, isso é ruim – continuou Layla. – Dê-me uma dessas almofadas extras. Podemos pelo menos ficar confortáveis.

Os assentos da carruagem eram tão macios que pareciam um colchão. Edie se acomodou num canto, esticou as pernas e cruzou-as. Parecia transgressor colocar os sapatos em cima daquele veludo luxuoso.

A madrasta fez a mesma coisa no assento oposto.

– Então você está em absoluta agonia, mas está melhorando. Aqui vai a pergunta mais importante: você tem criticado Gowan todas as noites, fazendo com que ele compreenda como tem sorte por você permitir que ele se aproxime de suas delicadas partes femininas?

– Não.

Edie despejou a palavra na carruagem com toda a sua desolação.

– Querida, você precisa dar a volta por cima. Não é o fim do mundo. Vocês não são o primeiro casal a ser incompatível no começo. – Layla ergueu-se um pouco e soprou a fumaça na direção da janela quebrada. – Por que diabo não está ralhando com seu marido por causa das... ahm... proporções magníficas dele? Poderia ganhar até um ou dois diamantes no meio de toda essa infelicidade.

– Foi tudo tão terrivelmente constrangedor... Achei que ia passar.

– Não me diga que ele não sabe de nada disso? – Layla endireitou a postura. – Era isso que você queria dizer na sua mensagem em relação ao meu “segredo”? O segredo *não é* para isso!

Edie suspirou. Não tinha sequer usado o segredo corretamente.

– A ideia é dar algum alívio para *você*, não para ele. Se Gowan está martelando sem parar e dói, você deve urrar feito um gato em noite de Halloween, e não confundi-lo, fazendo-o pensar que está gostando. Está fazendo tudo errado, Edie.

– Ele deve ter percebido, mas é educado demais para perguntar.

– Os homens nunca são educados na alcova. – Layla fez um gesto expansivo que salpicou cinzas pelos estofados. – É você que está sendo educada demais. Então sejamos claras: só dói tanto assim no início. Estão praticando regularmente?

Edie fez que não com a cabeça.

– Paramos desde as minhas regras, há dez dias.

– E daí? Ah, não responda. Você parece horrorizada como quando era jovem e eu lhe contei como se faziam os bebês.

– Você me contou que era preciso comer torta de carne com melaço!

– Bem, eu não podia lhe contar a verdade, podia? Mesmo no início do casamento, já tinha percebido que seu pai era um tanto sério. Você queria saber e eu precisava dizer algo que não o aborrecesse. Torta de carne engorda muito. Tentei lhe dar um conselho importante para a vida adulta.

– Não importa – disse Edie, fitando a ponta dos sapatos. – Fiz uma bagunça com meu casamento. Não quero passar o resto da vida ofegando e soltando gemidos falsos. Simplesmente não consigo. Nem sou boa nisso. *Eu* não acreditaria em mim mesma.

– Vamos voltar ao que você me falou no início.

Layla atirou a cigarrilha pela janela.

– Layla! E se você começar um incêndio?

– Estava apagada. – Layla apontou para uma marca escura no chão e depois tentou olhar mais de perto. – Não diga que Sua Graça toda-poderosa pôs tapetes aqui.

– Ele pôs.

Layla caiu para trás em seu canto.

– Então o duque demora tanto que você fica sofrendo.

– Ele é grande demais.

Um silêncio curto se seguiu.

– Eu poderia dizer algo, mas não vou – comentou Layla com um suspiro.
– Seria indelicado.

– E o que a impediu?

– Estou ficando velha. Escute, querida, o importante é que está machucando menos do que no início.

– Parece que não machuca tanto quando ele continua se movimentando. Só que esse não é o único problema, Layla. – Edie se obrigou a confessar. – Aquela *petite mort*? Não está acontecendo comigo, obviamente. Acho que nunca acontecerá.

– Você não sente uma coisa boa lá embaixo?

– Às vezes, mas paro de sentir quando fico pensando nisso.

– Acredite, sei do que está falando – disse Layla, suspirando. – Lembre-me de dias insensatos, ou melhor dizendo, de noites insensatas, antes de pensar demais em bebês. O cérebro é o principal inimigo de uma alcova feliz.

– O que vou fazer? Não posso contar para Gowan. Não consigo.

– Por que não?

– Ele nunca falha. *Eu* preciso resolver esse problema porque o fracasso é meu.

– Não há nenhum fracasso aqui – afirmou Layla, determinada. – Não ouse se culpar. É um precedente ruim num matrimônio. O que falta é romance. O clima de uma alcova. Uma garrafa de champanhe.

– Ele tentou – argumentou Edie, os olhos voltando a se encher de lágrimas. – Pediu o jantar no quarto dele e serviu champanhe. Um laçao

serviu a comida. E justamente quando eu começava a relaxar, ele chamou o laçao de volta, além de outro sujeito para recolher os pratos. Sinto como se Bardolph estivesse pairando pelo corredor o tempo todo. E, quando Gowan passou a noite no meu quarto, o criado dele entrou pela manhã. *Odeio isso!*

– Pelo que parece, você está tentando ter intimidade no meio do Hyde Park – sugeriu Layla. – Sabe, querida, nunca ouvi você falar com tanta paixão sobre nada além de música, em todos esses anos que a conheço.

– Gowan nunca está sozinho – prosseguiu Edie. – E eu também nunca mais fiquei sozinha. Precisei ameaçar demitir os criados para que eles parassem de me interromper enquanto eu praticava. *Enquanto eu praticava, Layla!*

– Você definitivamente precisa ficar a sós com seu marido.

– É impossível. A vida dele parece como quando jogamos um pedaço de pão no meio do rio e um bando de salmões chega e começa a mordiscá-lo. As pessoas chegam e partem de perto dele, a todo momento.

– Não acho que salmões andem em bando – refletiu Layla.

– Quem se importa com isso? – indagou Edie. – Você entende o que quero dizer, não entende?

– Então precisa fazer mudanças na casa dele. Não é fácil manter laçaios fora do quarto, mas com certeza é possível. Apenas terá que interferir.

– Ele resolve todos os problemas assim que surgem, no momento em que chegam até seus ouvidos – relatou Edie, desconsolada. – Não precisa de ninguém. É perfeito em tudo, Layla. Eu poderia odiá-lo.

– O problema é que você o ama – concluiu Layla com calma. – Você se importa se eu fumar outra cigarrilha?

– Sim, eu *me importo!* – respondeu Edie.

Layla começou a procurar as cigarrilhas.

Edie endireitou a postura.

– Estou falando sério! Odeio isso. Odeio o cheiro que gruda na minha roupa depois que passo algum tempo perto de você. Odeio como *você* cheira. Odeio o cheiro do seu hálito.

Layla ficou boquiaberta.

Edie teve o impulso de dizer algo para suavizar, mas não cedeu.

– Não vou pedir desculpas.

– Tudo bem – disse a madrastra, cautelosa. – Há mais alguma coisa que gostaria de me falar?

– Não. – E então acrescentou: – Não que eu me lembre agora.

– Meu *hálito*? – Layla franziu a testa olhando para a caixa de cigarrilhas que segurava. – Não gosto disso.

– Nem deveria – retrucou Edie.

– Certo.

A caixa voou pela janela. Ouviram uma pancadinha distante, no momento em que caiu na estrada.

– Ainda bem que a segunda carruagem está a alguma distância de nós – comentou Edie. – Poderia ter atingido a cabeça de um dos cavalos.

– Se fosse para acertar a cabeça de alguém, seria a do tal de Bardolph – disse Layla, voltando a recostar-se. – Não gostei do jeito como ele me olhou, como se eu fosse uma espécie de bruxa velha que veio roubar a virtude do jovem príncipe.

– Espere até saber o que ele acha de mim. Vai mesmo parar de fumar, Layla? Simples assim?

– Comecei a fumar para irritar seu pai. Por que deveria continuar a fazê-lo agora que não moramos mais sob o mesmo teto? Mas não quero falar sobre meu casamento infeliz. Você precisa ensinar seu marido a ser romântico.

– Suponho que eu poderia lhe pedir que me desse flores – sugeriu Edie, vacilante. – É isso que quer dizer?

– Imagine seu nobre duque agachado em um dos joelhos, entregando-lhe um ramalhete de violetas enfeitado por um laço. Como se sente?

– Um pouco incomodada. As violetas são tão fúnebres...

– Muito exigente – disse Layla, com desaprovação na voz. – Se seu pai me desse um buquê de margaridas que ele tivesse recolhido de um caixão, eu ficaria empolgada.

– Escreveu para ele?

– Escrevi, e contei que lhe faria uma visita. Ele não respondeu, o que não é nada surpreendente, pois também não respondeu às minhas duas cartas anteriores.

Edie suspirou.

– Então decidimos que você precisa reformar o funcionamento da casa

do duque – prosseguiu Layla – e ensiná-lo a garantir sua privacidade. O que mais? Ele é atrapalhado na cama?

Edie pensou.

– Acho que não.

– Já falou para ele do que você gostou?

Edie fez que não com a cabeça.

– É preciso assumir alguma responsabilidade nesse aspecto – aconselhou Layla. – Os homens gostam de consultar mapas. Ou melhor, os homens *precisam* de mapas. Minha mãe me disse isso anos atrás e estava absolutamente certa.

Edie tentava se imaginar dando instruções a Gowan, quando Layla se levantou do banco de repente.

– Vamos passar o dia inteiro nesta carruagem? Já estamos aqui há pelo menos duas horas.

Ela esticou o braço e deu uma pancada no teto.

Uma fresta se abriu.

– Sim, Sua Graça?

– É lady Gilchrist! – gritou Layla. – Pare essa carruagem. Preciso esticar minhas pernas.

– Estamos muito próximos das fronteiras da propriedade de Sua Graça! – urrou o cocheiro em resposta, sem diminuir o ritmo dos cavalos.

– Fronteiras de Sua Graça? – repetiu Layla, caindo no assento de novo. – Já percebeu que agem como se seu marido fosse um monarca?

– Porque Gowan é um monarca para eles, Layla. Praticamente beijam seus pés quando ele deixa um aposento.

– Não me importaria se beijassem meus pés. Sabe, talvez eu fique irritadiça nos próximos dias – avisou Layla, tamborilando no assento. – As cigarrilhas me dão uma sensação de calma que parece ter desaparecido no momento.

– Pode urrar quanto quiser, desde que pare de fumar – disse Edie.

Layla suspirou.

– Certo. Muito bem, querida, o que vamos fazer é criar o cenário para uma noite de alegria romântica. Champanhe, flores, poesia.

– Poesia?

– Eu mesma instruirei seu marido. Sabe que assisti a todas as peças românticas encenadas em West End nos últimos três anos. Sou uma especialista.

– *Não pode* falar com Gowan sobre o que conversamos – disse Edie.

– Eu nunca faria isso – rebateu Layla, parecendo magoada. – Confie em mim, sou astuta como uma raposa.

Naquele momento a carruagem chacoalhou ao fazer uma curva. Edie olhou pela janela e ficou boquiaberta.

Diante delas estava um castelo de contos de fada. Era construído em pedra amarelada, cor de cerveja, e as torres erguiam-se afiadas contra um céu tão claro que parecia nata de leite.

– Meu Deus, espero que seu marido tenha instalado banheiros – disse Layla, deslizando no assento para poder olhar pela janela. – Os castelos têm orifícios, sabia? Entendo que sejam simples buracos que se esvaziam direto no fosso.

– Não estou vendo fosso nenhum. Estou olhando para a bandeira – comentou Edie.

– Meu Deus! – exclamou Layla, em tom de choque. – Olhe o tamanho daquela espada do dragão. Ou é uma bandeira muito cheia de si ou você realmente tem do que se queixar.

Edie estreitou os olhos para ver a espada que o dragão segurava.

– Está um pouco desproporcional.

– Não me espanta que o homem seja tão autocrático. Toda vez que vem para casa, ele provavelmente esquece que é um simples mortal. Será que trombetas vão soar quando você descer da carruagem?

– Espero que não.

– É o que acontece nas peças populares quando a princesa se casa com o jovem que cuida dos porcos, que, por sua vez, é o rei – contou Layla. – Trombetas, muitas trombetas. Quem imaginaria que você se casaria com alguém assim? Mal posso esperar para vê-la bebendo pérolas dissolvidas em vinho e se comportando como Cleópatra. Considerando o tamanho deste castelo, Gowan deveria lhe dar um diamante por cada gemido de dor que você soltasse.

– Layla!

Capítulo 27



Edie desceu da carruagem agarrando a boneca que comprara para Susannah. Acabou encontrando Gowan e companhia esperando-a diante do castelo.

– Sinto como se tivesse viajado no tempo até chegar a um feudo medieval – disse Layla, descendo ao lado dela. – Não era naquela época que o retorno de um duque era comemorado com os servos deixando os campos para saudá-lo ou coisa parecida?

Edie observava as pessoas que desciam pela ponte levadiça.

– Acho que sim.

Gowan postou-se a seu lado, o rosto sério como sempre. Ajudou Edie a saltar da carruagem, mas não falou muito. Naquele momento, estava em silêncio, com as mãos para trás. Edie teve a impressão de que ele estava zangado com ela, embora não entendesse bem o motivo. Quando Gowan perguntara sobre as regras, ela respondera a verdade. Se ele tivesse pedido, ela teria permitido que desfrutasse de sua cama.

Mas ele não havia pedido.

Naquele momento, todos os criados reunidos fizeram uma saudação em sincronia.

Gowan ergueu a mão.

Fizeram tanto silêncio que Edie conseguia ouvir o canto de um pássaro do outro lado da muralha.

– Apresento a duquesa de Kinross – anunciou Gowan.

Seu tom de voz era baixo, mas falava como um líder.

– Ela é sua senhora. Respeitem-na da mesma forma que me respeitam, obedeçam a ela como me obedecem, e amem-na como peço.

Todos fizeram mais reverências e saudações.

– Obrigada! – exclamou Edie, olhando para cada empregado com a

sensação de que jamais conseguiria conhecer todos os habitantes de sua casa.

Mais do que isso, se não conseguisse convencer Gowan a abandonar o hábito de dar carta branca para todos terem acesso a seu quarto de dormir, à sala de café da manhã e à sala de jantar, ela teria que esbarrar com todos esses desconhecidos diariamente.

Bardolph deu um passo à frente.

– Em nome dos membros do clã, Sua Graça, damos as boas-vindas ao castelo Craigievar.

– Ah – reagiu Edie, fascinada ao ver os joelhos rugosos de Bardolph despontando sob um *kilt*. – Agradeço sua generosidade.

– Devo lhe apresentar agora aqueles que trabalham aqui. A governanta, Sra. Grisle.

A Sra. Grisle era uma mulher muito alta, com dentes tão grandes que pareciam chacoalhar na boca quando ela falava. Não aparentava ser o tipo de pessoa que necessitava de supervisão constante, mas Edie preferiu aguardar para emitir um julgamento.

– Já conheceu o Sr. Rilling, o Sr. Bindle e o chef, monsieur Morney – prosseguiu Bardolph.

– Boa tarde – cumprimentou Edie.

– Os funcionários da cozinha – anunciou o secretário.

Um grupo de vinte pessoas deu um passo à frente.

Houve uma breve pausa enquanto a governanta reunia um grupo de criadas, preparando-se para apresentá-las. Edie olhou de relance para Gowan e teve que conter um calafrio. Havia uma estranha distância entre eles, mas ao mesmo tempo...

Nenhuma mulher poderia olhar para Gowan sem pensar em beijá-lo. Ele emitia tanto magnetismo animal que seu simples andar era uma promessa de horas e horas de prazer.

– Edie, onde está sua nova filha? – perguntou Layla. – Seu pai não ficará feliz se ela não passar de fruto da imaginação do duque. Nem eu, apesar de ter a impressão de que posso comer os biscoitos de gengibre que trouxe para ela.

– Onde está Susannah? – perguntou Edie, virando-se para o marido.

Gowan ergueu um dedo. Bardolph imediatamente lhe dedicou atenção.

– Minha irmã.

Houve um burburinho nos fundos da multidão e outro grupo foi acompanhado até a frente.

– Srta. Pettigrew, a babá – anunciou Bardolph. – Alice, Joan e Maisie, criadas da ala infantil. Srta. Susannah.

A Srta. Pettigrew era uma mulher grande, coberta do pescoço aos pés por linho engomado, imaculado. Acompanhavam-na as três criadas, vestidas de forma idêntica. E ao lado, com os braços cruzados diante de seu pequeno peito, estava uma criança inteiramente vestida de preto, parecendo um corvo junto de quatro imensas cegonhas brancas.

Bardolph a chamou:

– Srta. Susannah, cumprimente o duque e a duquesa.

Havia um toque de aspereza na voz dele.

Lady Susannah flexionou o joelho de um jeito que vagamente lembrava uma reverência. Premiou Gowan com uma careta, atitude que não pareceu surpreendê-lo.

– Susannah, esta é minha esposa, a duquesa de Kinross.

A criança dirigiu a careta para Edie. O cabelo ruivo destacava-se como uma chama em torno de sua cabeça, contrastando com sua vestimenta. De repente, ocorreu a Edie que, apesar de Susannah vestir preto dos sapatos até as fitas no cabelo, Gowan não usava o luto pela mãe. Na verdade, ela nunca o vira de preto.

– Como vai? – tentou Edie.

Gowan cruzou os braços diante do peito.

– Faça uma reverência para a nova duquesa, por favor.

Susannah voltou a flexionar os joelhos.

– Ela se parece tanto com você! – exclamou Edie.

– Não, não pareço! – retrucou a garota, falando pela primeira vez.

Era impressionante como uma pessoa tão pequena podia ser tão ativa. Devia ser um traço de família.

Edie lançou um olhar com certo pânico para Layla, que ordenou num sussurro:

– Abaixar-se para que ela não precise erguer os olhos para você.

Por um momento, as duas olharam para a boneca. Era uma dama muito elegante, com cabelo pintado de louro e um vestido enfeitado com renda de

verdade. Susannah não quis pegar o brinquedo. Em vez disso, desviou o olhar para Gowan.

– Ela é minha irmã? – perguntou, apontando para Edie.

– É sua nova *mãe* – declarou Gowan. – E damas nunca apontam.

Susannah ergueu o queixo com determinação.

– Queria uma irmã. Eu falei para você. Falei que queria uma irmã. Não preciso de mãe. – A voz aumentava de tom a cada declaração. – Pedi que trouxesse uma irmã menor que eu.

– E eu lhe informei que não poderia trazer uma irmã para você.

Gowan nitidamente corria o perigo de perder seu jeito imperturbável.

– Não quero uma mãe porque já tive uma – falou a menina, voltando-se para Edie, que estava paralisada.

A menina deu mais um passo e ficou tão próxima que Edie conseguiu distinguir as sardas no nariz.

– Sinto muito – disse Edie, sem jeito. – Com certeza não quero substituir sua mãe.

Os olhos de Susannah ficaram sombrios.

– Ninguém pode substituir minha mãe, porque ela está *morta*. Foi embora. Não gosto muito de você. E aquela boneca é feia.

A menina estendeu a mão e deu um empurrão.

Edie estava agachada, precariamente equilibrada. O empurrão de Susannah a fez cair para trás, aterrissando com o traseiro no cascalho. Edie ficou tão atônita que não se moveu, apesar de suas pernas terem se aberto de forma muito pouco elegante.

Um murmúrio foi ouvido, vindo dos criados em volta. Provavelmente não testemunhavam um drama familiar tão interessante desde a morte do antigo duque. Sem falar nos tornozelos de uma dama, mesmo cobertos por meias brancas de renda.

– Que droga – resmungou Layla.

– Susannah! – berrou Gowan.

Abaixou-se e ajudou Edie a se levantar.

No mesmo momento, a Srta. Pettigrew deu um passo à frente, agarrando a garotinha pelo cotovelo com uma das mãos e dando-lhe uma forte palmada no traseiro com a outra.

– Peça desculpas agora mesmo – sibilou.

A babá tinha as faces avermelhadas e estava tão furiosa que os olhos pareciam duas ameixas pretas.

– Foi apenas um acidente – interveio Edie, sem gostar de como o corpo de Susannah fora jogado para a frente quando a babá bateu nela.

– Não foi, não – retorquiu Susannah, a voz tão firme quanto antes. – Não preciso de uma mãe e falei isso para ele. Não gosto de você. Então volte para onde veio. E leve aquela boneca feia com você.

A menina tentou se livrar da babá, mas não conseguiu.

Gowan deu um passo à frente, os olhos em fúria.

Edie curvou-se depressa diante da garotinha.

– Você está muito arrependida por ter me magoado, não está?

– Não.

Mas a menina percebeu algo no olhar de Edie.

– Sinto muito – disse ela, de má vontade.

– Se não quer a boneca, tenho certeza de que alguém aqui tem uma menininha em casa que adoraria ganhá-la.

Edie voltou a estender o brinquedo para a menina.

Os olhos de Susannah foram da cabeça loura da boneca para a de Edie.

– Não quero – insistiu ela, com dureza na voz. – Pode jogar fora.

Edie endireitou-se e entregou a boneca, sem perceber, para Bardolph. Sentia-se como se tivesse levado um soco no estômago.

– Edie, poderia me apresentar para a Srta. Susannah, por favor? – pediu Layla com delicadeza.

– Susannah, esta é minha madrastra muito querida, lady Gilchrist. – Edie colocou uma nota dura na voz. – Por favor, faça uma reverência.

Susannah se abaixou.

Layla ajoelhou-se sem levar em consideração suas saias.

– Olá, Susannah.

Edie lutava contra um sentimento agudo de completo fracasso. Olhou para baixo, tentando ver Layla agachada, com olhos sorridentes e boca doce através do olhar da menina. Com certeza, os ombros de Susannah relaxaram um pouco.

– Olá.

– Trouxe um presente também, mas não é tão bom quanto essa boneca linda.

Um brilho cauteloso apareceu nos olhos de Susannah.

– Mesmo?

Layla assentiu.

– É algo que eu adorava quando tinha sua idade.

Susannah deu um passo e aproximou-se o bastante para que Layla segurasse sua mão.

– O que é?

– Uma princesa de gengibre. Já comeu biscoitos de gengibre?

– Não. Onde está?

– Na carruagem – respondeu Layla, levantando-se. – Vamos tentar encontrá-la?

A Srta. Pettigrew avançou.

– Está na hora da aula de francês da Srta. Susannah. Ela se comportou extremamente mal essa manhã, o que, lamento dizer, não é uma situação incomum. Por isso, terá uma aula dupla, seguida por uma hora de prática de boas maneiras. Depois, ficará deitada numa tábua durante uma hora. Sua postura é deplorável.

Susannah lançou um olhar zangado para a babá, muito mais maduro que o esperado para a sua idade.

– Susannah! – trovejou Gowan.

Aquela cara feia também devia ser um traço familiar, como a capacidade de parecer altivo. E, ainda assim, Edie achou que havia uma vulnerabilidade tocante por trás da testa franzida de Susannah.

Com a voz bem baixa, Layla chamou:

– Edie.

Edie sabia exatamente o que a madrastra queria comunicar: a Srta. Pettigrew não era a pessoa adequada para cuidar da menina. Se Edie não a dispensasse, Layla provavelmente o faria, apesar de não ter nenhuma autoridade ali. A duquesa respirou fundo. Precisava assumir a responsabilidade. Era sua casa a partir daquele momento.

– Precisa ser gentil com sua babá – falou Gowan. – E com a duquesa.

Susannah dobrou as pernas duas vezes, na sua versão de uma reverência, parecendo uma cortiça lançada na água.

– Peço desculpas, Srta. Pettigrew.

Aos 5 anos, Susannah já era capaz de usar um tom absolutamente inexpressivo.

A Srta. Pettigrew abaixou o queixo em um gesto que nem de longe lembrava um sinal positivo e voltou-se para Edie:

– Como pode ver, Sua Graça, a criança foi dolorosamente mimada. Não sabe idiomas, não conhece música e não compreende qualquer tipo de comportamento educado.

Edie não considerava Susannah mimada, e sim alguém que aprendera bem cedo que era melhor manifestar desprezo do que chorar. E, sinceramente, concordava com a menina.

– Também não falo francês – disse para a Srta. Pettigrew.

Os lábios finos da babá ficaram tensos.

– Como filha de uma duquesa, a Srta. Susannah deve ser fluente em pelo menos três idiomas. Considerando sua paternidade duvidosa, seu comportamento precisa ser exemplar. Há muito trabalho pela frente.

Depois daquele discurso, Edie não precisava de mais nenhum estímulo por parte de Layla. Olhou diretamente para os olhos da mulher e disse:

– Srta. Pettigrew, agradeço por sua dedicação à família, mas dispenso seus serviços imediatamente. Bardolph, faça os devidos arranjos. A Srta. Pettigrew terá uma indenização generosa e será transportada para onde desejar.

Com o choque, a babá abriu a boca como se fosse discutir. Então Edie a encarou.

– Como eu falei – repetiu –, uma indenização generosa. No entanto, não haverá carta de recomendação.

Bardolph parecia bastante atordoado, porém entrou em ação e conduziu a Srta. Pettigrew para um canto.

Os olhos de Susannah se arregalaram, embora ela não tenha se mexido nem dito uma palavra.

– E agora, vamos procurar aquele biscoito de gengibre?

Layla deixou a bolsinha cair no chão, abaixou-se e ergueu a menininha.

Junto às curvas de Layla, as pernas de Susannah pareciam finas como as de uma garça.

Houve um momento demorado em que Layla e Susannah se entreolharam e a garota sorriu. Pareciam lhe faltar alguns dentes, o que era estranhamente encantador. Layla voltou-se para Edie e disse:

– Susannah e eu vamos encontrar o biscoito de gengibre na carruagem e voltamos logo.

Ela se afastou, segurando Susannah no colo como se ela fosse muito preciosa.

Edie respirou fundo e pegou a bolsinha da madrastra.

– Entendo por que estava preocupada – comentou Gowan, sem demonstrar julgamento na voz. – Com certeza não está acostumada com crianças, mas lady Gilchrist, sim. Talvez ela possa oferecer uma solução para o problema de Susannah.

Edie o fitou. Ele tinha mesmo acabado de sugerir entregar a irmã?

– Lorde e lady Gilchrist estão afastados em definitivo? – perguntou ele.

– Espero que não, com toda a sinceridade.

– Talvez possamos persuadir lady Gilchrist a morar aqui nesse meio-tempo.

Aquele era Gowan. Quando pensava na solução para um problema, agia com rapidez para resolvê-lo.

Edie voltou-se para as criadas de Susannah.

– Há necessidade de três criadas para cuidar de uma criança?

– As melhores casas costumam ter pelo menos três aias e uma babá, além de uma preceptora – interveio Bardolph.

Edie olhou para ele, que recuou um passo.

– Qual de vocês é a favorita de Susannah? – perguntou às criadas.

Depois de alguma hesitação, uma garota bochechuda com uma boca de traços suaves deu um passo à frente e disse, com ansiedade:

– Meu nome é Alice. Mas não falo uma palavra de francês, Sua Graça. Nem qualquer outro idioma além do inglês do rei.

– Por enquanto, será a chefe da ala infantil – ordenou Edie. – Susannah

ainda está de luto, então o ensino de idiomas pode esperar. O mais importante é encontrar um instrutor de música. Quanto mais cedo começar, mais habilidosa ela será.

Era uma das coisas de que tinha certeza.

Ela mesma havia começado a estudar violoncelo quando tinha mais ou menos a idade de Susannah.

Gowan pareceu se divertir.

– Encontre um instrumentista que possa ensinar à criança – pediu ele a Bardolph.

As criadas fizeram reverências e partiram. Bardolph acompanhou um grupo de mulheres com vestidos vermelho-escuros e aventais brancos como neve.

– As criadas do andar de baixo.

– Bom dia – disse Edie.

Bardolph fez um sinal para outro grupo.

– As leiteiras.

– Bom dia.

As criadas do segundo andar foram seguidas pelas copeiras e mais outros tantos grupos, e então os engraxates. O último era de cuidadores de porcos, que eram surpreendentemente numerosos.

– Estou muito feliz por conhecê-los – revelou Edie, quando o último grupo foi apresentado. – Espero que eu consiga aprender depressa o nome de todos.

Os criados sorriram ao ouvi-la.

– Bom dia! – exclamou Gowan, seguido por um maremoto de reverências, então tudo acabou. – Há outros – atestou ele. – Os meirinhos, os comissários, o guardião da torre, e assim por diante. Mas podem esperar.

Os dois atravessaram o pátio em direção a uma porta de madeira esculpida com esmero, que estava aberta. Edie absorvia a ideia de que ainda havia mais gente para conhecer.

– O “guardião da torre”? De que torre? Vi várias da carruagem, quando estávamos nos aproximando.

– Vou levá-la para conhecer a propriedade inteira quando tiver tempo. As torres do castelo são responsabilidade do guardião do terreno, que é

subordinado de Bardolph, é claro. A torre a que me refiro é uma estrutura do século XIII, sem ligação com o resto da casa, na campina perto do rio Glaschorrie.

– Parece muito romântico.

– Não – disse ele, assertivo –, não é. Ela cria um problema constante, pois os tolos não conseguem resistir à tentação de escalá-la. Um garoto despencou há dois anos e bateu com a cabeça de um jeito tão sério que quase morreu. Depois disso, designei o guardião para ter certeza de que ninguém vai se aproximar.

O hall de entrada do castelo era grande o suficiente para assar quatro ou cinco leitões e ainda sobrar espaço para danças. A acústica devia ser terrível, Edie reparou, pois o teto desaparecia na escuridão, muito distante de suas cabeças.

Bardolph chamou a atenção de Gowan imediatamente e o chamou de canto. Layla emergira da carruagem e os seguira, com Susannah correndo a seu lado, e por isso Edie aproveitou a chance para perguntar para a menina:

– Sabe onde fica o quarto do seu irmão?

– Não – respondeu Susannah, como esperado. – Tem que perguntar a ela.

Fez um sinal com a cabeça na direção da governanta, a Sra. Grisle, que tinha sido chamada a participar da conversa com Bardolph e Gowan.

– Vamos descobrir sozinhas. – Edie subiu a grande escadaria de pedra, seguida por Susannah e Layla. No alto, ela começou a abrir as portas. – Gosta de morar aqui? – perguntou para Susannah.

– É solitário. Minha mãe está morta.

A voz de Susannah saiu em *vibrato*.

– A minha também – contou Edie.

– Mas você é velha.

– Minha mãe morreu quando eu tinha apenas 2 anos. Mais nova do que você.

– Ah – Susannah digeriu a informação por algum tempo. – Sua mãe também caiu no lago e se afogou?

– Não. Ela pegou friagem e teve pneumonia.

– Você ficou triste?

– Eu me sinto triste por causa disso desde então. Gostaria de ter tido uma

mãe.

– Mães não são tão importantes assim – disse Susannah.

Edie tentou não levar para o lado pessoal.

– Acho que as mães são importantes – anunciou Layla, se metendo.

A porta seguinte levou a um quarto grande, sem ligação com um banheiro ou com uma sala de vestir.

– Parece ser um quarto de hóspedes – comentou Layla. – Vou ficar aqui, Edie?

Era um cômodo cor de bile, inteiramente decorado em amarelo mostarda, das cortinas aos tapetes e ao dossel.

Antes que Edie pudesse responder, Susannah falou:

– Pode dormir na ala infantil, se quiser. A Srta. Pettigrew tinha uma cama por lá, mas agora ela se foi. Só que o quarto é pequeno.

Edie inconscientemente se horrorizou com a ideia, mas conseguiu se controlar. Layla não resistia a acariciar qualquer bebê que encontrava na rua. Fazia visitas só para olhar de relance as crianças que talvez aparecessem na sala de refeições. Claro que já adorava Susannah, e, aparentemente, Susannah também a adorava.

– Gosto de quartos pequenos – disse Layla. – Acho que são aconchegantes, não é?

Layla não era do tipo que viajava com pouca bagagem; levava três baús cheios de roupas. “Aconchegante” não seria bem a palavra que Edie usaria para descrever as preferências da madrastra.

O quarto do duque ficava logo adiante no corredor. Nele, os tapetes, as cortinas e o dossel eram marrons.

– Prefiro a ala das crianças. – A irmãzinha de Gowan se colocou no meio do aposento com os braços cruzados diante do peito estreito. – Não é um bom quarto – declarou ela. – É um quarto ruim e talvez alguém tenha morrido aqui.

– Não há fantasmas no meu castelo – falou Edie, caminhando para uma porta interna que levava a uma grande câmara onde havia uma banheira embutida e um vaso sanitário ao lado.

– Há três fantasmas na torre – avisou Susannah. – Dá para nadar nessa banheira.

A menina parecia impressionada pela primeira vez.

– Como é a banheira na ala das crianças? – perguntou Layla.

– Não tem banheira. Uso uma bacia.

– Então vai tomar banho aqui esta noite – prometeu Layla.

A outra porta, do outro lado da sala de banho, conduzia aos aposentos da duquesa. Era azul. Tudo azul: tapetes, decorações, cortinas. Assim que ela percebeu que o teto também era azul, Gowan entrou, vindo do corredor.

– Parece que alguém vomitou o céu – comentou Layla.

Susannah caiu na gargalhada até que Gowan lançou-lhe um olhar.

– É mais eficiente para a criadagem realizar suas tarefas se cada aposento é conhecido por uma determinada cor.

Edie estava fascinada pela uniformidade da decoração. Até a tela da lareira era azul.

– Imagino que azul devia ser a cor preferida da sua mãe.

– Não tenho a mínima ideia sobre as cores que minha mãe preferia – disse Gowan, com uma expressão indecifrável. – O aposento foi redecorado há um ano.

– E você comandou o trabalho? Até que enfim encontrei algo que você não faz bem! – exclamou Edie, sentindo-se bastante aliviada.

Ele dirigiu-se a ela com a careta característica da família.

– Posso ver agora a princesa de gengibre? – perguntou Susannah.

Ela pulava de um pé para o outro.

Layla retirou um biscoito maior do que sua mão de um saco de cambráia em cores vivas.

– Vamos poupar a princesa para depois do jantar. Este é o homem de gengibre, embora eu ache que seria mais preciso chamá-lo de *cavalheiro* de gengibre, pois tem botões dourados e um chapéu particularmente elegante.

Susannah segurou a iguaria com cuidado.

– O cheiro é bom. O que eu faço com ele?

– É seu primeiro biscoito de homem de gengibre?

Ela assentiu.

– Você o come.

– Como *a cabeça*?

– Eu sempre começo pelos pés – sugeriu Edie.

Susannah manteve os olhos fixos em Layla.

– Mas se eu comer, ele vai morrer.

– Não. Ele vai ficar na sua barriga – disse Layla. – Tem uma diferença.

– Acho melhor comer a cabeça primeiro – anunciou Susannah, assim que o silêncio pareceu longo demais. – Assim ele não vai saber o que está acontecendo.

– É um pensamento muito gentil – aprovou Layla.

Susannah virou-se e subiu na cama.

– Esse quarto não é bonito – opinou ela, mordiscando o biscoito de gengibre. – Mas a cama é boa. A minha cheira a palha, mas a sua é macia.

– Provavelmente é um colchão de plumas – disse Edie.

Gowan pigarreou e Edie de repente ficou vividamente consciente da presença dele – sem falar da proximidade com a cama com colchão de plumas.

Layla olhou para os dois, foi para o outro lado e falou:

– Você prometeu me mostrar a ala infantil, Susannah, meu amor. – E deu a mão para a criança.

Susannah desceu da cama e as duas saíram sem olhar para trás.

Capítulo 28



Gowan já havia experimentado emoções como aquela. Eram tão profundas quanto um efeito atmosférico, como se a pressão barométrica estivesse subindo por suas pernas. Tinha se sentido assim quando era um menino, quando o pai estava bêbado... mas raramente depois adulto.

No entanto, sentia-se assim naquele momento.

No momento em que Susannah saiu saltitando do quarto com o biscoito de gengibre, segurando a mão de Layla, Edie lançou-lhe um olhar nervoso, balbuciou algo sobre a governanta e escapuliu. Com certeza, não queria ficar sozinha com ele dentro de um quarto.

Essa sensação era uma coisa *inarticulada*, que o cegava, e que o lembrava dos dias em que o pai caía do banco perto do fogo e acabava no chão, tão cheio de uísque que chegava a babar enquanto rolava.

Todas as vezes em que Gowan olhava para Edie, ele sentia uma onda de possessividade que parecia tão inerente à sua natureza quanto o fato de ser escocês. Mas aquela emoção não pertencia ao mundo civilizado.

Casara-se com Edie. Colocara uma aliança em seu dedo. Tinha dormido com ela. E, mesmo assim, parecia haver uma parte dela que lhe escapava. Gowan sentia, cada vez com mais clareza, que aquilo o deixava maluco. Desejara-a no momento em que a vira, por isso arranjara o casamento. No entanto, ele não a possuía. Essa verdade fazia com que um uivo animal ameaçasse sair de seu peito.

Talvez fosse a música. Ele amava o fato de que o corpo de sua esposa tinha a forma de um violoncelo. Mas ela tocava o instrumento, não o seu corpo. Ela mal o tocava na cama. Claro... o que ele esperava? Sabia que as mulheres aristocráticas não eram tão fogosas quanto garçonetes.

Gowan tinha 8 anos quando o pai lhe contara o que acontecia entre homens e mulheres, agarrando-o pelo pulso e trazendo-o para perto de si. O fedor de seu hálito atingiu o nariz do menino como se fosse um soco.

– As damas não valem a palha onde deitam – dissera, os olhos iluminados com uma estranha alegria. – Ficam deitadas, paradas como uma panqueca. Arranje uma garçonzete fogosa, meu garoto. Vá ao Horse and Poplar. Annie é a pessoa certa para lhe ensinar tudo o que precisa saber. Ela me ensinou. E vai cuidar de você também.

Ele devia ter manifestado repulsa, pois o pai lhe dera um empurrão forte, fazendo-o deslizar pelo chão e bater na parede.

– Acha que é bom demais para Annie? Teria sorte de ter na cama uma moça tão animada quanto ela. Ela vai fazer de tudo. Pode se contorcer como um gato e comê-lo como...

Então era por isso que essa vil lembrança em particular havia voltado. A garçonzete o comeria – ou pelo menos era o que o pai havia prometido – como se ele fosse um homem de gengibre.

A onda de náusea no estômago foi como um parente distante e desagradável. Ele odiava uísque. Odiava biscoito de gengibre.

Maldição.

Bardolph abriu a porta e entrou.

– Sua Graça, trago...

– Não entre sem bater – disse ele, ríspido. – É o quarto da duquesa.

O rosto de Bardolph era tão pálido quanto uma batata crua, mas os olhos eram de um castanho mais escuro. Como um machucado numa batata velha.

– Sua Graça está conversando com a Sra. Grisle – respondeu Bardolph, com o ar magoado de um homem acostumado a saber exatamente o que acontecia em todos os aposentos do castelo, a todo momento. – Queria consultá-lo sobre os arranjos para acomodar lady Gilchrist.

Numa casa com tantos empregados, não havia segredos. Gowan soubera quando o pai engravidara a segunda aia e também soubera quando a pobre moça sofreu um aborto, da mesma forma que havia descoberto quando a própria mãe, grávida, insistira em correr atrás dos cães, e perdera o filho.

Começara a beber demais depois disso, o que também não era nenhum segredo.

– Não a deixe no quarto amarelo – declarou Gowan.

Não permitiria que a madrasta da esposa ficasse no quarto ao lado ouvindo... ouvindo o que quer que houvesse para ouvir. Saiu pela porta rumo a seu escritório, com Bardolph em seu encalço.

– Acomode-a no quarto mais próximo à ala infantil.

– À ala infantil? Fica no terceiro andar. Sua Graça estaria insultando a dama.

– Deveria estar fazendo essas perguntas para minha esposa, não para mim – retrucou Gowan.

Naquele exato momento, percebeu que seria loucura ir para a cama de Edie depois do jantar. Se grunhisse assim, ela se recolheria ainda mais.

– Como preferir, Sua Graça. Localizei um instrumentista.

– O quê?

– Sua Graça pediu que eu localizasse alguém que pudesse ensinar música para a criança. O professor de francês da Srta. Susannah, François Védrines, parente do falecido conde de Genlis, afirma ser violinista. Quando o contratamos, estava viajando pela Escócia, pesquisando baladas de itinerantes.

– Por que está me contando isso? – perguntou Gowan, entrando no escritório e se virando.

– Vossa Graça deseja ouvir os detalhes de todas as contratações significativas na casa – disse Bardolph, a boca tensa formando um bico que lembrava o olho de uma batata.

– Informe as credenciais do homem à duquesa – ordenou Gowan.

Então ele se lembrou de que Edie preferiria estudar a ouvir Bardolph.

– Não importa, traga o homem para cá o mais rápido possível.

– Ele já está aqui – informou Bardolph. – Na condição de tutor da Srta. Susannah.

Depois do almoço, Gowan recolheu-se de novo ao escritório e estava rendendo bem no trabalho, depois de tirar Edie da mente, quando a cabeça dela apareceu na fresta da porta. O cabelo fazia cachos em volta do rosto e o sol que entrava pelas janelas iluminou uma mecha como se fosse ouro cintilante.

– Aí está você! – exclamou ela. – Andei passeando pelo castelo com a Sra. Grisle. Layla, Susannah e eu vamos agora dar uma caminhada para ver o rio. Deseja se juntar a nós?

No momento em que a viu, o corpo ficou alerta.

– Claro – disse ele, levantando-se e arrumando a frente da jaqueta.

– Você se importaria se Susannah deixasse o luto depois do dia de hoje?
– perguntou Edie, enquanto atravessavam o labirinto de aposentos do castelo, todos ligados entre si, sem que houvesse um corredor.

– De modo algum.

– Vejo que você não está seguindo o costume.

Gowan lançou um olhar para Edie e então olhou em outra direção, chocado com sua reação apenas ao vislumbrar seus lábios rosados.

– Tomei a decisão de não vestir luto por minha mãe – respondeu ele, recompondo-se.

– Sugiro que consideremos suficientes os três meses que Susannah passou usando roupas pretas.

Ele assentiu, sem confiar nas próprias palavras. Pensar em sua mãe também fazia os sentimentos desarticulados de raiva e possessividade ganharem força dentro de si. A última coisa de que precisava era perder as estribeiras. De alguma forma, Edie precisava compreender que qualquer menção à falecida duquesa era como jogar uma tocha acesa em madeira seca.

Seguiram até o hall, onde encontraram Layla parada no meio do espaço cavernoso, segurando os punhos de Susannah com força e rodando, girando a menininha no ar sem parar. As pernas de Susannah estavam paralelas ao chão, as saias esvoaçavam. E o cabelo ruivo pairava sobre os ombros, formando uma nuvem embaraçada.

Desnecessário dizer que a menina gritava de pura alegria. Layla ria também, assim como os seis lacaios em seus postos perto da parede, embora tivessem fechado a boca no momento em que avistaram Gowan.

Parecia que Layla conseguira um milagre, e de imediato: tinha conquistado a meia-irmã de Gowan. Enquanto Layla colocava delicadamente a menina no chão, ele viu que o rostinho de Susannah, normalmente pálido, estava corado, e seus olhos, radiantes. Aquilo o fez se sentir culpado.

Susannah não havia percebido sua chegada. Estava pendurada na mão de Layla, pedindo que a rodasse no ar outra vez. Gowan seguiu caminhando.

– Devo voltar ao trabalho em breve. Não podemos nos demorar.

Dois lacaios entraram em ação, abrindo as grandes portas.

– O que você sabe sobre a torre? – perguntou Edie enquanto caminhavam pelo pátio em direção à ponte levadiça, que fora baixada.

A voz dela estava completamente calma. Edie não reagira à irritabilidade dele. Gowan não sabia como interpretar aquilo.

– É uma torre independente, muito mais antiga do que o restante do castelo onde habitamos – explicou ele.

Susannah correu na frente com suas perninhas finas se movimentando depressa, lembrando uma garça de pernas pretas, se tal criatura existisse. *Eu deveria ter visitado a ala infantil com mais frequência*, disse Gowan a si mesmo. *Eu deveria ter posto isso na lista, transformado em prioridade.*

Eles começaram a seguir pela trilha que fazia uma longa e suave descida, contornando a colina onde o castelo se encontrava.

– É provável que a torre seja tudo o que resta de um castelo que existiu ali no século XIII. Nesse caso, seria o forte. – Eles contornaram a colina. – Com o passar dos anos, a torre ganhou entre os tolos da região a reputação de ser impossível de escalar.

– E Susannah diz que existem fantasmas lá... – interrompeu Layla.

Gowan bufou.

– Bobagens. Três tolos subiram a torre para impressionar suas damas e despencaram para a morte. Não consigo compreender como seus fracassos poderiam fazê-los voltar como aparições. Não preciso dizer que nunca vi nenhum fantasma.

Abaixo, à distância, corria o rio Glaschorrie, avançando plácido pelas terras férteis da propriedade Kinross rumo ao Atlântico.

– É raro encontrar uma planície como esta na Escócia, não é? – perguntou Edie, olhando para os campos de trigo.

– É verdade. Foi provavelmente por esse motivo que meu ancestral construiu um castelo, ou pelo menos uma torre, aqui no rio. Queria proteger o que era seu.

– Deve ter uma vista linda.

– Era um tolo – disse Gowan, dando de ombros –, porque a planície enche a cada primavera e, com frequência, em outras épocas também. O Glaschorrie se torna uma torrente furiosa descendo daqui até o mar.

– No entanto, a torre sobreviveu.

Ele assentiu.

– Sobreviveu às enchentes e ao fogo.

Tinham caminhado o bastante para chegar ao pomar que ficava na base da torre. Layla e Susannah estavam atrás deles, de mãos dadas, parando de vez em quando para olhar uma borboleta ou uma pedra interessante do

caminho.

– Essas árvores não sofrem quando o rio sobe?

Gowan esticou o braço e puxou a folha de uma macieira.

– Parecem lidar bem com isso. Uma vez, quando eu era jovem, me lembro de olhar do castelo e ver que apenas os galhos mais altos não estavam submersos. Um dia depois, toda a água havia desaparecido, levada para o oceano.

– Parece perigoso.

– Perdemos homens neste rio, embora eu tenha dado ordens de evacuação. No ano passado, apenas três cabras morreram, e isso porque o tolo do arrendatário acreditou que bastaria deixar os animais no segundo andar de sua casa.

– E não bastou?

Gowan balançou a cabeça.

– A enchente levou a casa e, com ela, as cabras. A terra aqui é tão plana que, quando o Glaschorrie se enfurece, costuma abrir novas rotas para seguir. Um local seguro em um ano pode não ser mais no ano seguinte.

Edie caminhava ao lado dele em silêncio. Gowan não tinha certeza sobre o que ela pensava. Alcançaram a base larga da torre, onde havia uma pequena porta de carvalho, de aparência bem robusta. Gowan tirou a grande chave de ferro do bolso da casaca. Depois de ter enviado para lá, durante meses, um bando de trabalhadores, a estrutura do edifício parecia quase nova.

Quando abriu a porta, foram recebidos pelo doce perfume sedutor de maçãs maduras. Pouco acima, ficava um armazém onde as frutas colhidas no outono eram guardadas, abastecendo o castelo de maçãs o ano inteiro.

Gowan empurrou a porta até escancará-la, abaixou-se um pouco para passar sob o arco e entrou no pequeno cômodo escuro na base da torre. Com uma olhada rápida, assegurou-se de que tudo estava no devido lugar antes de dar um passo para trás e permitir a entrada de Edie. Susannah passou por eles e começou a subir num pinote as escadas estreitas de degraus irregulares, suas saias negras desaparecendo a cada volta.

– Não gosto muito de espaços pequenos – revelou Layla, parando no umbral.

– Os andares superiores são bem mais amplos – disse ele.

Layla começou a subir os degraus de pedra, e Gowan pegou o braço de Edie, segurando-a até que a madrastra desaparecesse da vista.

Olhou para o rosto dela e o abismo gritando em seu peito abriu-se um pouco mais. Edie era linda. Era tudo que ele havia imaginado na noite em que se conheceram – uma criatura etérea, iluminada, que dançava ao som de uma música que apenas ela conseguia ouvir –, mas era também uma musicista, um prodígio, uma mulher cujo talento teria posto o mundo a seus pés se tivesse nascido homem.

Sendo Edie, ela não parecia se importar. Vivia para a música... e Gowan queria que ela vivesse para ele.

– Você é minha – rosnou, as palavras pronunciadas com toda a força dos sentimentos de ciúme e de possessividade que ele guardava.

Os olhos dela se arregalaram e então Edie fez algo inesperado: pôs os braços em volta do pescoço dele. Não o tocava por iniciativa própria desde os primeiros dias do casamento.

E naquele momento...

Ficou na ponta dos pés e roçou sua boca na dele.

– Então você também é meu – murmurou com um sorriso dançando nos lábios.

Gowan estava aos pés dela, e sempre estivera, desde o momento em que a vira. Diabos, o mundo inteiro sabia disso, principalmente as pessoas que haviam comparecido ao casamento em Chatteris. No entanto, vira vestígios de incerteza nos olhos dela. Ele, por sua vez, beijou a esposa despejando tudo o que sentia naquele beijo: seu amor, sua obsessão, seu domínio, sua incerteza, sua brutalidade, sua...

Tudo.

Edie murmurou algo ininteligível e apertou os braços em volta do pescoço do marido. Sua língua encontrou a de Gowan, o que fez seu coração bater num ritmo agitado dentro do peito. O cabelo dela escapou do coque e deslizou pelos dedos dele, como se fosse a água do rio lá fora. Por um momento, ele se sentiu feliz, como se bastasse tocar em seus fios para mantê-la próxima.

Então Edie se afastou.

– Ah, não!

As mãos dela correram tarde demais, cachos de cabelos começavam a despencar abaixo de seus ombros.

– Amo seu cabelo – disse ele, satisfeito com a vida pela primeira vez no dia. – Mesmo neste quarto escuro, ele reluz como o luar.

– Você desarrumou tudo de novo – acusou ela, torcendo o nariz. – Tive que ficar parada por quase 45 minutos hoje de manhã e não sou paciente no que diz respeito à minha toalete.

– Lamento – murmurou Gowan.

Voltou a capturar a boca de Edie... mas então percebeu vagamente que tentava imprimir seu selo ao beijá-la, como se aquilo fizesse alguma diferença.

Não faria, e ele se afastou, a alma desapontada. Ela emitia um barulhinho de protesto. Ele a beijara até que os lábios dela ficassem inchados e vermelhos como cerejas. Apenas duas semanas antes, ele teria pegado fogo diante daquela visão, imaginando aquela boca acariciando seu corpo. Apesar disso, naquele momento, não conseguia imaginá-la de joelhos diante dele.

Não aconteceria. Edie não estava suficientemente presente para esse tipo de jogo amoroso. Não estava...

Gowan sentia falta dela, embora Edie estivesse bem ao lado dele, embora ele preferisse a morte a admitir uma ideia tão sem cabimento. Aquela dor no peito? Era uma idiotice.

– Preciso conversar com você – disse ele, abrupto.

Edie engoliu em seco e o coração dele ficou apertado. Uma pequena parte de si nutria esperanças de que todo o problema fora criado em sua cabeça e que, na realidade, ela estava perfeitamente feliz ao lado dele.

No entanto, aquele minúsculo movimento convulsivo na garganta contava outra história.

– Teremos um jantar particular no meu quarto – informou ele, examinando rapidamente as possibilidades. – Vou dispensar todos os lacaios.

Os olhos dela se turvaram.

– Não podemos, não na primeira noite de Layla. Bardolph acredita que o professor de francês de Susannah pode ensinar-lhe música, e ele também vai jantar conosco.

– Amanhã à noite, então. – Ele não podia ficar com ela naquele instante ou passaria por alguém ainda mais bobo ao se ajoelhar e implorar por seu amor. – Preciso retomar o trabalho. Estou atrasado para uma reunião.

Bem acima deles, ouviam pequenos acessos de riso enquanto Susannah e Layla exploravam a torre.

Edie assentiu. Os olhos dela eram de um verde selvagem, como uma floresta escocesa. Entregou-lhe a chave, virou-se e partiu.

Naquele momento, ele odiou o fato de ser esperado no escritório. Queria segurar a esposa nos braços e levá-la a algum lugar, onde não existisse uma irmãzinha que o fizesse se sentir culpado.

Desejou carregar a esposa nos braços, partir pelo caminho até o rio e encontrar alguma curva na margem onde não poderiam ser vistos. Estava duro como uma rocha e tão faminto que sentia o desejo emanar dele como fumaça.

Mas seus instintos nunca o desapontaram. Era melhor esperar até o dia seguinte. Se havia algo que Gowan odiava era agir precipitadamente.

Capítulo 29



Edie subiu os degraus da torre. Estar com Gowan – ser casada com ele – era como se descobrir cômulo de um tornado. Uma força a fazia girar até perder a razão, até desejar ficar agarrada a ele, contemplando aqueles olhos de meia-noite.

E aí acordava e percebia que ela era apenas mais um compromisso na vida do marido. Ao que parecia, não era importante o suficiente para justificar que ele perdesse seu tempo em outras ocasiões que não fossem o jantar. Sentiu uma onda de raiva, seguida por um momento de clareza. Nenhum dos dois estava disposto a abrir mão do próprio tempo. Ela fazia questão de suas horas de estudo da mesma forma que o marido em relação ao trabalho.

Continuou a subir, pensativa. O primeiro nível estava completamente vazio, mas, como Gowan avisara, era bem menos sombrio. A torre tinha encantadoras janelas em arco com vidros em formato de diamante. Parou por um momento para olhar o rio lá embaixo.

Era difícil imaginar o Glaschorrie numa enchente. Naquele momento, sua corrente preguiçosa era quase imperceptível. Pequenas bolhas subiam até a superfície. Fora isso, era plano como o fundo de um prato.

Ouviu outra explosão de gargalhada, então voltou-se para os degraus estreitos, irregulares, e continuou a subir. Chegou a outro cômulo, onde caberiam no máximo quatro pessoas e que, no passado, poderia ter sido usado como sala de jantar. A mesa era de carvalho enegrecido, mas não havia cadeiras ao redor. Olhou para a superfície desgastada do móvel por um momento, depois verificou as pernas: havia marcas que com certeza tinham sido deixadas pela água.

Subiu um pouco mais e emergiu em um quarto, identificável pela estrutura de madeira de uma cama, em um lado. Layla estava sentada em uma cadeira de balanço junto à lareira apagada, impulsionando-a com o pé para que permanecesse em constante movimento.

Susannah estava aconchegada em seu colo, olhando para o outro lado, de

modo que não dava para ver Edie. Layla pousou o indicador de sua mão livre nos lábios e Edie deixou-se cair num banco num canto do quarto. Suas pernas estavam cansadas da subida.

– Muita gente deve ter morrido no castelo – disse Susannah, sonolenta. – Gatos também. Muitos gatos. O pátio inteiro deve estar cheio de túmulos e passamos por cima deles o tempo todo.

– Eu acho – interveio Layla, com seriedade – que as pessoas e os gatos voltam a fazer parte da terra depois de um tempo. Assim, você anda apenas sobre terra, Susannah.

Susannah estava com o polegar na boca, por isso Edie não conseguiu entender o que ela respondeu.

Layla falou:

– Não acho. Suas almas foram para o céu.

Depois houve silêncio, a não ser pelo rangido da velha cadeira no chão de pedra.

Layla ergueu a cabeça após um momento e anunciou com calma:

– Ela é minha, Edie.

– Estou vendo – falou Edie, sentindo um pequeno aperto no coração. – Ela passou por muitas dificuldades, não é?

– Nem tantas. Foi abrigada, alimentada, e acho que as criadas foram bastante gentis com ela. Faz drama porque é parte de sua personalidade. – Layla deu um leve sorriso. – Sei tudo sobre isso.

Com sua aptidão para a dramaticidade, Layla era a pessoa certa para educar Susannah. Claro que era.

– Queria que seu pai estivesse aqui – acrescentou Layla. – Ele iria amar Susannah.

Edie não tinha tanta certeza. O pai era completamente rígido quanto ao que era impróprio. Como se sentiria em relação a uma criança que poderia ou não ser ilegítima, que nem parecia ter sido batizada?

Layla adivinhou seu pensamento.

– Está errada, Edie. Ele a amaria... vai amá-la... porque ela é audaciosa e corajosa, bem parecida com você.

– Não sou corajosa.

– A maioria das damas inglesas ficaria aterrorizada pela perspectiva de

se casar com um desconhecido e partir para a Escócia. Seu duque não é um fracote. E você não tem o menor medo de casamento nem de Gowan, não é?

– Mas acho que deveria ter tido. Estava pensando há pouco que sinto que me casei com um tornado.

– Mas não tem medo dele, tem?

Layla olhou para ela, incisiva.

– Como poderia ter depois de ser criada por papai? Papai finge que tudo que vê é lógico, mas por dentro é todo emoção.

Layla ficou sentada com os braços em torno do corpinho de Susannah, ainda balançando a cadeira com o pé, para a frente e para trás. Então disse:

– Ele é mesmo, não é?

E mergulhou o rosto no emaranhado do cabelo da menina.

Então Edie escapuliu, descendo todos aqueles degraus de pedra, e vagou entre as árvores frutíferas antes de subir a colina, seguindo a trilha até ver os portões abertos do castelo. Parou, olhou para a torre. Vista dali, parecia atarracada.

Gowan estava certo em preservá-la. E estava certo ao afirmar que precisavam conversar.

Se os dois conversassem seriamente, ela precisaria confessar que fingira chegar ao prazer. Se colocasse em prática as ideias de Layla para uma noite romântica, talvez não tivesse que confessar. Dez dias se passaram desde que haviam tentado pela última vez, e ela esperava sinceramente que não voltasse a doer.

De um jeito ou de outro, não haveria mais fingimento.

Sob o abrigo do muro, cresciam flores silvestres. As hastes eram muito longas e as plantas pendiam para os lados, embaralhando-se, antes de explodirem em minúsculas flores brancas.

Edie se ajoelhou e começou a colhê-las até ficar com os braços cheios de flores com caules retorcidos. Não tinham a beleza das flores compradas em Covent Garden, em Londres, com suas hastes retas e pétalas regulares. Eram silvestres e rebeldes. Suas primeiras flores escocesas.

A princípio, pensou que não tinham perfume, mas de perto exalavam uma leve doçura, um aroma volátil. Depois de dar uma última olhada para a torre, ela se levantou.

Atravessou a ponte levadiça, refletindo muito. Na verdade, não era

corajosa como Layla acreditava. Uma pessoa corajosa não teria deixado que Gowan pensasse que havia algo de errado com ele, quando o problema na verdade era dela.

Bardolph passava pela entrada – dirigindo-se, sem dúvida, para o escritório de Gowan. Parou e disse:

– Não são flores, são mato, Vossa Graça.

Edie permitiu que um silêncio suficientemente longo se instalasse para dar a entender que ele havia ultrapassado os limites.

– Ficarei grata se puder me mandar uma criada com diversos vasos. Estarei em meus aposentos. Ah, Bardolph, meu quarto precisa ser todo redecorado.

Ele se curvou, tão rígido que as costas pareciam um tampo de mesa.

– Convocarei o Sr. Marcy, que comanda as reformas do castelo.

– O Sr. Marcy foi o responsável pelo quarto azul, pelo quarto amarelo e assim por diante?

– Sim.

– Nesse caso, não será a pessoa certa. Confio que pode encontrar alguém diferente. Obrigada, Bardolph.

Ela começou a subir a escada consciente de que as pequenas flores brancas esbarravam em suas roupas e caíam no chão.

Assim que entrou no quarto, arrumou as flores rebeldes nos vasos. Os talos se enrolavam em diferentes direções antes de se abrirem em pequenos buquês de flores brancas. Davam um toque selvagem muito bem-vindo àquele estéril quarto azul.

Mary removera todas as suas roupas dos baús. A criada havia encontrado o professor de francês de Susannah, agora recrutado também para ensinar-lhe música.

– Ele é bonito como num retrato – opinou Mary. – Tem cabelo longo, amarrado para trás. É filho de um marquês, pelo que dizem. – Com alguns movimentos rápidos, a criada dobrou uma anágua rendada em um quadrado. – Não devia trabalhar. Não devia morar aqui sob o comando de um duque escocês para ensinar música a uma criança de 5 anos. – Mary lançou um olhar para Edie. – E ninguém está confiante de que a Srta. Susannah vai aprender a cantar, muito menos que toque um instrumento, Vossa Graça. Ela é uma coisinha mal-humorada, pelo que todos disseram. Derramou leite de propósito, mais de uma vez, segundo ouvi. O que vai vestir no jantar?

– O azul-marinho – respondeu Edie.

Tinha deixado para trás todos os vestidos brancos.

– O vestido de seda ponge, então – falou Mary, retirando respeitosamente o vestido de noite do guarda-roupa. – Seu cabelo está um desastre. Vou prendê-lo novamente, e o trançarei com pérolas.

Edie suspirou e se sentou. Havia perdido o dia inteiro.

– Amanhã vou praticar durante toda a manhã – revelou para Mary. – Nenhuma interrupção depois do desjejum.

Mary assentiu.

– O duque falou que a senhora deve manter um lacaios diante da porta, para garantir seu sossego.

– Não há necessidade do lacaios – retrucou Edie. – Vou praticar na torre.

Mary torceu o nariz.

– Bardolph disse que ninguém tem permissão de se aproximar daquela torre.

Ela começou a desabotoar a roupa de Edie, que, durante todo o tempo, ficou olhando para as flores pensando em seus talos enrolados, parecidos com uma complicada partitura musical.

Era como se a Escócia tivesse música selvagem crescendo bem rente ao muro do castelo.

Capítulo 30



O jantar foi um inferno.

Edie e o francês não paravam de rir dos mexericos de Layla – que Gowan considerava um tanto grosseiros, embora suas histórias nunca descansassem para a pura vulgaridade.

– Pelo que ouvi – contava Layla –, estar casada com lorde Sidyham era como ser cristão no Coliseu e estar a bigodes de distância de um grande tigre. O que estou querendo dizer é que ele era absurdamente primitivo. Raivoso. Fui a um jantar certa vez em que ele acusou a esposa, diante de todos nós, de se apaixonar por qualquer um que usasse o colarinho de religioso. Ela desfrutava de uma conversa com o arcebispo de Canterbury e qualquer um que o conhece sabe que alguém precisaria ser de fato devota para achá-lo atraente.

– Ele a atacou de um modo um tanto perverso – comentou Edie, acrescentando –, embora tenha sido estranhamente específico.

– É o que penso. Como se soube, lady Sidyham, na verdade, permitira que seu respeito pelo sacerdócio prevalecesse sobre os princípios. Alguns meses depois, ela e o vigário local desapareceram. A última notícia que se tem deles é que teriam ido para a América, onde acredito que estejam bem felizes.

Gowan não conseguia sequer parecer levemente interessado, não com aqueles carvões aquecendo a base de seu estômago e o ácido amargo no fundo de sua garganta. Olhara para Edie enquanto ela entrava no salão usando um vestido desenhado para enfatizar o contorno de suas pernas e celebrar seus seios com uma explosão de fitas e rendas.

E ela se voltara para ele com um sorriso no olhar. Ser casado com Edie era como ser lançado no mar revolto. Em um momento, encontrava-se a uma distância incalculável dela e, no instante seguinte, estava a seu alcance. Em um momento, ele obtinha a completa atenção de seus olhos escuros, de esmeralda; no outro, ela se virava para cumprimentar Layla e tudo que Gowan conseguia ver do rosto da esposa era a delicada curva da face.

Pela primeira vez na vida, ele considerou que talvez a loucura tivesse um caráter hereditário. Talvez seu pai tivesse sentido o mesmo por sua mãe e, quando ela o traiu, não lhe restaram outros recursos senão beber até o estupor e dormir com garçonetes.

Claro, Edie nunca o trairia. Mesmo assim, ele tinha a terrível sensação de que não conseguia segurá-la, de que não conseguia mantê-la a seu lado. Ela se trancaria num aposento com o violoncelo e desapareceria.

Não que ele pensasse em – ou desejasse – afastá-la da música.

Só não conseguia deixar de alimentar um torturante ciúme. Desejava que ela não fosse instrumentista. Se ao menos fosse uma mulher comum como lady Edith, a jovem que ele pensou ter conhecido no baile dos Gilchrists: uma garota casta, melancólica, que mal pronunciava uma palavra...

Mas então não seria Edie, percebeu ele, num suspiro.

Estava sentado à cabeceira da mesa, o lugar ocupado por seu pai milhões de vezes, observando em silêncio Edie e Layla brincarem com Védrines, o violinista que Bardolph arranjara como um coelho da cartola de um mágico.

Esse sujeito em particular era, supostamente, parente de conde de Genlis, que teria encontrado seu destino na guilhotina, embora ninguém se sentisse à vontade de perguntar sobre. Presumia-se que Genlis era seu avô e, como Védrines usara trajes em veludo preto para a refeição noturna, a família deve ter conseguido contrabandear uma ou duas joias da França.

Layla chamou a atenção de Gowan com um aceno enfático.

– Aquele sujeito azedo com o bigode, Bardolph, não me aprova.

– Impossível acreditar nisso – disse Védrines, galante.

O francês era um homem bem-apessoado, esguio e alto.

– Toca violoncelo? – perguntou para Edie.

Ele se aproximou dela e Gowan teve que reprimir um desejo instintivo de obrigá-lo a se recostar no assento.

– Toco.

Edie sorriu para ele, os lábios tão carnudos e convidativos que fizeram a cabeça de Gowan girar por um momento. Por que diabo ele não tinha dormido com uma centena de mulheres antes de se casar? Pelo menos teria algum controle.

Então ele percebeu que Védrines sorria de forma condescendente para Edie e dizia que tinha certeza de que poderia ajudá-la a se desenvolver

musicalmente, embora ele mesmo não tocasse violoncelo.

– A viola de gamba tem um tom melhor.

Edie rapidamente criticou o homem por seus preconceitos, o que foi divertido. Então os dois começaram a falar sobre coisas que Gowan não compreendia.

– Isso sempre acontecerá com você a partir do momento que permitir que musicistas venham jantar aqui – disse Layla, à sua esquerda.

Gowan se virou e descobriu que ela sorria para ele, com um brilho nos olhos que ele achou bem mais atraente do que seus modos sedutores.

– Edie e o pai dela são capazes de conversar sobre o assunto por horas seguidas – continuou a madrastra.

– Já tentou aprender?

– Tarde demais. Os dois estudam há muitos anos. – Ela fez uma pausa, o suficiente para que Gowan ouvisse Védrines dizer “monsieur de Sainte-Colombe” e Edie responder, assentindo, “acrescentou a sétima corda ao baixo”. – Está vendo? Em algum momento, eles voltarão ao reino dos reles mortais. É como uma sociedade secreta.

Gowan não gostava daquilo. Não queria que Edie fizesse parte de uma sociedade secreta, ainda mais junto com um belo francês que tinha um atraente ar de tragédia pairando em torno dele, como uma capa em frangalhos.

– Prefiro tocar ao ar livre – falou Védrines. – Meu maior prazer é levar o violino para o jardim.

– Nunca tinha pensado nisso. – Edie virou-se para Gowan e tocou na mão do marido. – Nós dois podemos fazer um recital para você, Layla e Susannah amanhã? Podíamos tocar no pomar na base da torre à tarde.

– Vou estar ocupado – respondeu Gowan, as palavras saindo automaticamente de seus lábios.

Por que Edie pensaria que ele estaria livre para um recital vespertino? Todas as horas de seu dia estavam ocupadas.

– Talvez depois do jantar?

– Duvido que consigamos enxergar o bastante para tocar ao ar livre depois do jantar – opinou Védrines –, talvez se tivéssemos tempo para ensaiar, aprendendo as partes de cada um a ponto de tocar sem a partitura ou sem boa visibilidade.

Ele não tinha a menor intenção de permitir que Edie aprendesse a parte

da música que caberia a um homem interpretar. E nenhum outro ia vê-la com aquele instrumento entre as pernas. Era inaceitável. Ele poderia conversar com ela mais tarde, quando estivessem sós.

– Layla, você pode ser nossa plateia – prosseguiu Edie, dando um sorriso para a madrastra. – Prometo que tocaremos *Dona Nobis Pacem*.

Aquilo fez a raiva subir até a garganta de Gowan. O que Edie dissera naquela carta que teria conseguido fazer com que sua madrastra os visitasse em outro país?

O cabelo de Edie ganhava o tom do mel escuro sob a luz das velas, dourados com reflexos solares. As pérolas em seu penteado reluziam como prata clara entre o ouro, transformando Edie em uma joia.

A joia *dele*.

Ele estava tomado de volúpia, do desejo de levá-la para a cama, de passar seus dedos por suas mechas extraordinárias. No entanto, uma parte dele se conteve. Não parecia certo que seus orgasmos fossem tão avassaladores, despencando sobre ele como um maremoto, e que abrisse os olhos apenas para perceber que a esposa o observava com uma leve névoa de alívio no olhar.

Tinham que conversar primeiro, em particular. No dia seguinte.

Ele se sentia solitário.

Sentir-se solitário era um inferno.



Depois do jantar, Edie tocou por umas duas horas e permaneceu acordada, esperando que Gowan fosse a seu quarto, mas ele não apareceu. Ela ouviu, muito distante, a agitação de seu criado... e depois o silêncio. Ficou acordada por muito tempo.

Na manhã seguinte, ela se vestiu e foi até a ala infantil verificar se Layla tinha realmente dormido na cama estreita da preceptora. Encontrou-a sentada no chão, o cabelo bagunçado solto por cima dos ombros, aparentemente comandando um batalhão de soldados.

– Olá – cumprimentou Susannah, levantando-se e se aproximando do ombro de Layla, como se Edie fosse roubá-la.

Era óbvio que Layla e Susannah estavam apaixonadas uma pela outra. Não tinha nada a ver com o fato de a madrastra tratá-la ou não como filha.

– Olá para você – disse Edie para a menina. – Pode me chamar de Edie

se quiser.

Uma vez que *mamãe* não era uma opção.

Ela se abaixou e examinou a forma como os soldados estavam organizados. Havia muitos deles. Layla parecia cuidar dos vermelhos e Susannah dos azuis.

– Quem está ganhando? – perguntou.

– É a terceira batalha dos ingleses contra os escoceses – explicou Layla, abafando um bocejo. – Por algum milagre, os escoceses sempre ganham.

Passara o braço em volta da cintura de Susannah com a naturalidade de quem a conhecesse desde o nascimento.

– Três batalhas! – exclamou Edie. – E perderam todas. Minha nossa, Layla. Nós, as inglesas, precisamos fazer melhor do que isso.

– Esta inglesa está acordada desde o amanhecer – disse Layla com alguma dignidade. – Naturalmente, as forças de Sua Majestade ganhariam qualquer batalha conduzida durante a noite.

Layla nunca acordava cedo.

– Como está indo sem as cigarrilhas?

– Parece que estou com fome o tempo inteiro – respondeu ela, franzindo a testa. – Desse jeito, vou acabar ficando redonda como uma melancia.

Susannah riu ruidosamente.

– Uma melancia, uma melancia! – exclamou Susannah aos gritinhos.

A menina pareceu concluir que Edie não representava um perigo iminente, pois rodopiou pelo aposento até chegar ao lugar onde Alice costurava, perto da lareira.

– Acordou mesmo ao amanhecer? – perguntou Edie.

Nunca tinha visto Layla assim. Cansada, mas com um brilho de profundo contentamento.

– Pelo que entendo, as crianças acordam cedo. Pelo menos, Susannah acorda. Despertou-me subindo na minha barriga. Na minha barriga de melancia.

Susannah voltou correndo e jogou os braços em volta do pescoço de Layla, por trás.

– Susannah não liga para o tamanho da sua barriga – destacou Edie.

– Quem é essa? – indagou Layla, capturando um corpinho que se contorcia e em que ela logo começou a fazer cócegas. – Não é a criatura sem noção que me acordou antes do dia clarear lá fora?

Edie teria concluído que os gritinhos de Susannah indicavam dor, mas Layla, obviamente, sabia a diferença.

– Pensei em pedir um jantar particular com Gowan hoje à noite – disse ela.

Os dedos de Layla paralisaram.

– Brilhante ideia! – Ela libertou Susannah e a menininha sentou-se junto aos soldados. – Sugiro champanhe. Verdade, Edie, você deve ficar adequadamente tonta.

– O que é “tonta”? – perguntou Susannah, erguendo a cabeça.

– É como você fica quando roda muito – disse Layla, colocando-a no colo, como se não pudesse desencostar da menina. – Venha cá, criança terrível, você me deixou exausta. Eu me recuso a enfrentar outra batalha com esses soldados.

– Acha isso? – indagou Edie, com alguma dúvida.

– Lembra a noite em que fomos ao baile de lady Chuttle?

– Claro.

– Eu tinha bebido mais champanhe do que seria recomendável para mim.

– Você ficou bêbada! – exclamou Edie, rindo.

– Naquela noite, esqueci tudo sobre bebês e apenas me diverti. Se parar de se preocupar, tudo vai ficar bem.

– Espero que sim – concordou Edie. – De qualquer modo, preciso ir. Tenho trabalho a fazer.

– Toque para ele – sussurrou Layla. – Não há nada mais erótico. Quando seu pai toca algo só para mim, eu me derreto toda.

Edie voltou para a pequena sala de estar pensando no que tocaria para Gowan, mas encontrou Bardolph, que lhe informou que Sua Graça pedira para vê-la. Ela desceu até o escritório do marido, onde um laçao com cara de pudim disse que precisaria verificar se Sua Graça estava livre, pois o duque dera ordens estritas para não ser interrompido.

Um momento depois, parecia que Gowan poderia recebê-la. Então, seguida por Bardolph, ela acompanhou o laçao até o aposento. Havia mais um meirinho e os prefeitos de dois vilarejos vizinhos que precisavam ser

apresentados a ela.

Em seguida, o marido pediu desculpas e levou-a para um canto. Os três visitantes tiveram a delicadeza de se retirar para o lado oposto, mas Bardolph se dirigiu à escrivaninha próxima à de Gowan e se sentou. De onde estava, podia ouvir muito bem a conversa dos dois.

Edie respirou fundo. Bardolph não era um problema que ela podia tratar naquele momento.

– Eu a convoquei... – Gowan interrompeu a frase e abriu um sorriso encantador. – Perdoe-me. Eu a convoquei porque devemos tratar do recital desta tarde.

Edie piscou, surpresa.

– Poderá assistir, afinal de contas? É um número maravilhoso.

– Lamento. O volume de trabalho é tanto que não posso perder uma tarde. Para ser mais exato, Edie, não posso permitir que toque o violoncelo diante de uma plateia, especialmente quando há um homem nela.

Edie ficou arrasada, mas não se surpreendeu.

– Tenho uma cortina especial feita a pedido de meu pai para circunstâncias como essa. É feita de seda pregueada que fica esvoaçando sobre o violoncelo. O fato é que um músico de verdade só está interessado na forma como eu toco e não em como pareço quando toco. Espero que Védrines seja um profissional deste calibre, mas é claro que não posso ter certeza antes de ouvi-lo tocar.

– Lamento decepcioná-la, Edie.

– Não me decepciona – garantiu ela.

– Fico feliz em ouvir isso de você.

Dirigiu a ela um daqueles sorrisos carinhosos que aparentemente indicavam que ele lembrava como era divertida a atividade na cama. Para ele.

– Não me decepciona – seguiu Edie – porque eu toco quando e onde tiver vontade.

O corpo inteiro se iluminara com uma ira tão incandescente que ela achou que tinha pegado fogo.

Gowan estreitou os olhos. Ela ergueu a mão antes que ele pudesse se manifestar.

– Talvez tenha compreendido mal e julgado que meu pai ditava as circunstâncias em que eu tocava. Ele não ditava. Fiz-lhe a honra de concordar

com seus desejos de não me apresentar em público. Fui convidada para estudar com as garotas Smythe-Smith e recusei. – Então, acrescentou, escrupulosa: – Embora essa não tenha sido a única razão para minha recusa.

– Se desejar chegar a tal acordo comigo, será mais do que satisfatório.

– Um acordo envolve *concordância*, Gowan. Não concordo com sua diretiva. De fato, considerando sua presunção, não deverei concordar com nenhuma regra. Deve ser guiado pelo meu senso de prioridade, e se eu escolher convidar todo o clã Smythe-Smith aqui e desejar realizar um recital público no salão da vila mais próxima, eu o farei!

Gowan ficou paralisado, o que Edie interpretou como um mau sinal. Ela odiava conflitos. De fato, nunca discutia – mas aquilo era diferente. Precisava se impor. Ele tentava interferir na sua música. Era a coisa mais importante para ela. Era sua alma.

– E se eu comparecesse ao recital esta tarde? – disse ele.

Os lábios dele quase não se mexeram.

Edie quase sentia o olhar interessado de Bardolph perfurando suas omoplatas.

– Ficaria feliz em vê-lo.

– Mas não concordará com meu pedido para não tocar diante de homens.

– Não ouvi um pedido, e sim uma ordem – observou ela.

– Por favor, deixará de tocar na presença de homens?

– Não farei recitais públicos, se quiser.

– Obrigado – disse Gowan.

O rosto dele aparentava indiferença, mas a imagem de um lago gelado veio à mente de Edie, quando olhou nos olhos do marido.

– Você é bem-vindo para me acompanhar durante o recital, pois percebo que está preocupado que...

O quê? Ele imaginava que ela começaria a flertar com o jovem francês? Largar o violoncelo para partir para um ato que ela achava não apenas doloroso, mas desagradável?

Os olhos dele endureceram.

– Eu confio em você. Só não gosto é que seu parceiro tenha a oportunidade de saborear seu desejo durante cada momento em que tocarem juntos.

Ela balançou a cabeça e, apesar de tudo, sentiu uma ponta de simpatia por ele.

– Não compreende como funcionam os duetos. Eu somente tocaria com um músico de verdade. Se não tivesse conversado com Védrines durante duas horas na noite passada, nunca consideraria essa possibilidade. Posso lhe assegurar que ele pensará apenas na música, e não na minha postura. Devemos praticar no pomar hoje à tarde, se quiser se juntar a nós.

Ela se voltou, fez uma reverência geral para todo o aposento e saiu.

Não foi muito longe. A Sra. Grisle a pegou, arrastou-a até a sala da governanta e a cobriu de perguntas. Duas horas se passaram. Bardolph se juntou às duas e falou durante quinze minutos sobre o armário de roupa de cama da propriedade nas Terras Altas, perto de Comrie. Havia camundongos.

Camundongos?

Sim, em toda parte. Ela conseguiu fazer Bardolph entender que os camundongos em questão – aliás, *todos* os camundongos – eram problema dele.

Mais uma hora se passou antes que Edie percebesse que, se não organizasse melhor a administração doméstica, nunca teria tempo de passar o arco nas cordas.

Previra que encontraria alguns problemas nos cuidados de uma residência de tal porte. Volta e meia, pensava em Gowan declarando que ela não devia tocar diante de homens. Aquilo a fazia sentir uma fagulha de fúria jamais experimentada antes.

Quando Bardolph a convocou para o almoço, Edie estava razoavelmente convencida de que todos compreendiam como as coisas correriam dali por diante.

Nesse meio-tempo, Gowan abandonou todos os homens em seu escritório e envolveu-se em uma breve conversa com Védrines. Foi preciso apenas alguns minutos para deixar claro que Gowan o mataria caso os olhos do instrumentista pousassem abaixo do pescoço da duquesa.

– Isso não aconteceria – declarou o francês, acrescentando, um tanto na defensiva: – Quando se toca um instrumento, a única preocupação é a música, Vossa Graça. Embora, é claro, a concentração dependa das habilidades musicais do parceiro.

Algo em seu tom de voz insinuava que ele não tinha tanta certeza do talento musical de Edie, da mesma maneira que ela não confiava nele. Os dois tinham grande consideração pelas próprias habilidades. Gowan deu uma boa

olhada no francês e percebeu que Védrines não seria uma ameaça a seu casamento. Ele não pensava em Edie como mulher, de forma alguma. Havia alguma outra moeda em jogo na situação.

– Certo – disse Gowan, estendendo a mão. – Ofereço-lhe minhas mais sinceras desculpas pelo insulto.

O homem olhou para a mão dele por um momento, mas a pegou. Por alguma razão, Gowan gostou daquilo. Védrines estava a ponto de deixar o castelo embora precisasse desesperadamente do dinheiro.

– Quanto estou lhe pagando? – perguntou.

Védrines corou e disse a quantia. Devia ser humilhante para um homem necessitar de um emprego.

Gowan assentiu.

– A partir de agora, pagaremos o dobro.

Védrines franziu as sobrancelhas.

– Por que, Vossa Graça?

– Todo castelo deve ter um músico – explicou ele.

O jovem francês endireitou sua postura, embora seus olhos ainda estivessem na altura dos ombros de Gowan.

– Estaria falhando em meu dever como cavalheiro se não mencionasse que o senhor está desonrando a duquesa.

– Como?

– O senhor a subestima. Sua esposa é uma virtuose.

Gowan sentiu-se ainda mais animado. Contrataria um empregado que tinha o tipo correto de reverência à sua esposa.

– Espere até se casar.

– Deverei manter e demonstrar minha confiança em minha noiva – retrucou o francês com frieza.

– É o que faço – garantiu Gowan.

Não tinha certeza do que esperar quando deixou o escritório para o almoço tempos depois. Aparentemente, havia alguma balbúrdia. Bardolph chegou a interrompê-lo para fazer uma queixa, mas Gowan não o atendeu. A administração da casa tinha passado a ficar sob a responsabilidade da duquesa.

Layla foi a primeira pessoa que ele encontrou.

– Dormiu mesmo na ala infantil? – perguntou ele.

– Dormi, e seus criados dormem em colchões terrivelmente duros, Gowan. Pedi que Barlombs me instalasse um novo colchão ou não serei capaz de andar ereta amanhã.

– Bardolph – corrigiu Gowan.

Edie entrou na sala matinal, cumprimentando-o com um semblante que não transparecia qualquer irritação decorrente da conversa anterior. De fato, não demonstrava nada, o que ele achou irritante. Sabia usar o truque de esconder os sentimentos, mas não o apreciava em sua esposa.

– Como foi seu encontro com a Sra. Grisle? – perguntou, quando se sentaram.

Edie sorriu para o laçao que se ofereceu para servir-lhe pudim.

– Eu a demiti.

– *O quê?*

Ele não esperava que a esposa mandasse para a rua a governanta que cuidava da casa havia uma década. Não que a Sra. Grisle fosse particularmente agradável ou eficiente, mas pelo menos não roubava a prataria.

À sua esquerda, Layla puxava uma conversa com Védrines.

– Por que você a dispensou? – perguntou Gowan, lembrando-se de que o casamento implicava dividir o poder, ao menos em casa.

– Ela era incapaz de confiar no próprio julgamento para tomar decisões – respondeu Edie, parecendo inalterada. – Sentia necessidade de confirmar suas ações comigo e chegou a requisitar duas horas de reunião comigo todas as manhãs. Avisei que ficaria feliz em conceder alguns minutos ao anoitecer, mas que não queria ser interrompida durante o dia. Ela ficou bastante desconcertada. Todo dia você ficava uma hora ou mais com ela?

Gowan assentiu.

– A governanta deve se reportar ao administrador geral se tiver necessidade de recapitular suas realizações diárias – disse Edie, cortando o rosbife. – Seu tempo é precioso demais para ser desperdiçado com informações sobre a secagem das roupas. E, francamente, o meu também é.

Algo parecido com um sorriso começou a se abrir nos cantos da boca de Gowan. Ele adoraria ter testemunhado aquela conversa.

– No fim, concordamos que seria mais confortável se eu encontrasse alguém capaz de trabalhar da forma como estou acostumada. A Sra. Grisle ficou animada com nossa conversa, o que apenas confirmou minha decisão. Não posso tolerar pessoas que levantam a voz quando ficam zangadas.

Era razoável.

– Dispensou mais alguém?

– Duas criadas do andar de cima, uma ajudante de cozinha e um lacaio.

– Encarregou Bardolph de encontrar substitutos?

– Não – respondeu Edie. – Estou bem certa de que ele pode tomar essa iniciativa sem que eu precise pedir. Eu o instruí a pagar uma indenização substancial para cada um. A manhã foi turbulenta, mas a partir de agora espero que os criados tenham mais iniciativa.

Gowan ficou se perguntando qual seria o motivo para o lacaio ter sido dispensado, mas decidiu que não ganharia nada em buscar saber.

– Se tudo correr bem, não haverá mais necessidade de encorajamento, de minha parte.

Ela sorriu para ele sem qualquer irritação no olhar.

Era como se a batalha da manhã jamais tivesse acontecido.

– É provável que pense que sou teimosa, mas posso usar como pretexto o fato de que tomei lições de administração doméstica sentada no joelho de Layla.

Ela tocou as costas da mão de Gowan, e uma constrangedora onda de calor teve origem com aquele toque.

– A criadagem se acomodará assim que entender o meu jeito.

Gowan pensou que, à essa altura, já poderiam estar lidando com um grupo inteiramente novo de criados, mas, como afirmara Edie, aquele era um problema de Bardolph.

Depois da refeição, Edie subiu para estudar e Gowan convidou Layla para ir até seu escritório. Ela ficou vagando, olhando com um ar um tanto crítico as imensas pilhas de livros de contabilidade na escrivaninha de Bardolph, quando ele lhe contou o que vinha pensando.

– Ao que parece, a senhora e Susannah estão se divertindo juntas.

Layla virou-se bruscamente, o rosto sério como ele nunca tinha visto nela.

– Amo Susannah. – Ela se aproximou dele, o rosto iluminado pela determinação. – Eu...

Gowan ergueu a mão.

– Concordo que a senhora seria inteiramente apropriada para cuidar de Susannah.

– Não quero ser apenas a babá – disse Layla com firmeza. – Sou a *mãe* dela.

– Quer dizer que gostaria de adotá-la?

– Claro.

Ele pensou por um momento. Sua mãe nunca se dera ao trabalho de informar sobre as origens da irmã, e mesmo assim...

– Eu ficaria muito desconfortável se não fosse o responsável por educação, vestimenta e outras despesas de Susannah. – Ele hesitou. – E não quero perdê-la completamente.

Layla sorriu, um sorriso amplo e generoso sem nenhum vestígio coquete.

– Como isso poderia acontecer? Edie é uma das pessoas mais queridas do mundo e aquela que meu marido mais ama. Você nos verá muito, tenho certeza.

– Muito bem. Podemos cuidar dos aspectos formais quando lorde Gilchrist chegar.

Layla ficou tensa.

– Se ele não fizer uma visita num futuro próximo, eu lhe enviarei os documentos – acrescentou Gowan.

Alguma coisa sossegou no olhar de Layla e ela o abraçou.

– Somos uma família agora. Isso nos unirá ainda mais.

– Claro – disse Gowan. – Tenho certeza de que Edie concordará.

O sorriso desapareceu do rosto de Layla.

– Conversou com ela, antes de pedir que eu cuidasse de Susannah, não foi?

Ele não gostou do tom da pergunta.

– Garanto que Edie não discordará da minha decisão em relação à guarda de Susannah. Seu afeto por minha irmã é óbvio.

– Edie deveria ter sido consultada. Ainda ontem, era ela que

supostamente deveria assumir o papel de mãe de Susannah. E agora está me entregando a criança?

– É fato que Edie não demonstrou grande aptidão nos cuidados de Susannah. A própria já havia me informado por carta que não estava preparada para o papel, portanto não fiquei surpreso.

– Edie será uma mãe maravilhosa! – retrucou Layla.

– Mas eu precisaria ser cego para não reconhecer o vínculo que existe entre a senhora e Susannah – completou Gowan.

O rosto de Layla relaxou e ela abriu um sorriso.

– Ela é a filha do meu coração. Não ser capaz de conceber uma criança me deixou muito triste. Agora só posso ficar contente por nunca ter acontecido. – Uma expressão atormentada passou por seu olhar. – Se eu tivesse meus filhos, não teria vindo para a Escócia. Nunca teria conhecido Susannah.

Gowan não era dado a demonstrações de afeto, mas sabia quando a situação exigia mais do que uma simples reverência. Permitiu ser envolvido pelo abraço perfumado de Layla mais uma vez. Não era tão desagradável quanto ele teria imaginado.

Ela se afastou.

– Tenho um presente. – Pôs um livro nas mãos dele. – Poemas de amor. Essas coletâneas são a verdadeira mania do momento. Todo mundo está lendo. Pensei que, por ter citado *Romeu e Julieta* naquela carta ultrajante que enviou para Edie, o senhor talvez os apreciasse.

Poemas...

Gowan ergueu a cabeça bruscamente.

– Está sugerindo que eu preciso escrever poesia para minha esposa?

Layla franziu a testa.

– Por que raios eu ia sugerir que escrevesse poesia? Com o devido respeito, duque, o senhor não me parece ter uma alma poética.

– Peço desculpas – respondeu Gowan, virando o livro. – Claro que não foi isso que eu quis dizer.

– De qualquer maneira, poesia é um dos pontos fracos de Edie.

– Sêrio?

Layla assentiu.

– A preceptora tentou martelar alguma coisa em sua cabeça, mas ela é uma negação no que diz respeito à palavra escrita.

– *Ela é?*

– Acho que deve ser equivalente à sua aptidão musical. Edie não tem prazer em ler, mas adora ouvir poesia sendo declamada.

– Claro. Ela prefere o som.

O livro tinha uma encadernação de couro e gravações em ouro. Na capa estava escrito *Poesia para uma noite solitária*.

– Poderia ler para ela – sugeriu Layla.

– Tudo bem – concordou Gowan, pensando que mal tinha tempo de beijar a esposa, quanto mais para ler poesia para ela.

Deixou o livro de lado e voltou ao trabalho. Como o meirinho da propriedade das Terras Altas perdeu a hora da reunião, em vez de tratar das centenas de itens que aguardavam sua atenção, Gowan resolveu pegar o livro de novo.

Pulou os sonetos de Shakespeare. Memorizara todos na juventude. Havia muitos versos escritos por um homem chamado John Donne, que parecia ter senso de humor, pelo menos. *Sou dois tolos, leu ele, por amar, por dizê-lo em poesia choramingas*. Gowan soltou uma gargalhada e virou a página.

Leu o poema seguinte quatro vezes... cinco. Implorava ao sol que não se erguesse e que não afastasse os amantes da cama. *Brilhe para nós, pois estás em toda parte. Este leito é teu centro, as paredes sua esfera*.

O elemento que faltava em seu casamento estava ali, em preto e branco. A cama não deveria ser o centro de suas vidas. *Ela é todos os estados*, escreveu Donne, *e todos os príncipes. Nada mais é assim*.

Gowan olhou em volta com uma sensação sombria de frustração. Se era um príncipe, Edie não era seu estado nem seu domínio. Era um príncipe de terra e solo, de pequenas aldeias e campos de trigo.

Não de uma mulher tão volátil quanto o vinho. Fracassara. Fracassara na cama e sentia o coração apertado com essa dor.

Depois, naquela mesma tarde, ele olhou pela janela e viu o recital. Layla e Susannah estavam enroladas em um cobertor azul. Edie ocupava uma cadeira reta, de costas para o castelo, e Védrines se encontrava a seu lado, com o violino acomodado sobre o queixo.

Mesmo distante, Gowan percebia o movimento no corpo de Edie, quando começaram a tocar. E percebia que Védrines se sentara virado para

outra direção, com os olhos supostamente fixados na partitura diante dele. Talvez tivesse concluído que seu patrão era um louco delirante, mas mantinha sua palavra.

O coração de Gowan começou a martelar dentro do peito. Um dos meirinhos falava, mas as palavras não faziam sentido. Agarrou os documentos que Jelves tinha preparado a respeito da educação de Susannah.

– Cavalheiros – disse ele, girando nos calcanhares. – Se puderem me dar licença por alguns momentos, eu mesmo me encarregarei de entregar esses papéis a lady Gilchrist.

Desceu a encosta minutos depois. Contornou as árvores e ninguém o viu. O rosto de Védrines tinha a mesma alegria transcendente de Edie enquanto tocava, sem ligar para os próprios olhos. Naquele exato momento, o francês ergueu o arco, afirmando:

– Um dó sustenido é muito diferente ao ar livre.

Seja lá o que isso quisesse dizer.

Edie com certeza sabia. Ela puxou uma corda e uma nota estremeceu até desaparecer.

– Entendo o que isso quer dizer.

Védrines virou uma página da partitura aberta no suporte diante dele – que Gowan reconheceu como o mesmo que costumava ficar na biblioteca exibindo a Bíblia Kinross – e assentiu. Então começaram. As notas lentas e doces de Edie soavam sob as do violino, parecendo uma onda do mar. O som que produzia desaparecia no momento em que violino entrava, porém nunca era dominado. Um momento depois, erguia-se de novo. Em contraste com suas linhas, o violino saltitava como uma rima infantil, pueril e rasa.

O que via no rosto dela...

Virou-se e voltou pelo caminho antes do final da peça. Pela primeira vez na vida, compreendeu que um homem podia deixar toda sua vida para trás e abandonar a esposa. Ele poderia abandonar o castelo e deixar de ser um duque. Poderia caminhar até que o ciúme em seu coração silenciasse e o rosto de uma mulher não o abalasse profundamente.

De volta ao castelo, entregou a Bardolph os documentos destinados a lady Gilchrist, pedindo-lhe que obtivesse as assinaturas. Não se sentia bem por saber que Susannah seria criada como uma inglesa. A mãe deles, por outro lado, nunca demonstrara o menor interesse em cuidar de nenhum dos dois. A nacionalidade importava menos do que o amor de Layla por Susannah.

Mais tarde, o mordomo informou que Sua Graça havia ordenado um jantar privativo em seu quarto. Pouco depois, o meirinho da propriedade das Terras Altas finalmente chegou. Demorara por causa de um eixo quebrado na carruagem. Em algum momento, Gowan pediu a Bardolph que informasse à duquesa que ele se atrasaria.

Mas até ele ficou atônito ao erguer a cabeça e descobrir que já eram dez horas da noite.

Bardolph estava com um olhar agitado quando Gowan deixou o escritório, com o livro de poesia enfiado no bolso. Seu administrador aparentemente estava esperando atrás da porta por algum tempo.

– Temo que a refeição esteja fria, mas acredito que Sua Graça não teria desejado minha intromissão para levar alimentos mais quentes, pois está tocando seu instrumento.

Bardolph estava aprendendo, percebeu Gowan. Edie tinha, de algum modo, amedrontado aquele sujeito rabugento.

Capítulo 31



Edie tocava algo baixo e lamentoso. Enquanto subia a escada, ele podia ouvir as notas se derramando pelo corredor.

Gowan acelerou o passo, instigado pela culpa. Ela o esperava havia pelo menos duas horas. Talvez três. Não conseguia se lembrar da primeira vez que Bardolph lhe perguntara se já estava pronto para parar de trabalhar naquele dia.

Aquela era a vida de um nobre. Ela simplesmente precisaria suportá-la, como ele o fazia. A alternativa – ser um duque falsificado como seu pai – era impensável.

Entretanto, era provável que ela estivesse zangada. As senhoras não ficavam felizes quando seus arranjos sofriam contratempos. Entrou no quarto e parou. O aposento tinha sido transformado. As paredes azuis estavam cobertas por seda cor de açafão cujo tom esmaecia trêmulo sob a luz das velas. E havia velas em todas as superfícies – sobre as mesas, sobre a lareira. A iluminação não era necessária, porque Edie não estava lendo uma partitura.

Pelo contrário, seus olhos estavam fechados e ela tocava algo tão baixo e tão suave que mais parecia que cantarolava. Ele ouviu sem se mexer, de costas para a porta, à medida que as notas se erguiam e cediam, como se um gigante as soprasse com suavidade, como se cada nota fosse uma gota d'água descendo um riacho pedregoso.

Então ele entrou. Tirou o livro de poesia do bolso, colocou-o a seu lado e largou-se numa cadeira. Edie não abriu os olhos, mas sem dúvida sabia que ele estava ali.

A tensão do dia parecia se desmanchar com a música. Gowan foi levado para outro mundo, longe dos números, dos relatórios e das ações, desfrutando da sensação que experimentara apenas ocasionalmente quando estava nas profundezas do lago nas Terras Altas, numa pescaria. Eram seus momentos mais felizes...

Agora também sentia-se muito feliz.

Mesmo com todos os problemas na cama, ele e Edie tinham uma ligação profunda, intensa, uma tensão tão tangível que tomou conta da música. O arco acelerou seu movimento, e ele achou que Edie havia passado direto para outra composição, algo menos melancólico.

Quando ergueu o arco, Gowan perguntou:

– Era um *allegro* o que acabou de tocar?

– Era, sim.

– E o primeiro foi *largo*. A última peça foi composta por Vivaldi? – indagou ele, tentando os novos nomes que ele acabara de arquivar na memória.

Ela abriu um sorriso.

– Exatamente! A obra de Vivaldi foi uma das primeiras que aprendi quando criança.

– Parece que foram escritas pela mesma pessoa – comentou ele. – Como se estivesse tentando captar o canto de um pássaro.

– Que pensamento lindo...

Edie descansou o arco e ergueu o violoncelo.

No mesmo instante, Gowan se levantou, estendendo o braço para segurar o instrumento.

– Cuidado! – exclamou ela.

E manteve um sorriso envergonhado no rosto enquanto ele guardava o instrumento no estojo almofadado.

– Eu amo meu violoncelo. Não sei o que faria se ele se machucasse.

Machucasse, reparou Gowan. Como se fosse um ser vivo.

– Existem diferenças entre um violoncelo e outro?

– Com certeza. O meu foi feito por Ruggieri. Meu pai e eu achamos que ele é o melhor *luthier* de violoncelos do mundo.

– Custou caro?

Ela revelou uma soma que fez seu queixo cair.

– Seria possível comprar uma casa em um excelente bairro de Londres por esse valor.

– É por isso que sou tão exigente e que o violoncelo viaja em um estojo

almofadado.

– Eu deveria ter suspeitado quando Bardolph me informou que o violoncelo exigia uma carruagem própria.

– E um laçao para segurá-lo firmemente durante a viagem – disse ela, assentindo. – É muito caro ser instrumentista. Mas imagino que não vamos viajar por algum tempo. – Ela olhou para ele com um sorriso cintilante no olhar. – Preciso avisá-lo, Gowan, que posso passar o resto da minha vida tocando ao ar livre, no pomar. É muito tranquilo e, a não ser perto da área do rio, a acústica é maravilhosa. É tudo que eu sempre quis.

Tudo que ela sempre quis?

Edie ergueu uma taça de champanhe e deu um gole.

– Posso lhe servir uma taça? Achei que poderíamos celebrar nossa... bem, nossa chegada em casa.

Ela serviu. Gowan aceitou, mas deixou a bebida sobre a mesa sem provar e fechou a mão em torno do pescoço dela. Beijou-a com a boca aberta, e o gosto dela mexeu com as profundezas do seu corpo. Já estava com uma ereção. Naqueles dias, vivia em um constante estado de prontidão. Ao começar a se afastar, precisando de ar, ela tremia nos braços dele emitindo ruídos abafados na garganta.

– Deve comer – sussurrou ele, passando os dentes pela estreita coluna de seu pescoço.

Ela se afastou.

– Não.

– Não?

Edie estava rejeitando a comida fria ou qualquer jantar? Ela tinha um encantador brilho de insegurança no olhar e ele a abraçou para eliminá-lo.

– Não quero seguir um plano – argumentou ela.

– Ah – disse ele, lembrando-se da noite de núpcias.

Apertou-a ainda mais nos braços, deslizando uma das mãos por seu traseiro arredondado.

– Nesse caso, minha senhora, você se importaria se fizéssemos um desvio do jantar, passando primeiro pela nossa cama?

– Acho que você deveria beber champanhe – sugeriu ela, um pouco agitada.

Virou-se e bateu em busca de sua taça. Encontrou-a e sorveu todo o conteúdo.

Gowan não gostava de champanhe. Era o tipo de bebida que ficava na garganta. Não conseguia imaginar por que alguém gostava de champanhe, mas sentia-se assim em relação à maior parte das bebidas alcoólicas. Tomou um gole.

Edie ergueu a garrafa e voltou a encher a taça. Ele a observou, pensativo. Parecia que não era o único a ter um plano para a parte íntima do casamento. Então, resolveu não se importar. Com sorte, o plano dela poderia funcionar melhor do que o dele.

Quando ela se virou, os olhos brilhavam por causa da bebida.

– Achei que poderia tocar para você. Quer dizer, só para você, já que não pôde se juntar a nós nesta tarde.

– Eu adoraria.

– Só que esqueci, e agora já guardei o violoncelo.

– Eu ficaria feliz em trazê-lo de novo.

– Obrigada – disse ela, sorrindo, enquanto terminava a segunda taça.

Ou talvez fosse a terceira. Ele olhou de relance para a garrafa, mas o vidro era escuro demais para revelar se já estava pela metade. O mordomo devia ter aberto a garrafa para ela umas três horas antes.

Edie lutou para se acomodar numa cadeira enquanto ele trazia o violoncelo, deixando-o diretamente diante do assento.

– Você se senta aí – ordenou ela, apontando para a cadeira.

Ele se sentou.

– Esqueceu o champanhe! – exclamou ela.

Entregou-lhe a taça e então notou que a sua estava vazia.

Gowan ficou de pé antes que percebesse o que estava fazendo, tomando-lhe o braço enquanto ela buscava a bebida.

– Não. Por favor.

Ele praguejou baixinho, ao observar que parecia implorar.

O casamento o transformara em um maldito bebê, mendigando pelo que não podia ter.

– Ah – disse Edie, acrescentando: – Acha que já estou alterada?

– Com toda a certeza.

Ela se sentou e procurou o violoncelo.

– Bom. Upa. – Ela voltou a se ajeitar, apoiando o instrumento perto do pescoço. – Pode segurar isso aqui por um momento?

Gowan já estava de pé. A ordem para se levantar diante de uma dama estava tão internalizada que ele se sentia como aqueles bonecos que saem rápido de uma caixinha assim que ela é aberta. A madeira do violoncelo era suave como cetim sob seus dedos, como se fosse a própria pele de Edie.

Enquanto olhava, ela desamarrou o que parecia ser uma espécie de robe e o jogou longe. Por baixo, usava uma camisola fina, enfeitada com rendas no corpete, no cotovelo e na bainha e... quando ela se sentou, uma fenda se abriu, e lá estava a maravilhosa perna de Edie. A renda caía dos dois lados da coxa, como uma fita sobre o melhor bolo do mundo. A coxa era rechonchuda, deliciosa e...

– Pode me devolver o violoncelo? – A voz dela rompeu o transe.

Ele o devolveu.

Edie abriu mais as pernas e ele quase pediu que o recital fosse adiado. Em vez disso, Gowan afundou lentamente no sofá, enquanto ela ajeitava o instrumento, posicionando-o da forma correta.

Então olhou para ele com certa timidez.

– Nunca toquei para ninguém assim.

– Espero que não mesmo!

O sorriso dela se alargou.

– O que gostaria que eu tocasse?

– Algo breve.

Ele não conseguia deixar de observar como aquele instrumento enorme se equilibrava entre as pernas dela.

Era a coisa mais erótica que ele já vira.

Edie sempre parecia se transformar ao tocar. No entanto, a transformação dessa vez era diferente: embora relacionada à música, também se relacionava a *ele*. Ela não parava de lhe lançar olhares, sob os cílios, mesmo ao tocar algo que se debulhava em ondas e que fazia seus dedos correrem pelas cordas.

Ao ouvir, Gowan teve uma ideia. Havia se livrado do paletó e da gravata ainda no escritório. Naquele momento, levantou-se e começou a desabotoar o

colete.

Os olhos dela se arregalaram um pouco, mas Edie continuou tocando até mesmo quando ele tirou a camisa. Cometeu um erro quando Gowan se abaixou para tirar uma das botas. Ele havia notado como uma cascata de notas desabava formando uma escala e uma das notas soara estranha.

Tinha a distinta impressão de que sua esposa gostava de seus músculos. Por isso, ele se abaixou, devagar, contorcendo-se como se fosse uma espécie de escultura romana para tirar a outra bota e as meias. Ela observava... O tempo da peça já não era mais o de um *allegro*.

O quarto estava na penumbra, como se algumas velas tivessem se apagado e o restinho da luz do verão tivesse partido para dar lugar a mais uma noite. Ele pôs as mãos na faixa de sua cintura.

Edie ergueu o arco e a última nota foi interrompida. No silêncio, ele percebeu que gotas de chuva batiam contra o vidro da janela.

– Minha nossa – disse ele, desabotoando o primeiro botão das calças e encontrando o olhar de Edie. – Aquela nota deveria der durado mais tempo, não é?

– Como sabia?

Ela não parecia surpresa, e os olhos vagavam para as mãos dele.

Gowan abriu mais um botão e foi tirando as calças devagar, deixando à mostra seu abdômen musculoso.

– É a peça que você tocou com seu pai.

As notas estavam armazenadas em sua mente, como tudo o mais.

– Lembra-se da música tão bem, mesmo a tendo escutado apenas uma vez?

Ele precisou se esforçar para tirar as calças por causa daquela parte que mal cabia em sua roupa de baixo. Resolveu arrancar tudo de uma vez. Havia uma estranha sensação de libertação em ficar nu diante de sua esposa. Nenhum criado. Apenas os dois.

Edie se levantou e empurrou o violoncelo na direção dele. Gowan guardou-o dentro do estojo. Ela se virou para o espelho e começou a tirar os grampos do cabelo. Ele veio por trás e passou as mãos por seu corpo, segurando seus seios.

Aquele cabelo brilhante despencou sobre seus braços.

– Meu Deus, você tem um cabelo lindo... – sussurrou ele.

Edie desprendeu os grampos. Houve um ligeiro tilintar enquanto se espalhavam sobre a madeira antiga do piso. Então suas mãos aqueceram as dele, ela se recostou e ergueu a cabeça para olhá-lo.

– Já pensei em cortá-lo algumas vezes.

– *Nunca* corte – pediu ele. – Prometa, Edie.

Ela hesitou e franziu as sobrancelhas.

– E se eu quiser?

Gowan a apertou com mais força. Não podia ser o dono dela. Ela era sua própria senhora. Ele não podia...

– Esqueça o que eu falei.

Ele abaixou a cabeça e lambeu o rosto dela, uma carícia sexual assumida.

As mãos se abriram sobre seus seios.

– Posso levá-la para a cama, senhora esposa?

Edie sorriu, encontrando o olhar dele no reflexo do espelho.

– Sim, por favor.

Desde que ela dissesse *sim* nos momentos corretos...

Durante seu curto casamento, tinham feito amor quatro vezes. Gowan deitou Edie na cama, pensando naquela vez, na quinta vez. Precisava ser diferente.

Melhor.

Ela foi logo se contorcendo, porém, afastando-lhe as mãos.

– Quero meu champanhe – anunciou.

E então, sentada outra vez, virando mais uma taça, ela o olhou com os olhos semicerrados por aqueles cílios espessos e disse:

– Quero que você fique deitado.

– O quê?

Edie apontou.

– Na cama. Com a barriga para cima. É meu marido, portanto...

Edie teria rido da reação que ele teve, mas aquele momento era sério demais. Voltou a bebericar champanhe, esperando que Layla estivesse certa. Aquilo fazia sua cabeça girar, o que devia ser bom. Apenas relaxe, disse a si

mesma mais uma vez. Relaxe.

Mas primeiro... Por um momento, ela pensou que Gowan não lhe obedeceria. Era o homem mais dominador que já encontrara na vida, afinal de contas. Acabou se deitando, mas seu rosto estava inexpressivo.

Engatinhou até ele e beijou-lhe os lábios.

– Não gosto da cara que está fazendo – informou.

Sim, o champanhe com certeza ajudava.

– Como assim?

– Às vezes seu olhar fica tão vazio... Tem certeza de que não quer champanhe? É muito bom.

Gowan estreitou os olhos.

– Não. – A palavra saiu com agressividade e a fez recordar que os pais dele, bebedores, complicavam tudo.

– Tudo bem – concordou ela, afastando sua taça. – Agora vou aprender o que lhe agrada.

– O que me agrada? – Ele se apoiou nos cotovelos, fitando-a com ar de incredulidade. – Tudo me agrada. Se me deixa tocá-la, chego perto do paraíso.

Edie quase desejou não ter tomado aquela quinta taça porque seu cérebro não estava funcionando direito.

– Pois bem – disse ela. – Tudo bem, então.

Ele deu uma cutucada nela.

– E se fizéssemos ao contrário?

– De que jeito?

O tórax dele estava diante dela, e ela passou os dedos sobre seus músculos.

– O que *lhe* agrada?

De repente ela se viu deitada, com os dois punhos levemente presos sobre a cabeça.

Edie franziu a testa.

– Não gosto de me sentir presa.

– Maldição.

Ele a soltou.

– A menos que você queira – disse ela, sentindo uma súbita onda de excitação.

Ele se inclinou.

– Isso não tem a ver com o que *eu* quero fazer. Dessa vez, vamos fazer o que *você* quiser.

– Está certo – assentiu Edie. – Preciso lhe dar um roteiro.

Gowan apoiou-se nos joelhos, olhando para o corpo deslumbrante e delicado da esposa. Foi preciso reunir todo o seu autocontrole para não desabar sobre ela e começar a mordê-la inteira.

– Diga-me o que devo fazer, meu doce.

Para horror de Gowan, os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Não sei. Esqueci de perguntar. – Então as sobrancelhas se uniram. – Você foi o primeiro, sabe.

Ele envolveu o rosto dela com as mãos e beijou-a, pois simplesmente não conseguia *não* fazer aquilo.

– Eu sei – sussurrou ele. – Eu sei.

A consumação do casamento fora um dos momentos mais intensos de sua vida. Mas teria sido melhor se não a tivesse machucado tanto.

Ela mostrou o lábio inferior de uma forma tão encantadora e sensual que ele sentiu o impulso de voltar a beijá-la. Esqueceram-se do roteiro por algum tempo, mas então voltou ao assunto.

– Não sei – confessou ela.

Um sorriso malicioso formou-se nos lábios dele.

– Experimentação – murmurou ele – é um dos meus passatempos favoritos. E já sei algumas coisas sobre você.

– Sabe?

Ele assentiu.

– Gosta disso.

Ele esfregou os polegares sobre os mamilos dela.

Ela gemeu.

– Não gosta? – atçou ele.

Edie não parecia disposta a responder enquanto ele continuasse com aquilo, por isso ele parou o movimento.

– Edie.

– Sim – respondeu ela, a voz um pouco ofegante. – Gosto disso.

Ele se abaixou e... disse ela também gostava. Ela gostava de quase tudo, para falar a verdade, exceto quando ele lambia debaixo de seu queixo. E chegou a ralar quando ele lambeu sua axila.

– Adoro – disse ele, com a voz grave. – Cheira muito bem, como a essência de Edie, meu perfume preferido no mundo.

– Argh! – exclamou ela, afastando-o. – Pare com isso!

Mas uma experiência precisa ser minuciosa, por isso ele simplesmente continuou a lamber, a beijar, a morder, descendo até a barriga. Então afastou-lhe as pernas, dedicando um minuto latejante à lembrança das coxas acomodando o violoncelo antes de descer a boca até a carne macia e rechonchuda.

Jáa beijara ali antes. Fizera aquilo para ter certeza de que ela estava pronta para recebê-lo. O roteiro não tratava dele.

Era sobre *ela*.

Todas as vezes que Edie sentia aquele pequeno pulso de constrangimento, quando surgia a ameaça de pensar demais, ela deixava que o champanhe a arrastasse de volta para um lugar flutuante. O que Gowan fazia era tão bom que sua respiração saía do peito sob a forma de soluços. Então ele afastou os joelhos dela, o que a deixou tão vulnerável e, meu Deus, ele podia ver *tudo*, mas não parecia...

Gowan emitia sons guturais e, ao olhar de relance, Edie pôde notar que seu membro estava ereto. Então ele a desejava, apesar das divergências. Pela primeira vez, sentiu-se vazia, como se precisasse que ele a preenchesse. Empurrou seus ombros, mas ele não lhe deu atenção.

E durante todo o tempo uma sensação tomou conta de suas pernas até que ela começou a movimentá-las sem parar, como se uma febre a consumisse. Gowan passou a mão sobre a barriga, mais embaixo... introduziu um dedo grosso dentro dela.

Edie gritou e arqueou as costas. Não foi suficiente, então ela soluçou e implorou. Ele introduziu mais um dedo e fez algo com a língua que fez as mãos dela largarem os ombros dele completamente.

Um momento depois, uma onda de calor passou por debaixo dela, como se tivesse sido capturada por um maremoto, completamente envolvente, mágico, aterrorizante, tudo ao mesmo tempo. Ouviu os próprios gritos, sua voz gutural e rouca, e até isso a assustou um pouco.

Mas não havia como evitar, como interromper. A sensação subiu da ponta dos dedos dos pés e arrastou-a em uma tempestade de doce dor bem recebida pelo corpo. Quando se libertou, ofegava, o rosto molhado pelas lágrimas.

Os dedos de Gowan escapuliram de dentro dela e ela voltou a estremecer. Queria mais daquilo. Sem pensar, sentou-se e buscou-o. Uma canção corria em suas veias e ela queria que ele sentisse o mesmo.

Então, Edie viu o rosto dele.

Capítulo 32



— O que foi? — sussurrou ela, percebendo que seus dedos estremeciam como se tivessem sido atingidos por um raio.

Ela tirou a mão.

— Fiz alguma coisa errada?

O rosto dele estava sombrio. Aquela sensação boa deixara seu corpo tão depressa quanto chegara.

— Você gozou — disse ele, a voz entrecortada.

Edie jogou as pernas para o lado e conseguiu se sentar.

— Ah... é?

Parecia uma reação muito pobre para o que acabara de acontecer.

Sentia pulsações em partes do corpo que nunca notara antes.

O queixo dele ficou mais tenso.

— Foi a primeira vez?

Edie ficou paralisada, percebendo sua falha. O champanhe... o prazer... tudo tinha conduzido a um abandono imprudente. Assentiu.

O rosto dele foi tomado primeiro pela descrença, depois pela fúria. As palavras saíram com a dureza de marteladas.

— Então o que aconteceu quando você supostamente gozou nas outras... — ele fez uma pausa — ... três vezes?

A mente de Edie rodava por causa do álcool e a única solução que ela podia imaginar era cobrir a cabeça com o lençol.

— Eu só pensei... Posso explicar.

— Então faça isso. — Ele cruzou os braços. — Explique por que andou fingindo que eu lhe agradava.

O problema era que ela não conseguia se lembrar muito bem do raciocínio que a levava àquilo, só que não o conhecia direito antes. Não tão bem quanto naquele momento, depois de passarem horas e dias confinados em uma carruagem apertada, ouvindo-o lidar pacientemente com problemas e mais problemas.

– Não tive essa intenção – falou ela, finalmente.

– *Não teve essa intenção?* Como poderia explicar o que fez de outra forma além de dizer que mentiu para mim no momento em que achei que estávamos mais próximos? Quando achei que...

Ele se calou.

– Machucava – confessou ela, tentando desajeitadamente encontrar uma explicação.

Não conseguia juntar as palavras.

Cobriu os seios com o lençol, sentindo as lágrimas se formarem no fundo da garganta.

– Dessa vez foi diferente.

– Dessa vez você estava bêbada. – A voz dele estava completamente sem emoção. – Meu Deus, Edie, de todas as coisas, jamais teria pensado que fosse uma mentirosa.

– Não sou!

– Sabia que algo estava errado. Não era para menos que eu sentisse que não a possuía, que não era seu dono.

Ela prendeu a respiração por um momento.

– Você não é meu *dono* – retrucou ela, sentindo o próprio temperamento soltar fagulhas. – O que fazemos na cama não tem relação com o fato de eu ser uma pessoa independente.

– Então tenho pela frente uma vida inteira em que devo perguntar à minha esposa se ela realmente gostou ou se estava apenas representando... sendo uma pessoa independente.

– Isso é cruel.

Discutir era contra a natureza de Edie.

Não era boa em rebater a agressão. Em vez disso, recorreu ao método que aprendera quando tentava resolver os problemas da união turbulenta entre o pai e Layla.

– Se pudesse ser razoável.

Gowan chegou a grunhir, saltando da cama e dirigindo-se para o canto mais escuro do aposento, onde ficou de costas para ela, claramente lutando para controlar sua ira.

– Odeio quando usa este tom de voz comigo.

– Que tom de voz?

– Esse tom adocicado, apaziguador. Está sendo condescendente e, se existe alguém neste quarto que mereceria condescendência, deveria ser você.

– Ele se virou para ela. – Mentiu para mim e odeio mentiras.

– Eu era apenas... apenas uma virgem!

– E daí?

– Eu entrei em pânico! – exclamou ela. – Doía muito, e você continuou, e eu não sabia como fazê-lo parar.

Ele virou a cabeça bruscamente e emitiu um som, como se tivesse sido atingido nas entranhas.

– Agora está me dizendo que eu a obriguei?

– Não!

Edie estava tão abalada pelo desdém dele que as palavras certas não vieram.

Os olhos dela baixaram.

– Eu apenas não conseguia... Ficava pensando no que você esperava de mim e que eu não conseguia ser o que você desejava como esposa. Estava fracassando – confidenciou ela, dizendo o que precisava ser dito. – Você estava se esforçando muito e eu também tentei, juro que tentei. Não queria que pensasse...

– Eu estava *me esforçando muito*, como algum animal no cio? – Os olhos dele ardiam. – Pensou que eu ia preferir ser enganado a saber da verdade, por mais difícil que ela fosse? O que está dizendo é que, quando falhei com você na cama, achou que eu não poderia suportar a verdade. – Voltou a tensionar a mandíbula. – Maldição, Edie. Como pôde pensar isso de mim?

– Não foi assim! – exclamou ela.

Ele abaixou-se e vestiu as calças, sem se preocupar com as roupas de baixo.

– Aonde vai? – perguntou ela, odiando como sua voz soava tão trêmula.

Ela não podia deixá-lo partir daquele jeito. Deslizou da cama.

– Vou dar uma volta.

Edie deu um passo à frente, mas tropeçou no lençol, cambaleou e quase caiu.

– Cuidado – disse Gowan, agressivo. – Meu pai passou a ficar em banquetas baixas sempre que o uísque lhe subia à cabeça porque a distância do chão era menor.

Edie respirou fundo e prendeu o lençol em volta dos seios. Qualquer efeito agradável do champanhe já evaporara.

– Poderíamos conversar direito? Sinto muitíssimo.

– Sobre o que poderíamos conversar? – Gowan abotoava o colete sem olhar nos olhos dela. – Tinha a impressão de que fazia amor com você, que você estava *comigo* naqueles momentos... Mas obviamente eu não sabia onde estava com a cabeça. Você estava me enganando e fui tolo o bastante para acreditar. Tolo o bastante para pensar que algo de especial estava acontecendo naqueles momentos. – Ele soltou uma risada. – Essa é a verdadeira farsa. Cada vez que você gemia durante seu suposto prazer, eu me orgulhava de como éramos perfeitos juntos. Embora tivesse me escrito na carta sobre seu pouco interesse nos “prazeres da carne”, eu imaginava que a estava convencendo a mudar de ideia.

– Eu não deveria ter fingido – disse Edie, torcendo as mãos.

Temia o olhar sinistro de Gowan mais do que sua raiva.

– A questão é que não o conhecia tão bem ainda e achava tudo aquilo constrangedor – continuou ela.

– Pois bem, agora nos conhecemos. E como raios serei capaz de voltar a confiar em você daqui para a frente? – Agarrou uma das botas. – Seu momento mais honesto é quando está bêbada!

As palavras saíram com raiva, explosivas.

Edie tentou formular uma resposta, mas nada surgiu. Seu estômago dava um nó, e ela entrou em pânico imaginando que poderia vomitar ali mesmo.

– Eu esperava me casar com uma mulher que amasse e cuidasse de Susannah – prosseguiu ele. – Não questionei minha decisão mesmo depois de me avisar, na mesma carta, que não estava pronta para ser mãe. – Ele enfiou o pé na bota com uma batida que ecoou no quarto como se fosse um tiro. – Você me avisou e eu ignorei. Não posso culpar ninguém além de mim mesmo

por minha irmã vir a ser criada na maldita Inglaterra.

Aquilo magoou tanto Edie que ela nem conseguiu falar. Um som rouco saiu de seu peito.

– Eu queria ser a mãe dela, eu queria.

O ceticismo brilhava nos olhos dele e foi quase mais doloroso do que sua raiva. Ele então se virou, procurando a outra bota.

– Eu a teria amado – confessou Edie, com a voz vacilante. – Mas Layla estava aqui e... – As lágrimas correram por seu rosto.

Gowan deu de ombros.

– Mal dei uma olhada em você e perdi toda a capacidade de ser racional. Corri até seu pai e a comprei sem raciocinar. Pensaria mais se estivesse comprando um cavalo.

Gowan bateu com a outra bota.

– Então fracasei na cama... Sem mencionar que fui tão idiota que não percebi que todos aqueles gemidos eram apenas uma atuação da minha esposa, a atriz. – Ela notou que ele estremeceu. – Eu lhe contei *por que* não dormi com ninguém até o casamento?

A pergunta foi feita com tanta agressividade que mais lágrimas rolaram pelo rosto de Edie.

– Eu tinha essa noção quixotesca de que a honra exigia honestidade entre mim e minha mulher. *Honestidade*. E no momento em que a conheci, apenas decidi que você era a pessoa certa. Diabos, até me apaixonei por você...

Ela soltou um gemido e ele ergueu os olhos.

– Vá em frente e me chame de tolo, porque é o que eu sou. Eu me apaixonei por você e enfiei na cabeça que era uma mulher perfeita.

– E agora não acha mais?

– Você é perfeita tocando violoncelo. Na verdade, o instrumento é a única coisa com que você realmente se importa. Seu pai tentou me revelar isso, mas eu também o ignorei. Você está casada com o violoncelo, não comigo. E eu me casei com uma mulher que precisou ficar bêbada para desfrutar de alguma intimidade.

– Não é verdade – sussurrou ela. – Eu... eu gostei no início. Sabe que gostei. E me casei com *você*.

Ela examinou o rosto dele, em busca de uma centelha de calor que costumava estar presente quando ele a olhava.

Na forma como ele a olhava, na forma como procurava tocá-la. Edie sempre sentira que ele a queria... sim, que ele a amava.

E tudo aquilo tinha desaparecido.

– Você disse que me ama! – exclamou ela, odiando o som da própria voz, o modo como implorava. – Isso não desaparece assim.

– Amo a mulher que eu criei na minha cabeça – retrucou. – A mulher que tinha febre, que não conseguia me ouvir, mas que eu achava ótima. A mulher que me relatou que não estava pronta para ser mãe, mas que eu achava que mudaria sua natureza por mim. Fiquei tão bêbado quanto meu pai costumava ficar com a garrafa de uísque, mas me inebriei com um produto da minha imaginação.

– Não! – exclamou Eddie, entre soluços. – Por favor, não diga essas coisas.

– Estou apenas admitindo a verdade. – Ele parecia subitamente exausto, a pele esticada sobre as maçãs do rosto. – A culpa é tanto sua quanto minha. Insisti para que nosso casamento acontecesse antes de termos tempo de nos conhecer de verdade e agora teremos que viver para sempre com as consequências dessa escolha. E o que é mais importante: falhei da forma mais profunda que um homem pode falhar.

Ele vestiu a camisa.

– Preciso reorganizar minha visão de mundo. Uma questão de prioridades. Eu consigo... Tudo ficará bem.

Ele pronunciou aquelas palavras com precisão selvagem.

– Gowan!

Edie deixou que a emoção pura se soltasse naquele grito.

Ele caminhou para a porta, deixando-a de pé no meio do aposento.

– O drama não lhe cai bem. – A voz dele endureceu. – Meu pai me avisou, sabe. Falou que existem dois tipos de mulher: aquelas que dão e sentem prazer e as esposas, que ficam deitadas na cama como panquecas.

As lágrimas rolavam pelo rosto de Edie, turvando sua visão.

Gowan abriu a porta do quarto, mas, no último momento, deu meia-volta. Ela saltou para a lateral da cama para pegar um livro da mesa de cabeceira. A raiva anterior reapareceu no rosto dele... e não era apenas fúria. Parecia um rei guerreiro traído pelos próprios homens. Como César, quando o amigo Brutus fincou a adaga em seu peito.

– Qual é o problema? – perguntou ela, o medo inundando seu corpo.

Ele se voltou para ela lentamente.

– Não sou o único a saber que fracassei na cama, sou?

Edie sentiu o sangue fugir de seu rosto, uma onda de culpa a invadindo.

– Contou para lady Gilchrist. Na verdade, escreveu para ela uma carta falando sobre minhas dificuldades, não foi?

– Não revelei detalhes – comentou Edie num suspiro engasgado.

A palavra que saiu da boca de Gowan foi uma total blasfêmia. E então:

– Como pôde fazer isso? Contou para alguém o que estava acontecendo em nossa cama?

Ele nem estava berrando, o que era ainda pior.

Foi a desoladora aceitação da traição em sua voz que partiu seu coração.

Um soluço saiu de dentro dela.

– Eu não tive a intenção. – Ela correu e jogou seus braços em volta do pescoço dele. – Layla é como minha mãe. Por favor...

Gowan retirou as mãos dela e deu um passo para trás.

– Contou à mulher que vai criar minha irmã que eu a machuquei na cama. Contou para a esposa de um dos administradores do Banco da Inglaterra que você precisou fingir prazer... pois eu não poderia ouvir a verdade. – Ele arreganhou os dentes e a última frase saiu como um rosnado. – Maldita... Pegou minha masculinidade e a transformou em motivo de piada!

Edie tremia com soluços violentos, incontrolláveis.

– Não, Gowan – implorou ela. – Layla nunca vai mencionar nada a ninguém.

– Já mencionou. – O rosto dele estava vermelho, mas a voz tinha uma calma gélida. – Sua madrasta fez a gentileza de me emprestar um livro de poesia sobre cópulas. Achei estranho. Agora percebo que estava me entregando a aulas de como tratar minha mulher na cama.

As pernas de Edie cederam e ela caiu de joelhos diante dele, os ombros trêmulos, o cabelo lhe tampando o rosto.

– Por favor, não faça isso conosco – disse ela, quase engasgando. – Eu amo você. E sinto muito.

– Eu também sinto – declarou Gowan.

Em seguida, ele saiu pela porta.

Capítulo 33



Edie demorou muito tempo até que parasse de chorar. Chorava por seu casamento e chorava por ter magoado alguém que a amava. Ele a amara, Gowan havia se apaixonado e ela nunca soubera disso.

Quando as lágrimas cessaram, ela se sentiu tão mal que se levantou e cambaleou até a privada, onde regurgitou todo o champanhe que ela consumira.

Retornou ao quarto ainda trêmula, mas com a mente mais clara, e sentou-se na cama para pensar. Não chorava apenas por ter ferido Gowan. Chorava porque estava apaixonada por ele. Tinha se apaixonado por ele – provavelmente entre uma parada e outra, enquanto o observava resolvendo problemas, enquanto o observava aturar uma descrição infundável de frango assado porque deixava Bindle feliz, enquanto o observava ouvir música, a música que lhe ensinaram ser um desperdício de tempo. Mesmo assim, ele respeitara seu amor pelo violoncelo e alterara o itinerário da viagem, e...

E ele a amava.

Na manhã seguinte, acordou se sentindo vazia, como uma concha cujo habitante morrera havia muito. Gowan tinha razão: ela era inútil como mulher e como esposa. Precisava beber para ter um orgasmo. O acontecimento podia conduzi-la a uma vida de embriaguez. Era como tomar láudano para sentir a deliciosa sensação de flutuar que Layla descrevera.

Edie se recusava a ser aquela mulher.

E ele também tinha razão quanto a Susannah. A criança se afastara dela após um rápido olhar. Estupidamente, foi apenas quando Layla entrou em cena que Edie soube que queria ser mãe de Susannah. Mas, claro, a menina ficaria mais feliz com Layla. A madrasta soubera exatamente o que fazer. Susannah *não* a empurrara. Em vez disso, Layla a pegara no colo. Era mesquinho derramar lágrimas porque as duas se amavam.

A verdade era que ela não era boa em nenhuma das coisas que fazia uma

mulher ser uma mulher. Não apenas lhe faltava o instinto maternal, como também não parecia ser dotada dos instintos certos quando se tratava de intimidade. Não sabia ao certo o que tinha feito de errado na cama. Gowan estava com um olhar de desagrado no rosto quando ela abriu os olhos. Edie sentia vontade de lamentar só de pensar naquilo.

E *precisara* de meia garrafa de champanhe para relaxar o suficiente e apreciar o toque dele. Além disso, preferia se matar a passar horas organizando a administração doméstica de Gowan, da forma como todos esperavam.

Edie se levantou devagar. Os músculos da barriga doíam de tanto soluçar. Lá no fundo, ela sempre soubera a verdade. A música era tudo para ela. Só não tinha imaginado quanto a magoaria perceber isso.

O pai obteria a anulação do casamento. Era rico e poderoso. Conseguiria dar um jeito. Edie apenas teria que comunicá-lo e ele viria buscá-la. Lutava contra as lágrimas quando ouviu passos no corredor. Respirou fundo, esperando que fosse Mary... mas quem apareceu foi Layla.

– Que diabo está acontecendo? – perguntou Layla, entrando rapidamente e fechando a porta. – Seu marido viajou, aparentemente furioso, para as Terras Altas. A casa inteira não para de cochichar porque o sujeito nunca faz nada sem Bardolph e desta vez o deixou para trás. Levou dois lacaios, seis cavaleiros, um advogado e um valete, mas todos parecem pensar que ele está viajando sem nenhum aparato.

Edie engoliu em seco.

– Vou partir, Layla. Vou voltar para a Inglaterra.

– Partir? Não pode partir. Está *casada*, Edie. Não pode abandonar seu marido. A menos que... – A madrastra franziu a testa. – A menos que ele tenha algum tipo de perversão nojenta. É isso?

– Não! Sou eu! – gritou Edie. – Sou eu, não entende?

– Você tem uma perversão? – indagou Layla, parecendo confusa. – Pois bem, será que não poderia... nós...

– Não – disse Edie, com a voz vacilante.

Ela se afastou, apoiando-se na beirada de uma mesinha até recuperar o controle. E continuou:

– Não sou boa nessa história de casamento, Layla. Será que podemos deixar assim? Gowan merece coisa melhor. Alguém que seja boa de cama, que não minta para ele e que queira ter filhos.

– Do que está falando? Mentiu para ele? Sobre o quê? E onde é que entram os filhos?

– Eu não teria condições de educá-los bem, como ele salientou – explicou Edie, com a voz firme. – E também não quero cuidar de um castelo, Layla. Nunca deveria ter me casado. Sou boa em apenas uma coisa e nós sabemos o que é.

– Está equivocada – comentou Layla, sentando-se no sofá. – Venha, sente-se do meu lado, querida. Sempre achei que seu pai enfatizasse demais seu lado musical. Você é muito mais do que uma instrumentista.

– Gowan não concordaria com você. – Edie lutava contra sentimentos de autopiedade, mas mordeu o lábio com força e recusou-se a sucumbir. – Vou para a Itália. Papai pode me sustentar, sei que o fará. Posso usar outro nome e começar a tocar a sério, para o público.

– Mas Edie...

– Eu decidi – disse ela, com a respiração mais calma, depois de ter se obrigado a conter as lágrimas mais uma vez. – Meu casamento acabou, Layla. Gowan ficou furioso desse jeito porque descobriu que eu tinha fingido naquelas vezes. Sabe como eu odeio quando as pessoas ficam furiosas. Apesar de merecer.

– Ah, minha querida. – Layla foi para o lado dela, abraçando-a, protetora. – Ele não devia. Ele é um animal. Deve se desculpar.

– Para quê? O sujeito que urra vai continuar a fazê-lo. Ele presumiu que eu contei tudo a você, aliás.

– Ai, meu Deus. É por isso que está tão furioso.

– Eu o traí com pessoas com quem ele não poderá evitar encontrar, pois você vai cuidar de Susannah. Não posso viver assim, Layla. Eu... eu não suporto ser tratada aos gritos, daquele jeito.

Layla apertou-a tanto que quase chegou a machucá-la.

– Não consigo compreender. O sujeito a *ama*.

– Segundo ele, amava a mulher que imaginou que eu era. – Edie se soltou e fungou de uma forma pouco graciosa. – Tem um lenço? Usei todos os meus e quase rasguei os lençóis durante a noite.

– Está na hora da minha anágua francesa – disse Layla, mas a gracinha não gerou a menor simpatia. – Não acho que Gowan vá permitir que você parta – argumentou ela um segundo mais tarde, depois de entregar o lenço para Edie e empurrá-la até o sofá, para junto dela.

– Ele não me quer mais. Falou que cometeu um erro ao me adquirir, pois eu não estou pronta para ser mãe. – A dor parecia uma coisa escura pulsando dentro dela. – Falou que eu fico parada na cama como uma panqueca.

– Ele falou isso? – Layla voltou a se levantar, com os punhos cerrados, a imagem de uma vingativa deusa grega. – Como ousa dizer uma coisa tão horrível, tão condescendente? Ele nem é inglês! Devia estar agradecendo aos céus por ter alguém tão bonita e talentosa como você aceitando se casar com ele! Isso sem falar no seu dote ou seu título. Seu pai vai *matá-lo*.

– Não é necessário. Eu... eu não posso passar minha vida me sentindo como uma xícara rachada, comprada por um vintém. Muito menos uma panqueca. Não posso.

– Seu pai cuidará de tudo. Bardolph pode ser um chato, mas é um mestre da organização. Ele providenciará carruagens imediatamente.

– O que está dizendo? Não precisa vir comigo! Precisa cuidar de Susannah.

– Íamos partir para a Inglaterra dentro de algumas semanas. Vamos apenas antecipar.

– E se Gowan for nos procurar?

– Considerando que ele partiu para as Terras Altas, não deve retornar em menos de uma semana. Suponho que haja uma leve chance de que volte a si a 35 quilômetros daqui e perceba que é um maldito de um porco.

– Está sendo dura demais.

– Não. É uma descrição acurada. Seu pai perdeu a cabeça comigo diversas vezes, mas nunca tentou me despir de minha autoestima. – Layla tocou a sineta. – Vamos sair desse país maldito o mais depressa possível.

Edie olhou para suas flores silvestres, ainda vivas, com seu jeito emaranhado de mato.

– Gosto da Escócia.

– Espere até ver o sul da França. Minha mãe me levou para lá quando eu era uma menina e nunca esqueci. Mal posso esperar para voltar.

Edie balançou a cabeça.

– Não, eu me recuso a sair furtivamente, pelas costas de meu marido, como uma criada que rouba a prata da casa. Preciso conversar com Gowan, cara a cara. Vou escrever para papai e esperar até que ele venha me buscar. Estou certa de que Gowan terá retornado até lá.

– Seu pai talvez a ignore, pois eu já lhe escrevi contando que estava aqui – informou Layla, com culpa.

– Minha querida – disse Edie, usando sua recém-descoberta determinação de falar exatamente o que pensava. – Você precisa parar de flertar com outros homens, pois está partindo o coração de seu marido.

– Mas eu nunca...

– Não é a forma correta de se comportar, embora nós duas saibamos muito bem que você jamais trairia meu pai.

Houve um momento de silêncio.

– Não tenho certeza se gosto desta nova Edie – observou Layla. – Primeiro me manda jogar minhas cigarrilhas pela janela e agora distribui conselhos matrimoniais.

– Irônico, não é? – falou Edie num tom seco. – Um cego conduzindo outro cego.

– Um dia desses – começou Layla, musical em sua sinceridade – você vai conhecer um homem que a amará de forma tão profunda que a perdoará por qualquer tolice. Esse homem mudará sua forma de pensar sobre o leito conjugal. Quando é bom... é como se duas pessoas se tornassem uma. Não há por que chamar alguém de panqueca, pois não há necessidade nem de palavras.

Edie mordeu o lábio.

– Se é assim com você e papai...

– Nós esquecemos como é – contou Layla. – E tenho a intenção de fazer tudo o que puder para que voltemos a ficar juntos. Tem razão, Edie. Eu estraguei o que havia entre nós.

– Também é culpa dele. Precisa aprender a julgar menos as pessoas.

– Mas conversaremos, conversaremos de verdade, eu prometo. Temos Susannah agora. Somos pais.

De repente, Edie não se importava mais que Susannah não tivesse gostado dela.

– Ela tem tanta sorte por ter você como mãe... – elogiou ela, sorrindo.

– E de ter você como tia – completou Layla. – Uma tia famosa e exótica que se casará com um italiano deslumbrante e delicado. Um *príncipe*. E residirá numa torre na colina.

Capítulo 34



Gowan seguiu a caminho das Terras Altas montando seu cavalo, acompanhando a carruagem onde viajavam o meirinho e o advogado com quem deveria estar trocando ideias. A raiva o conduziu durante horas, acompanhada pela pulsante e latejante sensação de ter sido traído.

Em algum momento entre uma légua e a seguinte, a raiva escapuliu e deu lugar a uma verdade bem mais cruel: ele falhara. Era um fiasco na cama, como teria dito seu pai.

Na verdade, nunca falhara em nada até então. Ah, houve alguns problemas, como o da ferrugem na folha do trigo ou das ovelhas infectadas com alguma praga. Sim, cometera alguns erros. Mas fracasso era diferente. O fracasso...

Levou dois dias para chegar até a propriedade nas Terras Altas e compreender algo importante. Edie também nunca havia fracassado em nada até então. Por isso não suportara a ideia de lhe contar a verdade: acreditava que o fracasso era *dela*.

No entanto, era assumidamente dele. Mas que diabo. Todas aquelas alegações sobre honra, quando na verdade deveria ter se enroscado com uma garçonne, como o pai lhe aconselhara. Se antes tivesse rolado na cama de alguma mulher, saberia o que vinha fazendo de errado.

Atravessou as portas da antiga morada e foi direto para o quarto, ignorando o mordomo, a criadagem reunida e os homens de Craigievar que o acompanharam. Seu criado pessoal seguiu-o pelas escadas e deu com a cara na porta.

Duas horas depois, ainda estava sentado, com a cabeça entre as mãos. Algo parecido com sanidade começava a penetrar em sua mente. Ele podia resolver aquilo. *Tinha* que resolver. Que diabo andara pensando durante todos aqueles anos? Deveria – e poderia! – ter passado todos os minutos depois de completar 16 anos conhecendo mulheres, como os outros rapazes costumam fazer. Em vez disso, agira como um idiota metido a besta, julgando que todos

os homens agiam com fria condescendência. Nunca sentira tanto desprezo e amargura por alguém no mundo – com uma única exceção.

Seu pai.

Certo.

Algun tempo depois, ele se endireitou dolorosamente e voltou para o térreo, onde pegou a vara de pescar e o anzol, recusou a oferta de um dos cavaleiros e entrou no lago que ficava a uma curta distância da casa.

Existe algo em estar num lago escocês, lançando a linha, que não permite que um homem viva com ódio de si mesmo. A paz esgueirou-se dentro de seu coração com o respingar provocado por um peixe que saltou da superfície da água.

Quando voltou ao castelo, estava com frio, molhado, e com as vestes cobertas de escamas de peixe. Precisou de mais um dia de pescaria para pensar no resto da história.

No fim, ele concluiu que era o resultado da criação de um pai depravado. Evitar o uísque, evitar as mulheres, evitar banquetas baixas... Todos aqueles discursos infantis eram ele pregando ao mundo que nunca seria igual ao único exemplar de homem que conhecera. Em outras palavras, nunca se tratou da busca pela virtude – tudo tinha relação com um morto.

No terceiro dia, Gowan se pegou reparando que a água tinha um brilho verde-escuro, mas era prateada nas margens. As trutas fugiam sob a superfície, evitando seu anzol, com a mesma facilidade dos homens sábios. Aves de patas rosadas o saudavam nas campinas próximas.

Naquela tarde, ele percebeu que nunca mais ia querer ouvir outro discurso sobre uma garrafa de vinho. E também estava farto de falar sobre enguias. E sobre trigo.

Uma águia marinha mergulhou não muito longe dele e saiu com uma truta presa às suas garras. Gowan xingou em gaélico, porque a ave lhe furtara o peixe. Uma onda de felicidade começou a tomar conta dele. No entanto, ele não estava completamente feliz, de forma alguma. Pensar em Edie o deixava com a sensação de ter um buraco no coração.

A cada dia, seu desejo por ela aumentava. Gowan ansiava por ela como se fosse uma droga, como ópio, e nem era algo apenas carnal. Queria que ela ouvisse os assombrosos chamados dos gansos durante as infundáveis conversas por ocasião do acasalamento. Queria trazer para ela um buquê de nenúfares encharcados e colocar as pétalas sedosas perto da sua pele.

Uma manhã, ele não se dirigiu ao lago até estabelecer uma cadeia de

comando que permitiria que só ouvisse os relatórios mais importantes. No dia seguinte, tinha ficado claro que um secretário e dois meirinhos não seriam capazes de se virar sozinhos, sem sua constante orientação. Ele os dispensou.

Como herdara o título aos 14 anos, nunca se permitira mais do que uma hora de pescaria. Havia coisas demais a fazer, mais importantes. Naquele momento, ele compreendia que quase nada era mais importante, talvez apenas recobrar o controle de suas emoções. A cada dia parecia um pouco mais possível que o controle não fosse uma opção, pelo menos no que tangia a Edie.

Talvez o amor, sim.

Precisava voltar e fazer com que funcionasse – não apenas na cama, embora isso também fosse importante. O resto. Precisavam conversar. Conversar de verdade. Não era algo fácil para ele. Até então, ele nunca tivera alguém com quem conversar.

Em pé sobre o promontório, observando a linha flutuar sobre a superfície do lago, um raio de sol atingiu algo dourado, o dourado do cabelo de Edie. Seu corpo ficou tenso, a mente turva com o desejo. Momentos depois, um pássaro cantou, com nem metade da beleza da música que Edie tirava de seu violoncelo enquanto a mão esquerda balançava as cordas, fazendo as notas flutuarem de seu instrumento.

Seu coração ficou apertado, o nome de Edie estava atravessado na sua garganta. Ela era a única coisa que importava no mundo. Não o lago, não Craigievar, não a criadagem.

Eles nada significavam.

Edie significava...

Tinha que voltar. Deixou o lago a passos largos e entrou na casa, gritando por um banho. Antes de retornar ao castelo, precisava lidar com uma série de queixas relacionadas à sua posição como juiz de paz. Naquela tarde, entrou no Grande Salão, amaldiçoando o fato de ter passado tanto tempo pescando, enquanto aqueles casos aguardavam e impediam que ele voltasse para a esposa.

Ele ministrou justiça – mais ou menos – em quatro de cinco casos. Então um cervejeiro e sua esposa, que tinham concluído ser impossível viverem em harmonia e se mudado para casas separadas, surgiram diante dele. Ela levava para o casamento, como dote, dez porcos, que agora queria de volta.

A mulher do cervejeiro não tinha queixo. O queixo do marido era pontudo como uma quina. Os dois se entreolharam com raiva, como se os

porcos estivessem no aposento, fuçando diante de todos.

Que direito tinha ele de presidir o julgamento daqueles dois? Gowan não queria nada além de partir, mas não podia deixar os porcos – que eram inocentes – num limbo metafórico.

– Metade para cada parte – rosnou Gowan. – Cinco porcos para você e os outros para você.

O cervejeiro ficou vermelho como um tomate.

– Ela é minha maldita esposa e o que pertence a ela é meu! – gritou o homem. – Os porcos são meus e eu acabo com eles antes de permitir que ela leve um leitão sequer.

Gowan aproximou-se dele, sabendo que parecia um homem emergindo dos portões do inferno. Não conseguia dormir, não conseguia comer, não conseguia nem fazer suas necessidades sem pensar em Edie.

– Você *não* é o dono da sua esposa.

Sua voz fervia com uma ira mal contida.

O cervejeiro deu um passo para trás.

– Nenhum homem é proprietário de uma mulher. Tem sorte por ela o ter tolerado por cinco minutos, seu rufião idiota.

– Alto lá – ouviu uma voz indignada vinda de trás dele. – Você não tem o direito de dizer isso!

Gowan virou a cabeça.

A mulher do cervejeiro estava de pé, as mãos nos quadris, olhando-o com cara feia.

– Ele não é rufião. Pode ser um tapado... e ele é mesmo tapado... mas não tem o direito de chamá-lo assim só porque é um duque.

Gowan lançou-lhe um olhar de fúria que a fez empalidecer, mas a mulher não recuou. A boca do cervejeiro tinha aberto um meio sorriso. Gowan segurou-o pela gola e o sacudiu.

– Há uma chance de ela aceitá-lo de volta, seu tapado inútil.

O homem engoliu em seco.

Gowan o afastou.

– Os porcos estão confiscados até que esses dois idiotas resolvam seus problemas conjugais.

Uma balbúrdia de protestos começou no mesmo instante. Gowan olhou para o cervejeiro.

– Você a ama?

O homem voltou a engolir em seco e então assentiu.

Gowan devolveu-o para a esposa.

– Ele não age como se me amasse – disse a mulher, com a voz esganiçada. – Fica no pub até altas horas.

– Sem porcos – disse Gowan ao homem. – Nenhum porco até que aprenda a manter seu traseiro dentro da própria cozinha.

E então partiu.

Capítulo 35



No terceiro dia de ausência de Gowan, ficou claro para Edie que ele não ia voltar. Na primeira e na segunda noite, ela acordou com todos os sons do castelo, certa de que o marido entraria em casa a qualquer momento. Na manhã do terceiro dia, deu uma caminhada fora da propriedade pela primeira vez desde que Gowan partira. Entre as flores silvestres que ela considerava suas, fitando a torre, teve uma ideia.

A torre se encontrava abandonada. No entanto, tinha tudo de que ela precisava desesperadamente: tempo e espaço, silêncio, um lugar para estudar.

Caso se mudasse para lá, Gowan não poderia surpreendê-la entrando em seu quarto e massacrando seu coração. Voltou para o castelo e encontrou a criada.

– Mary, pode pedir que Bardolph atenda a meus desejos? Decidi me mudar para a torre e preciso que ele faça os arranjos necessários.

– A torre! – Mary arregalou os olhos. – Pensei que era perigosa ou coisa parecida. As criadas da cozinha dizem que é mal-assombrada. Um cavaleiro negro caminha no alto com o elmo debaixo do braço e a cabeça *está* no tal elmo, se é que me entende.

– Vou me arriscar – declarou Edie.

– Sua Graça proibiu o acesso à torre – avisou Mary, veemente. – É provável que o lugar seja amaldiçoado, minha senhora. Todo tipo de gente morreu ao tentar escalá-la. Por favor, não faça algo tão perigoso.

– Não se importaria em ir até lá algumas vezes por dia, não é?

– Como se eu fosse deixá-la sozinha! – exclamou Mary, cheia de indignação. – Também vou me mudar para a torre.

O rosto dela assumiu a expressão sofrida mas corajosa de um mártir que enfrenta uma multidão raivosa.

– Não há espaço para você – observou Edie.

Mary abriu a boca e deixou cair o travesseiro que segurava.

– Vai deixar o duque, não é, minha senhora? Vai se mudar para a torre por causa dele?

– Já mandei uma carta para meu pai. Planejo voltar a Londres assim que ele vier nos buscar – disse Edie. – Imagino que será uma grande surpresa para a criadagem.

– *Surpresa?* Ninguém vai acreditar. Agem como se o sujeito fosse Deus encarnado, vindo para andar entre os mortais.

Edie conseguiu rir, como se aquilo não fosse algo que ela própria já havia pensado.

Surpreso ou não (Edie não saberia dizer), Bardolph colocou em ação um grande número de homens que passaram a carregar móveis e objetos de um lado para outro, enquanto um exército de criadas com esfregões e baldes enfrentava a poeira e as teias de aranha.

Naquela tarde, depois de ter sido desfeita a mesa do almoço, Layla anunciou que precisava deitar um pouco. Fora acordada por Susannah no momento em que o sol despontara no horizonte e precisava demais de uma soneca. Quando lhe perguntaram se preferia voltar para a ala das crianças ou ficar com Edie, Susannah apontou para Edie.

Assim, Edie levou Susannah para cima, até seu quarto. Sentou-se e pegou o violoncelo. Depois de um tempo, a menina veio para o seu lado.

– O que está fazendo?

– Estou limpando as cordas do meu violoncelo.

– Por quê?

– Preciso remover a resina que se juntou nelas.

Susannah fungou.

– Cheira muito mal.

– Estou usando um destilado.

Edie não entrou em detalhes.

Estava determinada a não fazer constrangedoras tentativas de aproximação com a garota. A boneca não funcionara. Tentara sorrir para ela e elogiar seu cabelo. Tinha se ajoelhado e tentado brincar. Nada havia funcionado. Desistira.

Susannah observou-a por um tempo, enquanto Edie passava um pano

macio nas cordas. Então a menina começou a perguntar outras coisas e, antes que se desse conta, Edie estava tocando uma corda, explicando para Susannah qual era o tom e deixando-a tocar. Ainda se lembrava de quando seu pai havia feito o mesmo com ela, com toda a paciência.

Minutos depois, Edie olhou para baixo e descobriu que Susannah estava apoiada em seu joelho.

– Pode tocar algo? – perguntou a menininha.

– O que gostaria de ouvir?

– *Três ratinhos cegos*.

As duas descobriram como tocar as cordas certas para a canção infantil.

– É a minha favorita – anunciou Susannah.

– Por quê?

– Porque o fazendeiro corta as cabeças dos animais – disse ela. – E então eles morrem, sabe? Todos mortos.

Edie se perguntou por um momento se deveria expressar preocupação para Layla, mas decidiu que, provavelmente, as coisas eram assim mesmo. A mãe morre, pensa-se sobre morte. O casamento acaba, pensa-se sobre... Ela logo decidiu pensar em outra coisa.

Depois de cear cedo, Bardolph a acompanhou colina abaixo. Layla e Susannah os seguiram.

– Que trabalho maravilhoso, Bardolph! – exclamou Edie ao emergir da escadaria no primeiro cômodo habitável.

O aposento antes vazio tinha sido transformado em uma aconchegante sala de jantar, com um pequeno anteparo com louça ducal. No andar acima, havia uma sala de estar com um belo tapete Aubusson no chão e cadeiras estofadas com brocados de seda.

– Ficou mais agradável do que meu quarto no castelo!

– São pertences da falecida duquesa – explicou Bardolph, derretendo-se um pouco diante de elogios com os quais não estava acostumado. – Ficaram no porão desde sua morte inesperada.

Edie lançou-lhe um olhar de soslaio. Será que Bardolph não aprovava a decoração no quarto do castelo?

O novo quarto, no andar acima, era tão encantador quanto a sala de estar. Uma cama grande ocupava a maior parte do aposento, mas havia espaço suficiente para uma confortável cadeira de balanço ao lado e para seu

violoncelo – que estava ali, no seu suporte, esperando por ela.

– Ah, Bardolph – disse ela, com sincera gratidão. – Muito obrigada.

– Não vou nem perguntar se gostaria de companhia para o almoço amanhã – falou Layla. – Vossa Graça sem dúvida vai estudar o dia inteiro. Bardolph, pode mandar um laçao trazer um almoço leve? Vou acompanhá-la na ceia, depois que Susannah estiver na cama.

Uma pequena pontada machucou o coração de Edie, mas era melhor que ela não passasse muito tempo com Susannah. Para quê?

– Embora nós duas venhamos visitá-la todas as manhãs – prosseguiu Layla. – E acho bom largar esse violoncelo para nos receber.

O coração de Edie ficou mais leve. Ela se acostumaria a viver sozinha, mas naquele momento era reconfortante pensar que Layla a visitaria.

– Não vai sentir medo, aqui sozinha, de noite?

Layla estava diante da porta, segurando a mão de Susannah, prestes a descer a escada.

– Não vou. Ficarei perfeitamente feliz aqui.

Era mentira, mas o que significava mais uma diante de todas que ela já dissera?

– Talvez haja desocupados perambulando – disse Bardolph. – Eu me sentiria melhor se me permitisse deixar um laçao próximo à entrada, Vossa Graça.

– De maneira nenhuma – recusou Edie com firmeza. – Agora podem ir, todos vocês. Bardolph, peça que Mary venha me ajudar, estou com vontade de ir para minha cama.

– Podíamos ficar com você – veio uma vozinha.

Era Susannah.

– Caberíamos todas naquela cama grande.

Ela fez um gesto com a cabeça na direção da cama.

Edie sentiu que abria o primeiro sorriso genuíno daquele dia. Foi até a porta, ajoelhou-se diante de Susannah, num gesto completamente natural.

– Apreciei muito sua proposta.

Susannah deu um passo para trás, apenas um. Com certeza, ainda tinha medo de que Edie tentasse afastá-la de Layla. Então, Edie se levantou e apontou para o nariz da menina.

– Se me visitar amanhã, vamos trabalhar em outra cantiga de ninar. – Ela sorriu para Layla. – Detesto dizer isso, sabendo da sua péssima opinião sobre músicos, mas a pequena tem uma linda voz de soprano.

Susannah, que não tinha a mínima ideia do que aquilo significava, abriu um sorriso para Layla.

– Eu tenho – confirmou ela.

Layla pegou-a no colo e acomodou-a na altura do quadril.

– Precisa dormir. – Jogou um beijo para Edie. – Boa noite, querida. Ah, escute só! Voltou a chover.

– Os lacaios estão esperando lá embaixo com guarda-chuvas – avisou Bardolph. – O chão do andar térreo pode ficar encharcado – afirmou ele para Edie –, mas não há razão para se preocupar. A torre está de pé desde 1248, e, embora haja enchentes, nunca sofreu ameaças em sua longa história. Não importa o que acontecer, a torre resistirá. Sua Graça reforçou as fundações e restaurou a cantaria.

Gowan era, no mínimo, um sujeito meticoloso. Edie insistiu em acompanhá-los até o térreo, onde deu abraços rápidos em Layla e Susannah antes de voltar para seu novo quarto. Havia lamparinas por toda a parte e fogo na lareira. Exceto pelo ocasional crepitar da madeira, a torre estava no mais completo silêncio.

– É exatamente isso – disse Edie em voz alta, reconfortando-se.

A partir do dia seguinte, ela voltaria a tocar violoncelo e retomaria o regime de estudos que a deixava tão feliz no passado, em tempos menos complicados.

Naquele momento, porém, ela abriu a janela que dava para o castelo. Lá estava ele, no alto da colina, parecendo ainda mais saído de um conto de fadas, enquanto a noite caía como um cobertor suave. As luzes brilhavam em muitas janelas, indícios das centenas de almas no seu interior. Ela viu Mary caminhando rapidamente pela trilha, indo prepará-la para dormir.

Não era que Edie não gostasse dos criados ou não apreciasse o que faziam por ela. Mas aquele minúsculo aposento era pacífico, tão tranquilo que ela podia ouvir todas as notas dos cantos dos pássaros no pomar lá embaixo.

No entanto, só conseguia pensar em Gowan. Não tinha dúvidas de que ele ficaria lívido ao descobrir que ela havia contrariado suas ordens em relação à torre.

Edie seria clara, direta, madura.

Seria tranquila, simpática, porém resoluta.

Horas mais tarde, na cama, ela ainda pensava no assunto. Àquela altura, Gowan já devia ter aplicado seu talento para solucionar problemas. A esposa era o problema. Aquele problema era exacerbado por seu fracasso na cama – não que ela assim o considerasse, mas ele considerava, e ela tinha bastante noção de que o fracasso não era aceitável para Gowan. Ele a amarraria à cama se fosse preciso. Ele *resolveria o problema*.

O resultado não seria difícil de imaginar. Ela ficaria ali, tensa, e ele seguiria em frente, sem parar. Não teria como detê-lo, a não ser que se embebedasse, e aí só criaria mais constrangimentos para si mesma ao fazer... exatamente aquilo que o deixou com repulsa no olhar. Depois de beijá-la, a primeira coisa que ela viu ao abrir os olhos foi o rosto dele completamente transtornado pelo asco.

Nunca. Ela estremeceu ao pensar. Na verdade, havia muitas coisas na cama que a faziam estremeecer. Todo aquele suor para começar. A forma como os fluidos vazavam dela durante horas. O evento completo.

Precisaria deixar claro que ele não tinha o direito de tentar consertar seus defeitos. Seus problemas eram só dela. Não era suficientemente ingênua para acreditar que poderiam ser resolvidos: havia certas coisas que não tinham solução. O casamento deles era um exemplo.

Depois que contasse que ia partir, Gowan, sem dúvida, gritaria por algum tempo, mas os meirinhos, os advogados e todos os criados estariam à sua espera. No fim das contas, ele voltaria ao castelo e um dia se casaria com uma escocesa robusta que lhe daria dez filhos ruivos.

A ideia a deixou doente, mas era o esperado. Não era possível superar um casamento em questão de dias, muito menos um casamento tão breve quanto o deles. Gowan era tão... *pleno*. Tão intenso, tão inteligente, tão determinado.

Havia um magnetismo em seu marido que provinha da forma como encarava tudo de frente, examinando um problema durante um minuto, procurando a resposta, resolvendo. Gowan aplicaria nela toda aquela energia ao voltar. De fato, não deveria permitir seu acesso à torre ou ele colocaria em ação um plano para garantir a felicidade da mulher no leito conjugal. O pensamento lhe deu calafrios.

Podiam conversar o que ele quisesse pela janela.

Era o homem mais masculino que ela conhecera e ela tinha inadvertidamente ferido sua masculinidade. Nada o deteria até que ele obtivesse sucesso, para garantir que sua *posse* permanecesse onde devia,

demonstrando assim seu sucesso sob os lençóis.

Ele podia provar seus méritos com outra mulher. Ela desceu, pegou a chave que Bardolph havia deixado e colocou-a na fechadura, do lado de dentro. Precisou usar a força das duas mãos para dar a volta, mas conseguiu.

Então voltou para cima, orgulhosa de sua resolução. Só não sentia orgulho por se desfazer em lágrimas... mas não tinha como evitar uma vez que havia um coração partido na história. Por fim, ela dormiu até de manhã, exaurida de tanto chorar. Despertou bem cedo, com o canto dos pássaros nas árvores, saltou da cama e foi até a janela. Escancarou-a para saudar o dia.

Layla e Susannah vinham do castelo, de mãos dadas. A madrastra já estava arrumada, embora não pudesse ser muito mais do que seis horas da manhã. Usava um vestido que Edie já vira antes: algodão estampado, um corpete decotado, sedutor. Desta vez, havia um xale preso, ocultando os consideráveis dotes de Layla.

Edie apoiou o queixo na mão e esperou por elas.

– Está com uma aparência melhor! – exclamou Layla, dirigindo-se a ela.

A voz atravessou o ar da manhã com facilidade.

– Estou ótima.

Não era verdade.

Uma parte dela ainda estava tão ferida, tão dolorida, que ela mal conseguia suportar. Estava aprendendo a trancar aquela voz numa caixa escura e mantê-la presa.

Susannah pulava de um pé para o outro.

– O que está fazendo?

– Nada de mais.

– Parece a princesa do conto de fadas – disse Layla.

Edie não conseguiu dar um sorriso.

– Como Punzel – interveio Susannah.

– Quem?

– Punzel!

– Ah, ela quer dizer *Rapunzel*! – exclamou Layla. – É o seu cabelo.

Mary havia trançado seu cabelo antes de ela ir para a cama, como sempre fizera antes de Edie se casar e descobrir que ter um marido implicava

ter o cabelo todo embaraçado durante a noite. Outro ponto positivo em relação ao final de seu casamento, pensou ela, acrescentando o item a uma lista bem curta.

Edie pegou a trança e deixou-a cair sobre o parapeito. Só alcançava um pouco abaixo da janela.

– Um príncipe não consegue escalar assim – disse Susannah, com desdém. – A dama no meu livro tinha o cabelo tão comprido que se arrastava no chão.

– Gostaria de entrar pela porta em vez de escalar minha trança inadequada?

– Mary virá acompanhada por um ou dois lacaios para nos servir o desjejum – avisou Layla.

Edie desceu a escada, virou a chave e abriu a porta.

Gowan não apareceu naquele dia, o que foi um alívio, claro. Nem no dia seguinte, nem depois.

Se Edie não tivesse aprendido a trancar sua dor durante o dia, não teria tanto sucesso de noite. O abismo em seu coração parecia se abrir no momento em que ela largava o violoncelo. No entanto, a disciplina ferrenha da infância a pusera nos eixos. Se o pai largasse tudo para buscá-la na Escócia – como ela tinha certeza de que aconteceria quando recebesse sua carta –, deveria estar com eles em mais uma semana ou dez dias.

Edie precisava apenas sobreviver até lá.

Capítulo 36



Gowan demorou dois dias até conseguir designar um homem decente para ser juiz de paz. Tudo nele desejava voltar para Edie. Só que chegara à conclusão de que não podia. Ainda não.

Ele a encontrara quando estava gelado como neve, mas vinha aprendendo a ser o homem que ela merecia. Estava reservando tempo para ela, para o casamento deles. Além do juiz de paz, ele também nomeou um novo meirinho para substituir o que ele dispensara. Era um homem mais jovem – quase da sua idade, na verdade. Ele cometeria erros, mas aprenderia com eles.

Havia apenas mais uma coisa que Gowan precisava dominar.

Naquela noite, ele se banhou com uma disposição sombria, tratando do seu corpo com o mesmo desgosto meticuloso que sentia desde que deixara o castelo. Pediu uma carruagem e pouco depois estava acomodado na escuridão morna do Devil's Punchbowl.

Ninguém no pub fazia ideia de quem era ele. Deixara as roupas refinadas no castelo. Usava vestes de lã escocesa espessa, resistentes à chuva e ao gelo, mas que raramente vestiam um cavalheiro de Londres. E fora sem criados, mandando o cocheiro de volta ao estábulo, onde poderia ficar aquecido assim como os animais.

– O que vamos beber? – perguntou o bartender, com um olhar indiferente.

– Uísque – disse Gowan, lembrando-se do jeito como o cabelo de Edie assumia o tom polido da bebida, sob a luz das velas.

Afastou as lembranças. Aquele lugar enfumaçado não tinha nada a ver com Edie. Era como se ele estivesse em uma das margens de um gigantesco lago e Edie, escondida do outro lado.

Depois da segunda dose de uísque, ele começou a se sentir mais aquecido. É mais fácil suportar a solidão quando a visão está turva.

– Sei quem é – falou o camponês ao lado dele, de repente. – É o duque! – Ele grunhiu. – É igual ao seu pai.

Gowan se virou. Havia garçonetes, claro. Algumas bonitas. Moças atraentes com bochechas rosadas e doces risadas. Sob a luz das lamparinas, os seios reluziam como manteiga.

Sorriu para a mais bela. Devia ter 20 anos, talvez, e nenhuma aliança no dedo. Não que ele se importasse se ela fosse casada. Ocorreu-lhe que estava apenas punindo a si mesmo, mas afastou aquele pensamento.

Estava farto de cometer erros. Não voltaria para a esposa antes de conhecer o corpo de uma mulher tão bem quanto conhecia o lago.

A garçonne se aproximou dele com a mesma facilidade de um peixe fígado, esgueirando-se pela multidão até estar diante das pernas afastadas dele, cheirando a cerveja derramada e a mulher calorosa. Seu sorriso tinha uma alegre nota de desejo.

Ela passou a mão na coxa dele. Ele sempre dissera a si mesmo que nenhuma mulher resistiria à sua posição, por isso não poderia se aproveitar de uma proposta. Percebeu naquele instante que seu raciocínio era equivocado. Aquela mulher nada sabia sobre sua posição social. O que ela desejava eram os músculos que ela acariciava. O sorriso da moça se intensificou.

– Meu nome é Elsa – informou ela, os dedos deslizando para a parte interna.

– Gowan.

Ele se recostou no balcão e deixou que ela fizesse o que queria.

– É do tipo melancólico, não é? Gosto disso. Grande e melancólico – arfou ela.

Os dedos alcançaram sua virilha e a mão dele agiu instintivamente, interrompendo a carícia.

– Aqui é um pouco *público* – disse ela, aumentando o sorriso.

Aquele sorriso não tinha nenhuma relação com a posição social, reparou ele, com indiferença.

– Gostaria de subir para brincar um pouquinho? – perguntou a moça, aproximando-se dele e mordiscando-lhe a orelha.

Os seios fartos esbarraram no peito dele.

– Posso ficar um tempinho fora daqui.

Ela virou a cabeça para beijá-lo e ele se afastou bruscamente.

– Sem beijos.

– Talvez eu faça você mudar de ideia – sugeriu Elsa, com uma risada.

Ele se levantou e tomou-lhe a mão.

– Tal pai, tal filho – balbuciou o homem ao lado dele, quando a moça puxou Gowan do assento.

Gowan olhou-o. O homem bufou.

– É. E ele tinha um olhar desvairado assim como o seu.

Ele curvou-se sobre seu copo enquanto Gowan seguia o traseiro redondo da garçonete no meio da multidão.

Capítulo 37



Edie começou a aceitar gradualmente a ideia de que Gowan poderia demorar semanas para voltar para casa. Não queria vê-la. Ela representava um fracasso tão absoluto que ele não conseguia suportar a ideia de retornar. Compreendia que ela nunca seria o que ele queria na cama. Ou decidira que nunca mais confiaria nela.

As lágrimas irritaram sua garganta, ela descobriu. Acabaram com seu apetite. Era mais fácil apenas tirar aquilo da cabeça e tocar o violoncelo durante horas a fio. Continuava a praticar mesmo quando o braço que segurava o arco ficava cansado, para evitar o silêncio, pois seus pensamentos eram ruidosos o suficiente.

O pai chegaria dentro de uma semana, mais ou menos. Nesse meio-tempo, os criados iam do castelo para a torre e vice-versa, como formiguinhas ocupadas. Edie passou a sentir um carinho inesperado por Bardolph. O administrador nunca demonstrara o menor sinal de desaprovação por sua mudança, embora – como disse Layla – talvez fosse porque ele desaprovava tudo.

Bardolph colocou um lacaio na base da torre durante o dia para que ela pudesse enviar mensagens para Layla ou convocar Mary. E ele a visitava duas vezes por dia. Pela manhã, contou que tinha acontecido uma briga entre os lacaios pelos turnos de duas horas aos pés da torre.

– Por que isso? – perguntou ela.

Bardolph franziu os lábios.

– Os escoceses não são filisteus, Vossa Graça. Desejam ouvi-la tocar.

Mais tarde, Layla contou que costumava haver um grupo sob a janela da torre, um grupo que aumentava a cada dia.

Assim Edie teve sua primeira plateia. Nunca fizeram barulho, por isso não sabia que havia gente ali, trabalhando repetidas vezes em determinados compassos até se satisfazer com o resultado e se permitir tocar a peça inteira.

Um dia, ouviu Layla chamá-la, ofegante, e escancarou a janela. A madrastra descia a colina correndo, acenando com uma carta na mão.

– O que é? – perguntou Edie.

– Seu pai – arfou Layla. – Ele está vindo!

– Sim, eu pedi que ele viesse.

Ao dizer aquelas palavras, Edie sentiu o coração afundar até a ponta dos pés.

Ele a levaria para Londres, claro. Era o que ela queria.

– Não... não, parece que ele não recebeu sua carta! – exclamou Layla, abanando o papel. – Já devia ter saído quando sua carta chegou. Falou que está vindo porque ele quer... porque ele sente minha falta! – O rosto dela estava iluminado. – Está a três ou quatro dias de distância.

– Que maravilha! Ele vai ficar muito feliz em conhecer Susannah.

– Vai – ofegou Layla.

Então olhou para si mesma com horror.

– Engordei ainda mais!

Edie riu.

– Está maravilhosa.

Layla parecia uma jovem matrona curvilínea e rosada que amava a filha e o marido e não tinha nenhuma preocupação com amantes chamadas Winifred.

Layla voltou a ler a carta.

– Ele vem para me levar para casa – disse ela, secando uma lágrima. – Contou que só percebeu quanto me amava depois que parti.

Edie recolheu a cabeça, saiu da janela e desceu a escada correndo.

– Ai, meu Deus! – exclamou a madrastra quando Edie abriu a porta da torre. – E se ele mudar de ideia?

– Não vai mudar – disse Edie. – Papai adora você, Layla. Pode ter levado um tempo para perceber, mas agora ele sabe.

– Podemos voltar todos para casa – sugeriu Layla. – É como um sonho. – Ela apertou a carta contra o peito. – Li umas dez vezes antes de vir para cá porque não conseguia acreditar. Mas conheço a letra dele. Está falando sério.

– Está, sim – afirmou Edie, assentindo.

– Ele diz que não existe nenhuma Winifred e que nunca houve. Era tão terrível ser a única pessoa a se importar com o outro... – comentou Layla, fungando. – Não há nada pior num casamento do que o desprezo e a falta de amor da outra parte.

O coração de Edie deu um salto – e então voltou a bater.

– Ah, querida. Não estava falando de você! – exclamou Layla. – É tão corajosa!

Tinham passado muitas horas dos últimos dias dissecando Gowan.

Layla o odiava. Edie se sentia mais apaixonada por ele do que imaginava ser possível. Passava as noites dividindo-se entre chorar e acordar num atordoamento sensual, relembrando a noite em que ela havia tocado o violoncelo para o marido e ele...

Ele a beijara daquela forma tão íntima. Edie poderia ter feito o mesmo nele. Nos devaneios, seus dedos exploravam todos os centímetros do corpo de Gowan.

Edie mantivera os olhos fechados durante uma boa parte do tempo que haviam passado juntos na cama, mas ela vira o bastante. A lembrança dele no Nerot's Hotel, ao descer da cama e se afastar dela, voltava-lhe à cabeça. A maneira de torcer o corpo, com pura força e beleza...

Inevitavelmente, lembrava-se do jeito como seus olhos escuros a observavam, como se ela fosse tudo o que ele queria no mundo. E aí Edie caía no choro.

Bem naquele momento, Bardolph veio se reunir às duas.

– Estou certa de que lady Gilchrist já lhe contou – informou Edie – que meu pai estará aqui dentro de alguns dias. Imagino que esteja viajando com seu criado pessoal.

Bardolph se curvou.

– Vou preparar um quarto para lorde Gilchrist.

– Ficaremos apenas alguns dias. Quando estiver descansado, partiremos. Vamos precisar de mais duas carruagens: uma para meu violoncelo e outra para nossas criadas e para a criada de Susannah.

Foi a primeira vez que ela viu alguma reação no rosto do administrador. Seu olhar ficou vazio. O rosto inteiro congelou.

– O quê?

Edie ergueu uma sobrancelha.

– Está tudo bem, Bardolph?

Ele se curvou, recobrando-se.

– Acho que precisaremos de mais três carruagens, e não de mais duas – ponderou Layla. – Trouxe um bocado de bagagem e Susannah tem muitos brinquedos que não quer deixar para trás.

Edie sorriu ao ouvir aquilo.

– O vilarejo – continuou a madrastra, culpada – é um lugar muito agradável para uma visita vespertina. E, assim que decidi que Susannah precisava de novos vestidos, ir até a aldeia ficou tão fácil quanto convocar uma costureira para nos atender no castelo.

– Três carruagens se puder dispor delas – ordenou Edie, voltando-se para Bardolph. – Os veículos voltarão imediatamente, assim que chegarmos a Londres.

Bardolph assumira uma cor estranha, como um pergaminho envelhecido.

– Tem certeza de que está bem? – tentou novamente Edie.

– Sim, Vossa Graça – respondeu ele, com um tom murcho que ela não ouvia fazia algum tempo.

Ela fez um sinal com a cabeça e ele partiu, caminhando rapidamente pela trilha na direção do castelo.

– Assim que a gente pensa que o homem está se tornando humano, ele mostra seu lado réptil – comentou Layla. – Devo dizer, porém, que nunca vi ninguém trabalhar tanto. Ele acorda ao amanhecer e nunca dorme.

Havia voltado a chover, apenas uma garoa. Edie puxou Layla para o interior da torre e as duas começaram a subir a escada.

– Quem diria que a Escócia era tão úmida? Pela fama que conheço, eu achava que só na Inglaterra chovia bastante, mas nunca vi tanta água na minha vida como aqui.

– É bem aconchegante na sua torre – disse Layla. – Devia ver como a ala infantil pode ficar gelada de vez em quando. Mudei a maior parte dos brinquedos de Susannah para outro cômodo enquanto...

E continuou a falar enquanto Edie tentava imaginar-se subindo numa carruagem.

Deixando para trás a torre, Bardolph, os criados que habitavam o castelo. E Gowan.

O fato de ele não ter se dado ao trabalho de voltar, nem mesmo de

mandar uma mensagem, tornou tudo mais fácil. Se seu marido solucionador de problemas quisesse resolver o casamento...

Teria voltado. Layla estava contra Gowan. Não parava de dizer que Edie encontraria um homem diferente. Mas cada vez que Edie tentava imaginar tal coisa, lembrava-se do olhar de Gowan e de como ele costumava olhá-la.

A verdade pesava na sua alma. Não amaria outro homem. Para ela, a música deveria bastar.

Capítulo 38



Estava na hora de ir para casa. O lago estava sendo açoitado pela chuva, as margens tomadas pela espuma criada por um vento brutal. Toda aquela água desceria para as Terras Baixas, Gowan pensou distraído. Não importava. Seus planos de evacuação para os vilarejos à beira do Glaschorrie estavam em ordem e Bardolph cuidaria para que fossem executados em caso de necessidade. Partiria na manhã seguinte.

A porta se abriu e Gowan ergueu a cabeça. O relatório diário havia chegado. Naquela semana, Bardolph não escrevera nenhuma palavra sobre Edie ou Susannah, nem mesmo sobre lady Gilchrist, embora, com relutância, ele se pegasse de novo pensando nela como Layla. Era difícil odiar Layla, mesmo sabendo que ela o julgava um homem inferior. Ele ouvia o soluçar de Edie ao dizer: “Ela é como se fosse minha mãe.” Ele a condenaria tanto se tivesse contado para a mãe?

Na ocasião, aquela palavra apenas intensificara sua fúria. Não era razoável odiar mães, ele sabia disso. Era estúpido, na verdade.

Depois de ler o relatório de Bardolph, Gowan convocou o lacaio que viera de Craigievar. O homem relatou que o único assunto no castelo era a música da duquesa.

Gowan franziu a testa, confuso.

– Ouvem a música dos corredores?

O lacaio passara apenas uma hora no castelo antes de voltar. Pelo que havia entendido, Sua Graça dava um recital todas as tardes, em algum lugar que não era o castelo. Perto do rio, achava. Quem estava ao ar livre ia ouvir.

Edie estava fazendo recitais para os criados. A ideia de que seus lacaios a viam com o violoncelo entre as pernas, devoravam-na enquanto ela fechava os olhos e balançava ao ritmo da música... aquilo abriu uma dolorosa ferida em seu peito.

Não era uma sensação nova. Certa noite, quando tinha 6 ou 7 anos, o pai

o pegara pelo braço, segurando com tanta força que Gowan começou a chorar, embora soubesse que era melhor não demonstrar fraqueza diante do pai. Dito e feito, aquilo enfurecera o duque. Ele passou a usar mais força ainda, torcendo a pele do filho, e Gowan não conseguiu conter um grito... Aí sua cadela, a brava e leal Molly, latira, dera um salto no ar e mordera o rosto do duque. Foi apenas um arranhão, mas não sarou direito e Sua Graça carregou a cicatriz até o dia de sua morte.

Gowan nunca se esqueceu do momento em que o pai pegou Molly pelas patas traseiras e a jogou longe nas águas turbulentas do rio. Chegou a ver a cabeça do animal por um momento, e então ela desapareceu.

No dia seguinte, ele passou horas caminhando na beira do rio. Bardolph era um jovem laçao naquela época, designado a vigiar o herdeiro. Os dois caminharam e caminharam. Bardolph nunca sugeriu que voltassem nem disse uma palavra por Gowan cambaleiar aos prantos.

Nunca a encontraram. Molly pode ter sido levada até o mar, até o fim. Pode ter sido lançada na margem...

Mas não acreditava naquilo. Não acreditava em contos de fada nem naquela idade. Vira quando ela afundara e não a tinha visto voltar à tona.

A lembrança trouxe a dor de volta como se tudo tivesse acontecido na véspera, embora com certeza fosse um sacrilégio comparar a esposa a uma cadela. Molly tinha sido uma criatura tola e valente. Ela o amara e havia sido leal. Não tinha qualquer semelhança com sua esquiva esposa, que não era nem nunca seria *dele*.

Porém, ele parecia um possuído. Não importava o que Edie fizera ou deixara de fazer. Ele a amava. Era como se uma parte dele, uma parte vital, tivesse sido arrancada apenas porque ele não estava podendo entrar num aposento e vê-la.

O mordomo voltou a abrir a porta assim que Gowan se afastou da janela salpicada pela chuva.

– Vossa Graça, há uma missiva urgente da parte do Sr. Bardolph.

Um choque elétrico atravessou Gowan da raiz do cabelo até os tornozelos. Nada era tão urgente, a não ser a morte.

A morte era sempre urgente.

Ele abriu a carta tão rápido que chegou a rasgar um canto do papel, que caiu no chão. Leu a carta. Leu de novo. Leu pela terceira vez. Bardolph devia estar equivocado. Edie não podia *deixá-lo*. Eram casados.

Com certeza, ele havia pensado em *deixá-la*. A ideia, no entanto,

evaporara vinte minutos depois de sair do castelo. Mesmo na primeira noite, deitado na estalagem a caminho das Terras Altas, ele precisara de considerável força de vontade para não voltar ao castelo e implorar para que ela o recebesse de volta em sua cama.

A atenção voltou para o papel em suas mãos. Layla, Susannah e Edie estavam de partida. Sua família. *Não*. Ele jogou a carta no chão e deixou o aposento.

– Naturalmente, Vossa Graça – disse o mordomo momentos depois, se curvando. – As carruagens estarão prontas no início da manhã.

Gowan olhou pela janela. Ainda era o início da tarde, mas o céu estava com um feio tom cinzento.

– Vou partir agora.

O mordomo piscou.

– A carruagem estará pronta em duas horas... uma hora... sem seu criado?

A última parte da frase soou esganiçada, mas Gowan já estava no corredor.

Tinha cavalos em estábulos por toda a estrada. Se montasse sem parar, trocando de animal, poderia chegar a Craigievar em trinta horas, mais ou menos.

Quinze minutos depois, vestido com roupas para o frio, observava com irritação o supervisor do estábulo verificar sua sela.

– Ele não gosta de chuva – alertou o homem. – Pode se assustar, por isso tome cuidado, se me permite aconselhá-lo, Vossa Graça.

Ele não permitia. Nunca tinha caído de um cavalo. Nunca.

Há sempre uma primeira vez para tudo na vida.



Depois de três dias, Edie finalmente cedeu e perguntou a Bardolph se ele havia informado ao duque sobre sua partida. Ao se curvar, Bardolph transmitiu como desaprovava a ausência prolongada de Gowan, o que estranhamente era confortável.

Na manhã seguinte, o chão estava úmido da colina até a torre e o rio alargara e acelerara seu ritmo. Não era mais uma cobra gorda e preguiçosa. Corria com um propósito. O murmúrio anterior se tornara uma conversa

barulhenta e seu violoncelo se insinuava por aquela melodia como se o rio fizesse um contraponto.

A carruagem de lorde Gilchrist aproximou-se do castelo perto do meio-dia. Edie a viu da torre, mas decidiu que Layla e o pai precisavam de privacidade. Eles a procurariam quando estivessem prontos. Ela rezou para que o pai amasse Susannah tanto quanto Layla e ela a amavam.

Algumas horas depois, Edie ouviu risos e olhou pela janela. Os três desciam pela trilha. E Susannah segurava a mão do conde, saltitando diante dele.

No final das contas, ela não precisaria fazer perguntas sobre a felicidade de ninguém. O rosto de Layla estava luminoso – assim como o de lorde Gilchrist.

– Ele sente muito – sussurrou Layla, enquanto o conde mostrava a Susannah como tocar e cantar *Frère Jacques* no violoncelo. – Eu falei que lamentava por tudo, que nunca tivera a intenção de flertar com outros homens. E que ele era o único que eu amei ou amarei. E ele...

Edie interrompeu-a dando-lhe um beijo.

– Isso fica entre vocês dois, querida.

Layla abraçou-a.

– Você é minha melhor amiga, e a mais sábia também.

Depois de um tempo, voltaram ao castelo, todos os quatro. No caminho, Layla foi na frente com Susannah e o pai de Edie falou em voz bem baixa:

– Sinto muito, minha querida. Fiz uma escolha terrível ao aceitar a proposta de Kinross.

Os olhos de Edie se encheram de lágrimas.

– Não, não fez. Eu amo Gowan.

Gilchrist balançou a cabeça.

– Vai voltar para casa e vou anular esse casamento nem que eu precise falar com o próprio rei. *Falarei* com o rei. E acredito que ele vai respeitar minha vontade.

– Deve descansar da viagem – aconselhou Edie, sem conseguir se desfazer da esperança teimosa de que Gowan ainda apareceria, de que ainda o veria mais uma vez.

– Posso descansar na carruagem – respondeu o pai. – Está na hora de ir para casa, Edie.

E, embora sentisse tristeza, ela concordou. Era tolo permanecer trancada na torre, numa barricada contra um marido que nem se dava ao trabalho de bater à porta.

Cearam cedo e ela voltou para seus atuais aposentos. Trancou a porta para evitar o homem que nunca aparecia, esforçando-se para subir a escada com uma sensação de peso e exaustão. Layla e o pai estavam absolutamente felizes. Era evidente que haviam conversado – e direito. E mais: Edie estava com a distinta sensação de que Susannah os uniria como se fosse cola. A agitação de Layla passara e seus olhos brilhavam de felicidade.

A chuva batia nas janelas como uma voz sem resposta. Por fim, ela as abriu para refrescar o quarto e foi para a cama. Não passava de oito horas da noite, mas Edie adormeceu ouvindo o chamado do rio que corria para o mar.

Capítulo 39



Gowan chegou ao estábulo por volta das nove da noite e desmontou, jogando as rédeas para um garoto sonolento. Entrou no castelo pela cozinha, para não ser visto pelos lacaios que, com certeza, contariam para Bardolph.

O fogo do forno estava reduzido para a noite e ninguém se mexia além do gato, cujos olhos oblíquos reluziam amarelados, perto do braseiro. Gowan agarrou uma lamparina e a acendeu, depois subiu a escada dos criados e atravessou o corredor. Não foi para seu quarto. Foi para o dela.

Empurrou a porta e encontrou o aposento em plena escuridão. As cortinas estavam fechadas e a lareira não tinha vestígios de calor. Todo o quarto estava frio, frio demais. E vazio. Até o cheiro indicava que ninguém o ocupava havia muito tempo. Pousou a lamparina sobre a lareira, notando com indiferença que sua mão tremia. Um medo nauseante tomou conta de suas entranhas. Um momento terrível se passou enquanto ele percebia o que estava vendo.

Ela tinha partido. A cama estava desfeita e o quarto vazio.

Havia um único objeto esquecido no aposento: o livro de poesia. Sua alma rugia de dor e seu estômago dava um nó como se ele fosse vomitar. Pegou o maldito volume e guardou-o no bolso.

Gowan havia calculado quantos dias se passaram desde a chegada da mensagem de Bardolph nas Terras Altas. Deveria ter sido capaz de alcançá-la antes que partisse para a Inglaterra. No entanto, ela não havia deixado aquele quarto horas antes. Havia poeira na lareira. Ela partira dias antes.

Saiu do quarto com o rosto rígido. Quando chegou ao térreo, dois lacaios saltaram das cadeiras com os rostos alarmados.

– Quando foi que a duquesa partiu? – quis saber, soltando a voz num rosnado com uma cadência nova e irritada.

Um dos homens abriu a boca de surpresa. O outro falou:

– Partiu? Sua Graça partiu?

Dois idiotas.

– Quando foi que ela partiu para a Inglaterra? – O tom de voz alcançou o nível de um urro. – Quando minha esposa me deixou?



Eddie sonhou que o ronco do rio Glaschorrie era uma convocação para ela. A impossibilidade a despertou: o rio não poderia estar chamando seu nome. Mesmo desperta, ela voltou a ouvir seu nome. Foi para a janela e se debruçou. A noite havia caído, e, embora ainda não tivesse parado de fato, a chuva diminuira bastante. Gowan estava lá embaixo, no escuro.

Ela abriu a boca, mas nada saiu.

– A porta está trancada! – gritou ele. – Pode descer e me deixar entrar?

Eddie se recompôs. Havia se preparado para aquele momento. Sabia o que dizer.

– Não vou conversar com você no meio da noite, Gowan! – berrou ela. – Vá para a cama e podemos nos falar pela manhã, antes da minha partida.

– Eddie. Não pode... Não pode estar pensando em me deixar.

Ele não gritou, mas ela ouviu cada palavra com clareza. Então seria daquele jeito. Gowan não se importara de falar com ela até perceber que um de seus bens estava escapando por entre os dedos. A mensagem de Bardolph devia tê-lo convencido a vir.

– Boa noite, Gowan.

– Estava planejando voltar para a Inglaterra sem sequer me comunicar? – A descrença na voz dele a teria feito rir, se não estivesse sentindo tanta vontade de chorar.

– Poderíamos ter conversado a qualquer momento nas últimas duas semanas se você tivesse voltado.

– Eu ia voltar. Você sabia disso. Pensei... Pensei que podíamos conversar, Eddie. Conversar de verdade.

– Muito bem – disse Eddie, sentindo a decepção prendê-la ao chão como sapatos de chumbo. – Na próxima vez em que quiser conversar com sua esposa, Gowan, terá que lhe dedicar mais de uma hora no jantar e uma visita quando tiver tempo livre dos seus compromissos na administração de propriedades. Estou me referindo à sua *próxima* esposa.

– Não quero outra esposa!

Claro que ela não poderia fugir pela manhã sem falar com ele. Um casamento, mesmo uma união breve e turbulenta como a deles, precisa ser respeitado.

– Vamos conversar pela manhã. Tenho certeza de que meu pai vai concordar em adiar nossa viagem para Londres por mais um dia.

– Não pode me deixar!

A voz dele atravessou o som do rio, cortante como uma faca.

Edie obrigou seus dedos úmidos e gelados a se afastarem do parapeito.

– Acabou, Gowan. Vou embora.

Ela fechou a janela.

E trancou-a por dentro.



Gowan fitou a torre. Ela o recusara. Seu corpo inteiro doía por conta das agruras que enfrentara. Havia montado por horas, tinha sido derrubado do cavalo, caído numa vala. O animal fugira e ele precisou caminhar por uma hora até alcançar um vilarejo onde fizeram um curativo em suas costelas e ele pôde comprar outra montaria – por aproximadamente o triplo do valor do animal. Depois, tinha cavalgado por mais cinco horas. As costelas que se danassem.

Mesmo assim, Edie trancara a porta e depois a janela. Um minuto depois ele voltou para o castelo, sacudindo a água da capa como se fosse um cão. Estava subindo a escada quando encontrou Layla, que descia. Ela ficou paralisada, boquiaberta.

– Boa noite – disse ele, sentindo uma onda de humilhação lhe descer pela espinha.

Aquela mulher sabia.

O pensamento foi interrompido pelo olhar dela.

– Você! – disse ela, cutucando o tórax dele com o dedo. – Quero falar com você.

Layla ardia como uma tocha, enquanto andava na direção dele, rumo ao escritório.

– Meu marido com certeza tem algumas coisas a lhe dizer – anunciou

ela, girando para encará-lo, assim que ele fechou a porta.

Ao que parecia, suas inadequações como marido eram de conhecimento geral.

– Como ousa! – exclamou Layla. – Como *ousa* agir de forma tão desprezível com sua esposa! – Ela avançou na direção dele como se fosse um anjo vingador. – Como pôde dizer coisas tão indecorosas para alguém tão doce e amável? É um homem desprezível, Kinross. Desprezível.

Era como se uma das Fúrias gregas tivesse sido solta em seu escritório. Ele a examinou com a mesma perplexidade que dedicaria a uma deusa antiga.

– Edie e eu temos muito que conversar.

– Isso é o mínimo.

– Quero que saiba que não aprecio o papel que desempenhou no meu casamento – declarou ele.

Um brilho de culpa cintilou no olhar de Layla.

– Eu nunca deveria ter ensinado a Edie o que ensinei. Peço desculpas.

– Realmente não foi de grande ajuda – rebateu ele, escolhendo as palavras com cuidado. – Depois que tirei algum tempo para pensar, percebi que Edie a considera uma mãe. Tenho certeza de que ela e eu seremos capazes de forjar um novo...

– Seu idiota!

A voz de Layla, cheia de desdém, o interrompeu.

Qualquer remorso que ela pudesse ter sentido havia obviamente sumido.

– Não tem ideia do que fez com ela, não é?

– Discutimos – respondeu Gowan, a raiva voltando a crescer em suas entranhas. – Isso não é inédito nos matrimônios, lady Gilchrist. A senhora mesma já experimentou algumas dificuldades.

– Meu marido e eu *nunca* dissemos um para o outro as coisas que você falou para Edie. Acredite em mim, Jonas, se quisesse, tinha todas as condições de me despir de todo o vestígio de respeito próprio. Mas ele nunca faria tal coisa, não apenas por me amar, mas também porque é um homem *decente*.

Um momento de silêncio passou antes que Gowan conseguisse falar.

– Como ousa dizer tal coisa para mim! – berrou, abandonando todos os traços do comportamento civilizado.

Ela nem vacilou, apenas cruzou os braços diante do peito e o analisou com seu olhar de desprezo.

– Vejo agora o homem que Edie descreveu. Não vai me assustar com seu temperamento. Tenho meus defeitos. Apesar disso, nunca, nem em um milhão de anos, faria com qualquer ser humano o que você fez com Edie. *Nunca*.

O que ela dizia finalmente foi penetrando na mente de Gowan, ultrapassando o atordoamento da pura raiva.

– Que diabo você está falando? Parece que eu bati nela. Não fiz nada com Edie!

Os olhos dela grudaram nos dele.

– O quê? Não fez nada? Encontrei a mulher que você deixou para trás sem qualquer amor-próprio, convencida de que era um fracasso como mãe e como amante. Não foi você? Pois me pareceu!

Gowan a encarou. Layla prosseguiu:

– Ela pode ter fingido um orgasmo. E daí? Você estava tão alheio que não percebeu. Qual é o grande crime aqui?

Ela não reclamava de nada que Gowan já não tivesse dito a si mesmo.

– Seu idiota – xingou Layla. – Seu desprezível, nojento...

– Está começando a se repetir.

– Você a fez pensar que havia feito algo terrível logo depois de ela ter tido o primeiro orgasmo da vida. Falou que ela parecia uma panqueca quando não tinha a mínima ideia do que deveria fazer na cama. Agora ela acha que nunca vai conhecer o prazer sem estar bêbada... porque você jogou isso na cara dela! Pior, você a convenceu de que ela não tem capacidade de ser mãe. Edie! Você falou isso para Edie, que é uma das pessoas mais amorosas e generosas que conheço!

– Edie tinha me escrito uma carta em que dizia que não queria filhos. – Assim que pronunciou essas palavras, ele sabia que não fora bem isso: ela escrevera que não queria filhos imediatamente. – E então, quando conheceu Susannah, ficou claro...

– Seu *idiota*! – exclamou Layla. – Susannah é minha. Edie nem teve chance. Nunca segurou um bebê, sabia disso? O pai não deixava que ela brincasse com outras crianças. Era importante demais preservar aquele talento dela. Teria conquistado Susannah com o tempo, mas não, você entregou a criança sem nem discutir o assunto! E partiu daqui deixando sua esposa chorando no chão, despida de todos os atributos que a tornam uma mulher.

Os lábios de Gowan tinha ficado dormentes. Ele apenas a encarava em silêncio.

Layla se aproximou e voltou a cutucá-lo.

– E em seguida saiu do quarto fazendo estardalhaço porque havia adquirido uma mercadoria estragada. Como se *você*, um burocrata tedioso, estúpido e desprezível, fosse digno de tocar a bainha da saia de Edie. *Você*, que ignorava o que era um violoncelo.

Gowan não conseguia falar.

– É um filisteu – disse Layla, baixando o tom quando ele não respondeu. – Casou-se com a mulher mais bonita e carinhosa de toda a Inglaterra... e da Escócia também... e quando descobriu como era inadequado na cama, pôs a culpa nela. Deixe-me lhe dizer uma coisa, duque.

E deu mais um cutucão.

Gowan tinha a sensação de que mal respirava, pois apenas um ar abrasador penetrava em seu pulmão.

– A única razão para não ter ouvido a palavra *inadequado* da boca das mulheres que precederam Edie em sua cama foi seu título. É isso. Não se engane pensando que *Edie* é incapaz de sentir prazer. *Você* é o problema. E aquelas mulheres satisfeitas que estão servindo de comparação? – Ela chegou a bater na mesa, furiosa. – Cada uma delas mentiu para você.

Gowan percebeu vagamente que Edie, ao que parecia, nunca contara para a madrastra sobre sua falta de experiência. Não que isso importasse.

O lábio inferior de Layla estremeceu.

– Destroçou-a como se ela fosse uma louça barata comprada na feira. E foi embora depois de destruir seu coração. Tudo o que ela faz desde então é tocar violoncelo... porque acredita que é seu único talento. Perdeu tanto peso que parece tuberculosa. Está convencida de que será uma mãe terrível e de que nenhum homem a amará. Provavelmente, nunca será capaz de ter prazer na cama, porque você demonstrou asco por ela. Seu desprezível...

Então Layla começou a soluçar e o resto de suas palavras ficaram incompreensíveis.

Gowan não se mexeu. O retrato que ela havia pintado dele era tão terrível que o deixou paralisado, mal percebendo a própria palidez.

Layla tinha apoiado uma das mãos sobre a mesa. A cabeça pendia, aos prantos. A porta se abriu. Houve uma segunda pausa e lorde Gilchrist passou correndo por Gowan, tomou a esposa nos braços, e Gowan o ouviu murmurar

algo quando ele encostou o rosto dela em seu ombro. Parecia que os Gilchrists estavam juntos de novo. Não que ele se importasse com isso.

Ele tinha mesmo feito tudo aquilo com Edie? O que acontecera? Começou a filtrar suas lembranças. De repente, lembrou-se da expressão de horror nos olhos da esposa quando ele falou que ela não tinha aptidão para cuidar de crianças, lembrou-se da forma como Edie havia chorado ao insistir que havia tentado se aproximar de Susannah, aquela dor silenciosa em seus olhos.

Lembrou-se de ter repetido aos berros o odioso comentário do pai sobre panquecas, mas não teve a intenção de se referir a ela.

Gowan a levava a pensar que havia ficado enojado?

Lorde Gilchrist depositou a esposa delicadamente numa poltrona, deu meia-volta e atingiu Gowan no queixo com um soco tão forte que o rapaz tombou no chão como uma árvore abatida, sem tempo para se desviar e proteger o braço esquerdo.

– Isso é pela minha filha – rosnou o conde, olhando para baixo. – Não pense que não posso obter a anulação do casamento, porque eu posso. Direi ao rei que um maldito escocês reduziu minha filha a uma sombra em questão de semanas. Não pense que ficará com o dote dela. E também nem pense em frequentar um salão de baile na Inglaterra quando estiver à procura da próxima esposa. Vou garantir que cada homem no país prefira mandar a filha para a América a casá-la com você.

O corpo de Gowan doía tanto por desabar outra vez em uma superfície rígida – embora o chão do escritório fosse ligeiramente melhor do que a vala – que ele mal registrou a saída de Gilchrist, acompanhado da esposa.

Não era apenas a dor. Era o conhecimento de que havia tirado de Edie toda a sua dignidade, seu respeito próprio. Ferira a única pessoa a quem amava em todo o mundo. Ele a *arruinara*. Ele tomara...

A verdade sinistra pulsava junto com a dor física queimando seu braço esquerdo como se um espeto em brasa tivesse atravessado a ponta dos dedos até o cotovelo. O curativo em volta das costelas não impedia que se deslocassem, de tal forma que ele mal conseguia respirar.

Tinha acabado de conseguir se sentar quando Bardolph entrou no aposento. Gowan respirou fundo e as costelas rachadas arderam, consumidas por um súbito calor.

– Ajude-me a levantar – pediu ele.

Passos se aproximaram dele. Gowan ergueu os olhos. Não costumava

pensar em Bardolph como um homem apenas dez anos mais velho do que ele. A forma como franzia a testa constantemente o deixava com trinta anos a mais.

Naquele momento, ele percebeu que nunca tinha visto Bardolph manifestar qualquer sincera desaprovação.

– Vou partir – declarou o administrador, fitando Gowan no chão sem erguer um dedo para ajudá-lo a se levantar. – Pode considerar esta comunicação meu aviso.

Gowan tinha se apoiado na mão direita para conseguir se levantar sem usar a esquerda. Bardolph deu um passo à frente e chutou a mão sob seu corpo. Gowan voltou a desabar, deixando escapar um gemido abafado.

Bardolph não poderia odiá-lo com mais intensidade do que ele mesmo se odiava.

– Não tive intenção – argumentou Gowan, olhando fixamente as pernas da cadeira diante dele. – Eu a amo.

Silêncio.

Nem tinha certeza se Bardolph continuava ali. Talvez estivesse esperando o momento certo para chutá-lo nos rins.

– Eu a amo muito.

A voz de Gowan vacilou e, pela primeira vez desde o dia seguinte ao desaparecimento de Molly nas águas do rio, ele perdeu o controle. Com todo o sofrimento de uma alma ferida, ele declarou:

– Eu a amo mais do que...

Uma mão áspera agarrou seu braço esquerdo e o fez se levantar. A dor era tanta que ele gritou involuntariamente.

– Jesus, Maria, José, seu ombro está deslocado! – exclamou Bardolph.

– As costelas. Caí do cavalo.

– Não é uma boa desculpa para se manter afastado por duas semanas – repreendeu o administrador, dando um passo para trás e cruzando os braços diante do peito.

Gowan olhou para o outro lado.

– A verdade é que ela vai ficar melhor sem mim. Estou me transformando em meu pai.

– Sua mãe já era alcoólatra muito antes de se casar com seu pai. Levou

uma semana para que toda a criadagem soubesse disso. É um milagre que você não tenha nascido com a cabeça oca.

Gowan absorveu aquela informação.

– Ainda tem chance. – A voz de Bardolph se transformou em um grunhido. – Ela não se foi. Fiz o melhor que pude por você, seu ignorante, seu ingrato. Arrumei aquela torre para ganhar tempo até que você pudesse voltar para casa. Todos os homens deste maldito castelo teriam caminhado de joelhos até a Palestina para tocar naqueles lábios, e você a deixou sozinha, chorando por você.

Por que ele não deu meia-volta depois de caminhar dez passos após passar a porta da frente? Por que ele deixara a pessoa a quem mais amava no mundo soluçando ao lhe dar as costas? O arrependimento perfurava seu coração, de forma mais intensa e aguda do que a dor em seu braço.

Gowan voltou para a porta da frente sem sequer notar o lacaio que a abria.

Ao chegar à torre, ele se encostou na parede para se abrigar da chuva e para tentar raciocinar. Tinha ferido Edie de tal forma que ela perdera a confiança na própria capacidade de amar uma criança – um xingamento veio de dentro de seu coração – e, de algum modo, ele a convencera de que havia agido de forma inapropriada ao ser tomada pelo prazer.

Edie ia deixá-lo. É claro que ia. Ele se endireitou, mas cambaleou por causa da dor da costela rachada.

Edie era a única pessoa no mundo que importava para ele. Seus pais estavam mortos. Tinham sido problemáticos demais para amá-lo e o amor que ele sentira por eles havia se esvaído. Molly desaparecera. As tias eram, no máximo, cordiais, e Layla tinha adotado Susannah.

Mas Edie o amava. Afirmara isso, e ele precisava acreditar: foram as palavras que ela disse logo antes de sua partida. Se ela o amava, talvez fosse capaz de perdoá-lo. Trevas estavam à espreita em sua vida tão organizada, mas ele queria banir a escuridão.

Tinha que confessar a ela. Tinha que abrir seu coração.

Ambos deveriam ter explorado a intimidade juntos, mas sua determinação em seguir um plano com falhas destruíra essa possibilidade. Ele estava tão desesperado em agradar a ela que arruinara tudo o que existia entre os dois.

Se ele apenas tivesse admitido a própria ignorância, ela confiaria nele. Poderiam ter encontrado um caminho juntos. No entanto, ele sentira medo: de

fracassar, de que ela o desprezasse como o pai o desprezara. Essa era a verdade.

Deu um passo para trás e olhou para a torre, alta e cinzenta na escuridão. Aquela construção silenciosa testemunhara a morte de homens que tentaram escalá-la numa tentativa fútil de impressionar suas amadas – isso se as histórias fossem verdadeiras. O único que passara do segundo nível fora o cavaleiro negro que, de acordo com a lenda, ainda caminhava pelo lugar.

Edie não tinha voltado a dormir. Uma luz suave vinha da janela. Ela a destrancara depois que Gowan partira e estava aberta.

Se chamasse seu nome, ela fecharia a janela e o manteria afastado.

Voltou a erguer a cabeça de modo que a chuva bateu em seu rosto. Romeu subiu até a janela de Julieta, não foi? Provavelmente ele usou as duas mãos e suas costelas estavam intactas. Gowan conseguiu fechar a mão esquerda com apenas um grunhido de dor. O pulso doía, mas ainda respondia a seus comandos.

Começou a subir depressa, mas diminuiu o ritmo quase imediatamente. As pedras estavam escorregadias com a chuva e a escalada era consideravelmente mais difícil do que ele previra. Na metade do caminho, ocorreu-lhe que talvez não conseguisse chegar até a janela de Edie. Mas não havia como descer, a não ser caindo. Se sobreviveria a uma nova queda, era uma pergunta em aberto.

No momento em que pensava nisso, a mão direita escorregou e todo o seu peso ficou apoiado na esquerda por um instante, antes que ele conseguisse retomar a posição. Um gemido profundo saiu de seus lábios. Nunca havia sentido uma dor como aquela. Um segundo depois, Edie olhou pela janela.

A água da chuva acumulada nos cílios tornava, para Gowan, a silhueta de Edie turva, mas ele conseguia ver sua face iluminada pelo brilho do fogo atrás dela e à sua esquerda. A esposa olhou para fora e para baixo.

Então ela berrou:

– Gowan!

Ele não podia desperdiçar fôlego nem mesmo com o nome dela.

– Não! Volte para baixo, Gowan. Exijo que recue.

O duque ficou pendurado na parede, o rosto grudado à pedra fria, e ouviu as palavras da esposa. Quando recuperou o fôlego, ergueu a cabeça e disse:

– Eu a amo.

Houve um segundo de silêncio e então ela implorou:

– Por favor, Gowan, desça. Eu permitirei que entre na torre. Farei qualquer coisa. Por favor, não continue a subir. Estou com muito medo.

– Não posso. Eu a amo, Edie. Mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Mais do que... mais do que...

Ele estendeu a mão esquerda de novo. Uma determinação fria, feroz, tomou conta dele. *Ela* estava ali, acima dele. Não podia permitir que ela o deixasse.

Edie debruçou-se na janela, o rosto iluminado diante da pedra escura.

– Você é tão linda... – disse ele, tomando fôlego entre as palavras. – A mulher mais linda que conheci. Como uma fada. Uma deusa.

– Bêbada – falou ela para si mesma.

Gowan começou a escalar mais rápido. Não se importava com o chão cada vez mais distante. A esposa estava completamente debruçada na janela, o cabelo louro despencando sobre os ombros e espalhando-se sobre a pedra cinzenta da torre.

Precisava descansar por um momento, pois seu pulso ardia em chamas e as costelas doíam alucinadamente.

– Não pode me deixar! – suplicou ele, as palavras saindo com um tom que misturava ordem e pedido.

Estendeu o braço e se alçou um pouco mais alto.

– Sei que não presto na cama – disse ele, sem olhar, pois tinha medo que o peso da própria cabeça pudesse fazê-lo perder o equilíbrio. – Mas posso melhorar. Podemos ficar no quarto, nós dois, por um ano e um dia, Edie. Sem lacaios, Edie, eu prometo.

Gowan voltou a se apoiar com o pulso esquerdo – era o pior, e outro grunhido saiu de dentro dele, de forma involuntária.

Edie estava soluçando e o som fez com que ele se esforçasse mais ainda.

– Sou seu falcão.

As palavras explodiam de dentro de seu coração, da mesma forma como haviam chegado a ele quando fitava o lago e tentava em vão não pensar nela.

– Gowan, você perdeu a cabeça! – exclamou Edie, debruçando-se tanto que toda a parte superior de seu corpo estava visível.

– Não caia! – gritou ele, a voz explodindo no silêncio chuvoso em volta deles.

– Não vou cair. Por favor, Gowan, por favor, você está muito perto. Mais dois ou três movimentos.

– É o maldito pulso – revelou ele. – Acho que quebrei o desgraçado.

Gowan a ouviu soltar um soluço, mas já recomeçara a subir.

– Você não é minha – falou ele, logo abaixo dela, quase a seu alcance. – Eu é que sou seu. Você é a rede que me capturou.

– Sem poesia numa hora dessas! – exclamou Edie, estendendo o braço de novo.

Ele então sentiu o toque em seu cabelo úmido, e continuou a escalar.

Mais uma vez.

E outra.

Chegara ao parapeito.

O duque de Kinross fizera o que nenhum outro homem conseguira em seiscentos anos: conquistara a torre impossível. Na chuva. Com duas costelas e o punho quebrados. Com o coração partido e uma teimosia herdada de gerações de senhores de terra escoceses. Talvez aqueles ancestrais o tivessem acompanhado e ajudado a escalar aqueles últimos centímetros. Ou talvez tivesse sido o brilho dourado do cabelo dela, como o ouro de Dânae, invocando-o na chuva. Ou talvez o som de rouxinol de sua voz.

Ou talvez fosse apenas Edie.

O jeito de ser Edie de sua esposa. A forma como ele a amava profundamente e a cada nota musical produzida por sua maravilhosa alma teimosa, generosa e alegre.

Capítulo 40



Gowan talvez tivesse desmaiado por um momento, mas recobrou a consciência e descobriu que estava ajoelhado no chão, com Edie em seus braços, soluçando, apoiada em seu ombro.

– Não – sussurrou ele. – Não chore, *mo chrìdih*. Sinto muito – disse, abruptamente, a autorrecreinação tornando sua voz ainda mais rouca. – Eu não tinha a intenção de magoá-la.

Edie ergueu o rosto, e o coração dele se desarmou sob o olhar da esposa. O corpo ainda doía demais para permitir que ele se levantasse.

– Está ensopado!

Ela se afastou e voltou com uma toalha morna, que antes pendia diante do fogo.

Então começou a tirar as roupas encharcadas dele até ver o curativo nas costelas e ficar paralisada de horror.

– Fiz amizade com uma vala – explicou ele, levantando-se e terminando de se despir.

– Está doendo?

Ele fez que sim com a cabeça, pegando a toalha das mãos dela. Edie observou-o calada enquanto ele secava as pernas, o peito e os braços e esfregava bruscamente o cabelo antes de enrolar a toalha na cintura. Tinha uma ereção, claro. Nem prestava mais atenção nisso, não quando estava com ela.

No entanto, Edie recuou quando ele deu um passo em sua direção. Gowan parou.

– Não quis dizer que você não seria uma boa mãe, Edie. Você será uma mãe maravilhosa. Basta eu pensar em você com nosso filho nos braços e meu coração já se derrete.

Os olhos dela estavam fechados. Não era possível saber o que pensava.

– Eu nunca deveria ter combinado nada em relação a Susannah sem consultá-la antes, mas é que me pareceu uma solução inevitável. Mesmo assim, nunca mais farei nada parecido. Sempre lhe perguntarei sobre as mínimas coisas que possam ser do seu interesse.

Era um juramento.

– Susannah e Layla, e agora meu pai também, estão felizes – disse Edie. O som de sua voz musical atravessou-o como um ronronar alegre.

– Por favor, perdoe-me – pediu ele, dando mais um passo na direção dela, pois não conseguia se conter. – Sou um tolo de cabeça quente. Fui tomado pelo sentimento de fracasso. Eu me odeio por ter sido tão cruel.

– Você me falou apenas o que acreditava ser verdade. Ainda que esteja enganado quanto à minha capacidade para a maternidade. – Um pequeno sorriso iluminou seus olhos. – Susannah e eu passamos a nos entender muito melhor nas últimas duas semanas.

Era como uma adaga perfurando seu coração. Por que ele não ficara ali? Aquela era a *sua família*. Tinha sido um tolo por decidir ir para as Terras Altas enquanto seu coração, sua razão de viver, se encontrava ali.

Pigarreou, achando difícil formar palavras.

– Não houve nada de revoltante sobre a forma como descobriu o prazer, Edie. Foi a coisa mais linda que eu já vi. O único problema foi que descobri no mesmo instante que tinha falhado em lhe dar prazer antes. *Sinto tanto* em relação a isso...

Edie manteve os olhos cerrados.

– Realmente não quero falar sobre esse assunto, Gowan.

– Precisamos conversar – disse ele, desesperado. – Não posso permitir que vá embora, Edie. Não posso.

– Eu sei – concordou ela, inesperadamente.

– Sabe?

Edie assentiu.

– Você é bem-sucedido em tudo o que faz, Gowan. Agora precisa ser bem-sucedido na cama comigo, pois não suporta a ideia de fracassar. Ou – complementou ela, com um olhar mais sombrio – não pode permitir que lhe escape algo que você adquiriu.

– Eu estava louco quando falei isso. Deveria estar a seus pés,

agradecendo-lhe por ter me aceitado. Em vez disso, fiquei me envaidecendo por tê-la comprado como se fosse apenas mais uma pluma do meu chapéu.

A expressão no rosto de Edie não se modificou, mas ele percebeu a dor no olhar dela.

– Não mereço você. – As palavras vieram do fundo do coração dele. – Fracassei na cama e depois a culpei porque eu estava envergonhado.

Finalmente, ela deu um passo na direção dele e pôs a mão em seu rosto.

– Não fracassou, Gowan. Não pode pensar assim. Simplesmente não somos compatíveis.

– Somos, sim – insistiu ele teimosamente.

– Você deve aceitar que às vezes o mundo não funciona do jeito que você deseja – disse ela com delicadeza.

Ele queria uivar ao ouvir aquilo. Do jeito que eu desejo? Com os pais que ele tivera... a cadela que ele não esquecia... o trabalho que nunca terminava. Sem Edie, enfrentaria dia após dia de trabalho duro e árido. O que nunca o perturbara antes parecia ter se tornado uma sentença para dez mil anos de solidão. Depois de conhecê-la e de amá-la.

– Por favor – implorou ele, rouco. – Dê uma nova chance para o nosso casamento, Edie. Por favor.

Houve um longo momento de silêncio, e então ela perguntou:

– Por que escalou a torre?

– Você não ia me deixar entrar e eu precisava estar com você. Simples assim.

Um sorriso estremeceu os lábios dela. Ele conseguia enxergar aquele beijo no canto da boca, aquele que ela nunca entregava, aquele que a tornava tão beijável.

– Se partir numa carruagem, irei atrás de você – prometeu ele, a voz baixa e tensa. – E, quando chegar em casa, se seu pai trancar a porta, escalarei as paredes até seu quarto. Não tem nada a ver com o que se passa na cama, Edie. Você é tudo o que existe para mim. Desde o momento que entrei no salão de baile e a vi, eu soube. – Gowan tomou as mãos dela e virou as palmas para beijá-las. – Não consigo viver sem você. É meu ímã, minha Estrela do Norte.

Com muita delicadeza, ele deu um beijo em uma das palmas dela e depois na outra.

Edie sentiu como se o tornado que era Gowan estivesse rodopiando em volta dela, aprisionando-a no coração silencioso da sua tempestade. Que mulher poderia resistir? Ela procurou lembrar as coisas que ele lhe falara e que partiram seu coração. Não se recordava de nada... com uma exceção.

Baixou os olhos enquanto procurava uma forma de dizer o indizível.

– Não – sussurrou ele.

Colocou as mãos nas costas dela, trazendo-a para perto de si.

– Não me afaste.

– Precisa ser dito.

A voz dele estava infinitamente carinhosa.

– O quê, *mo chrìdh*?

– Acho que não conseguirei ser o que deseja na cama – afirmou ela, sendo sincera. – Talvez se estiver bêbada. Mas realmente... não quero beber tanto vinho. Fiquei doente depois que partiu, estava péssima no dia seguinte e não consigo tocar quando me sinto assim.

– Descobri que minha relação com a bebida é complicada – disse ele, envolvendo-a com seus braços. – Quando você ficou meio alegre... eu me zanguei por causa das lembranças de minha mãe.

Era bom estar nos braços de Gowan. Quando Edie olhara para baixo e o vira escalando a torre, seu coração quase havia parado. A simples ideia a fez se aproximar mais dele, envolvendo sua cintura, descansando o rosto em seu ombro, aconchegando-se. Com os braços de Gowan em torno dela, parecia que o mundo tinha voltado ao normal.

– Não gosto do excesso de bebida e se essa é a única forma de apreciar nossas atividades na cama... não posso fazê-lo. Sinto muito.

– Se nunca mais quiser ir para a cama comigo, eu aceito – murmurou ele, beijando o alto da cabeça de Edie. – Machuquei-a e fracassei em lhe dar prazer. A única coisa que não posso admitir é sua partida.

Naquele momento, ele provavelmente acreditava no que dizia, mas estava errado. Edie conhecia seu escocês. Gowan passaria o resto da vida tentando lhe dar prazer. Pensou nisso e sentiu seus lábios se curvarem. Não era algo que faria muitas mulheres reclamarem.

E ela estava inteiramente consciente de que abraçava um corpo masculino forte e nu. Ele não indicava que havia alguma parte minimamente rígida, mas Edie conseguia perceber sob a toalha.

Suas mãos apertaram a cintura dele. Porém, ela permaneceu paralisada, com medo de agir, de prometer algo que não poderia cumprir. Gowan esperaria que ela tivesse aquele ápice de prazer. A simples ideia fazia a tensão em seu peito aumentar.

– Shhhh – sussurrou ele, a mão grande fazendo círculos carinhosos em suas costas. – Não temos que fazer nada, Edie. Provavelmente nem devemos. Meu pulso está machucado.

– Não é apenas o pulso. Também tem as costelas rachadas.

– Não doem tanto. Bardolph avisou que você ia me deixar. Eu precisava vir. – Ele levantou o queixo dela para que seus olhares se encontrassem. – Eu escalaria essa torre de novo, Edie. Na mesma hora.

Uma sensação de paz tomou conta dela. Gowan estava vivo, não morto numa vala nem caído aos pés da torre. O que Edie teria feito se ele tivesse despencado? A ideia era tão aterrorizante que seu coração deu um salto e ela virou os lábios na direção do pescoço dele.

– Edie, minha querida – murmurou ele, com a voz um pouco estrangulada.

– Lembra-se da última vez que fomos para a cama e você disse que o problema era meu?

Ele assentiu.

– E então, depois falou que eu ficava ali deitada como uma panqueca... Mas sejamos justos, Gowan, você me *mandou* ficar deitada.

Ele pigarreou.

– Eu devia dar um tiro em mim mesmo por causa desse comentário. Meu pai falava essas coisas sobre as mulheres. Eu estava tão furioso que me transformei nele por um momento.

Seus olhos ficaram escuros de remorso.

– Não quero que você se concentre em mim. Não quero ter que me preocupar se vou ou não conseguir chegar à *petite mort*.

– O que gostaria?

– Gostaria de explorá-lo. E não quero que toque em mim, não desse jeito. Só esta noite? – perguntou ela. – Por favor? É muita pressão.

– Nunca quis que sentisse nada além de prazer.

Linhas austeras formaram-se perto da boca dele.

– Então deixe que eu decida o que vamos fazer. Posso não me preocupar em ter sucesso, apenas desta vez?

Gowan segurou o rosto dela entre as mãos.

– Não existe sucesso ou fracasso entre nós, Edie. Eu amaria você mesmo se nunca mais fôssemos para a cama.

O sorriso dela vacilou.

– E se eu nunca for boa na cama? Você não vai...

Ele balançou a cabeça, sem tirar os olhos dela.

– Não é uma questão de sucesso ou fracasso. O amor não mede essas coisas, e sim a gentileza. E eu fracassei com você nesse aspecto.

– Não, não fracassou – disse ela, arfante. – Amo você.

A alegria que encheu os olhos dele foi tão sensual que ela tomou a cabeça de Gowan em suas mãos e trouxe os lábios dele para junto dos seus. Quando se afastaram, a respiração de Edie estava entrecortada e ela percebia que o peito dele também se erguia e se abaixava com rapidez.

– Devo me banhar primeiro – falou ele, rouco. – Vou ao castelo e...

– Você está cheirando a chuva, couro e um pouco de suor – declarou ela, lançando-lhe um olhar lânguido e lascivo. – Gosto disso. Mais do que de sabonete de amêndoas. Você cheira a... *homem*. Isso me dá vontade de lambê-lo. Inteiro.

Gowan praguejou, mas conseguiu se conter e não se jogar sobre ela. A alegria era como ferro em brasa. Queria uivar para o céu, ajoelhar-se, jogar-se...

Não.

– Farei o que você quiser.

– Se vai haver lambidas – continuou Edie –, será por minha conta. Não pode me tocar dessa forma até amanhã à noite.

Um olhar de quase agonia tomou conta de Gowan.

– Não posso tocá-la durante toda a noite e o dia?

– Não, a menos que eu lhe dê permissão.

Ele cerrou seus longos cílios, mas Edie percebeu um brilho de satisfação.

– E não permitirei – declarou ela. – Prometo que tentaremos de novo amanhã à noite. Prometo, Gowan. Por agora, quero esquecer tudo isso.

– Como quiser – concordou ele, com uma levíssima relutância ao pronunciar as palavras.

No entanto, ela não se preocupava em confiar que ele mantivesse sua promessa. Poderia voltar a perder a cabeça algum dia – e ela ainda precisava deixar claro como isso seria desagradável –, mas nunca seria infiel, nunca seria desleal.

Com o sorriso mais feliz que ela vira, ele disse:

– Faça o que quiser comigo.

Edie sentiu uma onda de excitação. Era como nos sonhos que tinha, em que Gowan não fazia amor com ela, mas, ao contrário, ela é que tomava a iniciativa. Naquele momento ele estava absolutamente quieto, com as mãos nos quadris e um sorriso no canto dos lábios. Os ombros suaves, um deles marcado por uma mancha escura, levavam a músculos fortes que cruzavam seu peito, pontuado por mamilos pequenos e achatados. Logo abaixo, encontrava-se o curativo envolvendo firmemente as costelas. Os músculos do abdômen encontravam-se perfeitamente alinhados. Uma fina linha de pelos descia do meio da barriga e desaparecia sob a toalha. E por toda a parte havia arranhões e hematomas.

Embora seus olhos estivessem acesos de desejo, Edie sabia que ele não se moveria até que ela lhe desse permissão. E ela estava se divertindo. Devagar, recuou, com os olhos vagando para cima e para baixo por todo o corpo dele, até alcançar a cama. Gowan não disse nada, só esperou. Era a experiência mais erótica que Edie já vivera, saber que aquele homem poderoso e magnífico estava inteiramente à sua disposição.

Se ela o mandasse ajoelhar, ele se ajoelharia. Não que ela quisesse isso, mas o poder que tinha sobre ele era atordoante. Lambeu os lábios, e os olhos dele acompanharam o gesto. Uma onda de fogo desceu por suas pernas. Juntou os joelhos com força, pensando no que viria a seguir.

– O que deseja que eu faça? – A voz grave dele interrompeu os pensamentos dela. Os dedos dele estavam na toalha. – Gostaria que eu tirasse?

Edie respirou vacilante e assentiu lentamente.

Gowan jogou a toalha longe e era melhor do que ela se lembrava. Sua parte íntima era longa e grossa. Ela queria...

O que ela queria?

– Faça o que quiser, minha dama. Qualquer coisa mesmo.

A voz dele a envolvia como se fosse veludo.

Ao mesmo tempo, Edie sentia que sua mente começava a interferir no seu prazer. O que deveria fazer?

Gowan devia ter percebido a incerteza em seus olhos, pois deu a volta até o outro lado da cama e se esticou.

– Está vendo. Não toquei em você.

Ela assentiu.

– Mas será que gostaria de tirar seu robe?

Edie não tinha certeza disso.

– Não tocarei em você – disse ele, acrescentando a seguir: – A menos que me peça, é claro.

Ela conseguiu se recompor. Podia tirar o robe, pois era esquisito ficar vestida ao lado de um homem nu, especialmente quando o homem nu, no caso, era seu marido. Parecia errado. Então ela tirou o robe e ficou apenas de camisola. Em seguida, antes de pensar de novo, ela tirou a camisola e jogou-a num canto.

Para seu completo terror, o desejo nos olhos dele desapareceu imediatamente e seus lábios soltaram uma praga.

Edie olhou para si mesma.

– Qual é o problema?

– Posso ver suas costelas! – Ele saltou da cama e as mãos passaram pelo corpo dela logo abaixo dos seios. Então a puxou contra si, envolvendo-a em seus braços. – Nunca mais vou deixá-la.

Era um juramento.

– O que quer dizer?

O coração de Edie batia com força e não era por causa de uma expectativa agradável. Ela se inclinou para trás para ver melhor o rosto dele.

– Layla me contou que você estava sem comer.

Gowan ficara pálido como um fantasma, a voz rouca.

– Eu...

Um olhar de puro pânico apareceu no rosto dele.

– Preciso alimentá-la.

Naquele momento, Edie começou a se divertir. Não tinha prestado muita atenção no fato de ter perdido peso, embora houvesse percebido que seu busto

diminuíra um tanto. Os vestidos de Layla definitivamente não serviriam mais nela.

– Tem comida lá embaixo?

Ela assentiu.

– Bardolph sempre deixa comida para o caso de uma enchente ou de os lacaios não conseguirem me alcançar por algum tempo.

Gowan deixou-a e desapareceu nu em pelo, escada abaixo.

– Que bom que não permito que os lacaios fiquem na torre – balbuciou Edie para si mesma.

Dirigiu-se a uma poltrona perto do fogo, cruzando as pernas recém-esguias e pensando no que aconteceria em seguida.

Não pensou por muito tempo, pois Gowan logo voltou ao aposento com um prato. Segurou Edie e colocou-a em seu colo. Estava nua, a não ser pelos chinelos, extremamente elegantes, decorados com finas fitas cor-de-rosa. Ela estendeu a perna e mexeu com os dedos do pé.

– O que acha dos meus novos chinelos, Vossa Graça? Foi um presente de Layla.

Gowan nem olhou.

– Abra a boca.

Contra todas as expectativas, ela estava se divertindo mais do que em qualquer outro momento de sua vida.

– Que tipo de alimento está me dando?

– Não sei. Encontrei na mesa da cozinha.

– Bolinhos de maçã! – exclamou Edie. Tinham o formato de uma florzinha no topo. – Não são lindos?

– Abra – repetiu ele.

Edie abriu a boca, obediente, e ele colocou o bolinho lá dentro. Baixou o prato e abraçou-a, apertou-a com força contra si. Layla tinha razão: Edie perdera o interesse pela comida nas semanas em que Gowan ficara longe, mas naquele momento o sabor do açúcar com canela estava maravilhoso. Seu apetite voltara.

– Prometeu não me tocar a não ser que eu pedisse – observou ela, depois de engolir. – Descumpriu sua palavra. Há alguma penalidade?

– Não estávamos fazendo amor naquele momento – argumentou Gowan.

Ele pegou mais um bolinho, respirando com dificuldade, por estar forçando as costelas.

– Não permitirei que passe fome.

O tom de voz dele era feroz e Gowan voltava a ser possessivo, mas de algum modo aquilo parecia certo.

Depois de três bolinhos, ela estava satisfeita. Levantou-se do colo dele e apontou para a cama. Ele ficou de pé, enorme diante dela.

Edie olhou e gostou do que viu. Gowan ficara alarmado por sua drástica perda de peso. O rosto permanecia tenso, a boca era uma linha firme. Descobrira algo a respeito do duque de Kinross. Quando estava com medo, explodia de raiva.

Mas, zangado ou assustado, ele ainda a amava.

Ela poderia pensar sobre isso mais tarde, porém, porque os olhos dele fitavam algum lugar abaixo de seu rosto. A boca ficou tensa quando olhou para as costelas. Então as mãos desceram até o tufo louro de pelos entre as pernas dela, a curva das coxas e, por fim, os delicados chinelos.

Quando voltou a encará-la, seus olhos pareciam famintos de novo.

– Gosto de seus chinelos. E você tem os tornozelos mais lindos que já vi.
– Ela notou um movimento na garganta dele, enquanto engolia em seco. – Posso beijá-la, Edie?

Ela fez que não com a cabeça, divertindo-se bastante.

– Suas pernas?

A voz dele parecia um pouco desesperada.

– De maneira nenhuma – respondeu ela.

E apontou de novo para a cama. Dessa vez, foi ela que o comeu com os olhos, porque o coração dela bateu acelerado quando ela olhou para o dorso musculoso do marido. Para aquelas pernas compridas.

Gowan deitou-se na cama como um homem acostumado a se oferecer para as mulheres. Edie tirava forças da lembrança de que, apesar de clamar posse, ele também era dela, e apenas dela. Nunca havia tocado outra mulher. Mulher alguma o tocara.

Edie subiu na cama e ajoelhou-se ao lado dele, beijando-lhe a testa, as faces, o nariz, os lábios. Investigou os pelos da barba dele com a língua, voltou para a boca e vagou até a clavícula.

Então afastou-se e começou a passar as mãos em áreas que lhe

despertavam a curiosidade. Derramou beijos em todo o seu peito de guerreiro ferido. Viajou dos punhos até os ombros e depois para a barriga, explorando a pele macia que abrigava força pura, e a forma como ele gemia, como começava a tremer.

Gowan não se mexeu. Deixou que ela o explorasse como se fosse um novo instrumento, acariciando, inspecionando, experimentando.

Palavras escaparam da garganta de Gowan, a princípio sons ininteligíveis e, por fim, juramentos. Edie abaixou a cabeça para que ele não pudesse perceber que ela estava sorrindo. Era a experiência mais excitante que já vivenciara, ver um homem maravilhoso, enorme, ofegante de desejo, porém sem ousar tocá-la. Nem quando ela passou os lábios nos pelos das coxas dele.

As mãos dele saíram de trás da cabeça e se enfiaram no lençol, mas ele não a tocou.

Todos os gemidos e palavras emitiam um pulso de energia que a atravessava e terminava entre suas pernas. E cada um de seus toques, de seus beijos e até – uma vez ela ousou ser audaciosa – suas lambidas e mordiscadas aqueciam o próprio corpo até seu coração bater quase tão rápido quanto o dele e o ar ficar preso em sua garganta.

Ela envolveu-o com a mão e experimentou aquela dureza aveludada.

– Sonhei com isso – disse Gowan, rouco.

Edie o olhou. Pensou que poderia beijá-lo como ele fizera com ela e que ele gostaria daquilo.

Ela o agarrou com mais força e os quadris dele se ergueram.

– Maldição – falou, ofegante. – É muito bom.

Tinha sonhado com ela. Edie estava começando a sentir que a simples visão dele era um ataque sensual. Sentiu-se indócil e faminta, como se seu corpo estivesse pulsando em um ritmo que ela mal compreendia.

– Embora eu não possa tocá-la, você pode se tocar, Edie.

A voz dele era hipnótica.

Edie franziu a testa. Ele estava tentando virar a mesa. Antes que Gowan pudesse voltar a falar, ela se curvou e envolveu aquela parte dele com os lábios e retomou o controle.

Um grito saiu da boca dele. Ela teria sorrido, mas estava ocupada demais passando a língua nele. Durante todo o tempo suas mãos se moviam nas pernas dele, acariciando-lhe as coxas. Edie descobria que podia fazê-lo rugir,

e os rugidos dele a deixavam úmida e ainda mais indócil.

– Precisa parar – gemeu ele, um momento depois, a voz transtornada pelo desejo. – Edie.

Ela ergueu a cabeça. Sentia que seus lábios estavam um pouco inchados, então fez um biquinho, e os olhos deles ficaram mais escuros.

– Não consigo mais fazer isso – confessou ele com dificuldade.

Cada músculo de seus braços e de seu peito estava rígido.

– Adoro saber que posso fazer você implorar. Está implorando?

– Estou. Preciso tocá-la – pediu ele sem sorrir, as palavras explodindo na boca. – Não é assim que deve ser. Por favor, Edie, *por favor*.

Edie desejava tanto o toque dele que percebia quanto a própria mente estava confusa e nem conseguia mais se lembrar do que havia exigido. A mão dela passava sobre os músculos do abdômen, mas talvez...

– Edie!

Ela sentia como se tivesse bebido uma garrafa inteira de champanhe. Baixou a cabeça e lambeu o mamilo dele.

– Humm...

– Por favor, Edie.

Ele *estava* implorando. Aquele homem a quem ela amava mais do que qualquer outro no mundo.

Claro, ela sempre faria o que ele quisesse.

– Como queira – disse ela, dando uma mordidinha no mamilo dele, só porque lembrou que ele...

Ele virou-a tão depressa que o cabelo se enrolou em volta dos ombros e desceu como uma nuvem.

– Você é tão bonita, Edie, maldição... – balbuciou ele.

Uma das mãos desceu por seus seios, sobre seu mamilo enrijecido, até sua barriga chata, e então mergulhou entre suas pernas. Edie abriu os olhos e ficou boquiaberta.

Quando passou um dedo entre as pernas dela, os dois sentiram como ela estava molhada, intumescida e apertada.

Gowan gemeu. Ela não emitiu nenhuma palavra, porque um calafrio que percorria seu corpo inteiro diante do simples toque dos dedos dele

atravessava-a de novo e de novo. Ele mexeu os dedos e voltou, onda após onda, até que ela começou a se sacudir. Uniu os joelhos, apertando-os, e gemeu, pedindo sem nada falar, mais dele, mais daquilo.

– Tentei aprender como fazer as mulheres gozarem – sussurrou ele perto da boca de Edie. – Lá nas Terras Altas.

Todo o ser de Edie se concentrava no que ele fazia com a mão. Sentia-se como se... Escondeu o rosto no ombro dele. Parecia que ia perder o controle, que seu rosto ia se contorcer ou que ela ia soltar algum grito ou coisa parecida.

– Edie!

A mão de Gowan ficou paralisada e depois de um segundo ela o encarou.

– Hummmm?

– Fui a um pub, o Devil’s Punchbowl.

Ela olhou para ele. O rosto era tão belo que ela se inclinou para capturar sua boca.

No entanto, Gowan era acima de tudo teimoso.

– Preciso contar. Fui ao pub para procurar uma garçonete que pudesse me ensinar sobre o corpo de uma mulher, sobre o que faz uma mulher ser feliz na cama.

Demorou um momento, mas então as palavras ganharam sentido. E, ainda que Edie não fosse do tipo de pessoa que costumava gritar, ela gritou:

– *O quê?*

– Uma garçonete me levou até o andar de cima.

Edie saiu da cama em um segundo.

– Não fez isso!

– Fiz.

Gowan não demonstrava estar particularmente arrependido. Rolou na cama e ficou de pé diante dela. Edie respirava depressa, os punhos cerrados, tentando entender.

– Você queria resolver um problema – disse ela, o peito doendo com a verdade, embora compreendesse.

Gowan, por natureza, gostava de resolver problemas.

Ele assentiu e então deslizou as mãos em volta dela. Ficaram juntos, nus,

o rosto dele mergulhado no cabelo dela.

– Não consegui. Nunca tive a intenção de me deitar com ela, mas pensei que poderia perguntar do que ela gostava... talvez até lhe pedir que fizesse... uma demonstração.

Um calafrio involuntário de desgosto percorreu o corpo de Edie, mas ela não falou nada.

– Não consegui – sussurrou ele, puxando-a para junto de si com força. – Depois de um momento naquele quarto, percebi que não ligava a mínima para o que excitava aquela moça. E com certeza não queria que ela me demonstrasse nada. Antes que pudesse impedir, ela abriu o corpete.

– O que você fez?

– Olhei para o outro lado.

Edie sentiu-se como se tivesse entrado num aposento quente depois de ficar na chuva gelada. O calor cobriu sua pele.

– A jovem ficou surpresa?

– Ela concluiu que eu sentia atração por homens – relatou Gowan, soando um tanto magoado. – E me passou um sermão sobre como não havia nada que ela pudesse fazer por mim. Ofereci-lhe dinheiro, mas ela argumentou que sentia pena demais de mim para aceitar.

Edie deslizou os braços em torno da cintura dele e tentou conter o riso por um momento, sem nenhum sucesso.

– O que estou dizendo é que sou um parvo, Edie, mas sou o *seu* parvo. Ainda não entendi o que fiz de errado, mas estou implorando por mais uma chance. Você... – Ele parou por um momento e então continuou. – Você é a única para mim, Edie, e sempre será. Não quero pensar no prazer de outra mulher, nem ouvir, só quero saber do seu. Se me permitir, passarei a vida inteira tentando fazê-la feliz.

Era assombroso como as lágrimas podiam substituir o riso tão rapidamente.

– Ah! – sussurrou Edie. – Ah, Gowan, eu amo tanto você!

As mãos grandes dele desceram-lhe pelas costas.

– Mesmo eu sendo um idiota?

Edie se afastou apenas o suficiente para encará-lo.

– Somos dois idiotas – disse ela com firmeza. – Quando ficou zangado... com motivos... porque eu menti, desmoronei. Preciso ter mais força. Deveria

ter sido honesta desde o início, mas tenho um impulso, um costume, de apaziguar tudo. Foi uma estupidez.

Ele segurou o rosto dela junto ao dele e lhe deu um beijo muito doce.

– Tenho certa noção de como deve ser tempestuoso o casamento de seu pai.

– Não sei administrar bem a raiva – admitiu Edie, na ponta dos pés para devolver-lhe o beijo. – Acho que jamais saberei.

Com os olhos fixos nos dela, Gowan se ajoelhou como havia feito na sala de visitas de Fensmore. Levou a palma da mão dela a seus lábios.

– Juro nunca mais gritar com você. *Eu juro.*

A alegria era mais poderosa do que o vinho no corpo de Edie, mais quente do que o sol. Ela também se ajoelhou.

– Prometo nunca mais mentir para você. É meu juramento. E nunca amarei ninguém como eu o amo. Acho que nossos destinos estavam traçados desde a infância.

Gowan soltou um som incompreensível.

Edie inclinou-se para a frente.

– Amo você, Gowan. Do jeito que é: com mania de resolver problemas, brilhante, controlador, belo, poético. É um poeta quando não está dando ordem aos meirinhos.

– E eu a amo, moça. – O sotaque ficou mais marcado. – Você é meu coração, Edie. Meu tudo.

Lágrimas rolavam pelo rosto de Edie e Gowan as beijava. Então, de algum modo, acabaram na cama.

– Não mereço você – declarou ele, rouco. – Não mereço o amor que me dedica apesar de eu ser um...

Edie o interrompeu com um beijo.

– Você sobreviveu – falou ela. – Amo você do jeito que é porque não apenas sobreviveu, mas triunfou. Todas essas pessoas dependem de você, Gowan. Você poderia ter sido igual a seu pai, mas não foi. E nunca será.

Gowan não escutava nada, mas ela poderia repetir tudo duzentas, trezentas vezes pelos próximos cinquenta ou sessenta anos, até que um dia ele compreendesse.

– Posso tocá-la, Edie? – perguntou ele, com os olhos cheios de desejo.

O coração dela estava tão aberto, tão grande, que ela não hesitou.

– Nós dois – permitiu ela, procurando por ele.

Eram lenha para a fogueira. Ele desceu beijando o corpo dela, pôs a boca nos pontos mais delicados e lambeu-a até que ela sentisse o sangue latejar. Até fazê-la gemer e gritar. Até que os dedos dele a explorassem de tal forma que ela gritasse, arqueando o corpo na cama.

Só que ele não parou, não até que os dois descobrissem que Edie podia gozar de novo e de novo... mas, àquela altura, ela estava enlouquecida de desejo e seus pedidos fizeram Gowan perder a cabeça.

– Podemos? – perguntou ele com a voz grave e baixa, quando se encontrava tão dominado pelo desejo de estar com ela da forma mais profunda possível que mal conseguia se conter.

Edie soluçou sem palavras, puxando-o para junto de si. Gowan afastou suas pernas, apoiou-se e entrou.

Não doeu. Nem um pouquinho. Havia apenas a inebriante sensação de plenitude... e era *Gowan* dentro dela.

Ele não se mexeu, esperando.

– Está doendo? – indagou.

Naquele momento, Edie soube que, se ela sentisse a menor pontada, ele recuaria. A ideia – sua preocupação, seu controle – a fez se sentir consumida em chamas.

Fez que não com a cabeça, agarrou os braços dele e abriu a boca, mas, naquele exato momento, ele saiu e voltou a entrar. Beijou-a com tanta força que o grito dela foi silenciado. Então, de repente, aqueles sentimentos – aquela explosão incontrolável de calor e emoção – tornaram a agitar seu corpo.

Gowan afastou a boca e olhou para a esposa, assombrado. Edie arqueava-se contra ele, o corpo trêmulo, os olhos bem fechados. O cabelo estava mais escuro por causa do suor, como a palha da seda na chuva.

Ele sentiu uma alegria atravessar seu corpo, uma alegria que nunca acabaria. Então se posicionou e começou uma série de estocadas, sem parar. Os olhos dela se abriram de súbito e ela arquejou:

– Você consegue sentir se eu fizer isso?

– Diabos – gemeu ele, pois conseguia sentir exatamente o que ela fazia.
– Se fizer isso, Edie... não faça! Vou perder o controle.

Ela riu e não obedeceu. A cada pressão de seus quadris ela se erguia para encontrá-lo, as coxas presas no corpo dele. Ela o agarrava por dentro, repetidas vezes. Gowan não conseguia deixar de investir com mais força, batendo, lançando-se mais próximo de algo que era quase assustador em sua intensidade.

Então Edie abriu os olhos de novo, aqueles belos olhos verdes, e balbuciou:

– Gowan.

A voz dela parecia desesperada e o desejo ardia dentro dele.

– Você...

Ele se apoiou nos braços, abaixando-se para dar um beijo nos lábios dela.

– Diga – conseguiu pronunciar.

As mãos de Edie deslizaram pelas costas dele até o traseiro, puxando-o com mais força. Ele jogou a cabeça para trás. Mal conseguiu ouvir Edie dizer seu nome e então ela o prendeu de novo, de um jeito mais forte e mais doce do que ele poderia imaginar. Seu corpo inteiro tremia debaixo do dele e ela gritava...

Algo em Gowan se libertou. O corpo dele se consumiu em chamas enquanto ele a penetrava.

Ela é todos os estados, e todos os príncipes. Nada mais é assim.

Edie soluçou. Gowan jogou a cabeça para trás, rugiu e se deixou levar, dando a ela tudo o que tinha.

Ela devolveu, e devolveu outra vez.

Brilhe para nós, pois estás em toda parte.

Este leito é teu centro, as paredes sua esfera.

Capítulo 41



Edie acordou confusa com o barulho de água corrente. Percebeu que não estava sozinha. Deitada de lado, olhava para o homem cujo braço a envolvia pela cintura. Sabia instintivamente que ele acordaria se ela se mexesse.

– Nem pense nisso – rosnou a voz sonolenta de Gowan, e na mesma hora o braço mudou de posição e uma de suas mãos englobou um dos seios de Edie. – Mmmm. Acredito que esta é minha parte favorita do seu corpo.

Ela riu.

A mão dele deslizou para baixo.

– Claro que gosto disto aqui também. – Ele passou a mão quente e afetuosa entre as pernas dela. – Este é meu jeito preferido de acordar.

– As damas e os cavalheiros da boa sociedade não dormem juntos – destacou ela, com um tom divertido na voz. – Isso é coisa de camponeses, que precisam se aquecer.

A mão voltou para o seio.

– Adoro o calor do seu corpo. – Então, inesperadamente, como se lesse os pensamentos de Edie, ele comentou: – Não acho que algum dia eu vá querer dormir sem você, Edie. Durante as horas infindáveis quando cavalgava vindo das Terras Altas na chuva, quando aterrissei na vala, quando encontrei outro cavalo...

– Quando escalou a torre no escuro e na chuva – completou ela, rolando para encará-lo. Sentiu uma pontada de medo ao lembrar. – Quase perdi você.

Ela deu outro beijo no maior dos hematomas, o que se estendia por cima do ombro direito.

– Achei que eu é que tinha perdido você – disse ele, puxando-a para perto. – Fiquei muito aterrorizado. Tão apavorado quanto se a lua despencasse do céu ou se o sol não voltasse a nascer.

Edie deixou uma das pernas escorregar entre as dele, adorando a forma como a respiração de Gowan se agitava ao menor toque.

– Sem escalar torres.

Ele sorriu e o coração dela se emocionou diante do brilho de humor selvagem em seus olhos, o Gowan sorridente, que quase ninguém vislumbrava, talvez só ela.

– Sabe qual é o lema do clã MacAulay? É *Dulce periculum*, o perigo é doce. Vá em frente e se tranque em outra torre, Edie. O perigo é doce, mas você é ainda mais doce.

Gowan inclinou-se e a beijou.

Ela se afastou um pouco depois, os dedos trêmulos.

– Amo você – sussurrou ela.

Ele tornou a beijá-la.

– Precisaré se acostumar a dormir sozinho – comentou ela um pouco depois, provocativa, mas também um pouco séria. – Não posso ficar viajando com você para todo lado, Gowan, de propriedade em propriedade.

Ele deu de ombros.

– E se eu não viajar mais?

– Pensei que precisasse viajar.

– Refleti muito sobre isso enquanto estive longe. Há algumas decisões que só eu posso tomar. Mas o mundo está cheio de homens inteligentes. Tenho Bardolph para supervisioná-los. Tenho você para me supervisionar.

Edie começou a abrir um sorriso devagar.

– Por acaso Vossa Graça está dizendo que pretende trabalhar menos? Que talvez encontre espaço em sua programação para sua esposa, além do horário das refeições?

– Quero ficar com você – afirmou ele, dando um beijo carinhoso na ponta do nariz dela. – Quero vê-la tocar violoncelo. Quero que toque para mim, nua.

Edie soltou uma gargalhada.

– Eu não conseguiria.

Ele discordou e ela acabou deitada de costas, beijando-o ferozmente. Depois de um tempo, Gowan rolou, colocando-a sentada sobre ele, pois estava na hora de experimentar tudo aquilo com que havia sonhado, e como

tinha uma esposa com tanta confiança na própria sensualidade quanto no seu amor por ele...

Mais tarde, Edie vagou até a janela, seguida por Gowan. Ele afastou o cabelo dela do rosto e lambeu seu pescoço.

– Essência de Edie – murmurou – e suor.

Edie fez uma careta e então exclamou:

– *Gowan!*

– Hummmm?

– O rio – balbuciou.

Da noite para o dia, o Glaschorrie tinha aumentado de volume até se transformar em uma torrente e romper os limites de suas margens. Agora ele os cercava. O rio se dividia em dois na altura da torre, fluindo em volta e se juntando do outro lado, continuando a corrida para o oceano.

Mas a chuva havia parado, pelo menos por enquanto.

– Veja só – surpreendeu-se Gowan, escancarando a janela.

O sol aparecia entre as nuvens e a água lá embaixo reluzia como se milhares de moedas de ouro estivessem escondidas logo abaixo da superfície.

– Não conseguiremos deixar a torre por pelo menos um dia.

Edie arregalou os olhos.

– Estamos presos?

Gowan se recostou no parapeito, mais feliz do que nunca.

– Ainda bem que Bardolph deixou um presunto, um prato de bolinhos e torta de galinha.

Estava mais interessado na visão diante dele. A pele de Edie mostrava-se coberta por uma série de marquinhos – um roteiro. Ele não precisava mais de mapa, embora não se desse ao trabalho de contar para ela. Vinha aprendendo pelo som e pelo toque: a mudança na respiração, o soluço preso na garganta, a forma como os dedos dela apertavam seus ombros e como o corpo de Edie se sacudia em seus braços.

Edie debruçou-se, mais uma vez, fascinada pela enchente, que já alcançava as janelas mais baixas da torre.

– Não faça isso – disse ele. – Esse parapeito é muito baixo. Você pode cair.

– Olha só quem está falando – retorquiu Edie, rindo.

Gowan não discutiu, mas cerrou seus braços em torno da cintura dela, por trás, e a afastou da janela.

– Vai ter que parar com isso – falou ela, lançando um olhar travesso para trás.

– Com o quê?

– Parar de tentar fazer as coisas do seu jeito.

As mãos dele tinham voltado a seus seios.

– Tenho uma ideia – afirmou ele, afastando o cabelo de um dos ombros dela, para poder beijá-lo.

– É sobre se tornar um homem que ouve a esposa e que sempre segue seus conselhos e nunca a atrapalha de jeito algum?

O duque de Kinross sabia que era melhor não fazer promessas que não conseguiria cumprir.

– Uma ideia melhor – disse ele suavemente, acolhendo o belo traseiro da esposa junto à curva do seu abdômen.

– Gowan!

Era impressionante como uma mulher podia parecer escandalizada, intrigada, excitada... tudo ao mesmo tempo.

Capítulo 42



Seis anos depois
Charles Street, 37, Londres
Residência do duque de Kinross

Aos 11 anos, a Srta. Susannah era uma violinista bastante talentosa. Na verdade, era considerada uma espécie de prodígio e sabia disso, embora a mãe sempre fizesse o pai calar a boca quando ele falava algo sobre o assunto. A mãe considerava muito mais importante ser uma *boa* pessoa do que ser um gênio.

Susannah achava possível ser as duas coisas. Seu tutor, monsieur Védrines, acenou para ela de seu assento ao piano e a menina ergueu o arco.

Conhecia a peça do fundo de seu ser. E sabia que todos naquele aposento também a conheciam. Lá estavam seus queridos pais e lady Arnaut, que também tocava violoncelo, embora se queixasse de que não vinha conseguindo tocar porque esperava um filho e a barriga havia crescido.

Era uma desculpa muito esfarrapada, como Susannah poderia ter dito, pois Edie havia tocado todo o tempo durante suas duas gestações.

As primeiras notas se derramaram do piano e Susannah sentiu as batidas de seu coração se acelerarem. Não havia razão para estar tão nervosa, mas talvez fosse por causa da presença de Jamie Arnaut no salão, sentado ao lado dos pais. Tinha 13 anos e parecia extremamente crescido.

Era a vez dela, e o arco desceu no momento exato...

Ao fim da execução, Susannah se mostrou corada, sorridente e terrivelmente satisfeita. No entanto, ainda faltava uma peça, uma surpresa para Edie. Haviam guardado o segredo por muito, muito tempo, a ponto de Susannah se perguntar se Edie não saberia a verdade, se não estava apenas fingindo não saber. Os adultos faziam aquele tipo de coisa.

Jamie se aproximou com o pai, o lorde Arnaut, e Susannah disse a si mesma para não corar enquanto fazia uma reverência. Corou mesmo assim porque Jamie lhe dirigiu um sorriso e comentou que ela era uma violinista maravilhosa. Ele não falou *para uma garota*, nem mesmo parecia estar pensando aquilo.

Edie observou a cor nas faces de Susannah enquanto a menina recebia os elogios do jovem Jamie e sorriu. Nunca conseguiram saber se a mãe de Gowan e Susannah realmente se casara outra vez, e uma pessoa temerosa poderia ficar preocupada com a futura aceitação de Susannah na sociedade. Era óbvio, no entanto, mesmo aos 11 anos, enquanto ainda era uma menina magrela, que ela se tornaria uma grande beldade. E seu irmão era um dos homens mais poderosos da Inglaterra e da Escócia. Edie não se preocupava.

Layla apareceu ao lado da enteada e levou-a para uma cadeira na primeira fila.

– O recital ainda não acabou! – exclamou a madrastra de Edie, dando risadas. – Ainda temos uma surpresa de aniversário para você.

Houve muitas gargalhadas por partes dos amigos reunidos e da família, embora Edie não conseguisse entender o motivo.

Monsieur Védrines sentou-se ao piano. Um lacaios colocou uma cadeira de costas retas perto do instrumento.

– Alguém vai tocar um dueto para o meu aniversário? – perguntou Edie para Layla.

Os olhos da madrastra brilhavam e ela não conseguia parar de rir, embora corresse o risco de acordar um dos gêmeos, que dormia profundamente sobre seu ombro. Edie não tinha certeza de qual dos dois, pois eram idênticos. Tudo o que conseguia ver era uma nuvem de cabelo dourado pousada no ombro de Layla.

– Espere e verá – disse Layla.

– Posso adivinhar – falou Edie, sorrindo. – Não estou encontrando papai. Ele vai tocar uma nova peça, não é?

– Algo assim – respondeu a madrastra.

Edie suspirou feliz.

– Que belo presente de aniversário. Onde está Gowan? Não quero que ele perca.

Layla olhou para ela, vagamente.

– Tenho certeza de que está por aí.

Naquele momento, o pai de Edie entrou no salão carregando seu precioso violoncelo. Acomodou-se na cadeira e acenou para Védrines. A família considerava um de seus dias de sorte aquele em que o jovem francês aceitara ser o músico do castelo.

– Vamos tocar o *Concerto em Ré Menor* de Vivaldi, em homenagem ao aniversário de minha filha – anunciou lorde Gilchrist, dando um sorriso para Edie antes de colocar a partitura na estante.

– Deve ter feito algum arranjo especial – comentou Edie com Layla. – A peça foi escrita para dois violinos, um violoncelo e cordas.

– Imagino que o piano ficará encarregado da parte das cordas – observou Layla.

Antes que Edie pudesse argumentar que mesmo assim ainda faltavam dois violinos, Susannah já havia caminhado para a frente da sala e se colocado ao lado do conde, pegando o violino.

Houve em seguida um murmúrio com a entrada do duque de Kinross. Gowan se tornara devastadoramente belo com o passar dos anos. Seu senso de comando tinha sido polido e temperado por um profundo amor pela esposa e pelos filhos, o que provocava suspiros em todas as mulheres.

Só que Edie não estava olhando para o rosto do marido. Na verdade, estava fascinada pelo violino que ele carregava casualmente sob o braço esquerdo, como se ele sempre tivesse tido o hábito de andar com o instrumento daquele jeito.

Ele se juntou ao grupo, sorriu para ela, ergueu o violino e começou a tocar. Edie ficou paralisada em sua cadeira. Se o telhado da casa tivesse sido levado pelo vento e no céu aparecessem multidões de porcos alados, Edie não teria ficado tão surpresa quanto ao ver o marido executar uma peça de Vivaldi.

Gowan não estava apenas seguindo a partitura. Tocava com o mesmo brilho imprudente com que fazia tudo na vida. Ficara absolutamente claro que, se ele se importasse com isso, poderia ter se igualado aos melhores instrumentistas do mundo.

E ela compreendeu no mesmo momento que ele não se importava.

Aprendera a mais difícil das artes *por ela*.

– Foram três anos de trabalho – sussurrou Layla, inclinando-se para se aproximar dela. – O pobre Védrines quase ficou louco com o projeto.

À medida que as últimas notas silenciavam, os convidados reunidos irromperam em aplausos entusiasmados. Lorde Gilchrist – pai de Edie, adorado marido de Layla, pai de Susannah e sogro e amigo de Gowan – virou-se para a plateia e fez um cumprimento.

– É com verdadeiro pesar que anuncio que o duque de Kinross acaba de fazer seu primeiro e último recital, pelo que me informou.

Mais aplausos.

Gowan deu um passo à frente.

– Os últimos três anos foram muito felizes. Foi um prazer aprender a arte do violino com o inestimável monsieur Védrines, com a ajuda de meu sogro, lorde Gilchrist.

Mais aplausos.

Gowan se curvou. Sendo Gowan, não houve floreio com o violino ou com o arco.

– Você *nunca* mais vai tocar? – veio uma voz do fundo do aposento.

Ele sorriu e voltou seu olhar para Edie.

– Ah, devo tocar – repetiu ele. – Mas provavelmente me limitarei a duetos particulares.

A duquesa de Kinross não havia se mexido. Lágrimas rolavam por seu rosto. O marido entregou o violino para a irmã e ergueu a esposa em seus braços.

– Por favor, aceite nossas desculpas – disse ele, inclinando a cabeça e sorrindo para o aposento. – Minha duquesa está indisposta.

E encaminhou-se para a porta.

Susannah deu de ombros. Como o irmão havia lhe confiado o instrumento, pôs o arco no Stradivarius e tocou algumas notas. Produziu um som de sublime beleza.

– Não acha estranho que o duque abandone a própria festa? – perguntou Jamie, aparecendo ao lado de Susannah.

Uma mecha de cabelo caía sobre seus olhos de maneira muito atraente.

– Meu irmão é assim – explicou Susannah. – Ele é louco por minha cunhada e não liga para muitas outras coisas. Além da minha sobrinha e do meu sobrinho, claro. Gostaria de me ouvir tocar algo?

Ela estava cheia de vontade de experimentar o Stradivarius.

Jamie afastou o cabelo da testa.

– Poderíamos tocar algo juntos se você me emprestasse seu violino. Não sou tão bom quanto você, mas dou para o gasto. Conhece *As quatro estações*, de Vivaldi? Estou aprendendo a parte do primeiro violino.

Susannah abriu um sorriso.

– Também estou trabalhando nessa peça! Posso tocar o primeiro ou o segundo.

Os dois ficaram se olhando, dois jovens sem noção do que o futuro poderia lhes reservar. Enquanto a melodia de Susannah soava sob a de Jamie e a dele crescia até devolver o tema para ela, algo de profundo dentro de ambos sussurrava a verdade. Um dia, uma garota maluquinha de cabelos ruivos entraria na igreja para encontrar no altar um rapaz cujo cabelo vivia caindo sobre a testa.

Foi aquele dueto, contariam um para o outro, tempos mais tarde. Mesmo aos 11 e 13 anos, conseguiram ouvir o eco distante da música que viriam a criar no futuro.

No andar de cima, no quarto ducal, Edie não conseguia parar de chorar.

– Você me fez tão feliz! – disse ela, por fim. – Você me deu tudo o que eu poderia desejar.

Gowan beijou-lhe as lágrimas.

– Você é tudo o que sempre desejei.

O dueto deles naquela noite foi silencioso... mas, daquele dia em diante, os filhos se acostumaram com a música de um violoncelo e de um violino que tocavam juntos. Aquelas quatro crianças eram perfeitamente afinadas. Uma delas se tornou o maior violinista da Europa e apenas uma declarava odiar música.

Tinha 14 anos na época, o que explica muita coisa.

Uma nota sobre literatura – inglesa, alemã, persa – e sobre violoncelos



Este romance deve profundos agradecimentos a duas histórias bem diferentes: *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, e *Rapunzel*, dos irmãos Grimm. A paixão de Romeu encontra um eco em Gowan. A cena do balcão pega emprestado fragmentos da linguagem aqui e ali. Mas Gowan também tem uma dívida com a poesia do início da carreira de William Butler Yeats. Yeats foi o primeiro a ser “emaranhado pelas melenas” de sua amada. Perto do final do livro, mais amadurecido e provavelmente mais sábio, Gowan descobre a poesia de John Donne. Eu me diverti muito inserindo pequenas referências a Romeu nas primeiras cenas (no balcão e com Rosaline, entre outras), bem como na escalada da torre.

Se adaptar o final de *Romeu e Julieta* apresentou uma dificuldade (Edie e Gowan eram jovens, mas com toda a certeza não eram trágicos nem suicidas), a história de *Rapunzel* também ofereceu desafios. O cabelo, para começar! Numa referência à história, Gowan sobe até o balcão com a ajuda de uma escada de crina de cavalo. No fim, porém, ele escala a torre sem ajuda de qualquer tipo de pelo, equino ou não.

Tenho outra dívida com o grande instrumentista Yo-Yo Ma. Ouvi repetidas vezes sua versão das suítes de violoncelo de Bach e seu arranjo para o tradicional *Dona Nobis Pacem* enquanto escrevia o livro. Se quiser ouvir a playlist com todas as peças mencionadas por Edie, visite minha página www.eloisajames.com. Para os leitores que adoram história, acrescento que os concertos de Vivaldi foram publicados em 1725 e estavam disponíveis não apenas no original manuscrito. Naturalmente, o violoncelo era um instrumento bastante novo na época, por isso a maioria das peças que Edie toca (incluindo *As quatro estações*) precisava ganhar arranjos para solo de autoria de um instrumentista apaixonado como Robert Lindley (1776-1855), considerado o maior violoncelista de seu tempo.

Queria que Layla tivesse um nome considerado exótico na Inglaterra dos anos da Regência, um que implicasse paixão imprudente. Encontrei algo assim na história de amor *Leyli o Majnun*, escrita pelo poeta persa Abd-Allah

Hatefi. Foi publicado por sir William James em 1788 e depois traduzido para o inglês por Isaac D'Israeli como *The Loves of Mejnoon and Leila* (Os amores de Mejnoon e Leila).

E uma última nota literária: Julia Quinn e eu somos grandes amigas, o que nos levou a escrever, junto com Connie Brockway, dois romances em três partes, *The Lady Most Likely* e *The Lady Most Willing*. Um dia, conversávamos ao telefone e surgiu a ideia de inserir um casal de nossos personagens no livro uma da outra, com o simples intuito de alegrar nossos leitores. Se vocês ainda não tiveram o prazer de ler *Simplesmente o paraíso*, de Julia Quinn, e portanto não conheceram o atraente conde de Chatteris fora das páginas deste livro, devem se preparar para uma deliciosa surpresa!

Agradecimentos



Meus livros são como criancinhas. É preciso de uma aldeia inteira para que alcancem o estado literário. Desejo agradecer àqueles que possibilitaram isso: minha editora Carrie Ferron; minha agente Kim Witherspoon; minha parceira de escrita Linda Francis Lee; meus webdesigners da Wax Creative; e minha equipe pessoal: Kim Castillo, Franzeca Drouin e Anne Connell. Além disso, uma fã gentil, Ann M., me deu a ideia de usar uma corda feita de crina de cavalo em um momento crucial desta minha trama inspirada em *Rapunzel*. O talentoso violoncelista Jeffrey Ericson Allen, do Chronotope Project, emprestou seus conhecimentos em relação ao instrumento e também à história de seu uso. Quando me afastei da verdade histórica, como no caso do espigão, não foi por falta de aconselhamento.

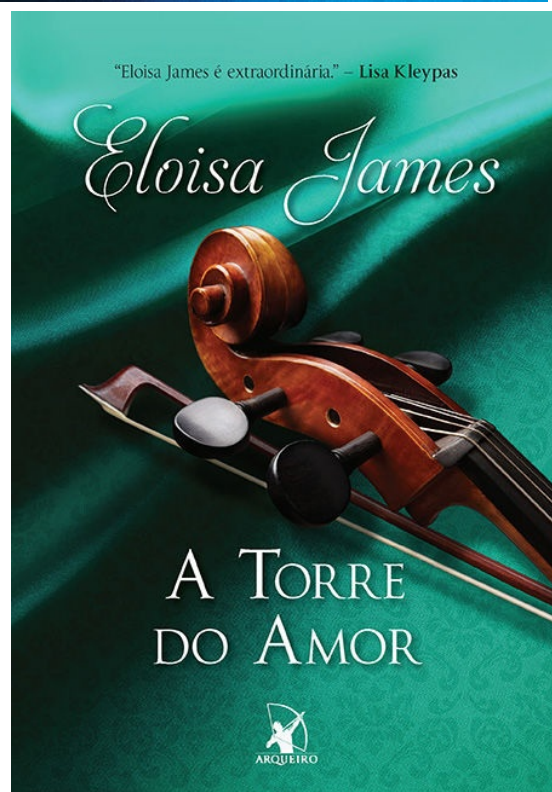
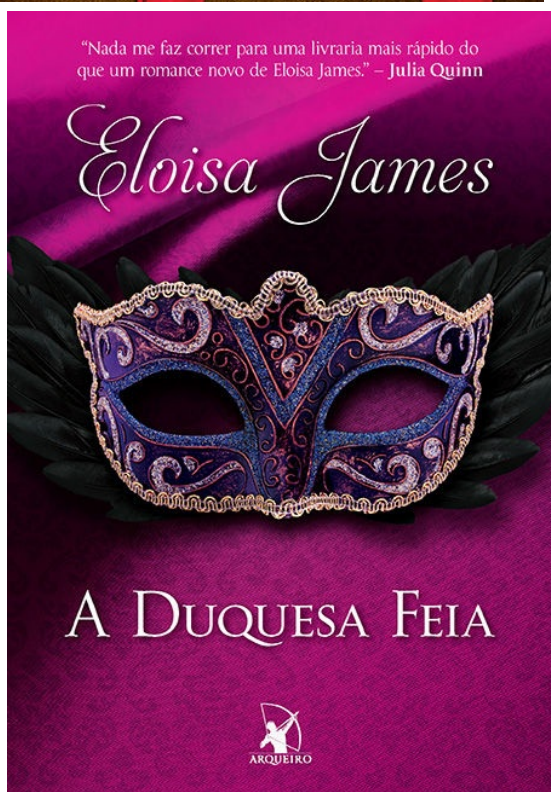
Sobre a autora



ELOISA JAMES escreveu seu primeiro romance depois de se formar em Harvard, mas o manuscrito foi rejeitado por todas as editoras. Após arranjar um emprego como professora especializada em Shakespeare, ela tentou de novo, dessa vez com sucesso. Mais de 20 best-sellers depois, ela dá cursos sobre Shakespeare na Fordham University, em Nova York, é mãe de dois filhos e, numa ironia particularmente deliciosa, é casada com um legítimo cavalheiro italiano. *A torre do amor* é o quarto livro da série Contos de Fadas.

www.eloisajames.comfacebook.com/eloisajames

CONHEÇA OS LIVROS DE ELOISA JAMES



Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

"Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do
que um romance novo de Eloisa James." – **Julia Quinn**

Eloisa James



A DUQUESA FEIA



A Duquesa Feia

James, Eloisa

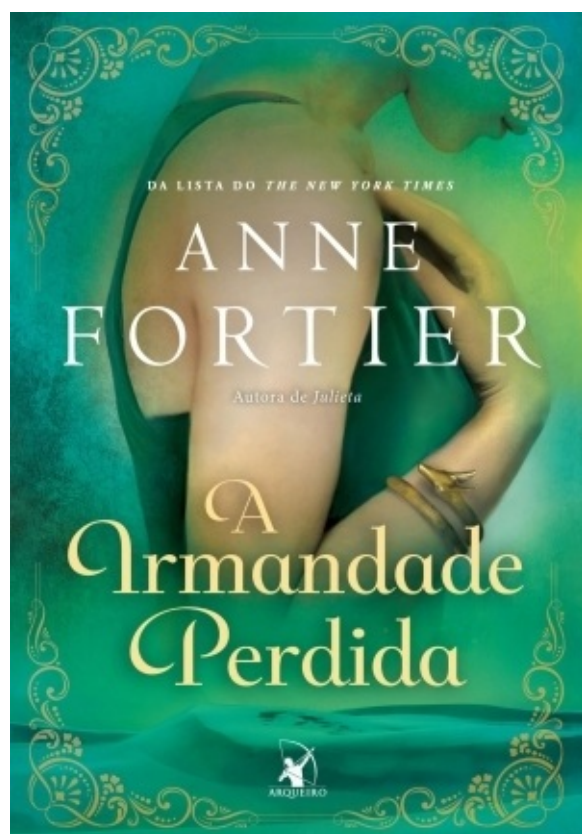
9788580418507

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como ela ousa achar que ele a ama, quando Londres inteira a chama de Duquesa Feia? Theodora Saxby é a última mulher com quem se poderia esperar que o lindo James Ryburn, herdeiro do ducado de Ashbrook, se casasse. Mas depois de um pedido romântico feito na frente do próprio príncipe, até a realista Theo se convence de que o futuro duque está apaixonado. Ainda assim, os tabloides dizem que a união não durará mais do que seis meses. Em seu íntimo, Theo acredita que os dois ficarão juntos para sempre... até que ela descobre que o que James desejava não era seu amor, mas seu dote. E a sociedade, que primeiro se chocou com seu casamento, se escandaliza com sua separação. Agora James precisará enfrentar a batalha de sua vida para convencer Theo de que ele amava a patinha feia antes que ela se transformasse em cisne. E Theo logo descobrirá que, para um homem com alma de pirata, vale tudo no amor – e na guerra. “Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James.” – Julia Quinn “Eloisa James usa a dose certa de malícia e voluptuosidade neste romance. Um deleite para os fãs.” – Booklist “Diálogos inteligentes e personagens profundos que são a marca registrada de Eloisa James.” – Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)



A irmandade perdida

Fortier, Anne

9788580414530

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Diana Morgan é professora da renomada Universidade de Oxford. Especialista em mitologia grega, tem verdadeira obsessão pelo assunto desde a infância, quando sua excêntrica avó alegou ser uma amazona – e desapareceu sem deixar vestígios. No mundo acadêmico, a fixação de Diana pelas amazonas é motivo de piada, porém ela acaba recebendo uma oferta irrecusável de uma misteriosa instituição. Financiada pela Fundação Skolsky, a pesquisadora viaja para o norte da África, onde conhece Nick Barrán, um homem enigmático que a guia até um templo recém-encontrado, encoberto há 3 mil anos pela areia do deserto. Com a ajuda de um caderno deixado pela avó, Diana começa a decifrar as estranhas inscrições registradas no templo e logo encontra o nome de Mirina, a primeira rainha amazona. Na Idade do Bronze, ela atravessou o Mediterrâneo em uma tentativa heroica de libertar suas irmãs, sequestradas por piratas gregos. Seguindo os rastros dessas guerreiras, Diana e Nick se lançam em uma jornada em busca da verdade por trás do mito – algo capaz de mudar suas vidas, mas também de despertar a ganância de colecionadores de arte dispostos a tudo para pôr as mãos no lendário Tesouro das Amazonas. Entrelaçando passado e presente e percorrendo Inglaterra, Argélia, Grécia e as ruínas de Troia, A irmandade perdida é uma aventura apaixonante sobre duas mulheres separadas por milênios, mas com uma luta em comum: manter vivas as amazonas e preservar seu legado para a humanidade. “Fundamentado em um profundo conhecimento de literatura clássica, este hábil entrelaçamento de mitologia, aventura e arqueologia irá deliciar os fãs de autores como Kate Mosse (Labirinto) e Katherine Neville (O enigma do oito).” – Library Journal

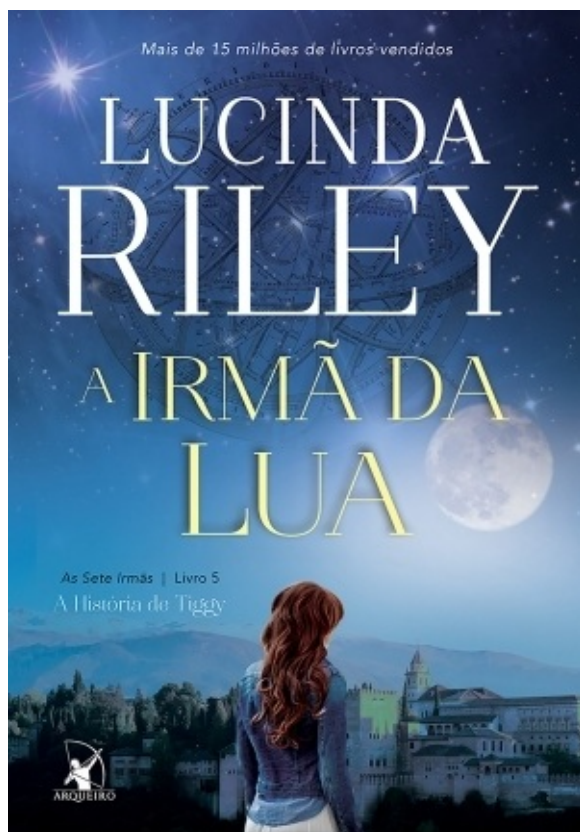
[Compre agora e leia](#)

Mais de 15 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A IRMÃ DA LUA

As Sete Irmãs | Livro 5
A História de Tiggy



A irmã da lua

Riley, Lucinda

9788580418965

592 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em A irmã da lua, quinto volume da série As Sete Irmãs, duas jovens separadas por um século têm suas vidas entrelaçadas numa emocionante história sobre fé, tradição, paixão e sobrevivência. Entre as filhas adotivas de Pa Salt, Tiggy D'Aplièse é conhecida como a instintiva e sensível. Envolvida em sua carreira na proteção de animais selvagens, ela não sabe se está preparada para seguir as pistas de suas origens, deixadas pelo pai. Ao aceitar um novo emprego nas belíssimas Terras Altas escocesas, Tiggy fica apaixonada pela remota propriedade, administrada pelo enigmático Charlie Kinnaird. O belo cirurgião cardíaco acabou de herdá-la e enfrenta problemas para reerguê-la e transformá-la em um santuário para as espécies nativas. Em seu novo lar, Tiggy encontra o velho cigano Chilly, que altera totalmente seu destino. Ele conta que ela não só possui um sexto sentido, proveniente dos ancestrais, como há tempos foi previsto que ele a levaria até suas origens na Espanha, nas montanhas sagradas de Sacromonte, à sombra da magnífica Alhambra. Escrito com a notável habilidade de Lucinda para entrelaçar enredos emocionantes e nos transportar para épocas e lugares distantes, A irmã da lua é uma brilhante continuação para a aclamada série das Sete Irmãs, e uma leitura saborosa e reveladora.

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)

CHRISTINA DALCHER



VOX

Dalcher, Christina

9788580418903

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

O governo decreta que as mulheres só podem falar 100 palavras por dia. A Dra. Jean McClellan está em negação. Ela não acredita que isso esteja acontecendo de verdade. Esse é só o começo... Em pouco tempo, as mulheres também são impedidas de trabalhar e os professores não ensinam mais as meninas a ler e escrever. Antes, cada pessoa falava em média 16 mil palavras por dia, mas agora as mulheres só têm 100 palavras para se fazer ouvir....mas não é o fim. Lutando por si mesma, sua filha e todas as mulheres silenciadas, Jean vai reivindicar sua voz. “Uma recriação apavorante de O conto da Aia no presente e um alerta oportuno sobre o poder e a importância da linguagem.” – Marta Bausells, ELLE

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)